



# SALAZAR E O FASCISMO ESPAÑOL

## Alberto Pena Rodríguez

### o que tem Estado n

... toda a terra os realiza nos domo-  
com singular elevação, um entu-  
sio ardente na luta contra os iní-  
ca civilização peninsular, a pro-  
da Pontevedra e... nos desse ar-  
corabativo e da sua inquebranta-  
fe na vitória testemunhos impres-  
sionantes Bloco de altíssimo valor da  
guarda do Exército nacionalista,  
sentia-nos um quadro formidável  
patriótico trabalho, orientado no  
sido da reconstrução da grande na-  
espanhola. Todas as actividades so-  
gem para o mesmo fim glorioso: a  
ria. Os nomes de Franco, o caudil-  
v Joriso, e de José Antonio Primo  
Rivera, o paladino da revolução na-  
cional-sindicalista, andam em todas as  
as, preferidos com um carinho onde  
ve algo de devoção. Crianças e ve-  
s, operarios e industriais, homens  
mulheres, gente de todas as catego-  
e de todas as classes, falam de  
no em termos que nos impressio-  
na profundamente. E a confiança  
profunda e absoluta em

Espanha—a Espanha imortal, que, co-  
mo uma nova Fenix, re: use das cin-  
zas—graças á espirituallidade de uma  
raça que não morre, que não pode mor-  
rer, porque tem a fé ardente dos seus  
maiores, tornada ainda mais forte e  
fecunda pelo sangue de heróis e márti-  
res. Olha-nos de frente, com inequív-  
oca amizade e diz-nos:  
—Tenho um lema—«Deus, Pátria e  
Franco. Procuro sem descanso que éle  
oriente os meus passos e regule todos  
os meus actos. Anima-nos, uma fé abso-

dessa altura, all terão abrigo e cari-  
nho os pequenitos pobres, all haverá  
tambem pavilhões para mãs-lactantes,  
mulheres gravidas, etc., etc.

«Temos a intenção de, muito em  
breve, pôr a funcionar a instituição  
«Oota de Leite, que tantos e tão va-  
liosos auxilios presta ás classes humil-  
des e áquellas que, necessitadas, rui-  
mente o dão a conhecer, por pudor.  
Para tal realiação, contribuirá, prin-  
cipalmente, a Junta Provincial de Pro-  
tecção aos Menores, de Pontevedra, o  
«Auxilio Social da Falange, que a  
todos os pontos faz chegar a sua acção,  
e o Instituto Provincial de Higiene.  
Contamos já com a generosa e desin-  
teressada oferta de distintos elemen-  
tos da ciencia de puericultura, que  
prestarão os seus cuidados aos peque-  
nitos desprotegidos da sorte, assegu-  
rando-lhes uma assistência incessante.

«As crianças merecem a maior aten-  
ção da Nova Espanha. Nelas se baseia  
a continuidade da obra de reasurgi-  
mento. Nelas assentam as nossas me-  
lhores esperanças no futuro. Delas saí-  
rá a raça do novo forte, capaz de de-

da «Colocac

dizer o que l  
Tambem n  
atenção a In  
do «Prato un  
sobre os qual  
uma acção et  
ções dadas ei

Quanto ao  
seguinte: El  
diligenciamos  
ca dos oper  
actuar de mi  
biema. Impo  
por parte de  
que regulame  
permitindo e  
movemos a c  
fiante do tra  
tro da bas  
líssimo Fran-  
clarções esei  
sobre a orga  
espanhol. O  
o trabalho e  
vizador, e p  
tendencias d  
espírito, ord  
despedir qual  
cerrar nenh  
cimento com  
autorização.  
segundo o r  
independente  
proceder.

No que se  
mentos e pre-  
severa, para  
qualquer ord  
midor. O



**ALBERTO PENA RODRÍGUEZ** é doutor (com menção europeia) em Jornalismo pela Universidade Complutense de Madrid e em História pela Universidad Nacional de Educación a Distancia. Professor Titular de História da Propaganda na Universidade de Vigo, foi *FLAD/Brown Michael Teague Visiting Professor In Portuguese & Brazilian Studies* na Universidade de Brown, *Endowed Chair Professor* na University of Massachusetts Dartmouth e *Visiting Scholar* nas de Harvard e California Berkeley. Entre os seus últimos trabalhos, está a co-edição, junto a Heloisa Paulo, da obra *A Cultura do Poder. A Propaganda nos Estados Autoritários* (Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016).

*Salazar y el Fascismo Español. Propaganda Franquista y Salazarista en la Colonia Española en Portugal (1933-1939)* é uma obra que propõe um novo olhar sobre as relações ibéricas a partir do estudo do comportamento político da colónia espanhola em Portugal durante o processo de consolidação do Estado Novo e a Guerra Civil de Espanha. Salazar temia a influência negativa da IIª República espanhola, especialmente através da sua comunidade emigrante em Portugal. Depois do golpe de Estado em Espanha o 18 de Julho de 1936 e da posterior Guerra Civil, a estreita colaboração entre o salazarismo e o franquismo convertiu aos imigrantes espanhóis em alvo de intensas campanhas de propaganda com dois objetivos principais: angariar fundos para financiar a guerra e recrutar voluntários para combater na Espanha. Assim, a colónia espanhola transformou-se num ninho de agentes franquistas dirigidos pelo irmão do general Franco, Nicolás Franco, que mantinha contactos frequentes com o governo salazarista para organizar estratégias de promoção da *Nova Espanha* em Portugal.

# HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA



**Diretor Principal**

Maria Manuela Tavares Ribeiro

Os originais enviados são sujeitos a apreciação científica por referees.

**Assistente Editorial**

Marlene Taveira

**Comissão Científica**

Agnes Szilagyí

Universidade Eötvös Loránd (Budapest)

Alice Kessler-Harris

Columbia University

Álvaro Garrido

Universidade de Coimbra

Daniel Innerarity

Universidad de Zaragoza

Hipólito de la Torre Gómez

UNED – Madrid

Ioan Horga

Universidade de Oradea – Oradea

Jean Garrigues

Universidade de Orléans

João Paulo Avelãs Nunes

Universidade de Coimbra

Jorge Alves

Universidade do Porto

Luís Reis Torgal

Universidade de Coimbra

Maria da Conceição Meireles

Universidade do Porto

Maria Luíza Tucci Carneiro

Universidade de São Paulo (Brasil)

Mariano Esteban Vega

Universidade de Salamanca

Maurizio Ridolfi

Università della Tuscia (Viterbo)

Rui Cunha Martins

Universidade de Coimbra

Sérgio Campos Matos

Universidade de Lisboa

**Edição**

Imprensa da Universidade de Coimbra

Email: [imprensa@uc.pt](mailto:imprensa@uc.pt)

URL: [http://www.uc.pt/imprensa\\_uc](http://www.uc.pt/imprensa_uc)

Vendas online: <http://livrariadaimprensa.uc.pt>

**Infografia da Capa**

Carlos Costa

**Infografia**

Imprensa da Universidade de Coimbra

**Impressão e Acabamento**

[www.artipol.net](http://www.artipol.net)

**ISBN**

978-989-26-1344-4

**ISBN Digital**

978-989-26-1347-5

**DOI**

<https://doi.org/10.14195/978-989-26-1347-5>

**Depósito Legal**

435938/17

© DEZEMBRO 2017,

IMPRESA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

ALBERTO PENA RODRÍGUEZ

# SALAZAR Y EL FASCISMO ESPAÑOL

PROPAGANDA FRANQUISTA Y SALAZARISTA  
EN LA COLONIA ESPAÑOLA EN PORTUGAL  
(1933-1939)





## ÍNDICE

<b>INTRODUCCIÓN</b> .....	7
<b>1. SALAZAR Y LAS RELACIONES LUSO-ESPAÑOLAS EN LOS AÑOS TREINTA</b> .....	13
1.1. EL ESTADO NOVO EN PERSPECTIVA: FUNDAMENTOS IDEOLÓGICOS Y POLÍTICOS.....	13
1.2. EL SPN, UN INSTRUMENTO PARA “ILUMINAR AO MUNDO” .....	27
1.3. LAS COMPLEJAS RELACIONES PENINSULARES (1931-1936) .....	38
1.4. LA EMIGRACIÓN ESPAÑOLA A PORTUGAL: DE LA II REPÚBLICA A LA GUERRA CIVIL.....	46
<b>2. LA COLONIA ESPAÑOLA Y LAS CAMPAÑAS DE AYUDA A FRANCO</b> .....	57
2.1. LA CÁMARA OFICIAL DE COMERCIO DE ESPAÑA.....	57
2.2. LAS CAMPAÑAS DE LAS ASOCIACIONES DE EMIGRANTES GALLEGOS.....	63
2.3. EL CENTRO ESPAÑOL Y OTRAS INSTITUCIONES ESPAÑOLAS .....	67
2.4. LA CRUZADA CATÓLICA CONTRA EL COMUNISMO.....	74
2.5. LA BENEFICENCIA ESPAÑOLA, AL SERVICIO DEL FRANQUISMO .....	81
<b>3. INTELLECTUALES, DIPLOMÁTICOS Y FALANGISTAS ESPAÑOLES EN PORTUGAL</b> .....	89
3.1. LA PROPAGANDA DE W. FERNÁNDEZ FLÓREZ Y OTROS INTELLECTUALES FRANQUISTAS .....	89
3.2. LA DIPLOMACIA FRANQUISTA EN TERRITORIO PORTUGUÉS .....	111
3.3. FRANCO, SALAZAR Y LA PRENSA DEL ESTADO NOVO .....	123
3.4. LA <i>EMBAJADA NEGRA</i> COMO PLATAFORMA INTERNACIONAL.....	136

3.5. LAS ACTIVIDADES DE LOS FALANGISTAS ESPAÑOLES .....	144
3.6. LOS AMIGOS PORTUGUESES DE LA FALANGE ESPAÑOLA .....	159
<b>4. EL INTERCAMBIO IDEOLÓGICO ENTRE EL FRANQUISMO Y EL SALAZARISMO .....</b>	<b>167</b>
4.1. LA PRENSA PORTUGUESA “INVADE” ESPAÑA.....	167
4.2. LAS RELACIONES ENTRE LA LEGIÃO PORTUGUESA Y LA FALANGE ESPAÑOLA...	173
4.3. LA UNIVERSIDAD DE COIMBRA, CON LA ESPAÑA DE FRANCO .....	188
4.4. LOS JUEGOS FLORALES LUSO-ESPAÑOLES.....	203
4.5. TURISMO Y PROPAGANDA DE GUERRA .....	208
4.6. OTRAS FORMAS DE INTERCAMBIO IDEOLÓGICO .....	211
<b>CONCLUSIONES .....</b>	<b>223</b>
<b>FUENTES DE LA INVESTIGACIÓN .....</b>	<b>227</b>

## INTRODUCCIÓN

La historiografía sobre la II República española y el régimen del Estado Novo en los años treinta cuenta hoy con trabajos académicos abundantes y rigurosos. Pero la mayoría de los abordajes científicos no estudian o no tienen suficientemente en cuenta las intersecciones políticas, económicas, sociales o culturales en la evolución histórica de España y Portugal como países ibéricos. Si algo han evidenciado las investigaciones sobre las relaciones ibéricas en la época contemporánea es que la historia de ambos países peninsulares y su relación bilateral se ha visto influida o ha estado condicionada por los cambios o acontecimientos políticos al otro lado de la frontera, así como por la construcción del imaginario simbólico en el que cada país fundamentó los principios de su identidad nacional y su posición geoestratégica respecto del otro Estado peninsular y el mundo.<sup>1</sup>

Autores que han estudiado las relaciones ibéricas entre 1910 y 1939 como Hipólito de la Torre, César Oliveira, Iva Delgado o Fernando Rosas, por citar sólo a algunos nombres pioneros, explican

---

<sup>1</sup> Cf., entre otros, Loff, Manuel, *Salazarismo e franquismo na "época de Hitler" (1936-1942)*, Porto, Campo das Letras, 1996; Jiménez Redondo, Juan Carlos, *Franco e Salazar. As relações luso-espanholas e a guerra fria*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1997; De la Torre Gómez, Hipólito y Sánchez Cervelló, Josep (2000), *Portugal en la Edad Contemporánea (1807-2000)*, Madrid, UNED 2000; De la Torre Gómez, Hipólito, y Jiménez Redondo, Juan Carlos, *Franquismo y salazarismo en el exterior: de la Guerra Civil a las guerras de África*. Número 25 de la revista *Espacio, Tiempo y Forma. Historia Contemporánea*, Madrid: UNED, 2013.

con detalle la influencia que ha tenido Portugal en la política española y viceversa, especialmente durante el período de la Segunda República en España (1931-1939). En el primer tercio de siglo xx, el iberismo adquiere un significado negativo para el nacionalismo portugués, influenciado por el viejo anatema del *perigo espanhol*, representado por las ambiciones imperialistas de Castilla, concepto que la propaganda salazarista resucita durante el período de la II República para referirse al *perigo iberista* o el *perigo revolucionario*. Este atávico recelo representó históricamente un freno importante en la política de aproximación y de reconocimiento mutuo en el diseño de una alianza peninsular perdurable para enfrentar problemas comunes.

Debido a esta desconfianza y a una fallida estrategia diplomática de acercamiento, las posiciones políticas se fueron enconando hasta el enfrentamiento abierto entre los gobiernos del Estado Novo y la joven democracia española, con el mutuo deseo de fracaso o derrocamiento.<sup>2</sup> Por tanto, en el período que va de la proclamación de la II República en España, el 14 de abril de 1931, hasta el estallido de la Guerra Civil, el 18 de julio de 1936, el distanciamiento entre las dos naciones ibéricas se agranda y se hace cada vez más insalvable, hasta que se produce el corte oficial de relaciones diplomáticas ordenado por Salazar el 23 de octubre de 1936, tres meses después de iniciada la guerra en España.

Se ha escrito mucho sobre el apoyo de Hitler y Mussolini al general Franco en la Guerra Civil española. Pero con demasiada frecuencia se ha obviado la ayuda fundamental de la dictadura portuguesa a la instauración del franquismo. Salazar aborrecía el modelo democrático del republicanismo español y desconfiaba del iberismo de

---

<sup>2</sup> Léanse los siguientes libros de Hipólito De la Torre Gómez: *Antagonismo y fractura peninsular. España-Portugal (1910-1919)*, Madrid, Espasa Calpe, 1983; *Do perigo espanhol á amizade peninsular. Espanha-Portugal (1919-1930)*, Lisboa, Estampa, 1985; y *La relación peninsular en la antecámara de la Guerra Civil*, Mérida, UNED, s. f. [1988].

algunos partidos políticos españoles. Para evitar contagios desestabilizadores, creía que la única manera de consolidar su régimen autoritario en Portugal era cambiando el rumbo político de España. A partir de la victoria del Frente Popular en febrero de 1936, la propaganda salazarista describía al gobierno republicano español como un peón del comunismo internacional que pretendía invadir Portugal. El instinto de supervivencia del salazarismo desencadenó la ayuda incondicional de la dictadura portuguesa al golpe de Estado en España. La Guerra Civil española fue percibida por Salazar como un asunto propio, pues su desenlace afectaría a su futuro político. De este modo, la diplomacia, la prensa, la radio, el cine, prestigiosos intelectuales, así como varios miles de combatientes y el propio territorio portugués, se pusieron al servicio del general Franco. En términos relativos, ningún otro país extranjero vivió con tanta intensidad la evolución del conflicto ni hizo un esfuerzo tan grande para favorecer la victoria del fascismo español. Para Salazar, estaba en juego la independencia de Portugal, y Franco se convirtió en su gran esperanza.

A pesar de la importancia estratégica que desempeñó Portugal para la victoria de Franco, el papel jugado por António de Oliveira Salazar durante el enfrentamiento fratricida español ha sido minusvalorado por la historiografía frente a la intervención alemana, italiana o rusa.<sup>3</sup> Hoy se conocen razonablemente bien los aspectos relacionados con la intervención diplomática, política, militar y propagandística de Portugal en la guerra, pero hay todavía lagunas

---

<sup>3</sup> Entre obras sobre la intervención portuguesa en la guerra, véanse: Pena Rodríguez, Alberto, *Salazar, a Imprensa e a Guerra Civil de Espanha*, Coimbra, Minerva, 2007; do mesmo autor: *O Que Parece É. Salazar, Franco e a Propaganda Contra a Espanha Democrática*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2009; AA.VV., *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1996; Oliveira, César, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Edições O Jornal, 2.ª edición, 1987; idem, *Portugal e a II República de Espanha*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s.f. (1985); Delgado, Iva, *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.f. (1980).

o datos desconocidos o inexplorados, como la cifra real exacta de combatientes portugueses en el bando franquista (el número oscila entre los 8500 que propone César Oliveira y los 20.000 de Hugh Thomas o Burgos Madroñero), la participación de voluntarios portugueses en las milicias anti-fascistas o la estrecha colaboración de los exiliados portugueses con diferentes instituciones republicanas.

Este estudio se intenta ofrecer una visión de las relaciones ibéricas centrado en analizar el papel de la colonia española en Portugal durante el período de la II República. Se aborda la interacción de los españoles con el Estado Novo, el papel de los representantes franquistas en Lisboa y su estrecha colaboración con las autoridades lusas, así como el intercambio ideológico entre el gobierno franquista y el salazarista. Especialmente interesante en este trabajo es la ayuda prestada al franquismo por el aparato propagandístico del régimen portugués para persuadir a los inmigrantes españoles y la opinión pública lusa, con dos objetivos esenciales: reclutar combatientes para el bando franquista y recaudar fondos para financiar la causa del fascismo español. Es importante subrayar, no obstante, que este trabajo es una nueva edición, modificada y revisada, de otra anterior publicada por el autor en 1999 en la Universidad de Vigo bajo el título *Galicia, Franco y Salazar. La emigración gallega en Portugal y el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo (1936-1939)*.

El objetivo principal la investigación es desvelar las claves de la relación entre el franquismo y el salazarismo y cuáles fueron las bases del intercambio ideológico y político entre ambos regímenes, particularmente en el entorno de la colonia española, mayoritariamente gallega, en Portugal. Esta obra revela algunos aspectos de interés sobre la posición adoptada por los inmigrantes españoles en Portugal, su grado de implicación en el desenlace del conflicto fratricida y las actividades realizadas por las principales instituciones de esta comunidad a favor de la victoria del bando del general

Franco en España. Además de la misión de la Falange Española en Portugal, se examina la acción política de la embajada y el cuerpo diplomático de España, así como el comportamiento público de la Cámara Oficial de Comercio española, del Instituto Español, de la Asociación Galaica de Socorros Mutuos o la Juventud de Galicia, que en general sirvieron a los intereses del franquismo y como plataformas de difusión del fascismo español. En este contexto, se describe la acción propangadística en Portugal de algunos de los intelectuales españoles más significativos al servicio del franquismo, como Wenceslao Fernández Flórez, Julio Camba o Eugenio Montes, que contribuyeron a crear una imagen benevolente del movimiento fascista español en territorio portugués por medio de diversas intervenciones en conferencias y foros de debate dentro de una campaña orquestada conjuntamente por el gobierno franquista y salazarista. Uno de los organizadores de la propaganda franquista en Portugal era Nicolás Franco, hermano del Caudillo español y, desde 1938, embajador oficial de España en Portugal, quien mantuvo estrechas relaciones con los medios de comunicación lusos y con diversas instituciones nacionales e internacionales para crear una imagen favorable del franquismo entre los inmigrantes españoles y la opinión pública en general.

En el relato sobre el intercambio ideológico entre el franquismo y el salazarismo, se analizan algunos episodios paradigmáticos que sirvieron para legitimar los liderazgos y las políticas de Franco y Salazar contra el avance del *comunismo* en la Península Ibérica. Entre ellos, se describe cómo se organizan encuentros entre la Falange Española y la Legião Portuguesa en varias ciudades españolas, la celebración de sendos partidos de fútbol entre las selecciones de Portugal y la España franquista en Vigo y Lisboa, la difusión y lectura de la prensa portuguesa en territorio español y cómo se utiliza el marco académico de la Universidad de Coimbra para legitimar a varios líderes franquistas con doctorados honoris causa.

La aproximación ideológica entre el franquismo y el salazarismo en este período fue un momento extraordinario en la alianza entre ambos gobiernos ibéricos, pero hay que entenderlo como una estrategia de legitimación y neutralización mutua que derivó en el Tratado de Amistad y No Agresión, firmado en 1939 y ampliado en 1940. Fue un hito diplomático, pero no representó una auténtica política de intercambio entre ambos países, sino más bien significó una separación nítida entre los intereses del franquismo y del salazarismo con un mismo fin común: el respeto mutuo y la neutralidad de los dos Estados en una eventual conflagración mundial para garantizar la pervivencia de las dictaduras ibéricas. Entonces, Salazar estaba condicionado por la alianza luso-británica y Franco se sentía atraído por Hitler. Pero el Pacto Ibérico de 1942 entre ambos dictadores fue el acuerdo decisivo para evitar la entrada en la Segunda Guerra mundial de Franco y una invasión británica de la Península Ibérica. Según la propia visión del franquismo, Franco y Salazar se necesitaban mutuamente como dos hermanos siameses para sobrevivir a la Segunda Guerra Mundial y al nuevo orden diseñado por las potencias vencedoras.

**CAPÍTULO 1**  
**SALAZAR Y LAS RELACIONES LUSO-ESPAÑOLAS**  
**EN LOS AÑOS TREINTA**

**1.1. El Estado Novo en perspectiva: fundamentos ideológicos y políticos**

António de Oliveira Salazar accedió al gobierno portugués en abril de 1928, como ministro de Finanzas en el ejecutivo que presidía el coronel José Vicente de Freitas. Su llegada al poder y la posterior implantación del régimen, en 1933, estuvo sucedida por un serio debate interno en el seno de la dictadura instaurada el 28 de mayo de 1926 por el golpe militar del general Gomes da Costa,<sup>4</sup> denominado por la mitología del Estado Novo la “Revolução de Maio”.<sup>5</sup> Pero la estabilidad del gobierno golpista fue muy complicada, y durante varios años hubo varios “pronunciamientos” contra la dictadura que fracasaron, pero que determinaron la orientación ideológica del futuro Estado.<sup>6</sup> La corriente reformista y liberal que encabezaba

---

<sup>4</sup> Véase el libro de Oliveira, César, *A preparação do 28 de Maio*, Lisboa, Moraes Editora, 1980. Y también: De Meneses, Filipe Ribeiro, *Salazar. Uma biografia política*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 4.ª edição, 2012, y Torgal, Luis Reis, *Estados Novos, Estado Novo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2.ª edição, 2009.

<sup>5</sup> Es particularmente interesante la consulta de la historia de la dictadura en la obra de propaganda del régimen dirigida por João Ameal: *Anais da Revolução Nacional*, Barcelos, Companhia Editora do Minho, varios volúmenes, s.f.

<sup>6</sup> Da Cruz, Manuel Braga, “A revolução nacional de 1926: da ditadura militar à formação do Estado Novo”, in *Revista de História das Ideias*, Coimbra, Faculdade de Letras, vol. 7, 1985, pp. 347-351.

el general Mendes Cabeçadas se enfrentaba a la postura ultraconservadora de Gomes da Costa. Ambas acabaron por ceder terreno en favor del conciliador general Carmona, que se hizo cargo de la Jefatura de Estado el 16 de noviembre de 1926, consagrado por medio de un plebiscito en marzo de 1928.<sup>7</sup> La tambaleante República portuguesa, que había nacido el 5 de octubre de 1910 y que estaba carcomida por la inestabilidad política y la crisis económica, fracasó en su intento de regenerar la vida política del país. Entre 1910 y 1926 se sucedieron hasta 46 gobiernos diferentes, con la dictadura de Sidónio Pais de por medio (1917-1918), que fueron minando la credibilidad de un sistema en descomposición evidente.<sup>8</sup> La dictadura pretendía poner fin a esa crisis permanente, regenerar las instituciones y poner en marcha una nueva gerencia nacional estable y constituida sobre los pilares del anterior régimen republicano. Sin embargo, las presiones del radicalismo derechista, contagiado por la pujanza del fascismo en Europa, dio al traste con las intenciones únicamente regeneradores de los oficiales del Ejército que presidieron el gobierno, Vicente de Freitas (abril de 1928 - julio de 1929) e Ivens Ferraz (julio de 1928- enero de 1930). Los reaccionarios del movimiento Integralismo Lusitano<sup>9</sup> y conservadores de la misma pulsión anti-democrática pusieron todo su peso político y su presión social en el plato de la balanza a favor de un régimen autoritario. En octubre de 1926 y agosto de 1927 se produjeron escaramuzas militares de los derechistas para dar el giro extremista deseado al gobierno de Carmona, que acabó por cerrarse en banda y endurecer su posición política, encaminándose por derroteros que lo condujeron, inevitable

---

<sup>7</sup> De la Torre Gómez, Hipólito, *El Portugal de Salazar*, Madrid, Arco/Libros S.L., 1997, pp. 15-20.

<sup>8</sup> Pais, José Machado, "A crise do regime liberal republicano: algumas hipóteses explicativas", in AA.VV., *O Estado Novo. Das origens ao fim da autarcia (1926-1959)*, Lisboa, Fragmentos, vol. 1, pp. 129-144.

<sup>9</sup> Da Cruz, Manuel Braga, "O Integralismo Lusitano e o Estado Novo", in AA.VV. *O Fascismo em Portugal*, Lisboa, A Regra do Jogo, 1982, pp. 105-139.

y finalmente, hacia un modelo autoritario. Los demoliberales, por su parte, habían lanzado también un ataque casi simultáneo en Lisboa y Porto en febrero de 1927 que fue reprimido con dureza. Muchos de los rebeldes contra el sistema dictatorial fueron encarcelados o deportados a las colonias.<sup>10</sup>

En 1928, entra en escena Oliveira Salazar en un momento crítico para el país, prácticamente hipotecado por las deudas exteriores y un Producto Nacional Bruto bajo mínimos. Entre julio de 1926 y abril de 1928, el ministro de Finanzas, Sinel de Cordes, concede más de 100 millones de escudos en subvenciones destinadas a incentivar la industria portuguesa, que sólo sirven para aumentar el agujero económico del erario público y poner al gobierno contra las cuerdas de la impopularidad, a pesar del cansancio general hacia el período confuso que antecedió al golpe militar.<sup>11</sup> Oliveira Salazar llegaba a un gobierno duramente cuestionado por su inoperancia política y empeñado por las deudas, que necesitaba de un plan de choque urgente para reactivar el proceso de producción y poner en marcha una reforma económica gradual que mejorase las condiciones de vida de la población. La situación no era desconocida para él, que formó parte sólo durante unas jornadas del primer gobierno de la dictadura, en junio de 1926. Pero entonces las luchas intestinas eran otras y sus poderes más limitados. Entonces se pensó que el perfil

---

<sup>10</sup> Marques, A. H. de Oliveira, *A Liga de Paris e a Ditadura Militar (1927-1928)*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1976; De la Torre Gómez, Hipólito, "Algumas notas em torno da contra-revolução do 28 de Maio", in AA.VV., *O Estado Novo. Das Origens ao fim da autarcia (1926-1959)*, Lisboa, Fragmentos, vol. 1, pp. 165-177; Bandeira, Filomena, "A oposição externa à ditadura: a revolta de Fevereiro 1927 em Lisboa", in AA.VV., *O Estado Novo. Das Origens ao fim da autarcia (1926-1959)*, Lisboa, Fragmentos, vol. 2, pp. 29-39.

<sup>11</sup> Rosas, Fernando, *O Estado Novo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1996, pp. 164-171; idem, *O Estado Novo nos anos trinta (1928-1938). Elementos para o estudo da natureza económica e social do salazarismo*, Lisboa, Espampa, 2ª edición, 1996; Silveira, Joel Frederico da, "Alguns aspectos da política económica do fascismo: 1926-1933 - Da crise de sobreprodução ao condicionamento industrial", in AA.VV., *O Fascismo em Portugal*, op. cit., pp. 341-399.

de Salazar podía ser el idóneo para frenar, por lo menos, la caída estrepitosa de un régimen que estaba con la soga de la crisis al cuello. El que pasó a ser conocido como el “ditador das Finanças”,<sup>12</sup> tenía fama de habilidoso especialista universitario (era catedrático de derecho financiero en la Universidad de Coimbra) y austero político con un intachable curriculum académico que le otorgaban los méritos suficientes para convertirse en el técnico que necesitaba el gobierno para sanear el país.<sup>13</sup> Salazar era un hombre comprometido con el catolicismo, amigo personal del Cardenal Manuel Gonçalves Cerejeira, que incluso podía servir de bisagra para cuajar un acuerdo con la Iglesia Católica que le diese una firme base de apoyo popular al nuevo régimen.<sup>14</sup> Había formado parte del Partido Católico, que defendía los intereses de la Iglesia durante los últimos años de la primera República portuguesa, y del que había llegado a ser diputado en 1921. Salazar era también un hombre que comprendía muy bien la lógica de la propaganda y tenía unas peculiares cualidades para cautivar con sus discursos, de estilo pedagógico, enérgicos y cargados de una gran credibilidad.<sup>15</sup> Estaba acostumbrado a estar en contacto con los medios de comunicación. Meses antes de su nombramiento, el “ditador das Finanças” publicó varios artículos sobre la situación económica nacional en el diario católico *Novidades* que supusieron un serio respaldo a sus aspiraciones políticas.<sup>16</sup> Durante su etapa como ministro, procuró no alejarse de la prensa,

---

<sup>12</sup> Véase Nunes, Leopoldo, *O Ditador das Finanças*, Lisboa, Edição do autor, 1930.

<sup>13</sup> Fryer, Peter, y Pinheiro, Patricia McGowan, *El Portugal de Salazar*, Paris, Ruedo Ibérico, 1962, pp. 70-71.

<sup>14</sup> Rosas, Fernando, *O Estado Novo*, *op. cit.*, p. 170. Y también su libro *Salazar e o Poder*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2012.

<sup>15</sup> Salazar, António de Oliveira, *Discursos e Notas políticas*, 4 volúmenes, Coimbra, Atlântida Editora, 1935-1951; Fryer, Peter, y Pinheiro, Patricia McGowan, *op. cit.*, pp. 71-72; Martins, Moisés de Lemos, *O Olho de Deus no discurso salazarista*, Porto, Edições Afrontamento, 1990.

<sup>16</sup> Torre Gómez, Hipólito de la, *El Portugal de Salazar*, *op. cit.*, p. 22.

concediendo repetidas entrevistas sobre las marcha de su trabajo ministerial que promocionaron su figura como gobernante responsable y meticulouso.<sup>17</sup> El discurso de la propaganda del Estado Novo giraba en torno a las cualidades humanas y profesionales del promotor de la “Revolução Nacional”,<sup>18</sup>

La política económica de Salazar condicionó de forma determinante el rumbo del gobierno. Sus medidas financieras tenían un fondo estructural. Pretendía arrastrar en su transformación financiera a otros sectores del Estado que debían aunar esfuerzos alrededor de sus propuestas de saneamiento integral. Para el catedrático de Coimbra, el origen de la crisis estaba en las propias instituciones del país.<sup>19</sup> Por eso, para lograr reequilibrar el presupuesto nacional y reducir el déficit era imprescindible llevar a cabo esa reforma estructural que Franco Nogueira llamó “política nacional nova”,<sup>20</sup> que no era otra cosa que restaurar el antiguo régimen anti-democrático. Poco a poco, se fue afianzando en el poder. Pidió y asumió cada vez más responsabilidades porque era casi como la tabla de salvación del régimen, y sus medidas, aunque nada innovadoras, surtieron un efecto inmediato. Gracias a su amplio margen de maniobra dentro del gobierno, pudo tomar decisiones firmes que le permitieron frenar el

---

<sup>17</sup> Pueden consultarse: Nogueira, Franco, *Salazar. Vol II: Os Tempos Áureos (1928-1936)*, Coimbra, Atlântida Editora, s.f., pp. 23-30; Ferro, António, *Salazar. O Homem e a sua obra*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933; Preto, Rolão, *Salazar e a sua época. Comentários às entrevistas do actual chefe de govêrno com o jornalista António Ferro*, Lisboa, edição do autor, 1933. En español, el Secretariado de Propaganda Nacional editó numerosos folletos sobre el dictador portugués. Por ejemplo: *El Pensamiento de Salazar. Los Principios y la Obra de la revolución en el momento interno y en el momento internacional*, Lisboa, Ediciones del SPN, 1943; *El Pensamiento de Salazar. Votar es un gran deber*, Lisboa, Ediciones del SPN, 1945; *El Pensamiento de Salazar. Portugal y la paz*, Lisboa, Ediciones del SPN, 1945; *El Pensamiento de Salazar. Defensa económica, defensa moral, defensa política*, Lisboa, Ediciones del SPN, s.f.

<sup>18</sup> Véase, por ejemplo, *A Obra de Salazar na Pasta das Finanças*, Lisboa, Edições SPN, 1940; *O Ressurgimento Português*, Lisboa, Edição da União Nacional, 1940; Pacheco, Carneiro *O Retrato do Chefe*, Lisboa, Edição da União Nacional, 1935.

<sup>19</sup> *A Obra de Salazar...*, *op. cit.* p. 19.

<sup>20</sup> *Ibidem*.

déficit público y apreciar la moneda nacional rebajando notablemente el incontenible proceso inflacionario de los últimos años. Como consecuencia de estos exitosos reajustes, se devolvió la confianza al mercado empresarial y la actividad económica comenzó a tomar aliento a pesar del crítico período de 1929, con una galopante crisis internacional.<sup>21</sup> Su nuevo orden financiero, apoyado en un recorte sin precedentes en el gasto público y en un aumento de los impuestos, permitió el milagro económico que necesitaba perentoriamente Portugal. Entre 1926 y 1933, el crecimiento presupuestario superó los 4000 millones de escudos.<sup>22</sup> Su firme convicción regeneracionista, su tímido liderazgo ejercido sin las estridencias propias de un político ambicioso, la sagacidad de su pragmatismo austero, la defensa de los valores más tradicionales de Portugal, su mentalidad rural, su carisma como “hombre del pueblo” y el éxito de su gobierno lo catapultaron al *trono* de la nación.<sup>23</sup> Salazar era un político distante, calculador, pero que sabía cultivar su imagen pública.<sup>24</sup> Con un país necesitado de líderes, su figura política, con fama de administrador riguroso y metódico, fue ganando adeptos dentro y fuera de los círculos del poder institucional hasta convertirse en “Homem de Estado”.<sup>25</sup>

---

<sup>21</sup> Rosas, Fernando (coord.). *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, Lisboa, Editorial Presença, 1992, pp. 306-314.

<sup>22</sup> Da Silveira, Joel Frederico, *op. cit.*, p. 368.

<sup>23</sup> Véanse: Gonçalves, Assis, *Intimidades de Salazar. O homem e a sua época. (Memórias do seu secretário nos primeiros sete e difíceis nos da sua Vida Pública)*, Lisboa, Bertrand, 1972; *Idem, Relatórios para Oliveira Salazar (1931-1939)*, Lisboa, Presidência do Conselho, 1981. Garnier, Cristina, *Férias com Salazar*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, Lisboa, 1952; Ferro, António, *Salazar*, Lisboa, Edições do Templo, 1978; Oliveira, César, *Salazar e seu tempo*, Lisboa, Editorial O Jornal, 1991.

<sup>24</sup> Janeiro, Isabel, y Alarcão e Silva, Isabel, “A imagem de Salazar nos cartazes de propaganda política oficial (1933-1949)”, in revista *Vértice*, II série, n.º 13, abril de 1989, pp. 63-69; Aguiar, Alda M. Vaz y otros, “A “Lição de Salazar””, in revista *História*, n.º 73, Lisboa, noviembre de 1984, pp. 2-15.

<sup>25</sup> Ferraz, Ivens, *A ascensão de Salazar. Memórias de Ivens Ferraz*, Lisboa, Edições O Jornal, 1988.

Salazar se afianzó definitivamente en el poder de la mano del general Carmona, que cada vez le cede más parcelas gubernativas para que ponga en marcha su obra regeneradora. “(...) Quem é o chefe? Carmona ou Salazar? O General ou o civil? O espírito superior do Presidente da república não deixou que a insídia fosse adiante. Mas a verdade é que na vida nacional a chefia de Salazar cada vez mais se faz sentir. Manda com segurança e decisão: as suas qualidades naturais de comando manifestam-se em toda a plenitude. Gosta de mandar e de ser obedecido prontamente (...)”, cuenta en sus memorias su discípulo Marcelo Caetano.<sup>26</sup> El ministro de Finanzas era el hombre en el que habían coincidido las miradas de la burguesía conservadora como esperanza de futuro, mientras otros lo señalaban como el nuevo líder nacional. Salazar pasó a ocupar la Presidência do Conselho de Ministros en julio de 1932, cargo que no abandonaría hasta su retirada obligada por accidente en 1968. Desde la plataforma del poder presidencial pudo por fin modificar a su gusto las estructuras del Estado y crear un nuevo régimen inspirado en sus propias convicciones ideológicas, cuyos pilares fundamentales se asentaban sobre la tríada ideológica de “Familia, Dios y Patria”.<sup>27</sup> Al tomar las riendas del país, Salazar decide formalizar e institucionalizar lo que él llamó “Estado Novo”, que pretendía ser un proyecto político anti-liberal, de perfil anti-democrático y anti-comunista, basado en una forma de gobierno conservadora, autoritaria y corpora-

---

<sup>26</sup> Caetano, Marcelo, *Minhas Memórias de Salazar*, Lisboa, Editorial Verbo, 1977, p. 63. Véase también: De la Torre Gómez, Hipólito, y Sánchez Cervelló, Josep, *Portugal en el Siglo XX*, Madrid, Istmo, 1992, pp. 157-159.

<sup>27</sup> Matos, Helena, *Salazar. A Construção do Mito, 1928-1933*, Lisboa, Temas & Debates/Círculo de Leitores, 2010, *idem*, *Salazar. A Propaganda, 1934-1938*, Lisboa: Temas & Debates/Círculo de Leitores, 2010. Menos reciente: Adinolfi, Goffredo, *Ai confini del fascismo. Propaganda e consenso nel Portogallo salazarista (1932-1944)*, Milano, Franco Angeli, 2007. También pueden consultarse dos de los estudios pioneros sobre la propaganda en el Estado Novo: Do Ó, Jorge Ramos, *Os Anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a “Política do Espírito”, 1933-1949*, Lisboa, Estampa, 1999, y Paulo, Heloisa, *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP*, Coimbra, Minerva, 1994.

tivista, con un fuerte talante represivo ejercido por la Polícia de Vigilância e Defesa do Estado (PVDE), la Polícia de Segurança Pública y otras fuerzas de choque.<sup>28</sup> No es sencillo, sin embargo, encontrar las raíces ideológicas del Estado Novo y su desarrollo como sistema político, teniendo en cuenta su naturaleza ideológica diversa.<sup>29</sup> Mientras aún quedan estudios específicos sobre variados aspectos de la dictadura lusa,<sup>30</sup> se continúa debatiendo sobre si el Estado Novo portugués fue, realmente, un Estado vertebrado por la ideología fascista.<sup>31</sup> Algunos autores se han inclinado por definir directamente al Estado Novo como un régimen fascista,<sup>32</sup> otros, sin embargo, guar-

---

<sup>28</sup> Sobre este aspecto, puede leerse a Ribeiro, Maria da Conceição, *A Polícia Política no Estado Novo (1926-1945)*, Lisboa, Estampa, 1995; Queiroga, Fernando, *Portugal Oprimido. Subsídios para a História do Fascismo em Portugal*, Lisboa, Editorial O Século, 1974; Portela, Luís, y Rodrigues, Edgart, *Na Inquisição do Salazar*, Rio de Janeiro, Editora Germinal, 1957.

<sup>29</sup> Pais, José Machado, “Raíces ideológicas do Estado Novo”, in revista *Vértice*, II série, n.º 13, Lisboa, abril de 1989, pp. 31-37; Nunes, João Paulo Avelas, “Ideologia e história no Estado Novo (1933-1949)”, in revista *Vértice*, II série, n.º 56, septiembre/octubre, pp. 13-23; Fernández Clemente, Eloy, *Portugal en los años veinte: los orígenes del Estado Novo*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1996.

<sup>30</sup> Torgal, Luis Reis, “Sobre a História do Estado Novo. Fontes, Bibliografia, Áreas de Abordagem e Problemas Metodológicos”, in revista de *História das Ideias*, vol. 14, Coimbra, Faculdade de Letras, 1992, pp. 529-554.

<sup>31</sup> Véase la obra de Luis Reis Torgal: *Estados Novos, Estado Novo*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 2009, 2ª edición. Una reflexión sobre la historiografía del Estado Novo en relación con el fascismo léase también: Torre Gómez, Hipólito de la, *El Portugal de Salazar*, Madrid, Arco/Libros, 1997, pp. 85-88. Y sobre el fascismo y el Estado Novo: Pinto, António Costa, *O salazarismo e o fascismo europeu. Problemas de interpretação nas ciências sociais*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992; Rosas, Fernando, “Cinco pontos em torno do estudo comparado do fascismo”, in revista *Vértice*, II série, n.º 13, abril de 1989, pp. 21-29; Woolf, Stuart, “Fascismo e autoritarismo: em busca de um tipologia do fascismo europeu”, in AA.VV., *Do Estado Novo ao fim da autarquia (1926-1959)*, Lisboa, Fragmentos, vol. 1, 1989, pp. 15-21. Sobre la relación de Oliveira Salazar con los movimientos fascistas por definición en Portugal cf.: Pinto, António Costa, *Os Camisas Azuis. Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal (1914-1945)*, Lisboa, Estampa, 1994; Medina, João, *Salazar e os Fascistas. Salazarismo e Nacional-Sindicalismo: a história de um conflito, 1932-1935*, Lisboa, Bertrad, 1978.

<sup>32</sup> Entre otros, véanse: Torgal, Luis Reis, “Salazarismo, fascismo e Europa”, in revista *Vértice*, II série, n.º 52, enero-febrero de 1993, pp. 41-51; idem, “Salazarismo, Alemanha e Europa”, in *Revista de História das Ideias*, n.º 16, Coimbra, Faculdade de Letras, 1994, pp. 73-104; Loff, Manuel, *Franquismo e salazarismo na época de Hitler, (1936-1942)*, Afrontamento, Oporto, 1996; AA.VV.; *O Fascismo em Portugal*, Lisboa, A Regra

dan una cierta distancia respecto a este criterio debido a las especificidades que encierra la dictadura salazarista y a la compleja definición del término “fascismo”.<sup>33</sup> Enzo Collotti, que ha estudiado las características del modelo fascista y sus diferentes variantes, a pesar de reconocer las peculiaridades del régimen personalista creado por Oliveira Salazar con el respaldo de diversas tendencias conservadoras del país, no duda en colgarle el marchamo de fascista, por su organización anti-democrática, corporativa, y su sólido aparato represor.<sup>34</sup>

El Estado Novo<sup>35</sup> se asentó sobre la base de una parálisis institucional que no se podía sostener por mucho tiempo. Había llegado la hora de poner en “orden” el país para defender, con una “alta consciência moral”, el “interesse común” de Portugal.<sup>36</sup> Las soluciones económicas de Salazar le permitieron conseguir una progresiva ascensión y consolidación en el gobierno. Precisamente, una de las virtudes principales que le atribuye Fernando Rosas a la nueva redefinición del Estado, es su papel de “pragmatismo político-institucional”, que consigue aglutinar las diversas tendencias políticas de la derecha portuguesa que combatían el liberalismo republicano para establecer una única estructura ideológica “(...) para que as várias direitas da direita forjassem um compromisso de unidade indispensável não só à conservação do poder, mas à instauração de um regime autoritário

---

do Jogo, 1982; Lucena, Manuel de, *A evolução do sistema corporativo português. Vol. I: O salazarismo*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1976. La comisión estatal encargada de publicar diversos dosieres de documentación sobre la dictadura se denominó, sin un debate de los historiadores ni más consideraciones, Comissão do Livro Negro para o Regime Fascista.

<sup>33</sup> Da Cruz, Manuel Braga, *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Presença, 1988.

<sup>34</sup> Collotti, Enzo, *Fascismo, Fascismos*, Lisboa, Caminho, 1992, pp. 159-165.

<sup>35</sup> Véase: Rosas, Fernando, *Salazar e o Poder. A arte de saber durar*, Lisboa, Tinta da China, 2012. Léase también la definición sobre el Estado Novo en Rosas, Fernando, y De Brito, J. M. Brandão, *Dicionário de História do Estado Novo*, Lisboa, Estampa, vol. 1, pp. 315-319.

<sup>36</sup> Salazar, António de Oliveira, *Discursos e Notas Políticas (1935-1937)*, Coimbra, Coimbra Editora, 1945, p. 5.

estável e duradouro (...).<sup>37</sup> Braga da Cruz coincide en este aspecto con Rosas, al atribuir al Estado Novo una base popular con un eclecticismo ideológico muy *sui generis*; característica que, según este autor, fue lo que hizo de la dictadura portuguesa la más longeva del continente europeo.<sup>38</sup> El “ditador das Finanças” intentó, en un primer momento, construir el nuevo sistema político portugués partiendo de un ansia de integrar a Portugal en Europa. Pero cuando los vientos de guerra comenzaron a soplar en el continente acompañados de una tormenta anti-colonialista que iban contra la ideología imperialista de Portugal, Salazar prefirió avivar la propaganda sobre la originalidad de su régimen.<sup>39</sup>

Los fundamentos jurídicos y políticos del Estado Novo quedaron establecidos en un plazo de tres años, tras la promulgación del Acto Colonial (1931), la União Nacional (1930) y la Constitución Política (1933). El Acto Colonial impone al régimen una mentalidad decididamente colonialista, dejando regulada la indivisibilidad del imperio portugués.<sup>40</sup> La União Nacional surge para dar un cierto respaldo popular y legal a la dictadura bajo las presiones de los republicanos liberales, aunque al final acabó por servir a los intereses del Estado Novo, que la utiliza como una asociación cívica y política canalizadora de la ideología del régimen.<sup>41</sup> Era un partido único muy al estilo de la Unión Patriótica de la dictadura de Primo de Rivera en España, que sirvió para justificar la legitimidad popular de la dictadura, para absorber y domesticar en su seno las múltiples corrientes políticas, para adoctrinar a las *masas* y proyectar sobre la sociedad

---

<sup>37</sup> *Idem*, pp. 316-317.

<sup>38</sup> Da Cruz, Manuel Braga, *O Partido e o Estado no Salazarismo*, Lisboa, Editorial Presença, 1988, p. 37.

<sup>39</sup> Torgal, Luis Reis, “Salazarismo, Fascismo e Europa”, art. cit., p. 45.

<sup>40</sup> De la Torre Gómez, Hipólito, y Sánchez Cervelló, Josep, *Portugal en el Siglo XX*, op. cit., pp. 167-169.

<sup>41</sup> Da Cruz, Manuel Braga, *O Partido e o Estado no Salazarismo*, op. cit., p. 169.

portuguesa la propaganda del Estado Novo. La União Nacional era una especie de *colchón* social del salazarismo, pero carente del poder suficiente como para alterar el rumbo ideológico y político del régimen. Sus actividades estaban completamente supeditadas a las órdenes del Presidente do Conselho,<sup>42</sup> quien afirmó en una entrevista concedida a António Ferro para el *Diário de Notícias*, publicada el 23 de noviembre de 1932, que “(...) os partidos fizeram-se para servir clientelas. A União Nacional,<sup>43</sup> como o seu nome indica, para servir a Nação (...)”.<sup>44</sup> Su organización estaba estructurada en comisiones esparcidas por todos los distritos del país, que tenían una dinámica actividad propagandística, coordinada por una Comisión Central de Propaganda, creada en 1935. En este aspecto, el partido único de Salazar ejerció una enorme influencia sobre la sociedad portuguesa, utilizando las más variadas formas de propaganda: periódicos, panfletos, discursos públicos, manifestaciones, edición de folletos y libros, charlas radiofónicas y proyección de películas.<sup>45</sup> En una circular enviada por la dirección, el 9 de mayo de 1935, a todas las comisiones se decía que “a União Nacional é a organização de todos os portugueses que acompanham com fé e entusiasmo a obra da Revolução Nacional, a obra do seu grande Chefe, o Dr. Oliveira Salazar (...)”.<sup>46</sup>

---

<sup>42</sup> *Idem*, p. 254.

<sup>43</sup> De la Torre Gómez, Hipólito, y Sánchez Cervelló, Josep, *Portugal en el Siglo XX*, *op. cit.*, pp. 171-172.

<sup>44</sup> Ferro, António, *Salazar*, *op. cit.*, p. 87.

<sup>45</sup> AOS/ANNT, CO/PC-4A, Carpeta n.º 4, 2.ª subdivisión. “Plano de acção” de la União Nacional para 1935-1936.

<sup>46</sup> *Idem*, Carpeta n.º 3, 1.ª subdivisión (1), hojas n.º 129-131. Circular del 09/05/1935 a todas las comisiones de la União Nacional. El partido único del Estado Novo publicó, efectivamente muchos libros dedicados a ensalzar la “obra patriótica” de Oliveira Salazar. Entre ellos, vide: Oliveira, Águedo de, *Estado Novo*, Lisboa, Edição da União Nacional, 1935; Rodrigues, Manuel, *O cidadão do Estado Novo*, Lisboa, Edição da União Nacional, 1935; *Guia da Exposição da Revolução Nacional (1936)*, Lisboa, União Nacional, 1936; *Projecção de Salazar no estrangeiro*, Porto, União Nacional, 1949.

Por determinación del Presidente do Conselho, las comisiones de la União Nacional debían disponer de un órgano propio, en cuyas páginas se tratasen asuntos internos del partido y se hiciese propaganda del Estado Novo.<sup>47</sup> En el distrito de Viseu, por ejemplo, la União Nacional fundó el 9 de febrero de 1936 *Política Nova*.<sup>48</sup> Pero, además, el partido creó un órgano nacional, el *Diário da Manhã*, que comenzó su publicación el 4 de abril de 1930. La fundación del *Diário da Manhã* fue idea del propio Salazar, con la ayuda de varios empresarios situacionistas.<sup>49</sup> El subtítulo del periódico adoptó una de las frases más famosas de Salazar y uno de los lemas más recurrentes del régimen, que reafirmaban el profundo carácter nacionalista del Estado Novo y su filosofía autoritaria: “Tudo pela Nação, Nada contra a Nação”. El *Diário da Manhã* poseía una sección específica para informar sobre las acciones de la União Nacional, publicar los comunicados para los afiliados y establecer un contacto directo entre la dirección y las comisiones. “(...) Um dos mais importantes deveres dos filiados na União Nacional, excepto no caso de sacrificio incomportável, é, pois, assinar e ler o *Diário da Manhã* (...)”, decía el presidente de la comisión ejecutiva el 10 de julio de 1935.<sup>50</sup> Junto a la União Nacional debemos mencionar las milicias del régimen, que también tuvieron una gran importancia en el campo de la propaganda. La Mocidade Portuguesa fue creada en mayo

---

<sup>47</sup> *Idem*, CO/PC-4, 21.ª subdivisión (2), hoja n.º 238. Proposta n.º 1 de la Comissão de la União Nacional del distrito de Viseu, 14/11/1937.

<sup>48</sup> *Idem*, CO/PC-4, Pasta 2, 21.ª subdivisión (2), hojas n.º 220-224 y 238. “Relatório de Contas correspondentes a vinte e tres meses de actividade, aprovados, por unanimidade, na reunião plenária da Comissão Distrital (de Viseu), realizada a 14 de Novembro de 1937”.

<sup>49</sup> Gonçalves, Assis, *op. cit.*, pp. 99-100.

<sup>50</sup> AOS/ANTT, CO/PC-4A, Carpeta n.º 3, 1.ª subdivisión (8). Circula n.º 1594/47 del Presidente de la Comissão Ejecutiva a las Comissões Concelhias, 10/07/1935.

de 1936 y la Legião Portuguesa cuatro meses después, durante el transcurso de la Guerra Civil española.<sup>51</sup>

La Constitución Política de 1933 no parecía ser totalmente anti-liberal *estricto sensu*, porque reconocía la igualdad de los ciudadanos ante la ley y otros derechos fundamentales como la libertad de expresión, de religión y de enseñanza. Pero el desarrollo del articulado de la Constitución de 1933 no deja lugar a dudas sobre su fundamentación autoritaria y represora. En el texto quedaba reflejada también la división de poderes y la existencia de una asamblea que, en teoría, tenía potestad legislativa y fiscalizadora sobre la labor del gobierno y reforzaba el papel del ejército en la sociedad.<sup>52</sup> A su vez, se repartía el poder ejecutivo entre el Presidente do Conselho y el Presidente da República, el segundo electo por sufragio. Sin embargo, este equilibrio legal entre ambos cargos acabó inclinándose hacia el primero, que asumió todo el peso sobre las decisiones ejecutorias del Estado y funciones legislativas de carácter ordinario.<sup>53</sup> En el Título VI, la opinión pública era expresamente regulada como un “(...) elemento fundamental da política e administração do País”.<sup>54</sup> Por esta misma razón, la constitución establece la necesidad de controlar la libertad de expresión a fin de “(...) impedir preventiva ou repressivamente a perversão da opinião pública na sua função social e salvaguardar a integridade moral dos cidadãos,”<sup>55</sup> lo que abría la puerta legal a la censura previa. De hecho, el mismo día que entra en vigor la Cons-

---

<sup>51</sup> Véanse, por ejemplo: Rodrigues, Luís Nuno, *A Legião Portuguesa. A Milícia do Estado Novo (1936-1944)*, Lisboa, Estampa, 1996; Silva, Josué da, *Legião Portuguesa. Força Repressiva do Fascismo*, Lisboa, Diábril Editora, s.f.; Arriaga, Lopes, *Mocidade Portuguesa. Breve História de uma organização salazarista*, Lisboa, Terra Livre, 1976.

<sup>52</sup> De la Torre Gómez, Hipólito, y Sánchez Cervelló, Josep, *op. cit.*, pp. 172-176.

<sup>53</sup> Caetano, Marcelo, *Constituições Portuguesas*, Lisboa, Verbo, 1986, pp. 103-122. También: Miranda, Jorge, *As Constituições Portuguesas (1822-1826-1838-1911-1933-1976)*, Lisboa, Petrony, 1976.

<sup>54</sup> Constituição Política de 1933, artículo n.º 22.

<sup>55</sup> *Idem*, artículo n.º 20.

titución, se publica el decreto n.º 22.469, que regulará la censura previa hasta el final del régimen.<sup>56</sup> A este respecto, un año antes de la promulgación de la ley fundamental, Salazar ya advertía que “(...) a opinião pública é indispensável ao govêrno dos povos, constitui, por vezes, um grande estimulante, mas nunca se deve perder, a bem da sua propria saúde, o controle da sua formação (...)”.<sup>57</sup> El artículo n.º 23, además, obliga a los periódicos a publicar comunicados oficiales “de dimensões comuns”.<sup>58</sup>

La Asamblea Nacional, cuyos representantes eran también elegidos por votación popular, velaba por el cumplimiento de la Constitución y tenía diversas funciones, que iban desde el deber de legislar hasta la aprobación de presupuestos. Pero su existencia, en realidad, era más figurativa que efectiva. Asimismo, la regulación de la Câmara Corporativa establecía un mayor control sobre toda actividad profesional que se desarrollase en el país. Era un órgano exclusivamente consultivo y en ella tenían representación los diferentes gremios económicos y las asociaciones ciudadanas. La estructura corporativa permitió una mayor intervención económica del Estado y un control semi-policial sobre la vida de los trabajadores, que encauzaban sus protestas desde los organismos corporativos y se limitaba así su capacidad contestataria.<sup>59</sup> El corporativismo salazarista y sus estructuras gremiales e institucionales, por otra parte, sirvieron para extender la ideología *estado-novista* y crear un “consenso” sobre el “engrandecimento da Patria”, según las apreciaciones de Reis Torgal.<sup>60</sup> Fueron muchas y variadas las instituciones reproductoras de la ideología del régimen que se extendían por todos los municipios, como

---

<sup>56</sup> Franco, Graça, *A Censura à Imprensa (1820-1974)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993, pp. 106-107.

<sup>57</sup> Ferro, António, *Salazar, op. cit.*, p. 272.

<sup>58</sup> Constituição Política de 1933, artículo n.º 23.

<sup>59</sup> *El sistema corporativo portugués*, Lisboa, Ediciones do SPN, s.d.

<sup>60</sup> Torgal, Luis Reis, *História e Ideologia*, Coimbra, Minerva, 1989, p. 172.

las Casas do Povo, las Casas de Pescadores, los Sindicatos Nacionais, o la Fundação Nacional de Alegria no Trabalho (FNAT). Estas entidades organizaban diversas actividades culturales, lúdicas y educativas con un absoluto sesgo propagandístico, acogiendo en sus sedes conferencias de destacados políticos del Estado Novo, actuaciones del Cinema Popular Ambulante, del Teatro do Povo, entre otros.<sup>61</sup> Todos estos organismos fueron creados por medio de decretos-leyes elaborados de acuerdo con las bases de la Constitución por el gobierno, cuya aplicación fue inmediata.<sup>62</sup>

## 1.2. El SPN, un instrumento para “iluminar ao mundo”

El Secretariado de Propaganda Nacional (SPN) fue fundado bajo la dirección del periodista y escritor António Ferro<sup>63</sup> y la supervisión

---

<sup>61</sup> Paulo, Heloísa, *Estado Novo e Propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP*, Coimbra, Minerva, 1994, pp. 36-37.

<sup>62</sup> Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, *Legislação repressiva e anti-democrática no regime fascista*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, 1985.

<sup>63</sup> António Ferro (1895-1957) tuvo una trayectoria intelectual muy singular. Desde muy temprana edad manifestó sus dotes literarias y su afición por el periodismo. Se vinculó al movimiento modernista portugués. Fue editor de la revista *Orpheu* (1915) y publicó en esta primera etapa varias obras, como *Misal de Trovas* (1912) o *Cartas do Marinho* (1919), que era una colección de sus crónicas publicadas en *O Século*. Después de una estancia en Angola como miliciano, vuelve a Portugal con intención de participar en la vida política, adoptando postulados nacionalistas y a favor de la intervención del Estado en la cultura. En 1921, dirige la revista *Ilustração Portuguesa*, donde manifiesta sus principios políticos de carácter nacionalista. En 1922 se establece en Brasil, desde donde trabaja como crítico teatral del *Diário de Lisboa* y escribe su obra dramática *Mar Alto*. A su vuelta, en 1924, hace sonadas entrevistas a dictadores, militares e intelectuales nacionalistas europeos para *O Século* y el *Diário de Notícias*, entre ellos Benito Mussolini, Miguel Primo de Rivera, el mariscal Philippe Pétain, Gabriel d' Annuncio, o Georges Clémenceau, que fueron recogidas en su libro *Viagem à volta das Ditaduras*. Su obra política se extiende con *Prefácio à República Espanhola* (1933), en la que aporta una visión sobre la vida pública española a través de algunos de sus personajes más ilustres, como Marcelino Domingo, José Ortega y Gasset, Indalecio Indalecio Prieto o Miguel de Unamuno. Entonces Ferro ya se sentía identificado con el Estado Novo y, en 1932, publica una serie de entrevistas a Salazar en el *Diário de Notícias* recogidas en *Salazar.O Homem e a sua obra* (1933), que alcanzó numerosas ediciones en varios idiomas. En 1933, Ferro es nombrado director del Secretariado de Propaganda Nacional,

de Salazar el 25 de septiembre de 1933. Su objetivo era el de “iluminar” al mundo sobre el “caso portugués”, según la expresión del propio director del organismo.<sup>64</sup> Era un arma esencial de la política salazarista, “(...) *tanto mais que muitos portugueses sofrem o complexo de inferioridade de só acreditarem que fizeram alguma coisa quando os estrangeiros lho repetem, quando se sentem envaidecidos com os seus elogios (...)*” (cursiva en el original), decía Ferro.<sup>65</sup> O sea: que el SPN trataba de que los portugueses ganasen confianza en sí mismos y tuviesen orgullo de la obra patriótica del Estado Novo, de lo “nacional”, dentro de un proceso de renovación moral que el régimen llamó la “política do espírito”.<sup>66</sup>

Evidentemente, el peso específico que tenía el SPN dentro del régimen autoritario del Estado Novo lo obligó a jugar un papel primordial en el complicado panorama político nacional e internacional.<sup>67</sup>

---

por medio del que pone en práctica su proyecto intervencionista en el arte y la cultura portuguesa. En 1935, crea el *Cinema Popular Ambulante* y, poco después, el *Teatro do Povo*. Otras de sus obras: *A Fe e o Império* (1935), *Homens e Multidões* (1938), *A política do espírito e os prémios literários do SPN* (1935), etc. Léase a Acciaiuoli, Margarida, *António Ferro. A vertigem da palavra: Retórica, política e propaganda no Estado Novo*, Lisboa, Bizancio, 2013. Y también a: Raimundo, Orlando, *António Ferro. O Invenor do Salazarismo*. Lisboa: Dom Quixote, 2015; e Paulo, Heloísa, “Ferro, António Gabriel Quadros”, in Rosas, Fernando y Brito, J.M. Brandão (ccord.), *Dicionário de História do Estado Novo*, vol. I, Bertrand Editora, Lisboa, 1996, pp. 355-357. Más datos sobre la biografía de António Ferro en: Leal, Ernesto Castro, *António Ferro. Espaço Político e Imaginário Social (1918-1932)*, Edições Cosmos, Lisboa, 1994; Henriques, Raquel Pereira, *António Ferro. Estudo e Antologia*, Alfa (Testemunhos Contemporâneos), Lisboa, 1990; Castro, Fernanda de, *Ao Fim da Memória (1906-1897)*, II vols., Verbo, Lisboa, 1988; Oliveira, César, *A preparação do 28 de Maio. António Ferro e a propaganda do fascismo 1920-1926*, Lisboa, Moraes Editores, Pistas Passado/Presente, 1980.

<sup>64</sup> Ferro, António, *Dez Anos de Política do espírito (1933-1943). Discurso proferido no x aniversário do SPN*, Lisboa, Edições do SPN, 1943, p. 16.

<sup>65</sup> *Ibidem*.

<sup>66</sup> Véanse: Ramos de Ó, *Os Anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a política do espírito, 1933-1949*, Lisboa, Estampa, 1999; Pinto, Ruio Pedro, *Prémios do Espírito. Um estudo sobre os Prémios Literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo*, Lisboa, ICS, 2008.

<sup>67</sup> Para comprender el papel del SPN léase: Peña Rodríguez, Alberto, “Tudo Pela Nação, Nada Contra a Nação. Salazar, el Secretariado de Propaganda Nacional y la censura”, in *Hispania. Revista Española de Historia*, n.º 240, vol. LXII, 2012, pp. 183-210.

Su misión era *proteger* al gobierno dictatorial de las campañas de propaganda contrarias a su política y difundir su propia visión de la realidad para *crear* adeptos del régimen, así como popularizar los principios ideológicos y morales sobre los que asentaba el Estado autoritario portugués, en el molde de la denominada “política do espírito”.<sup>68</sup> El Secretariado de Propaganda Nacional dependía directamente de la Presidência do Conselho,<sup>69</sup> y, desde mayo de 1936, también la *Emissora Nacional* y la Direcção dos Serviços de Censura.<sup>70</sup>

En julio de 1936, el organismo que dirigía António Ferro llevaba casi tres años de funcionamiento con excelentes resultados. Además del patrocinio de diversos actos, premios o actividades de propaganda nacionalista, el SPN había conseguido que la prensa nacional y provincial diese un giro importante en su línea editorial. Cada vez eran menos las publicaciones que se atrevían a desafiar al gobierno con una posición crítica.<sup>71</sup> Para hacerse una idea del cambio radical que produjo el Secretariado de Propaganda Nacional en el panorama periodístico portugués, en un año, entre diciembre de 1933 y el mismo mes de 1934, se había aumentado en un 20% el porcentaje de periódicos provinciales favorables al Estado Novo.<sup>72</sup> Su estructura orgánica, por otra parte, estaba perfectamente definida<sup>73</sup> y poseía un

---

<sup>68</sup> Paulo, Heloisa, *Estado Novo e propaganda em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP, op. cit.*, pp. 73-137.

<sup>69</sup> AOS/ANTT, CO/PC-19, Pasta n.º 2, hojas n.º 12 y 13. “Bases para a organização do Secretariado de Propaganda Nacional” (1933). El primer artículo vincula al SPN a la Presidencia do Conselho y al Ministério dos Negócios Estrangeiros.

<sup>70</sup> AOS/ANTT, CO/OP-7, Pasta n.º 12, 2.ª subdivisión, hojas n.º 292-302. Bases reguladoras que justifican la nueva organización administrativa (sin denominación específica), 13/05/1936.

<sup>71</sup> AOS/ANTT, CO/PC-12, Pasta n.º 3, 4.ª subdivisión. “Relatório sobre o estado actual da Imprensa da provincia e plano de acção para uma propaganda metódica dos princípios políticos e sociais e realizações do Estado Novo”, (1933); idem, 6.ª subdivisión. “Esboço de um plan de propaganda”, 30/12/1933.

<sup>72</sup> *Idem*, hoja n.º 223.

<sup>73</sup> Según el Decreto-ley n.º 115 del 23 de noviembre de 1935, de reforma del Secretariado de Propaganda Nacional, los servicios del organismo se dividían en tres departamentos: Serviços Centrais, Serviços de Informação e Imprensa y Serviços Ex-

equipo de redactores<sup>74</sup> dentro de los llamados Serviços Informação e Imprensa que se ocupaban de *fabricar* noticias e informaciones varias que enviaban a los periódicos para su publicación mediante pago o imposición. El Jefe de esta sección, Artur Maciel, estuvo como aviador al servicio del ejército franquista durante la Guerra Civil de

---

teriores. La primera sección, según se hizo constar e en el artículo 2 del decreto-ley, tenía como competencias principales la expedición de correspondencia, el control de la contabilidad y la tesorería, la tramitación de documentación interna y el control del régimen y los trabajos de los funcionarios. La segunda sección tenía como misión regular las relaciones de la prensa con los poderes del Estado; supervisar las informaciones, conferencias o discursos que se transmitían por las emisoras radiofónicas, orientar y dirigir todas las acciones propagandísticas del gobierno nacional o internacionalmente, en colaboración con todos los organismos portugueses de propaganda existentes en el extranjero y, concretamente, las Casas de Portugal; editar y fomentar la edición de publicaciones sobre los logros del Estado Novo, “combater por todos os meios ao seu alcance a penetração no país de quaisquer ideas perturbadoras e dissolventes da unidade nacional” (parágrafo “g”); estimular la participación de los intelectuales en la política de propaganda nacional y difundir mundialmente la acción civilizadora de Portugal en sus colonias. En cuanto a los Serviços Exteriores, tenía como funciones la organización de propaganda a través del cine y el teatro, la producción de películas, la organización de manifestaciones nacionales, fiestas públicas y espectáculos, así como conferencias en centros de prestigio nacionales o extranjeros y establecer el intercambio de periodistas y escritores de renombre. Cada sección estaba dirigida por un Jefe de Servicio y el personal auxiliar era seleccionado directamente por el director. Todos los empleados del SPN tenían entrada libre en los espectáculos o reuniones públicas de cualquier naturaleza, así como en los estudios de las emisoras. Los teatros y cines, además, tenían la obligación de reservar un lugar de primera fila para un funcionario del organismo. Al mismo tiempo, las salas cinematográficas estaban obligadas a proyectar determinadas películas producidas por el SPN y las estaciones radiofónicas a difundir los comunicados oficiales. Véase: AOS/ANTT, CO/PC-12, Pasta n.º 10, hojas n.º 330-333.

<sup>74</sup> El equipo de redactores estaba dirigido por António Ferro y el subdirector António Eça de Queiroz, que se encargaban directamente de las actividades de los Serviços Exteriores. El Jefe de los Serviços Internos y de los Serviços de Informação e Imprensa era Artur Maciel; y el de los Serviços Internos José Alvellos. El número de funcionarios que trabajaban para el Secretariado de Propaganda Nacional eran varias decenas. Muchos tenían contratos de colaboración. En diciembre de 1936, formaban parte del equipo de redactores las siguientes personas: Jaime de Carvalho, Augusto Ferreira Gomes, Américo de Figueirêdo, Guilherme Pereira de Carvalho, Horácio de Castro Guimarães, Casimiro Afonso Alves, Armando Borges de Aguiar, Manuel Nunes Félix Ribeiro, António Ferreira, Alberto Eça de Queiroz, António Stubbs de Lacerda, Gastão Faria de Bettencourt, Joaquim Marques Martinho, Manuel Falcón, Francisco Xavier de Avillez, Lobo de Almeida Melo de Castro, Alberto Quintáns de Abreu, José Marques Rodrigues, entre otros. Cf.: AOS/ANTT, CO/PC-19, Pasta n.º 8, 12.ª subdivisión. “Quadro do pessoal auxiliar do Secretariado de Propaganda Nacional e respectiva lista de antiguidades, referida a 31 de Dezembro de 1936, a publicar no Diário de Governo de harmonia com o preceituado no art. 26.º do decreto n.º 19478, de 18 de Março de 1931.”

España.<sup>75</sup> En este departamento, “(...) cada redactor”, rezaba el decreto sobre el funcionamiento del SPN, “(...) tomará a seu cargo os jornais que lhe forem indicados e, independentemente do estabelecimento de directrizes e informações de carácter geral, fornecerão artigos, sueltos e noticias que a sua observação lhes mostrar convenientes para elevar o valor político dêsses jornais (...)”.<sup>76</sup> Si los periódicos no se avenían a publicar las informaciones enviadas o adoptaban una postura contraria a la situación, se ponían en marcha otros procedimientos más expeditivos a través de la Direcção Geral da Censura, al que los redactores debían remitir los informes oportunos, o se empleaban otros mecanismos más convencionales del Ministério de Justiça.<sup>77</sup>

El SPN dependía orgánicamente de la Presidência do Conselho al igual que la *Emissora Nacional*, o sea de Oliveira Salazar, quien transmitía consignas y establecía la estrategia ideológica y política de la institución.<sup>78</sup> Con la autorización del dictador portugués, la Censura y el SPN establecieron, a partir de junio de 1935, un “serviço directo de informações”, por medio del cual ambas instituciones se intercambiaban sus boletines internos y otros datos de interés para desarrollar más eficazmente sus tareas respectivas, que se hicieron así complementarias.<sup>79</sup> Con la aprobación de Salazar, el aparato de propaganda del Estado Novo pasó a enviar a la Direcção Geral da Censura su *Boletim da Imprensa*, donde se recogían las tendencias editoriales de los periódicos nacionales, provinciales y de los archipiélagos de Madeira y Azores, así como una circular especial perió-

---

<sup>75</sup> *A Voz*, n.º 3702, 15/06/1937, pp. 1 y 6.

<sup>76</sup> AOS/ANTT, CO/PC-12, Pasta n.º 3, 7.ª subdivisión. “Plano de acção” del SPN (1934?).

<sup>77</sup> *Ibidem*.

<sup>78</sup> Franco, Graça, *op. cit.*, p. 108.

<sup>79</sup> AOS/ANTT, CO/PC-12 A, Pasta n.º 7, 1.ª subdivisión, hojas n.º 280-283. Oficio confidencial s/n del Chefe de los Serviços Internos al Presidente do Conselho, 12/06/1935

dica con informaciones confidenciales relacionadas con la “formação mental” de los periodistas de cada medio.<sup>80</sup> Por su parte, los Serviços de Censura remitían al SPN sus boletines semanales sobre los cortes realizados para registrar y actuar en consecuencia sobre las actitudes *reviralbistas* de la prensa.<sup>81</sup> Este trabajo coordinado se extendió también al partido único del régimen, la União Nacional, que estableció una “íntima colaboraçãõ” con el organismo encabezado por António Ferro.<sup>82</sup> Esto afectó especialmente al órgano del partido, el *Diário da Manhã*, que quedaba subordinado “(...) às directrizes que lhe forem dadas por intermédio do Secretariado de Propaganda Nacional (...)”.<sup>83</sup> Para llevar a cabo los trabajos de propaganda de estas instituciones había financiación suficiente para garantizar el éxito de cualquier campaña. El presupuesto anual establecido por el Ministério do Interior para 1936 ascendía a la cantidad de 1.800.000 escudos repartidos de la siguiente manera: *Diário da Manhã*, 912.000; Serviços de Censura, 465.000; União Nacional, 360.000; Gabinete del ministro, 60.000; Liga 28 de Maio, 24.000; Imprevistos, 38.400.<sup>84</sup>

El SPN, además de ejercer un control directo sobre la prensa y la radio, puso en marcha la producción de decenas de documentales sobre el Estado Novo,<sup>85</sup> a partir de 1938 encuadrados dentro del *Jornal Português*,<sup>86</sup> así como el largometraje *A Revolução de Maio*,

---

<sup>80</sup> *Ibidem*.

<sup>81</sup> *Ibidem*.

<sup>82</sup> AOS/ANTT, CO/PC-12A, Pasta n.º 7, 1.ª subdivisión, hoja n.º 284. Minuta del Presidente do Conselho al Presidente de la Comissão Executiva de la União Nacional, s.d. (1935).

<sup>83</sup> *Ibidem*.

<sup>84</sup> AOS/ANTT, CO/IN-6, Pasta n.º 5, 1.ª subdivisión, hojas n.º 258-260. “Despesas reservadas de publicidade e propaganda”. Desglose elaborado con carácter confidencial por el ministro del Interior, 03/04/1936.

<sup>85</sup> Matos-Cruz, José de, *Prontuário do Cinema Português (1896-1989)*, Lisboa, Edição da Cinemateca Portuguesa, 1989.

<sup>86</sup> Pena Rodríguez, Alberto: “El icono cinematográfico del Estado Novo salazarista: *A Revolução de Maio* (1937)”, in *Historia y Comunicación Social*, vol. 14, Madrid, Servicio de Publicaciones de la Universidad Complutense de Madrid, pp. 295-312. Véase

que fue una especie de testamento cinematográfico sobre la obra de Salazar.<sup>87</sup> El *Cinema Popular Ambulante*, el *Teatro do Povo*, los Prémios Literários, o el patrocinio de publicaciones periódicas, libros y folletos de carácter salazarista o en defensa de la dictadura, como *O Decálogo do Estado Novo*, reproducían y fundamentaban el discurso político del régimen.<sup>88</sup>

La censura previa estaba completamente legislada e institucionalizada en Portugal cuando estalló la Guerra Civil española.<sup>89</sup> En mayo y septiembre de 1936, el gobierno de Salazar endureció aún más la censura previa con dos decretos especialmente restrictivos para la libertad de prensa, que eran la puntilla a la libertad de expresión, ya de sobra restringida desde la instauración de la dictadura en Portugal.<sup>90</sup> El primero prohibía la fundación de nuevas publicaciones sin el reconocimiento oficial de la “idoneidade intelectual e moral” de los propietarios y directores, así como la difusión en Portugal de

---

también: Piçarra, Maria do Carmo, *Salazar vai ao Cinema. O Jornal Português de Actualidades filmadas*, Coimbra, MinervaCoimbra, 2006; y de la misma autora: *Azuis Ultramarinos: propaganda colonial e censura no cinema do Estado Novo*, Lisboa, Edições 70, 2015.

<sup>87</sup> Paulo, Heloisa, *Estado Novo...*, *op. cit.*, p. 112 y ss.

<sup>88</sup> *Idem*, pp. 81-88.

<sup>89</sup> Sobre la legislación de la censura en Portugal véanse: Carvalho, Alberto Arons de, *A censura e as leis de imprensa*, Lisboa, Seara Nova, 1937; *idem* y Cardoso, A. Monteiro, *Da liberdade de Imprensa*, Lisboa, Editora Meridiano, 1971; Lopes, Norberto, *Vísado pela Censura. A Imprensa-Figuras-Evocações-Da Ditadura à Democracia*, Lisboa, Editorial Aster, 1975; Príncipe, César, *Os Segredos da Censura*, Lisboa, Editorial Caminho, Coleção “Nosso Mundo”, 1979; Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, *A Política de Informação no Regime Fascista*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, II vols., 1980; Luz, Diniz da, *Coisas da Censura e um artigo para “inquietar” toda a gente*, Angra do Heroísmo, União Gráfica Agrense, 1979; Pardal, Ulisses Vaz, *Tempos da Censura à Imprensa*, Fundação, Jornal do Fundão, 1978; Rodrigues, Graça Almeida, *Breve História da Censura literária em Portugal*, Lisboa, Instituto da Cultura Portuguesa, 1980; Silva, Rola da, *A Censura: consequências marginais*, Luanda, Neográfica, 1969; Pena Rodríguez, Alberto, “A comunicación social en Portugal: da censura salazarista á revolución mediática (1928-1995)”, in *Comunicación na Periferia Atlántica*, Facultad de Cc. da Información, Santiago de Compostela, 1996; Barata, José Fernando Nunes, “Evolução histórica da censura”, in *Informação*, Cultura Popular, Turismo, Lisboa, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, 1970, n.º 4, vol. 1, pp 37-61. Entre otros.

<sup>90</sup> Franco, Graça, *op. cit.*, pp. 65 y ss.

prensa extranjera con contenidos prohibidos para los medios de comunicación nacionales.<sup>91</sup> El decreto de septiembre obligaba a todos los funcionarios, el juramento por escrito de aceptación del orden social establecido por la Constitución salazarista de 1933, con el expreso rechazo del comunismo y cualquier movimiento subversivo.<sup>92</sup> A partir de entonces era difícil encontrar un periódico que no apareciera adornado con la frase represora “Visado pela Comissão da Censura”.<sup>93</sup> Además, como apunta Graça Franco, existían otras medidas que tenían por objetivo silenciar a la prensa por medio de la quiebra forzada de la empresa editora.<sup>94</sup> Salazar tuvo, desde un principio, muy clara cuál debía ser la función de la censura dentro del Estado Novo, tal y como expuso a António Ferro, al que propone la creación de un colegio de periodistas para solucionar los problemas de los informadores con la Censura:

“(…) Não há nada que o homem considere mais sagrado que o seu pensamento e do que a expressão do seu pensamento. Vou mais longe: chego a concordar que a censura é uma instituição defeituosa, injusta, por vezes sujeita ao livre arbítrio dos censores, às variantes do seu temperamento, às consequências do seu mau humor. Uma digestão laboriosa, uma simples discussão familiar, podem influir, por exemplo, no corte intempestivo duma notícia ou da passagem dum artigo. Eu próprio já fui em tempos vítima da censura e confesso-lhe que me magoei, que me irritei, que cheguei a ter pensamentos revolucionários... (...). Ora o jornal é o alimento espiritual do povo e deve ser fiscalizado como todos

---

<sup>91</sup> Decreto-ley n.º 26589 del 14 de mayo de 1936.

<sup>92</sup> Decreto-ley n.º 27003, del 14 de septiembre de 1936.

<sup>93</sup> Do Ó, Jorge Ramos, “Salazarismo e Cultura”, in Serrão, Joel, y Marques, A. H. de Oliveira (directores), *Portugal e o Estado Novo (1930-1960)*, vol. XII de *Nova História de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, pp. 440-443.

<sup>94</sup> Franco, Graça, *op. cit.*, p. 113.

os alimentos. Comprendo que essa fiscalização irrite os jornalistas, porque não é feita por eles, porque se entrega esse policiamento à censura que também pode ser apaixonada, por ser humana, e que significará, sempre, para quem escreve, opressão e despotismo. Mas vou oferecer-lhes uma solução para este problema (...): porque não se cria uma Ordem dos Jornalistas como se criou uma Ordem dos Advogados? (...).”<sup>95</sup>

La prensa se había convertido en un estamento poderoso que, necesariamente, debía estar controlada por el gobierno y servir a éste para conducir los destinos del país. Era la plataforma divulgadora de la cultura nacional y la creadora de estados de opinión que, si no estaban debidamente inspirados, podían obstaculizar la labor “constructiva” del Estado Novo.<sup>96</sup> Así percibía el gobierno salazarista a los medios de comunicación. En palabras del diario *A Voz*: “(...) Salazar quiere fazer da imprensa um poderoso elemento do progresso nacional, ao serviço do Bem da Nação (...)”.<sup>97</sup> En este contexto, los informadores no podían trabajar al margen de la política informativa del gobierno. Indefectiblemente, tenían que incorporarse y formar parte de las estructuras corporativas del país. Según el criterio del ministro do Interior, Mário Pais de Sousa: “(...) A missão do jornalista é cheia de nobreza e responsabilidade. É uma arma que só deve servir á verdade. Quando transgride a norma que a deve orientar no serviço da verdade e da Nação, frustra a sua missão e torna-se um elemento altamente daninho (...)”.<sup>98</sup> Desde este punto de vista, es lógico que los órganos salazaristas considerasen la libertad de prensa como un

---

<sup>95</sup> Ferro, António, *Salazar, op. cit.*, pp. 93-95.

<sup>96</sup> Para un estudio comparado de la propaganda en los regímenes fascistas, veáse: Pena-Rodríguez, Alberto y Heloisa Paulo (coords.), *A Cultura do Poder. A Propaganda nos Estados Autoritários*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.

<sup>97</sup> *A Voz*, n.º 3698, 11/06/1937, p. 1.

<sup>98</sup> *Ibidem*.

elemento nocivo para el país: “A liberdade de Imprensa é dos pretextos mais frequentes e mais clamorosos para discursatas liberais e subversivas (...), señalaba *A Voz*.”<sup>99</sup> Para controlar mejor la actividad de los periodistas portugueses, el 26 de febrero de 1934 se fundó el Sindicato dos Jornalistas con 300 socios.<sup>100</sup> Sus funciones eran complementadas por el Grémio da Imprensa Diária, integrado dentro del régimen corporativo de acuerdo con el artículo 23 de la Constitución de 1933, en el que se dice que “(...) a Imprensa exerce, uma função de carácter público, por virtude da qual não poderá recusar, em assuntos de interesse nacional, a inserção de notas officiosas de dimensões comuns que lhe sejam enviadas pelo Govêrno”.<sup>101</sup> El principal objetivo del Grémio da Imprensa Diária era velar por el ejercicio profesional del periodismo dentro del orden político y social establecido por el Estado Novo. Los fundadores del Grémio fueron los directores y propietarios de los más importantes diarios portugueses.<sup>102</sup> Entre 1932 y 1936, se silenciaron todos aquellos periódicos que, fuera cual fuera su ideología, no acataban los fundamentos ideológicos de la dictadura.<sup>103</sup>

Además, el aparato de propaganda del Estado Novo se completó con la creación de la *Emissora Nacional (EN)*. Salazar fue el encar-

<sup>99</sup> *Idem*, n.º 3610, 13/03/1937, p. 1.

<sup>100</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2049, 01/01/1937, p. 17.

<sup>101</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2009, 20/11/1936, p. 1. Sobre la Constitución del Estado Novo, véase: Caetano, Marcelo, *Constituições Portuguesas*, Lisboa, 6.ª edición, 1986.

<sup>102</sup> Los fundadores eran los siguientes: de *O Jornal do Comércio e das Colónias*, Deniz Bordalo Pinheiro; del *Comércio do Porto*, Seara Cardoso; del *Diário de Notícias*, Caetano Beirão da Veiga; de *O Primeiro de Janeiro*, Ernesto Canavarró; de *O Século*, João Pereira da Rosa; por el *Novidades* y el *Diário do Minho* (ambos periódicos pertenecían a la Iglesia Católica), el padre Pais de Figueiredo; por el *Jornal de Notícias*, Guilherme Pacheco; por el *República*, Carvalhão Duarte; António Joaquim Marques por *A Voz*; el *Diário de Lisboa* estaba representado por Pedro Bordalo Pinheiro, el *Correio do Minho* por Silva Dias, y el *Diário da Manhã* por Mira da Silva. Beirão da Veiga fue elegido nuevo presidente el 10 de noviembre de 1936. Cf.: *Diário da Manhã*, n.º 2009, 20/11/1936, p. 1.

<sup>103</sup> Rosas, Fernando, y Brandão de Brito, J.M., *Dicionário de História do Estado Novo*, Lisboa, Bertrand, vol. 1, 1996, pp. 139-140.

gado de apadrinar e inaugurar la estación radiofónica estatal el 9 de diciembre de 1934. Desde la sede de la União Nacional en Lisboa, el dictador luso profirió su primer discurso radiofónico en directo. Aunque ya desde abril de 1934 la *EN* hacía emisiones experimentales.<sup>104</sup> Las emisiones regulares de la *EN*, sin embargo, no comenzaron hasta el primero de agosto de 1935, bajo la administración del Ministério de Obras Públicas e Comunicações de Duarte Pacheco y la dirección de Henrique Galvão.<sup>105</sup> Al principio de la Guerra Civil española, la potencia de la *EN* no sobrepasaba los 5 Kw. Pero durante el conflicto fue incrementando su alcance para hacer propaganda anti-comunista y a favor de los fascistas españoles. En 1939, su potencia ya alcanzaba los 20 Kw., que le permitieron realizar transmisiones intercontinentales de gran calidad. Su sede principal estaba en la calle de Queluz (Lisboa), en un edificio que concentraba unas modernas instalaciones. Poseía unidad móvil y un auditorio para orquestas. Fue una de las radios europeas pioneras en la instalación del control de sonido automático, con tres mesas de control técnico que permitían a realización de tres programas distintos al mismo tiempo.<sup>106</sup>

No solamente las instituciones y medios citados eran los únicos instrumentos de propaganda que tenía el Estado Novo para extender y afianzar su ideología o sus intereses políticos. Gracias a esta poderosa estructura, cuyos pilares fundamentales eran el Secretariado de Propaganda Nacional y los Serviços de Censura, el gobierno luso

---

<sup>104</sup> *Radio Nacional*, año II, n.º 22, 09/04/1939, p. 5; Idem, año II, n.º 29, 28/05/1939, pp. 10-13. Véase también: Abreu, Maria Filomena, "A rádio portuguesa e a Guerra Civil de Espanha", in revista *História*, ano xvii (nova série), n.º 11/12, agosto/septiembre 1995, p. 48; Maia, Matos, *Telefonia*, Lisboa, Círculo de Leitores, 1995, pp. 100-106; Tavares, Silva, *Emissora Nacional. Três anos de trabalhos, 1 de Agosto de 1935-1 de Agosto de 1938*, Lisboa, 1938; Ferro, António, *Problemas da Rádio (1933-1943)*, Edições SPN, Lisboa, 1943.

<sup>105</sup> *Radio Nacional*, año II, n.º 22, 09/04/1939, p. 5.

<sup>106</sup> Cf. Ribeiro, Nelson, *A Emissora Nacional nos Primeiros Anos do Estado Novo (1933-1945)*, Lisboa, Quimera, 2005.

pudo controlar la comunicación social de Portugal en la más amplia extensión del término. Tanto la prensa provincial como los grandes diarios se vieron abocados a seguir las pautas ideológicas del régimen si no querían desaparecer. Las grandes empresas periodísticas del país, como la Sociedade Nacional de Tipografia, que editaba *O Século* y *O Século Ilustrado*, la Empresa Nacional de Publicidade, propietaria del *Diário de Notícias*, así como el periódico del monárquico y católico Fernando de Souza, *A Voz*, el *Diário de Lisboa* dirigido por Joaquim Manso, el diario de la Iglesia Católica, *Novidades*, y los tres buques insignia de la prensa de Porto, el *Comércio do Porto*, o *Primeiro de Janeiro* y el *Jornal de Notícias* se alinearon con el discurso salazarista. Tan sólo el diario *República* soportó estoicamente los cortes de la censura sin aceptar el discurso oficial del Estado Novo. El *República* se convirtió así en una especie de válvula de escape que utilizaba el régimen para legitimarse frente al movimiento opositor.

### 1.3. Las complejas relaciones peninsulares (1931-1936)

Durante largas etapas del siglo xx, Portugal y España vivieron una especie de guerra fría alimentada por un sentimiento de desinterés e ignorancia mutua.<sup>107</sup> César Oliveira<sup>108</sup> e Hipólito de la Torre Gómez,<sup>109</sup>

---

<sup>107</sup> De la Torre Gómez, Hipólito, Prefácio in Jiménez Redondo, Juan Carlos, *Franco e Salazar. As Relações Luso-Espanholas durante a Guerra Fria*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1996, pp. 13 y ss.

<sup>108</sup> Oliveira, César, *Portugal e a II República de Espanha (1931-1936)*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s.f. (1985); *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Edições O Jornal, 2.ª edición, 1988; *Cem Anos nas Relações Luso-Espanholas. Política e Economia*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995.

<sup>109</sup> Entre las obras de Hipólito de la Torre Gómez, pueden leerse: *La relación peninsular en la antecámara de la Guerra Civil (1931-1936)*, Mérida, Uned, s.d. (1988); *Antagonismo y fractura peninsular. España-Portugal (1910-1919)*, Madrid, Espasa-Calpe, 1983; *Do perigo espanhol à amizade peninsular. Espanha-Portugal (1919-1930)*, Lisboa, 1985; con Josep Sánchez Cevelló, *Portugal en el siglo xx*, Madrid, Istmo, 1992, entre otras.

entre otros autores,<sup>110</sup> han estudiado estos años y han conseguido aclarar muchas incógnitas sobre la historia de las complicadas relaciones ibéricas, creando un corpus bibliográfico importante que sirve como base para adentrarse en el estudio de cuestiones más específicas como puede ser este trabajo. Ambos historiadores están básicamente de acuerdo en que, en el primer tercio de siglo, el iberismo adquiere una nueva dimensión, con un significado más peyorativo para el nacionalismo portugués,<sup>111</sup> en parte influenciado por los temores, muchas veces infundados, del denominado “perigo espanhol”, al que se identificaba con el imperialismo español y un iberismo subyugador para Portugal. La “fractura peninsular” se fue abriendo cada vez más hasta llegar a las posiciones antagónicas que defendieron, con distinta intensidad en la primera mitad de los años treinta, a un lado la dictadura portuguesa y, al otro, la democracia republicana española.<sup>112</sup> En el período que va de la proclamación de la IIª República en España, el 14 de abril de 1931, hasta el estallido de la Guerra Civil, el 18 de julio de 1936, el distanciamiento entre las dos naciones peninsulares se debe más a un problema de regímenes opuestos que a una cuestión de talante popular. Esta etapa aparece marcada por dos momentos perfectamente diferenciados en las relaciones luso-españolas. La que va de abril de 1931 a octubre de 1933, con rumbos políticos totalmente divergentes y polarizados en ambos países. Y la que se inicia entonces y que transcurre hasta febrero de 1936, durante un gobierno español conservador, que

---

<sup>110</sup> Véanse las siguientes referencias bibliográficas: Pena Rodríguez, Alberto, *O Que Parece É. Salazar, Franco e a Propaganda contra a Espanha Democrática*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2009; Loff, Manuel, *O Nosso Século é Fascista. o Mundo Visto por Salazar e Franco (1936-1945)*, Oporto, Campo das Letras, 2008; Oliveira, Luis, *Guerra Civil de Espanha: Intervenção e Não Intervenção*, Lisboa, Prefácio, 2008.

<sup>111</sup> Torre Gómez, Hipólito de la, “Las relaciones hispano-portuguesas. Una aproximación histórica e historiográfica”, in *Bulletin d’Histoire de l’Espagne*, n.º 7, 1988, pp. 40-53; Delgado, Iva, *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Publicações Europa-América, s.f. (1980).

<sup>112</sup> *Idem*, *Antagonismo y fractura peninsular. España-Portugal (1910-1919)*, op. cit.

intenta tender puentes entre las dos naciones con incipientes proyectos en común.<sup>113</sup> Tras la victoria del Frente Popular en las elecciones del 16 de febrero de 1936, las relaciones peninsulares sufrieron un progresivo desgaste y deterioro debido, en gran medida, a la incompatibilidad de los dos sistemas políticos peninsulares. En España, se instauró un gobierno progresista nacido de la victoria electoral de los partidos de izquierdas coaligados dentro de un régimen democrático y republicano con pluralidad ideológica y partidista. Portugal, en cambio, estaba en proceso de consolidación de un régimen autoritario, anti-democrático y anti-liberal, fundado sobre las bases de un golpe militar, ideado por un líder carismático y profundamente nacionalista que defendía valores políticos inspirados en el corporativismo fascista de Italia.

Cuando la soberanía popular decide poner fin a la monarquía de Alfonso XIII en España tras la dictadura de Primo de Rivera, el gobierno portugués estaba todavía apagando los rescoldos de la revuelta emprendida el 4 de abril de 1931 por algunas guarniciones militares y grupos de civiles republicanos en los archipiélagos atlánticos de Madeira y Azores, que se extendería el 13 de abril también a Bolama, en la colonia de Guiné-Bissau.<sup>114</sup> La intención principal de los revolucionarios era reivindicar la vuelta a la normalidad constitucional en el país, dirigido por el general Domingo de Oliveira como Presidente do Conselho.<sup>115</sup> Esta fue una seria advertencia para la dictadura lusa, consciente del peligro que representaba la instauración de la II República en España, no sólo por las influencias indirectas que podía tener sobre el latente movimiento republicano portugués, sino

---

<sup>113</sup> Torre Gómez, Hipólito, *La relación peninsular en la antecámara de la Guerra Civil (1931-1936)*, op. cit.; y Oliveira, César, *Cem Anos nas Relações Luso-Espanholas. Política e Economia*, op. cit., pp. 31-43.

<sup>114</sup> Ferreira, José Medeiros, *Um Século de Problemas. As Relações Luso-Espanholas: Da União Ibérica à Comunidade Europeia*, Lisboa, Livros Horizonte, 1989.

<sup>115</sup> Soares, João (compil.), *A Revolta da Madeira, Açores e Guiné, 4 de Abril a 2 de Maio de 1931. Documentos*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1979, p. 23.

también por la conspiración de los propios exiliados en territorio español y Francia. El gobierno militar luso sabía que el último presidente de la República portuguesa, Afonso Costa, y los miembros de la llamada “Liga de París”<sup>116</sup> colaboraban con miembros del gobierno español.<sup>117</sup> El cambio de régimen en España no pasó inadvertido para la prensa portuguesa, que critica sin ambages el cambio político en España. Prácticamente, todos los diarios lusos desencadenaron una guerra larvada de titulares contra la II República. César Oliveira hace un análisis bastante exhaustivo de la actitud de los diarios nacionales portugueses en este período, encontrando una sorprendente coincidencia entre el discurso político de Oliveira Salazar y los comentarios periodísticos de los medios de comunicación sobre este tema.<sup>118</sup> *A Voz*, el *Diário da Manhã* y *O Século* fueron los *artilheiros* principales de la propaganda salazarista en esta cuestión. Una vez más, el *República* predicaba en el desierto en coherencia con su forma de interpretar lo que ocurría en España, plasmando en la portada del 14 de abril de 1931 un “Viva a República Espanhola” y procurando hacer propaganda del sistema democrático español hasta el límite de lo permitido.<sup>119</sup> Hubo tres temas centrales en la propaganda del Estado Novo para justificar su aversión a la II República y avivar el anti-españolismo en la opinión pública portuguesa. El primer *leit-motiv* que movía el engranaje de la demagogia de la dictadura contra el régimen español era el riesgo de la “União Ibérica”, que según los relatos de la prensa portuguesa, era una consecuencia *lógica* de la voluntad anexionista de un gobierno español aliado de los “traidores” emigrados políticos portugueses. En segundo lugar, el sistema español era tachado de anárquico e inseguro.

---

<sup>116</sup> Marques, A.H. Oliveira, *A Liga de Paris e a Ditadura Militar (1927-1928)*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1976.

<sup>117</sup> Oliveira, César, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, *op. cit.*, p. 75 y ss.

<sup>118</sup> Oliveira, César, *Portugal e a II República de Espanha (1931-1936)*, *op. cit.*, p. 100.

<sup>119</sup> *Idem*, p. 105.

Y en tercer lugar, la existencia de una supuesta trama masónica internacional en la que estaba integrado el gobierno español.<sup>120</sup>

La agresividad de la propaganda de Portugal contra España era un poco exagerada. Pero lo cierto es que la II República tampoco tenía ninguna simpatía por el rumbo que estaba tomando la situación política del país vecino. Asimismo, la prensa española no fue precisamente un actor mudo y neutral en la aguda tensión que separaba a los dos Estados, aunque la censura era mucho más restrictiva del lado portugués. En España existían, de hecho, periódicos como el *ABC*, *La Nación* o *El Debate*, que apoyaban abiertamente a Salazar.<sup>121</sup> Además, el gobierno español presidido por Azaña le regaló una ocasión de oro a Portugal para otorgarle veracidad a los argumentos de su propaganda. Se supo que Manuel Azaña e Indalecio Prieto negociaron con los exiliados portugueses Jaime Cortezão, Bernardino Machado y Moura Pinto una operación para tratar de derribar la dictadura portuguesa, lo que provocó la reacción mediática salazarista cuando se descubrió la trama contra el gobierno del Estado Novo.<sup>122</sup> El triunfo de la coalición entre la Confederación de Derechas Autónomas (CEDA) de José M. Gil Robles y el Partido Radical de Alejandro Lerroux el 19 de noviembre de 1933 fue una pomada para las tensas relaciones peninsulares. A partir de entonces ambos gobiernos ibéricos se serenaron y comenzaron a cultivar una amistad que aplacó las animosidades de las respectivas prensas. El Secretariado de Propaganda Nacional invitó incluso a varios intelectuales españoles, como Ramiro de Maeztu, Wencesalo Fernández Flórez, Miguel de Unamuno y el Marqués de Quintanar, a visitar, en junio

---

<sup>120</sup> *Idem*, pp. 82-83.

<sup>121</sup> Torre Gómez, Hipólito de la, *La relación peninsular en la antecámara de la Guerra Civil (1931-1936)*, op. cit., pp. 129-198. De la Torre Gómez aporta un apéndice documental en su libro muy concluyente sobre la guerra de propaganda entre los dos Estados peninsulares.

<sup>122</sup> *Idem*, p. 85-100.

de 1935, el Portugal de Salazar junto con otros intelectuales europeos de prestigio, dentro de lo que António Ferro llamó la “Embaixada Cultural”. Entre las personalidades invitadas de otros países se encontraban Maurice Maeterlinck, Gabriela Mistral, François Mauriac, Jacques Maritain, entre otros.<sup>123</sup> La invitación de los intelectuales españoles era, en cierto sentido, un gesto conciliador. Los escritores que aceptaron viajar a Portugal eran mayoritariamente de ideología conservadora, como Ramiro de Maeztu, el Marqués de Quintanar y Wenceslao Fernández Flórez, además de Miguel de Unamuno. Esta fue una acción diplomática muy mediática, en medio de otros muchos actos de aproximación con carácter oficial entre el Estado Novo y la IIª República, como la visita a España del ministro de Asuntos Exteriores portugués, Armindo Monteiro. Esta se produjo a mediados de octubre de 1935, tras unas sorprendentes declaraciones del ministro de Estado español, Alejandro Lerroux, en las que apoyaba la política colonial portuguesa.<sup>124</sup> Todo esto dejaba traslucir un nuevo orden peninsular que los medios de comunicación reflejaron en sus columnas con un discurso periodístico más tolerante.<sup>125</sup>

Pero las elecciones de febrero de 1936 en España truncaron de nuevo este acercamiento con la formación de un gobierno del Frente Popular, después de que los periódicos portugueses hiciesen su particular campaña a favor de la CEDA.<sup>126</sup> Las relaciones peninsulares volvieron a la guerra de propaganda. A medida que el gobierno portugués fue comprendiendo que era imposible la reconciliación, intentó convencer, por todos los medios, a su aliado inglés de la gravedad del momento, en el que Portugal se sentía una víctima de las

---

<sup>123</sup> Medina, João, *Salazar em França*, Lisboa, Ática, 1977, p. 20.

<sup>124</sup> Oliveira, César, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, op. cit., pp. 102-104.

<sup>125</sup> *Idem*, p. 100-106.

<sup>126</sup> Torre Gómez, Hipólito de la, *La relación peninsular en la antecámara de la Guerra Civil (1936-1939)*, op. cit., pp. 103-123.

“ideias anexionistas ou federalistas ibéricas” del gobierno español.<sup>127</sup> Manuel Azaña solicitaba, el 5 de marzo de 1936, al embajador portugués en Madrid, el fin de los ataques de la prensa portuguesa. Todo parecía que iba a calmarse cuando Azaña y el embajador portugués, Riba Tâmega, se comprometieron a evitar más desencuentros. Sin embargo, el gesto diplomático de ambas partes vulneró la más elemental cortesía para convertirse en un meditado gesto de hipocresía. Porque, el 18 de marzo, Riba Tâmega informa a Salazar de nuevos contactos entre Azaña y los exiliados portugueses para planear una “revolución” en Portugal.<sup>128</sup> El confidente que le transmitía esta información, probablemente de forma alarmista e interesada, era el Conde de Romanones, que volvió a insistir en esos contactos, advirtiéndole que el gobierno español estaba preparando un cambio político en Portugal mediante el apoyo a los opositores portugueses en Madrid.<sup>129</sup> Al margen de la veracidad de aquellas confidencias, este tipo de informaciones resultaban muy creíbles para el gobierno portugués, sensible a cualquier entendimiento entre los emigrados políticos portugueses y Manuel Azaña, por lo que reaccionaba ante ellas sacando la *couraça* anti-española y apuntando hacia Madrid con toda su artillería propagandística. La conocida como “grande imprensa” de Portugal (los diarios nacionales) desencadenó una guerra informativa contra el Estado español. El órgano del partido único del Estado Novo, el *Diário da Manhã*, el diario *O Século*, el *Diário de Notícias*, el *Diário de Lisboa*, los católicos *A Voz y Novidades*, y

---

<sup>127</sup> AOS/ANTT, CO/NE-B, Pasta 1, 95.<sup>a</sup> subdivisión, hoja n.º 289. Telegrama n.º 41 del embajador portugués en Londres al Secretário Geral del Ministério dos Negócios Estrangeiros, 21/03/1936; *Dez Anos de Política Externa. A Nação Portuguesa e a Segunda Guerra mundial (1936-1947)*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1964, documento n.º 66, p. 49. Telegrama n.º 48 del Secretário Geral dos Negócios Estrangeiros al encargado de Negocios de Portugal en Londres, 29/07/1936.

<sup>128</sup> *Idem*, 96.<sup>a</sup> subdivisión, hoja n.º 295. Telegrama n.º 45 del embajador portugués en Madrid a Oliveira Salazar, 18/03/1936. Estas circunstancias son citadas también por César Oliveira, aunque utiliza otras fuentes.

<sup>129</sup> *Idem*, hoja n.º 297. Telegrama s/n, 20/03/1936.

las cabeceras de Porto, *Jornal de Notícias*, *O Primeiro de Janeiro* y *Comércio do Porto*, participaron de la campaña contra la II República con estilos y tonos de protesta diferentes. El diario *República* de Ribeiro de Carvalho, era el único eco, controlado, de disidencia respecto a la propaganda oficial del gobierno portugués, adoptando en ocasiones una postura de simpatía hacia el republicanismo español.

En mayo de 1936, el cruce de noticias y comentarios periodísticos de sesgo claramente difamatorio alcanzó su punto más crítico. En las zonas fronterizas, donde la prensa de los respectivos países se leía y se distribuía, no sin algunas restricciones, y el interés informativo por las noticias del país vecino eran mayores, los hechos se precipitan. El diario de Badajoz *Vanguardia* publica el 24 de mayo, de forma muy destacada, un manifiesto contra “las infamias de la prensa portuguesa” que acompaña a un furibundo editorial contra el gobierno del país vecino.<sup>130</sup> El periódico español mostraba su indignación por el comentario de un editorial de *O Século* en el que se decía que “los efectos de las últimas elecciones legislativas españolas se traducen, entre otras cosas, en bárbaros asesinatos con exposición de los cadáveres de las víctimas colgados de las verjas de sus mismas fincas”.<sup>131</sup> El *Vanguardia* responde de forma amenazadora a este ofensivo comentario:

“(…) A nosotros, como a todo buen español, nos causa justa indignación la serie de patrañas que están lanzando a la publicidad ciertos periódicos, que precisamente por ser extranjeros debieran tener más respeto para con España. La noticia que publica este diario (*O Século*), como aquella otra que se publicó anteriormente sobre la quema de la Catedral de Badajoz, es completamente falsa.

---

<sup>130</sup> AHD/MNE, 3.º P, A 1, M 447, Porceso n.º 96. Anexo al oficio n.º 41/36-A del cónsul de Portugal en Badajoz al ministro de Negócios Estrangeiros. *Vanguardia. Diario Republicano de Izquierdas*, 24/05/1936.

<sup>131</sup> *Ibidem*.

Pero no son falsas, en cambio, las informaciones verídicas que nosotros poseemos sobre muchas de las cosas que están ocurriendo en Portugal. Somos más prudentes y más respetuosos que ellos, y por tratarse de un país extranjero, y hoy, triste es decirlo, en un estado de verdadera desgracia, guardamos silencio. Sin embargo, todo tiene un límite, y de seguir la prensa lusitana por ese camino habremos de salirle al paso de una manera firme y enérgica.”<sup>132</sup>

El 27 de mayo de 1936, el diario madrileño *Claridad* publica un nuevo artículo contra “los crímenes de la dictadura vaticanista”, que no pasó inadvertido para el gobierno de Salazar.<sup>133</sup> Nada tenía que perder el Estado Novo jugando las mismas cartas que Madrid. Por ello se decidió a colaborar con los opositores al Estado español.<sup>134</sup> Eso fue lo que hizo Portugal los momentos previos al golpe militar del 18 de julio, que dio inicio a la Guerra Civil española. Las idas y venidas de Lisboa de agentes al servicio del general Mola y Sanjurjo era algo del conocimiento de Salazar, que consentía cómplicemente, mientras esperaba que el Alzamiento militar triunfara por el bien de su dictadura.<sup>135</sup>

#### **1.4. La emigración española a Portugal: de la II República a la Guerra Civil**

La colonia española en Portugal ha tenido históricamente una relevancia superior a cualquiera de los otros colectivos de extranjeros

---

<sup>132</sup> *Ibidem.*

<sup>133</sup> *Idem.* Anexo al oficio n.º 43 del cónsul de Portugal en Sevilla al ministro de Negócios Estrangeiros, 27/05/1936.

<sup>134</sup> Oliveira, César, *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, *op. cit.*, p. 122.

<sup>135</sup> Portela, Luís, y Rodrigues, Edgart, *Na Inquisição do Salazar*, *op. cit.*, p. 188-189.

allí residentes.<sup>136</sup> La proximidad con el país de origen y la facilidad para integrarse en la hospitalaria sociedad portuguesa representaban para los emigrantes españoles ventajas decisivas para preferir este destino, relegando a los ciudadanos de otros países que se establecieron en Portugal durante los siglos XIX y XX a pequeños núcleos con menor influencia social y económica. El censo de población de 1900 contabilizó 27029 españoles, cifra que se redujo hasta los 13092 de 1930, en un declive numérico progresivo que llega hasta la actualidad. El incipiente desarrollo industrial que experimentó España en los años veinte desaceleró el flujo migratorio hacia Portugal, que además perdió el atractivo como destino emigrante por su endémica inestabilidad política y la aguda crisis económica.<sup>137</sup> América se convierte en el horizonte migratorio más deseado para españoles y portugueses.<sup>138</sup> Entre la comunidad de emigrantes españoles, la región gallega era entonces una de las mayores exportadoras de capital humano de España y el colectivo regional más importante en Portugal. Entre 1911 y 1970, abandonaron su tierra natal 1.900.000 gallegos.<sup>139</sup> Casi todos ellos emprendieron rumbo a América, persuadidos

---

<sup>136</sup> Entre los abordajes relacionados con la colonia española en Portugal, destaca Burgos Madroñero, Manuel: "Actividades da colónia e das autoridades diplomáticas espanholas em Portugal", dentro del capítulo titulado "Vinte mil portugueses lutaram na Guerra Civil de Espanha (1936-1939)", in *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 55, pp. 5-227. Del mismo autor también: "As actividades da colónia espanhola em Portugal (1936-1939)"(basado en un estudio inédito más extenso depositado en el Instituto Cervantes de Lisboa, titulado: "La colonia española en Portugal (1900-1982) y el Instituto Español en Lisboa (1932-1982)", in *Diário de Notícias*, 06/07/1986, pp. 15-17; y "La Colonia Española en Portugal y la Guerra Civil (1936-1939)", in revista *Historia 16*, año xv, n.º 172, agosto de 1990, pp. 12-22. De César Oliveira puede leerse: "A colónia espanhola em Portugal. As duas embaixadas: a republicana e a Embaixada Negra. A Falange Espanhola em Portugal. O processo de ruptura de relações entre Portugal e a República de Espanha", capítulo de su libro *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Edições O Jornal, 2.ª edición, 1988, pp. 171-201.

<sup>137</sup> Pereira, Miriam Halpern, *Política y economía. Portugal en los siglos XIX y XX*, Barcelona, Ariel, 1984, pp. 184-199.

<sup>138</sup> Oliveira, César, *Salazar...*, *op. cit.*, pp. 172-173.

<sup>139</sup> López Taboada, Xosé Antón, *Economía e Población en Galicia*, A Coruña, Editorial Rueiro, 1979, p. 71.

por la propaganda de la prensa gallega de la época, en la que los principales inversores publicitarios eran los consignatarios de buques y armadores, que estimulaban la emigración a aquel continente.<sup>140</sup>

La instauración de la II República en España incrementó el flujo migratorio de los españoles hacia Portugal entre abril de 1931 y 1934. En 1932, se establecieron en Portugal alrededor de 2000 españoles que desconfiaban del nuevo sistema político y que vieron definitivamente frustrados sus deseos de cambio de régimen con el fracasado golpe militar del general Sanjurjo en agosto de aquel año.<sup>141</sup> En julio de 1936, la colonia española rondaba las 15.000 personas, el 60% de las cuales eran de origen galaica, la mayoría de Ourense y Pontevedra, el 15% eran procedentes de Salamanca y Zamora y el contingente restante procedía de diversas provincias, entre las que destacaban Badajoz, Sevilla y Madrid.<sup>142</sup> Algún autor eleva el porcentaje de gallegos hasta el 90%, cuya preponderancia, además, está patente en el signo galleguista de las dos únicas asociaciones regionales dentro de la colonia, la Asociación Galaica de Socorros Mutuos y La Juventud de Galicia. Más de la mitad, 9500, residían en Lisboa, 1500 en Porto y varios miles más se esparcían por las otras ciudades y pueblos portugueses.<sup>143</sup> Según un informe elaborado por la Falange Española Tradicionalista y de las JONS (FET-JONS), el 8 de septiembre de 1938 los núcleos de españoles más importantes repartidos por las capitales de provincia eran los siguientes: Viana do Castelo: 186 españoles, Braga: 163, Braganza: 204, Vilareal de Santo Antonio: 134, Porto: 1210, Guarda: 109, Viseu: 82, Aveiro: 91, Coimbra: 180, Leiria:

---

<sup>140</sup> Luca de Tena, Gustavo, *Noticias de América. O relato da grande emigración americana na prensa da Galicia de ultramar*, Nigra, Vigo, 1993.

<sup>141</sup> Oliveira, César, *Salazar...*, *op. cit.*, pp. 174 y 175.

<sup>142</sup> Burgos Madroño, Manuel, "As actividades da colónia espanhola em Portugal (1936-1939)", in *Diário de Notícias*, 06/07/1986, p. 15.

<sup>143</sup> Oliveira, César, *Salazar...*, *op. cit.*, pp. 173-174.

108, Setúbal: 377, Santarem: 100, Castelo Branco: 101, Évora: 352, Portalegre: 311, Beja: 394 y Faro: 383.<sup>144</sup>

La mayoría de los miembros de la colonia eran obreros y pequeños industriales que trabajaban como camareros o dueños de hoteles, restaurantes, cafés, tabernas o pensiones, o que se ganaban la vida con oficios como carboneros o afiladores ambulantes. Un segundo grupo lo integraban comerciantes que se dedicaban a variados negocios: agentes de seguros, tiendas de paqueterías, tejidos, camiserías, etcétera. El documento de la Falange afirma que los inmigrantes españoles con pequeños comercios colaboraban generosamente con la causa fascista española: “(...) Este núcleo es el de las mayores aportaciones a suscripciones de todas clases para la España Nacional; personas ya mayores, no envenenadas por el virus marxista que tan intensamente se extendió por España en los últimos años y del que ellos se libraron por su formación anterior a todo esto y por sus largos años de residencia en Portugal y que contribuyen generosamente a todo llamamiento”, se expone en el documento citado.<sup>145</sup> Y el tercer grupo lo formaban los funcionarios que trabajaban para el Estado español en la embajada, el consulado o el Instituto Español.<sup>146</sup>

Gracias al periódico *O Século*, que dedicó sendos reportajes especiales a la colonia española en Lisboa y Porto, se pueden conocer más detalles específicos de las actividades económicas desarrolladas

---

<sup>144</sup> Este informe ya ha sido citado por César Oliveira, aunque sin dar una fecha precisa de su elaboración. El informe referido, de 10 páginas, se titula “Notas sobre la colonia española de Lisboa” y fue elaborado anónimamente por un miembro de la Falange Española en Portugal que lo remitió al Servicio de Información y Policía Militar del gobierno de Burgos, denunciando la actitud indiferente de los representantes rebeldes hacia la Falange. Contiene, desglosadamente, datos sobre la organización social y las actividades industriales de los españoles en Portugal, así como otros aspectos interesantes relacionados con el funcionamiento de algunos organismos de la colonia y el alistamiento de jóvenes para el ejército franquista. AMAE, R-1058, expediente n.º 6. Informe remitido anónimamente el 08/09/1938 al Servicio de Informaciones Políticas y Militares.

<sup>145</sup> *Ibidem*.

<sup>146</sup> *Ibidem*.

por los españoles en su exilio lusitano y algunos datos interesantes sobre su reacción ante la Guerra Civil española (1936-1939).<sup>147</sup> *O Século* informaba en abril de 1938 que la colonia española en Lisboa respetaba escrupulosamente las doctrinas de la “Nova Espanha”, comprometidos con el “sentimento do dever” impuesto por la FET y de las JONS.<sup>148</sup> En la capital portuguesa, entre las empresas españolas más importantes a principios de los años treinta, estaban el vendedor al por mayor de frutas Francisco Benito & C.<sup>a</sup>, la compañía de seguros España S.A., la exportadora de vinos A Nova Sociedade Vinícola, la empresa de transportes Agencia Internacional Aduaneira, de Manuel B. Vivas, los ingenieros industriales Durán García & C.<sup>a</sup>, la céntrica camisería de la Praça do Rossio de Refojos Rodríguez, A Camisaria Moderna, las importadoras de maderas, Torrens & Marques Pinto y Francisco González y González, el Hotel Universo, la Sapataria Orion o el importador de tabaco Apolinar Contreras.<sup>149</sup> En Porto, donde vivían alrededor de 1500 españoles, buena parte de la industria textil y de curtidos de pieles estaban en sus manos: la Fábrica de Cortumes da Povoia-Pablo Gati, Fábrica de Cortumes Rio Leça, La Catalana, la fábrica de Dionisio Mateu, entre otras. Los españoles también eran propietarios de la fábrica de chocolates La Española, de las empresas de recauchutados Vulcania y Vulcanoff, y de algunos comercios relacionados con la hostelería.<sup>150</sup> Muchas de ellas hicieron generosas donaciones para el ejército franquista durante el conflicto civil en España. Como curiosidad, la fábrica textil de Porto Bosch &

---

<sup>147</sup> Véase el artículo periodístico “A colonia espanhola de Lisboa que acompanha com o maior entusiasmo e patriotismo o movimento nacionalista do generalissimo Franco, está integrada nos principios renovadores da revolução Nacional salvadora da sua gloriosa Pátria”, in *O Século*, n.º 20151, 24/04/1938, pp. 9 y 10. Y también: “Movimento Nacionalista de Espanha. A colonia do Porto tem prestado, abnegadamente, o seu valioso auxílio áqueles que se batem no campo de batalha com o alto significado de redimir a Pátria”, n.º 20075, 06/02/1938, p. 13.

<sup>148</sup> *O Século*, n.º 20151, 24/04/1938, p. 9.

<sup>149</sup> *Idem*, pp. 9 y 10.

<sup>150</sup> *Idem*, n.º 20075, 06/02/1938, p. 13.

Bayllina, propiedad del delegado de la Falange en aquella ciudad, Ramón Bayllina, donó la producción de calcetines de tres de sus máquinas durante toda la guerra.<sup>151</sup>

Es necesario distinguir entre el contingente de la colonia española que vivía en Portugal por razones económicas o familiares desde antes de la implantación de la II República en 1931, y el núcleo de emigrados políticos que utilizaron el territorio luso como plataforma de ataque al gobierno democrático español.<sup>152</sup> Estos últimos se comportaron como unos auténticos conspiradores contra Madrid, instrumentalizando, con la ayuda de la dictadura salazarista, a los obreros y comerciantes para que se manifestasen a favor de los facciosos franquistas, contribuyesen con dinero o se alistasen en el ejército insurgente. Casi todos los que pertenecían al colectivo de exiliados provenían de la aristocracia o la alta burguesía española y se alojaron en los mejores hoteles de Estoril o alquilaron casas en la periferia de Lisboa. En su exilio portugués, llevaron un ritmo de vida que no estaba al alcance de la mayoría de los miembros de la colonia, frecuentando los casinos y financiando la compra de armamento o la producción de propaganda favorable al general Franco.<sup>153</sup> El intelectual salazarista Ary dos Santos, que colaboró con las autoridades golpistas, se mostró disgustado con la actitud cómoda y distante de

---

<sup>151</sup> *Idem*, n.º 20067, 28/01/1938, p. 2.

<sup>152</sup> Burgos Madroñero, Manuel, "As actividades da colónia espanhola em Portugal (1936-1939)", in *Diário de Notícias*, 06/07/1986, pp. 15-17.

<sup>153</sup> Fox, Ralph, *Portugal 1936*, Madrid-Barcelona, Ediciones Europa-América, s.f. (1936), pp. 40-46. Fox (Halifax, 1900) era un periodista inglés que luchó en las milicias republicanas en la Guerra Civil española y murió en combate en el frente de Córdoba el 3 de enero de 1937. Trabajó para el *News Chronicle* y militaba en el Partido Comunista inglés. El libro de Fox tuvo también una edición en Inglaterra: *Portugal Now* (Lawrence & Wishart, Londres, 1937). Como muchos de los intelectuales que lucharon en defensa de la II República en la guerra, era un aventurero y viajero infatigable al que le gustaba sumergirse en otras culturas e interpretar su forma de vida desde una perspectiva a veces romántica. Así lo deja patente en una frase lapidaria de su libro citado (edición española, p. 9): "Lo que yo realmente tengo es una especie de sed. Siento imperiosamente la necesidad de gastarme las suelas de los zapatos en ver este mundo, en descubrir por qué razón las gentes obran de la manera que obran".

esta alta burguesía española residente en Estoril, que “(...) em quanto os seus irmãos de armas se batem, apontam contos de reis no pano verde da roleta e se limitam a concorrer com uns tantos escudos para a compra do éter (léase de emisoras) e do sôro antitetânico (...)”.<sup>154</sup> Opinión que contrastaba con la del columnista de *O Século* Sousa Costa, que, con una prosa agónica desde su tribuna “Uma vez por semana”, decía que los españoles que vivían en Estoril estaban en el “Horto da Amargura”, afectados por el flagelo que hundía su nación.<sup>155</sup> El periodista inglés Ralph Fox, que visitó Lisboa en los ajetreados días después del golpe del 18 de julio de 1936 para publicar en el *News Chronicle* varios reportajes sobre el Portugal de Salazar, ofrece datos sobre la conducta de aquellos españoles, que, según él, dedicaban la mayor parte de su tiempo a actividades propagandísticas:

“(...) La jornada de trabajo de los hombres es muy agitada; está dedicada por entero a la conspiración. Unos se dedican a preparar “hojas” de propaganda anarquista, destinadas a conseguir que los trabajadores de esa ideología ingresen en la Falange fascista; otros hacen gestiones para que el Rotary Club de Lisboa o la Sociedad de Autores Portugueses protesten oficialmente de la destrucción de la cultura por los marxistas; otros, en fin, envían a todos los periódicos del país fotografías previamente compuestas sobre las atrocidades de los “rojos”. (...) Todo esto constituye el otro lado de la contrarrevolución. El que quiera conocer todos los aspectos de la lucha desesperada de los españoles para mantenerse libres; la intervención en ella de los moros y legionarios; las hecatombes de prisioneros; los bombardeos sobre mujeres y niños, etc., no

---

<sup>154</sup> Santos, Ary dos, *D. Quixote Bolchevick*, Lisboa, Livraria Clássica, 1936, pp. 122 y 123.

<sup>155</sup> *O Século*, n.º 19536, 04/08/1936, p. 7: “A Espanha nos Estorís”.

debe olvidarse de estudiar la vida en Lisboa. De otro modo, el cuadro sería incompleto. (...)”<sup>156</sup>

Una de las principales preocupaciones de los agentes rebeldes era convencer a los *auténticos* emigrantes para que volvieran a España a empuñar un arma contra los “marxistas”. Se intentó captar a los operarios españoles por diversos medios con un éxito irregular. Alrededor de 1500 individuos consiguieron evitar el cumplimiento de su *deber* con la patria de Franco porque poseían permisos de residencia del gobierno portugués. Lo hicieron, según la FET-JONS en Portugal, por varias causas:

[Algunos] “(...) porque son rojos auténticos; otros por miedo a perder su colocación, su tranquilidad o la vista en su indiferencia hacia España y sus problemas; otros porque en su ignorancia de lo que es la España actual y de lo que es el Movimiento Nacional que fingen desconocer en su profundo contenido esperan cínicamente una amnistía que les perdone su delito; como si fuera racional acudir ni siquiera en deseo a este estúpido “borrón y cuenta nueva” de vieja política, tan muy siglo XIX, cuando está derramando tanta sangre heroica y generosa y han caído tantos españoles auténticos asesinados por la horda.”<sup>157</sup>

Un mes después de llegar a Lisboa como embajador del gobierno de Burgos, el 19 de julio de 1938, el hermano del Caudillo, Nicolás Franco,<sup>158</sup> solicitó de Salazar su ayuda para resolver la situación de los “(...) españoles faltos de patriotismo que prefieren quedarse có-

---

<sup>156</sup> Fox, Ralph, *Portugal 1936, op. cit.*, pp. 44 y 45.

<sup>157</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6. “Notas sobre la colonia española de Lisboa”.

<sup>158</sup> Sobre la vida de Nicolás Franco en Lisboa, véase Garriga, Ramón, *Nicolás Franco, el hermano brujo*, Barcelona, Editorial Planeta, 1980.

modamente gozando de una hospitalidad benévola, en vez de prestar su cooperación a la causa que tanto España como Portugal defienden.”<sup>159</sup> Dos días antes, la prensa lusa publicaba un comunicado del Consulado español que instaba a los jóvenes españoles en edad de alistamiento a acudir al llamamiento del ejército faccioso: “Comunica-se a todos os mancebos pertencentes ás classes de 1933, 1934 e 1935 úteis para os serviços auxiliares que foram chamados ás fileiras por ordem do generalissimo, pelo que devem fazer a sua imediata apresentação nas correspondentes secções de recrutamentos.”<sup>160</sup> Las gestiones de Nicolás Franco eran consecuencia de un deseo colectivo de las autoridades franquistas que el general Queipo de Llano había convertido en amenaza desde el principio de la guerra. El conocido como “virrey de Andalucía” se dirigió repetidas veces a los miembros de la colonia desde *Radio Sevilla* para que luchasen por *España* en su ejército o se expusiesen a ser perseguidos, tal y como contaba el *Diário de Lisboa* el 18 de septiembre de 1936 en una información ilustrada con anuncios de la Falange Española, que publicaba diariamente en la prensa sevillana anuncios dirigidos a los españoles en edad de combatir.<sup>161</sup>

Como consecuencia de esta presión de los representantes insurgentes en Lisboa y de las restricciones impuestas a la libertad de expresión por el Estado Novo, la prensa publicada por la comunidad española en Portugal, que había editado en el primer tercio de siglo varios periódicos de diversas tendencias ideológicas, pasó a ser controlada y censurada. En las décadas precedentes al conflicto, la colonia publicó varios títulos, la mayoría de ellos de existencia

---

<sup>159</sup> AGA, Exteriores, caja 6631, expediente 54/18. Oficio n.º 79 del embajador del Gobierno de Burgos en Portugal al Ministro de Negócios Estrangeiros, 19/07/1938.

<sup>160</sup> *Diário de Notícias*, n.º 26083, 17/09/1938, p. 2.

<sup>161</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 4971, 18/09/1936, p. 5. El anuncio de Falange Española referido aparece también citado en el artículo de Maria Inácia Rezola “O Estado Novo e o apoio à causa franquista”, in AA.VV., *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1996, p. 50.

bastante efímera e irregular y ligados de una manera u otra a determinadas ideologías o partidos políticos. En 1900, en la capital portuguesa, se fundaron los periódicos bilingües de tendencias republicanas *Federação Ibérica*, *Internacional* y *Federação Peninsular*; luego surgirían *La España Moderna* (1908), *La España Democrática* (1912), *El Eco Español* (1913), *Hispania* (que sobrevive fugazmente en 1924 para reaparecer en 1935), *El Heraldo Español* (1931) y *Alborecer* (1932). El *Heraldo Español*, que surgió en Lisboa el 9 de diciembre de 1931 con el advenimiento de la II República y dejó de publicarse el 9 de febrero de 1932, contaba entre sus colaboradores con el dirigente del Partido Socialista Obrero Español Luis Araquistain y el abogado Eduardo Ortega y Gasset, hermano del famoso filósofo español.<sup>162</sup> El Estado Novo, extremadamente celoso sobre las actividades propagandísticas de los españoles durante la Guerra Civil, anuló completamente el periodismo realizado por los intelectuales republicanos en territorio portugués, atezados por el temor a opinar libremente sobre el conflicto fratricida. Mostrarse partidario del gobierno de Madrid podría significar una inmediata expulsión de Portugal. Toda la propaganda realizada por miembros de la colonia española en este período estaba supervisada por la Representación de la Junta de Defensa de Burgos y sus colaboradores, que no necesitaron fundar ninguna publicación específica para promocionar al gobierno franquista. De esa actividad ya se encargaban, con mejor organización y gran entusiasmo, los medios de comunicación portugueses, con los que mantenían un

---

<sup>162</sup> Burgos Madroñero, Manuel, “As actividades da colónia española em Portugal (1936-1939)”, in *Diário de Notícias*, 06/07/1986, p. 15. Y también: Oliveira, César, op. cit., p. 231. Tras la Guerra Civil, hubo algunas “simbólicas” iniciativas periodísticas de los residentes españoles, como el periódico mensual *Ecos de España*, que duró dos años y alcanzó los 24 números. La asociación Juventud de Galicia editó en 1957 *La Voz de Breogán*, a la que sucedió, en 1960, *El Heraldo de Galicia*, *Xuventude de Galiza* en 1971, y *Renovación* en 1972.

contacto permanente.<sup>163</sup> Los españoles residentes en Portugal que no se declararon abiertamente a favor de los facciosos españoles pasaron a ser políticamente sospechosos, como también lo eran los portugueses que no respetasen el *statu quo* del Estado Novo.<sup>164</sup>

---

<sup>163</sup> Léase el artículo del autor de este libro: "Periodismo, guerra y propaganda. La censura de prensa en Portugal y la Guerra Civil española», in *Estudios del Mensaje Periodístico*, vol. 18, n.º (julio-diciembre 2012), pp. 563-576.

<sup>164</sup> Sobre la persecución sufrida por la sociedad portuguesa durante la dictadura salazarista, véanse, entre otras obras, Madeira, João (coord.), *Vítimas de Salazar. Estado Novo e Violência Política*, Lisboa, Esfera dos Livros, 2007.

## CAPÍTULO 2

### LA COLONIA ESPAÑOLA Y LAS CAMPAÑAS DE AYUDA A FRANCO

#### 2.1. La Cámara Oficial de Comercio de España

La colonia española tenía sus propias instituciones para defender sus intereses dentro de la sociedad portuguesa, mantener las tradiciones de su cultura, reivindicar sus orígenes y afirmar su posición social como emigrantes. No era, por tanto, una comunidad desagregada, en la que predominase el individualismo, sino todo lo contrario, como ocurrió con la emigración gallega en otros países. Fundaron asociaciones culturales y recreativas que les servían para seguir afirmando su identidad con un espíritu solidario hacia sus semejantes, pero con una estructura más bien corporativa. Durante la Guerra Civil, algunas de estas entidades adoptaron una postura comprometida con el conflicto, casi todas asociadas con los intereses de los rebeldes, que se sirvieron de ellas para hacer propaganda orientada, fundamentalmente, a la recogida de donativos para su ejército. En Lisboa, existían los siguientes organismos, creados por la colonia española o el Estado español antes del inicio de las hostilidades en España: la Cámara Oficial de Comercio y Navegación de España, la Asociación Galaica de Socorros Mutuos, el Centro Español<sup>165</sup>, la

---

<sup>165</sup> El Centro Español era también conocido entonces por la colonia española como Casa de España. La embajada de Franco en Lisboa cambiará esa denominación en 1940,

Juventud de Galicia, el Instituto Español, la Sociedad Española de Beneficencia, el Centro Republicano Español, la delegación de la Cruz Roja Española en Portugal, y las escuelas Reina Victoria y Miguel de Cervantes. En Porto, funcionaba también una Casa de España, el Montepío Español, el Roperio de Vila de Conde y el Centro Escolar Democrático Español.<sup>166</sup>

La institución más antigua, de 1887, era la Cámara Oficial de Comercio, cuya junta de gobierno estaba formada, en septiembre de 1936, por Manuel Romero Martín, José Torrens, Manuel Outerelo Costa, Pedro Gániguer, Antonio Redondo Municio, Luis Aranda, Valentín González R. Arias, Francisco Bertrand, Francisco Hermida Martínez, Pedro Piñeiro Estévez y D. Palet. El secretario era el abogado catalán L. Forcada, acusado por la Jefatura de la FET y de las JONS en Portugal, de ser un masón.<sup>167</sup> Sean ciertas o no las acusaciones de los líderes falangistas en Portugal, la Cámara Oficial de Comercio española apoyó a los facciosos contra el gobierno de la II República, y a pesar de su carácter de organización dedicada exclusivamente al fomento de las realaciones industriales luso-españolas, fue uno de los organismos que adquirieron un mayor protagonismo ante la opinión pública portuguesa por la repercusión periodística de sus consideraciones oficiales de apoyo al general Franco, al que

---

otorgando la denominación de *Casa de España* a la propia legación diplomática. La Casa de España estaba ubicada en el edificio de la embajada de España, en el Palacio Mayer, situado en la Rua do Salitre nº 3, donde también tenía su sede la Cámara Oficial de Comercio y el consulado. Tras la guerra, la diplomacia franquista prohibió utilizar oficialmente la denominación de Casa de España si no era para referirse a la embajada. Como prueba de esta confusión entre ambos nombres, véase uno de los programas de bolsillo del Centro Español, llamado entre paréntesis Casa de España: Anexo al oficio n.º 110 del Subsecretario de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos al Agente Especial de España en Lisboa, 16/05/1938. El programa que aparece en el anexo es de marzo de 1938. O, en su caso, puede comprobarse en cualquier documento oficial del Centro Español, cuyo membrete utiliza también ambas denominaciones.

<sup>166</sup> Burgos Madroñero, Manuel, "As actividades da colónia espanhola em Portugal (1936-1939)", *art. cit.*, p. 15.

<sup>167</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6. "Notas sobre la colonia española de Lisboa", 08/08/1938.

atribuían un decidido interés por regenerar la actividad económica en España.

En un largo comunicado emitido el 1 de septiembre de 1936 y recogido por los periódicos portugueses,<sup>168</sup> la Junta de Gobierno de la Cámara proclamaba su independencia total de cualquier gobierno para trabajar libremente por el fortalecimiento de las relaciones económicas entre las dos naciones. El escrito lamenta la tragedia española y repudia “toda actividad comunista”, culpando del desastre a un grupo reducido de “alocados” españoles que pretenden socavar la “moral cristiana”. Asimismo, la Cámara protesta por la supuesta violación de la frontera portuguesa por parte de soldados leales a Madrid y expresa su fidelidad a la causa del “ejército salvador”.<sup>169</sup> La institución cameral española colaboró con la propaganda salazarista en febrero de 1937. A petición de la revista *Alma Nacional*, elaborará un informe de sus actividades comerciales realizadas en Portugal desde el inicio del Alzamiento. Firmado también por el L. Forcada, el nuevo documento publicado se refiere a las gestiones realizadas por el organismo para promover las relaciones comerciales entre las empresas de las “provincias reconquistadas” con el mercado portugués.<sup>170</sup> En este período, la Cámara estableció contactos con las cámaras de comercio de Zaragoza, Valladolid, A Coruña, León, Badajoz, Granada, Cáceres, Ourense, Santiago de Compostela, Segovia, Jerez de la Frontera, Navarra y Briviesca, a las que les envió una circular en la que les solicitaba orientar todos sus trabajos en un sentido patriótico de apoyo a la economía del territorio franquista:

---

<sup>168</sup> Véase, por ejemplo: *Diário da Manhã*, n.º 1934, 05/09/1936, p. 3.

<sup>169</sup> AMI-GM/ANTT, M 481, C 34, subdivisión 3. Comunicado de prensa de la Cámara Oficial de Comercio y Navegación de España en Portugal, 01/09/1936.

<sup>170</sup> *Alma Nacional*, serie II, n.º 1, febrero de 1937, pp. 22 y 23.

“Una vez terminada la gesta militar reconquistadora de España, impuesto el imperio de la ley y el indispensable orden público de todo país que se precie, cuando el redentor movimiento nacionalista español prosiga su obra en defensa de una civilización centenaria y se inicie su ardua y laboriosa acción reconstructiva para conseguir el engrandecimiento total de España, será llegado el momento de orientar las relaciones comerciales internacionales en un sentido altamente patriótico y eficaz. Desde el primer momento será preciso emplear todo el esfuerzo nacional, intensa y sostenidamente, sin dudas ni retrasos. Será urgente tener dispuestos todos los elementos y en posición todos los hombres, y estudiados todos los problemas, para no perder una hora, un minuto.”<sup>171</sup>

Las respuestas oficiales de las Cámaras de las ciudades citadas son reproducidas íntegramente en el nuevo comunicado del organismo, que puso en marcha otras iniciativas interesantes que tuvieron una notable repercusión propagandística en Lisboa, siempre favorable para los franquistas. La Cámara Oficial de Comercio en Portugal se mostró especialmente preocupada por sanear con urgencia la economía nacional y aportar todos los fondos posibles para el “movimiento salvador” con el fin de aumentar las arcas de la necesitada Patria en aquel delicado período. El 30 de septiembre de 1936, a través de una nueva nota enviada a los medios de comunicación lusos, hace un “patriótico” llamamiento a la solidaridad de todos los miembros de la colonia española para que entreguen en su sede todo el oro que posean, advirtiendo que negarse a contribuir con el Tesoro Nacional constituía un grave delito contra el *nuevo* Estado:

---

<sup>171</sup> *Idem*, p. 23.

“(…) Para elevar quanto antes a Patria querida á situação de esplendor e prosperidade que desejamos, compete ao comercio, á industria, á agricultura, como soldados da paz, duro e persistente esforço. É para ele indispensável um Tesouro Nacional sólido, uma Fazenda saneada e uma administração organizada. Devemos procurar, como base, que a nosa moeda tenha a cobertura de ouro possível, o ouro em moedas, em barras e em joias que está em poder de cada um de nós representa uma força morta e uma riqueza improdutiva. O ouro de todos os espanhóis deve ser entregue ao Tesouro Nacional. Guardá-lo nestes momentos é cometer um crime de lesa-Pátria, é deixar-se vencer por un sentimento anti-patriótico sem beneficio nem para o individuo, nem para a Espanha. Todos os donativos devem ser entregues pessoalmente ou pelo correio na sede da Câmara, na rua do Salitre, 1”.<sup>172</sup>

Asimismo, desde el 8 de octubre de 1936, la Cámara de Comercio española anuncia a través de los diarios portugueses que pone a disposición de todos los españoles residentes en Lisboa el *Boletín Oficial de la Junta de Defensa Nacional de España*, al que califica de *Boletín Oficial del Estado*.<sup>173</sup> Y cuatro días más tarde, el “Día de la Raza”, pone en marcha una campaña de recogida de firmas entre la comunidad española para enviárselas al general Franco como señal de adhesión y apoyo incondicional a su causa.<sup>174</sup> La suscripción de oro de la Cámara Oficial de Comercio no fue una iniciativa aislada en la colonia. Una comisión integrada por señoras de la aristocracia española que vivían en la Costa del Sol portuguesa, entre las que estaban las condesa de Puerto Hermoso y Rojas, la duquesa de Medina Sidonia y las marquesas de Argüelles, de Vega de Anzo, de

---

<sup>172</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25380, 30/09/1936, p. 4.

<sup>173</sup> *O Século*, n.º 19600, 08/10/1936, p. 6.

<sup>174</sup> *Idem*, n.º 19603, 11/10/1936, p. 7.

Claramunt, de La Granja y de Liesta, empezaron a reunir alianzas, monedas, collares y otros objetos de oro que remitieron al gobierno de Burgos a través del Marqués de Quintanar.<sup>175</sup> La comisión de marquesas remitió cartas a las mujeres españolas de Lisboa en las que apelaban a su caridad para *salvar* España:

*“Espanbois: Lêde e reflexionai! - A nossa Patria querida está em guerra, o que, se já por si é alarmante e lamentável, muito mais o é se pensarmos que se trata duma guerra civil, isto é, luta de irmãos contra irmãos. Os que residem em Lisboa dão para a guerra os seus maridos, os seus filhos, irmãos e parentes, e todos temos nela, senão alguma pessoa de família, pelo menos varios amigos. A morte ceva-se sôbre as hostes aguerridas e causa inúmeros feridos aos quais há que atender. Por ese motivo, varias senhoras da colonia espanhola de Lisboa, constituimo-nos em comissão para recolher donativos e empregá-los em coisas necessarias para os referidos feridos. Nenhum espanhol pode negar-se a ajudar-nos na nossa humanitária empresa. De uma maneira especial apelamos para o coração das mulheres, que por saberem o que custa ser mai apreciadas na sua justa dôr o que representa a perda dos filhos. Sômos as mulheres quem mais detestam a guerra.*

*A vós, pois, acudimos para que deis a vossa contribuição a nossa cruzada, pois é incalculável o bem que a reunião de muitos donativos (ainda que sejam pequenos) representa, indo servir de lenitivo, talvez a algum dos nossos seres mais queridos. A mulher espanhola acudiu sempre gostosamente aos chamamentos que lhe têm sido dirigidos, e, por isso, esperamos sair airosamente da nossa missão, e assim o confirma o apêlo do Faro de Vigo, quando dirigindo-se ás nossas compatriotas lbes disse: “Mulher espanhola! Admirável mulher! Espirito de sacrificio, tempera de heroína, alma*

---

<sup>175</sup> A Voz, n.º 3413, 22/08/1936, p. 1. “Ouro para Espanha”.

*generosa, coração aberto a todas as fragancias do patrio amor: Se deste já, com inteireza magnífica, os teus filhos á Espanha, ajudanos agora no esforço final da nossa epopeia gloriosa a acelerar a vitoria da civilização e a Fé, entregando o teu donativo de dinheiro, ouro, joias, ou outros objectos para tão patriótico fim!*<sup>176</sup>

## 2.2. Las campañas de las asociaciones de emigrantes gallegos

La Juventud de Galicia fue una de las instituciones más solidarias con el bando franquista. A finales de 1936, organizó una cuestación para enviar el aguinaldo al “(...) soldado nacionalista que derrama su sangre generoso en el suelo sacrosanto de la Patria.” Esta campaña navideña fue organizada en colaboración con el periódico vigués *El Pueblo Gallego*, que ofreció sus páginas para hacer propaganda y la sede de su delegación en Lisboa, situada en la Avenida 24 de Julho, como oficina para recaudar los fondos. En sus columnas se publicaron los nombres de todos aquellos que respondieron al apelo de la Juventud de Galicia.<sup>177</sup> Esta institución fue también protagonista del envío de un convoy de víveres y material sanitario para los franquistas en Vigo, que transportó doscientas camas y alimentos diversos el 11 de enero de 1937.<sup>178</sup> Mientras duró la guerra, se realizaron campañas especiales de recaudación de donativos para ayudar a los insurgentes durante los períodos navideños.

A instancias de la Representación de la Junta de Burgos en Lisboa, se organizaron campañas de propaganda en las que colaboraban, además de la Juventud de Galicia, la Asociación Galaica de Socorros

---

<sup>176</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 4974, 21/09/1936, p. 4.

<sup>177</sup> *O Século*, n.º 19663, 11/12/1936, p. 4. Véase también: *Diário de Notícias*, n.º 25457, 18/12/1936, p. 4.

<sup>178</sup> *O Século*, n.º 18692, 11/01/1937, p. 4.

Mutuos. Esta institución planificó directamente con Nicolás Franco una estrategia de persuasión para invitar a los inmigrantes gallegos a colaborar con los facciosos durante la Pascua de 1938.<sup>179</sup> La Asociación Galaica envió circulares a todos sus asociados, que recibieron también la visita en sus domicilios de una comisión *ad hoc* para conocer su respuesta. La circular iba acompañada de un impreso que debía ser firmado por el destinatario para adjuntar con el donativo y cuyo texto reproducimos a continuación:

“Camarada y Amigo:

(...) Sabemos que tiene Vd. un alma bien formada. Por eso mismo queremos hablarle al corazón. En España continúa esa guerra, horrible y sangrienta, que estalló el 18 de Julio de 1936. No se trata de una lucha de conquistas materiales ni de ambiciones de partido ni de choque entre dos pueblos. Es España, su Historia, su Fé, su Tradición, la civilización misma de que nuestra Patria es máximo exponente en el mundo contra el comunismo devastador y sanguinario, feroz, vengativo y criminal. Es la verdadera España que lucha por nosotros mismos, por la defensa de la tranquilidad y el orden que disfrutamos y que nos garantiza el trabajo digno de que vivimos rodeados de los nuestros. ¿Y podemos nosotros asistir insensibles al supremo sacrificio de todos aquellos que están dando la misma vida por defendernos del horrible caos comunista? La Causa Nacional de España es nuestra propia Causa. En el triunfo de Franco está nuestro mismo triunfo. ¿Y cómo correspondemos a tan sublime sacrificio? Al menos un recuerdo que patentice nuestra gratitud. Que en las solemnidades de Navidad no falte nuestra expresión de solidaridad y cariño para con nuestros heroicos combatientes! Queremos reuniros en

---

<sup>179</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Carta de José Rodríguez Márquez, de la Asociación Galaica de Socorros Mutuos, a Nicolás Franco, 14/11/1938.

pleito sentimental, enviando a las trincheras de España, los agasajos que simbolizen nuestro aliento a tantísimos héroes que va a pasar la tercera Noche-Buena de guerra, luchando y vigilando por la Civilización! Su nombre, estamos seguros de ello, ocupará honrosamente un lugar de presencia en la lista de “Recuerdos”. La comisión que tendrá el honor de visitarle, recogerá el boletín adjunto, que esperamos habrá Vd. llenado, con el donativo que significa su acendrado patriotismo y vivo amor a España!

¡Que Dios le premie y España sea Una, Grande y Libre!

¡Saludo a Franco!

¡Arriba España!”<sup>180</sup>

La Asociación Galaica de Socorros Mutuos mostró su adhesión pública al movimiento fascista español el 24 de septiembre de 1936 a través de un manifiesto contra la implantación en España de ideas y sistemas subversivos de “carácter internacional”, por la defensa del “patrimonio moral y material” y el respeto de la historia, la fe y la memoria de los antepasados. La entidad inmigrante rechazaba de plano las teorías “bárbaras e utópicas” para impedir el aniquilamiento de la civilización y, como institución que representa a la comunidad gallega en Portugal, proclama el orgullo de ver a su región en manos de los facciosos mientras hace votos para que toda España siga los destinos de Galicia:

“(…) Pela nossa parte muito honrados nos consideramos manifestando a mais estreita comunhão de ideologia com todos aqueles que só pensam em salvar a Espanha do pior flagelo de todos os tempos. Agora mais do que nunca, e por termos nascido na hispânica região galega, sentimos orgulho pela digníssima posição

---

<sup>180</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Circular anexa a la carta de José Rodríguez Márquez a Nicolás Franco, 14/11/1938.

da nossa terra natal ao contribuir com o maior entusiasmo para a causa sacrossanta e em tudo digna da salvação da Espanha. Estamos de alma, vida e coração ao lado do glorioso Exército espanhol. Desejamos a paz de Espanha. Queremos unha Patria disciplinada, ordenada, consciente, laboriosa, progressiva, forte e nacionalista. E assim há-de ser a Espanha de amanhã.”<sup>181</sup>

Cuando el general Franco es nombrado Jefe de Estado en octubre de 1936, por el gobierno de Burgos, la Asociación Galaica le mandó un efusivo telegrama de felicitación que fue publicado por *O Século* y firmado por toda la Junta Directiva, de la que formaban parte José Rodríguez Márquez, Benito Pérez Raymundo, Daniel Garrido Oitavén, José Garrido Ventín, Avelino Fernández López, Enrique Fernández Díaz, Enrique Almeida Martínez, Constantino Muñoz Fernández y Carlos Baquero Peruch, en el que la dirección de la asociación demuestra una vez más su firme apoyo a los sediciosos: “A Associação Galaica de Lisboa expressa a sua fé inquebrantável no ideal nacionalista Salvador da Espanha nova! Arriba Espanha!”<sup>182</sup> Y en febrero de 1937 la sociedad gallega expresó también al ministro del Interior luso su “inquebrantable fé nacionalista” después de producirse el atentado anarquista contra el gobierno de Salazar.<sup>183</sup>

Tanto las dos asociaciones gallegas como la Cámara Oficial de Comercio sirvieron como importantes núcleos de captación de adeptos para el Movimiento franquista en Portugal. Por medio de ellas, la Representación de la Junta de Defensa en Lisboa canalizaba su propaganda hacia diferentes sectores de la comunidad española con bastante éxito.

---

<sup>181</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25374, 24/09/1936, p. 4.

<sup>182</sup> *O Século*, n.º 19597, 04/10/1936, p. 4.

<sup>183</sup> AMI-GM/ANTT, M 486, C 40. Carta de Gumersindo Casal Fernández, presidente de la Junta directiva de la Asociación Galaica de Socorros Mutuos, al Ministro del Interior, 10/02/1937.

### 2.3. El Centro Español y otras instituciones españolas

Gracias a la marcada influencia de las estructuras asociativas de los inmigrantes, otros organismos que pronto se posicionaron al lado de los insurgentes españoles en Portugal, como el Centro Español de Lisboa, se sirvieron de ellas para convocar en sus sedes a miles de españoles por razones de carácter puramente propagandístico sobre la guerra fratricida. El Centro Español, situado en la Rua Nova da Trindade n.º 96 y conocido también como Casa de España, estaba presidido por Buenaventura Ferrer Guasch,<sup>184</sup> quien convocaba periódicamente a la colonia para participar en diferentes actos con la intención de aleccionarlos sobre las bases políticas y sociales del franquismo. Este afán pedagógico del organismo autorizado para difundir la cultura española en Portugal, no tenía otro objetivo que la de inculcar a sus compatriotas el ideario fascista español y evitar, así, posibles disidencias que pudiesen originar intranquilidad en el gobierno de Salazar, consciente de la tensión social que podría causar la división entre los miembros de la colonia. La Casa de España

---

<sup>184</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5551, 07/05/1938, p. 5. Entre los miembros del equipo directivo del Centro Español estaban: Juan Collado, Francisco Cortés, Felipe Villanueva y Carlos Sánchez. El 4 de abril de 1939, se hizo pública la nueva reorganización del Centro: Presidente: Buenaventura Ferrer Guasch; vicepresidente: Vicente Bertrand; tesorero: Dionisio Araújo; contable: Carlos Sánchez; secretario general: Felipe Villanueva; y vocales: Ángel Maeso, Miguel Lorenzo Santa María García, Cesario Rodríguez González, Juan José Collado Pin, Jesús Cardoso Llorente, Felipe Sánchez y José Nieto: *Diário da Manhã*, n.º 2822, 04/03/1939, p. 5. El 1 de marzo de 1940 se hizo oficial una nueva dirección del Centro Español, integrada por las siguientes personas. Presidente: Buenaventura Ferrer; vicepresidente: Constantino Amorim; tesorero: Dionisio Araújo; contable: Carlos Sánchez; secretario general: Felipe Villanueva; y vocales: Vicente Bertrand, Cesáreo Rodríguez González, José Serrano, José Nieto, Antonio Gavilanes, Luis Chica Torres y Manuel Iglesias González. Los nuevos miembros de la junta directiva se comprometieron ante Nicolás Franco a “trabajar sin descanso por cuanto signifique el engrandecimiento de nuestra querida Patria, manteniendo fidelidad y respeto a su gobierno y dignísimas autoridades que aquí le representan; aumentar si es posible la cordialidad de relaciones amistosas que existen con la Nación Portuguesa y colaborar en todo lo que redunde en prestigio y beneficio de la colonia española”: AGA, Exteriores, caja n.º 6647. Carta del Secretario General del Centro Español al embajador de España en Portugal, 01/03/1940.

organizó variados encuentros de carácter cultural o festivo que tenían por objeto la recaudación de fondos para los franquistas, en los que participaban las figuras más populares de la propaganda insurgente en Portugal, como la locutora española del *Rádio Club Português*, Marisabel de la Torre de Colomina. La *speaker* de la emisora portuguesa asistía como estrella invitada a bailes o conferencias, y, cuando ya se daba por conquistada Madrid por los facciosos en noviembre de 1936, fue la encargada de inaugurar el curso 1936-1937 ante los representantes rebeldes, en una jornada festiva amenizada por una orquesta.<sup>185</sup>

Aunque la Juventud de Galicia y el Centro Español decidieron suspender sus programas festivos la semana siguiente al golpe militar,<sup>186</sup> los bailes de salón o “chás danzantes”, sin embargo, volvieron a convertirse en algo habitual en la Casa de España un mes después, donde se daba cita la aristocracia y alta burguesía de ambos países, que aportaban donativos para sostener a los insurgentes. Las fiestas eran más concurridas y promocionadas cuando se trataba de jornadas como el “día de la raza”, el 12 de octubre, o cuando se conmemoraba el aniversario del golpe militar.<sup>187</sup> El 19 de diciembre de 1937, esta institución organizó un “chá de arte” a favor de los dos mil soldados “nacionalistas” que luchaban en la Ciudad Universitaria de Madrid. La fiesta contó con la presencia de varios centenares de personas, que se divirtieron al son de la música de Lucy & Cruz, Naty Benito y María Fernanda en un salón ornamentado con las banderas de los países “anti-comunistas”, al gusto de los representantes de las milicias portuguesa, italiana y española, que entonaron “vivas” a

---

<sup>185</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5013, 31/10/1936, p. 9.

<sup>186</sup> *República*, n.º 2022, 25/07/1936, pp. 5 y 8.

<sup>187</sup> El día de la “fiesta de la Raza”, en 1938, la institución organizó un acto simbólico de visita a las tumbas de los voluntarios portugueses fallecidos en la guerra española, depositando en cada una de ellas un ramo de flores. Véase AGA, Exteriores, caja n.º 6637. Carta del presidente del Centro Español, Buenaventura Ferrer, al secretario de la embajada rebelde, 10/10/1938.

Carmona y Salazar. Mientras, se vendían rifas y, durante la velada, Buenaventura Ferrer solicitó el apoyo de los asistentes a la *nueva* España de Franco.<sup>188</sup>

Estos distinguidos saraos formaban parte de una programación más amplia del Centro Español, que incluía un té danzante todos los domingos. Esta ociosa actitud no fue bien vista por todos los que colaboraban con la propaganda franquista en Portugal. Algunos miembros de la colonia criticaron estos festejos del centro porque “(...) su nombre obliga a mayor austeridad, seriedad y sacrificio en unos momentos como los que España dolorida y mártir atraviesa.”<sup>189</sup> En una carta dirigida al delegado del Servicio Exterior de la F.E.T-J.O.N.S.,<sup>190</sup> el jefe de la organización en Lisboa, Manuel Lloret y Bou, denuncia este hecho:

“Como información que considero conveniente a esa Delegación Nacional de tu jefatura me permito incluirte un programa de las fiestas organizadas por el “Centro Español” de Lisboa, para todos los domingos, con notoria ausencia de espíritu auténticamente español; con escándalo de los portugueses a los que parece censurable que en estos momentos de guerra y de lucha y muerte haya un llamado Centro Español que frívolamente se divierte con bailes, ausente en absoluto del dolor de España. Ciertamente que en este Centro Español su Presidente el viejo tradicionalista Ferrer, ha organizado ya algunas fiestas benéficas del perfil de estas de

---

<sup>188</sup> *O Século*, n.º 20029, 19/12/1937, p. 3.

<sup>189</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6. “Notas sobre la colonia española de Lisboa”. Informe realizado por la Falange Española en Lisboa el 08/09/1938.

<sup>190</sup> Falange Española Tradicionalista- Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista. Tras el decreto de unificación del general Franco del 19 de abril de 1937, todas las corrientes políticas pasaron a estar agrupadas bajo estas siglas en un único movimiento político. Los monárquicos de Renovación Española y la Comunión Tradicionalista y los conservadores de la CEDA, así como la Juventud de Acción Popular, se convirtieron en una sola organización. Esta unificación del mando refuerza la posición del general Franco en el bando rebelde.

ahora pero ello no disminuye la responsabilidad que como español contrae por su actitud presente. De ello se ha dado cuenta al Representante del estado, para que él, si lo estima conveniente, haga suspender las tales diversiones improcedentes y perjudiciales para el buen nombre de España. (...)»<sup>191</sup>

A pesar de las críticas a estas actividades, los más pudientes de la colonia española tenían otras fiestas alternativas en diversos lugares. En el Casino de Estoril se realizó, el 25 de octubre de 1936, un “chá de beneficencia” para los heridos del ejército rebelde, especialmente dedicado a los cadetes de Toledo. La celebración fue organizada por una comisión de señoras, en este caso formada por la delegada del Auxilio Social y mujer del líder de la Falange en Lisboa, Clara Ruíz de Lloret, la marquesa de Argüelles, Agustina Capella de Remus, Francisca Briz de Benito García, Elena Varela Cid, Concha de Matorell, María Sánchez y Sra. de Godoy. Marisabel de la Torre de Colombia se encargó de presentar a los artistas que amenizaban el acto, Corina Freire y la bailarina Carmen Amaya. Durante la celebración fueron subastados diversos objetos relacionados con la Guerra Civil que poseían un enorme poder simbólico: un ejemplar original de *El Alcázar*, adjudicado por 2500 escudos, un dibujo alegórico de Jorge Colaço, vendido en 1100 escudos, y un corazón de oro, que alcanzó los 500 escudos.<sup>192</sup> El 17 de octubre del mismo año la comisión de señoras organizó un concierto del violinista español Francisco Idogaya en el Teatro Tívoli, cuya recaudación estaba destinada a los “heridos nacionalistas”.<sup>193</sup> Y, a partir de julio de 1937, las activas señoras pusieron en marcha la realización de verbenas populares en

---

<sup>191</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6. Oficio n.º 110 del Ministerio de Asuntos Exteriores al Agente Especial de España en Portugal, 16/05/1938.

<sup>192</sup> *O Século*, n.º 19617, 25/10/1936, p. 7.

<sup>193</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2035, 17/12/1936, p. 3; *Diário de Notícias*, n.º 25455, 16/12/1936, p. 4.

el Jardim da Estrela, donde se podía bailar, beber vino y comprar productos variados.<sup>194</sup> El momento posiblemente más relevante de este tipo de actividades ocurrió a principios de noviembre de 1936, cuando diversas instituciones de la colonia decidieron celebrar la conquista de Madrid por las tropas de Franco. El Centro Español organizó entonces una cena de gala, abierta la sociedad portuguesa, en el Hotel Aviz de Lisboa.<sup>195</sup> La iniciativa fue imitada por una comisión de estudiantes de la Universidad de Lisboa,<sup>196</sup> que promovieron un “Jantar de Confraternização” luso-español en el Palácio das Exposições do Parque Eduardo VII, que fue un gran éxito. Más de medio millar de personas respondió a la convocatoria universitaria, cuyo precio por la cena era de 30 escudos. Las inscripciones se podían hacer en la sede del *Rádio Club Português*, el Café Martinho, el Café Suiço o en la redacción de *A Voz*.<sup>197</sup> Entre los que se inscribieron, estaban el director del *Diário da Manhã*, Pestana Reis, el intelectual salazarista João Ameal y numerosos oficiales del ejército luso.<sup>198</sup> Tras la celebración de la frustrada entrada de las tropas franquistas en

---

<sup>194</sup> *O Século*, n.º 19855, 26/06/1937, p. 5.

<sup>195</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5018, 05/11/1936, p. 10.

<sup>196</sup> La comisión estaba formada por los estudiantes Pedro Guimarães, Álvaro Pegado, Serra Alves, Lopes da Fonseca y Pinto de Aguiar. *A Voz*, n.º 3488, 06/11/1936, p. 6.

<sup>197</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25409, 30/10/1936, p. 4; *Diário de Notícias*, n.º 25413, 03/11/1936, p. 4.

<sup>198</sup> *A Voz*, n.º 3490, 08/11/1936, p. 6. Los primeros en apuntarse se relacionan a continuación. Entre las señoras: Marisabel de la Torre de Colomina, locutora de *RCP*, Mercedes Corredor, Angelita Corredor, Concha Álvarez, Maria de Castro Botelho, Maria Camdida de Melo e Castro e Isabel Pinheiro e Abreu. Entre los señores: el comandante Augusto Pereira de Melo, el ingeniero naval Ruben Marques Granja Garcia, José de Campos e Sousa, Anibal Roque de Pinho (Alto-Mearim), el ingeniero Neves da Costa, João da Costa (Vila Franca), Adriano Pimenta da Gama, Joaquim Muñoz de Freitas, Francisco Roque de Pinho (Alto Mearim), António Durão Ferreira de Andrade, Manuel Bettencourt e Galvão, entre otros. Entre los estudiantes estaban Alexandre Freitas, Alberto Rodrigues Paisana, José Carvalho Marques, José Nunes Lopes Saraiva, João Vicente Brito de Almeida, Humberto de Magalhães Pereira, Armando Stichimi Vilela, Guilherme de Almeida, Manuel António Menezes Rosa, José Augusto de Sousa Torres, José Ghira de Lima, José Manuel Reynolds de Sousa Teixeira, João Patricio, Carlos R. de Oliveira Miranda y Eduardo Correira Pereira. *A Voz*, n.º 3485, 03/11/1936, p. 6.

Madrid, el Centro Español fue escenario de otros actos populares que le otorgaron un papel protagonista en la difusión de la propaganda rebelde en Lisboa. El 12 de febrero de 1937 se invitó a José Méndez Alzada, falangista y primer sargento del Grupo de Inválidos Militares, a pronunciar una conferencia acompañado del director del organismo, de Manuel Lloret y Bou, y del secretario de la Falange Española y director del Instituto Español, Antonio Ibot. Méndez Alzada narró algunos de los crímenes más morbosos de los “marxistas”, que “(...) na sua cegueira, lançaram uma grande desgraça sobre o povo espanhol (...).”<sup>199</sup> El Auxilio Social también organizó las jornadas de plato único en la sede del Centro Español, fundamentalmente a partir de 1938.<sup>200</sup> Y al finalizar la guerra, en abril de 1939, realizó una cena de confraternización entre todos los miembros de la colonia.<sup>201</sup>

Por su parte, la Casa de España de Porto, cuyo presidente era Ramón Bayllina, tuvo un comportamiento público parecido al de la sede lisboeta durante el conflicto, con una programación que también incluía tés danzantes, algunos de ellos en favor de los huérfanos de guerra.<sup>202</sup> En coordinación con las otras colectividades españolas de la capital norteña, organizó una Junta de Donativos y diversos talleres donde decenas de mujeres confeccionaban ropa para enviar a España. La primera entrega de donaciones fue para la Patronal de Vigo, en agosto de 1936, que los distribuyó por los centros militares de Galicia. El envío consistía en 4500 botellas de vino, nueve toneladas de comestibles diversos, diez mil pares de calzado, además de 40.000 escudos en metálico, 35.000 de los cuales se recaudaron a través del Día del Plato Único en la sede del

---

<sup>199</sup> *O Século*, n.º 19722, 12/02/1937, p. 7.

<sup>200</sup> *Diário de Notícias*, n.º 26260, 19/03/1939, p. 1; *O Século*, n.º 20473, 19/03/1939, p. 12.

<sup>201</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5880, 06/04/1939, p. 9.

<sup>202</sup> *Primeiro de Janeiro*, n.º 114, 27/04/1937, p. 8.

organismo, de cuya coordinación se ocupaban Juan Casas Bosch y José Vázquez Santa María.<sup>203</sup> La Casa de España de Porto donó también, por medio de cuestación, una gran bandera a la asociación coruñesa Mujeres al Servicio de España, que fue entregada en A Coruña por Ramón Baylina y el presidente de la Junta de Donativos, José Vázquez Henríquez.<sup>204</sup>

La propaganda franquista de la Casa de España en ambas ciudades, además de cohesionar, jerarquizar y, en definitiva, someter la existencia vulgar y anónima de los inmigrantes españoles a un *sentido patriótico* de la vida, pretendió encauzar su natural “saudade” hacia un ideal político supuestamente renovador y que luchaba por el engrandecimiento de España. Ideal representado por el general Franco y los mártires de la causa fascista José Calvo Sotelo, el general Sanjurjo y José Antonio Primo de Rivera.<sup>205</sup> Éstos fueron los cuatro mártires elegidos por la Casa de España para transmitir, a través de actos celebrados en su honor y memoria, el pensamiento del fascismo español, cuya propaganda siempre se vinculó al catolicismo.

---

<sup>203</sup> *O Século*, n.º 20075, 06/02/1935, p. 13.

<sup>204</sup> *Idem, ibidem*.

<sup>205</sup> José Calvo Sotelo fue ministro de Hacienda, presidente del Banco Central y director general de la Administración bajo la dictadura del general Miguel Primo de Rivera (1923-1930). Se convirtió en el líder del partido ultraconservador Renovación Española, partidario de fundar una monarquía absoluta corporativa. Calvo Sotelo se exilió en Portugal después de la proclamación de la II República española el 14 de abril de 1931; luego se trasladaría a París, para volver finalmente a España en 1933. Fue asesinado el 13 de julio de 1936 por guardias de asalto en venganza por la muerte, perpetrada por falangistas, del teniente José del Castillo al día anterior. Rápidamente, se convirtió en mártir del fascismo español y su asesinato fue utilizado para justificar el golpe por los militares insurgentes. José Sanjurjo fue un general golpista que apoyó el pronunciamiento del general Miguel Primo de Rivera en septiembre de 1923. El rey Alfonso XIII le concedió el título de Marqués del Rif, por sus méritos como jefe de operaciones en el desembarco de Alhucemas, en la guerra de Marruecos. Dirige un golpe militar frustrado el 10 de agosto de 1932, que lo obligó a exiliarse en Estoril, desde donde organizó el golpe militar del 18 de julio de 1936 junto a otros generales españoles y con la anuencia del gobierno del Estado Novo. Sin embargo, falleció en un accidente de avioneta en Cascais, cuando pretendía volar a Burgos el 20 de julio de 1936 para incorporarse al gobierno insurgente.

## 2.4. La cruzada católica contra el comunismo

Desde el primer momento, la colonia española estuvo sumergida en el mismo ambiente de cruzada contra el comunismo que vivían los portugueses. En agosto de 1936, se realizó una peregrinación de españoles residentes en la capital portuguesa al santuario de Fátima para rogar a la Virgen “a restauração cristã da família como base indispensável da salvação da sociedade e, de um modo especial, que se digne afastar da Península e do mundo inteiro o comunismo, que é o maior mal da actualidade (...)”.<sup>206</sup> La vinculación al movimiento católico,<sup>207</sup> hizo que el Centro Español de Lisboa, promotor de muchas iniciativas religiosas junto a otras instituciones utilizadas para sus intereses por los representantes de Burgos en Portugal, principalmente la conocida como *embajada negra* franquista, colaborase con la Iglesia como plataforma divulgadora y legitimadora de las acciones franquistas.<sup>208</sup> La celebración de misas por el alma de los caídos fue una de las constantes de la propaganda facciosa en Portugal, que gozaba de los favores de la prensa lusa, que anunciaba los diversos actos religiosos de la colonia española, inaugurados el 20 de julio de 1936, cuando el periódico católico *A Voz* pide a los españoles y portugueses que, “(...) por afinidades de opiniões e de espírito

---

<sup>206</sup> *A Voz*, n.º 3398, 07/08/1936, p. 3.

<sup>207</sup> La propaganda franquista intentaba hacer del Generalísimo un mito de la cruzada católica frente al comunismo. Aunque la Iglesia Católica desaprobó, en algún momento, la política filonazi del falangismo, tanto para el movimiento católico como para el movimiento fascista español el comunismo era un enemigo común, a combatir junto a otros como la masonería, el liberalismo y el racionalismo. Cf.: Preston, Paul, *Franco. “Caudillo de España”*, Barcelona, Grijalbo-Mondadori, 1993, pp. 340-342.

<sup>208</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6637. Circular enviada por la dirección del Centro Español a la embajada de Franco en Lisboa, 17/11/1938. En ella podemos leer: “(...) Declarado el próximo día 20 en España, día de Gran Luto Nacional, para celebrar la fecha de la muerte del inolvidable fundador de Falange Española (...) este Centro Español, deseando secundar instrucciones dadas por toda nuestra Patria para que se celebre algún sufragio por el eterno descanso del alma del llorado precursor, manda rezar una Misa en la Iglesia de los Mártires a las 11 de la mañana (...)”.

conservador e patriótico (...)” acudan a una misa en recuerdo de Calvo Sotelo,<sup>209</sup> al que le dedicó algunos artículos que exaltaban sus virtudes políticas:

“(...) Inteligência privilegiada; vastos conhecimentos jurídicos, históricos, economicos e sociais; eloquencia tribunicia, que primava pela clareza das ideias, pelo vigor do raciocínio, pelo calor comunicativo da convicção; vontade firme pronta e clarividente nas resoluções: todos esses dotes de condutor de homens possuía-os em alto grau o malogrado homem publico. Esses dons de inteligencia e de vontade eram por ele postos com dedicação, pronta para todos os sacrificios, ao serviço da Patria que anelava ver próspera e nobilada pela fidelidade aos grandes principios religiosos e sociais. (...) Visava mais longe e mais alto; queria fortalecer a familia e assegurar a paz social pela recristianização do operariado e pela aplicação dos principios da economia social cristã. Era por isso o mais temível adversario da Revolução e da Maçonaria, que tinham empolgado o poder e dado as mãos aos piores agitadores, inimigos comuns da Religião, da Igreja, da Patria. (...)”<sup>210</sup>

El Centro Español sufragó, junto con la *embajada negra* y la Falange Española, numerosos té-deums y réquiems en las iglesias lisboetas Nossa Senhora dos Mártires,<sup>211</sup> de São Domingos,<sup>212</sup> da Estrela,<sup>213</sup>

---

<sup>209</sup> *A Voz*, n.º 3380, 20/07/1936, p. 1.

<sup>210</sup> *Idem*, n.º 3730, 14/07/1937, p. 1.

<sup>211</sup> *A Voz*, n.º 3462, 11/10/1936, p. 3; *Diário da Manhã*, n.º 1970, 12/10/1936, p. 8.

<sup>212</sup> *Diário da Manhã*, n.º 1889, 22/07/1936, p. 8; *A Voz*, n.º 3427, 05/09/1936, p. 1.

<sup>213</sup> *A Voz*, n.º 3432, 10/09/1936, p. 1.

de Santa Isabel,<sup>214</sup> entre otras,<sup>215</sup> a veces oficiados por curas españoles como Lamberti Ibarrieta, que imploraba los favores de la Virgen del Pilar para conceder la victoria del ejército “nacionalista”.<sup>216</sup> A las misas asistían españoles y portugueses, además de los representantes franquistas, a cuyo frente se encontraban el político conservador José María Gil Robles<sup>217</sup> y Nicolás Franco, autoridades e intelectuales lusos como el director de *A Voz*, Fernando de Souza,<sup>218</sup> o representantes de otros periódicos y del *Rádio Club Português*.<sup>219</sup> También acudían miembros del Fascio italiano y, por supuesto, numerosos afiliados en la Legião Portuguesa y Mocidade Portuguesa.<sup>220</sup>

Las liturgias se celebraban aderezadas con toda la parafernalia fascista de la Falange. El altar estaba adornado con la bandera rebelde y, en el centro del templo, se erigía un estandarte con crespones negros, alrededor del cual formaban falangistas uniformados. En la misa de réquiem por los soldados “nacionalistas” muertos en combate del 19 de julio de 1938, el embajador y hermano del general Franco se dirigió a los congregados profiriendo el nombre de algunos muertos por *España*, a los que la multitud aclamaba con un “¡presente!”.<sup>221</sup> Las fechas del golpe militar y de la muerte de José

<sup>214</sup> Idem, n.º 2600, 19/07/1938, p. 4; *A Voz*, n.º 4091, 16/07/1938, p. 1.

<sup>215</sup> Por ejemplo, la iglesia Dos Congregados. Véase *O Século*, n.º 19649, 26/11/1936, p. 6.

<sup>216</sup> *Diário da Manhã*, n.º 12/10/1936, p. 8.

<sup>217</sup> José María Gil-Robles, presidente de la Confederación Española de las Derechas Autónomas (CEDA), llegó a Lisboa el 28 de julio de 1936 a bordo del buque “Avila Star”, procedente de Boulogne-Sur-Mer. Llegó a Portugal acompañado por el colaborador de Salazar Sebastião Ramires, antiguo ministro de Comercio y conocido industrial conservero (*O Século*, n.º 19530, 29/07/1936, p. 4). Según Franco Nogueira, Sebastião Rodrigues era el puente entre Salazar y el general Franco en los momentos posteriores a la guerra (*Salazar. vol III: As Grandes Crises (1936-1945)*, Porto, Livraria Civilização, 3.ª edición, 1986, p. 148).

<sup>218</sup> *A Voz*, n.º 4094, 19/07/1938, p. 6.

<sup>219</sup> Idem, n.º 3730, 14/07/1937, pp. 1 y 6.

<sup>220</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2602, 21/07/1938, p. 1.

<sup>221</sup> Idem, *ibidem*.

António Primo de Rivera eran conmemoradas con ceremonias religiosas y homenajes celebrados en ocasiones en el Centro Español. El 20 de noviembre de 1938, tras una de las misas oficiadas en la basílica de Nossa Senhoras dos Mártires por el alma del fundador de la Falange Española, los Marqueses de Miraflores descubrieron los retratos de Primo de Rivera y el general Franco en la sede de la Casa de España. El director de esta institución, Buenaventura Ferrer, se dirigió a los allí reunidos para pedirles su confianza en la victoria final de Franco, al que le fue encomendado “levantar o nome da Nação Espanhola, que vitoriosamente e esforçadamente vai libertando do jugo marxista.”<sup>222</sup> Por su parte, Nicolás Franco exaltó el valor de los homenajeados, diciendo de su hermano que “é o vencedor na guerra como na paz”, y José Antonio Primo de Riera, que “doutrinando e sacrificando-se em holocausto á Pátria, foi um precursor glorioso, o criador da mística patriótica que está tornando possível a liberdade e o ressurgimento da Espanha.”<sup>223</sup> Al día siguiente, el *Diário da Manhã* abrió su primera página con amplia información sobre este acontecimiento, acompañada de una fotografía preparada en la que aparece el embajador de la Junta de Defensa Nacional de Burgos a la entrada de la Casa de España posando con un grupo de hombres y mujeres de brazo en alto.<sup>224</sup>

De entre todas las ceremonias religiosas realizadas por miembros de la comunidad española, quizás la más llamativa fue el entierro del general Sanjurjo, muerto cerca de Cascais al precipitarse al suelo el avión que lo trasladaría a España el 20 de julio de 1936. El suceso vio aumentada su repercusión social porque la productora lusa *Ulysea Filme* rodó parte de la escena y filmó la ceremonia religiosa, cuyo documental fue posteriormente comprado por el Departamento de

---

<sup>222</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2724, 21/11/1938, p. 1.

<sup>223</sup> *A Voz*, n.º 4218, 21/11/1938, p. 1.

<sup>224</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2724, 21/11/1938, p. 1.

Prensa y Propaganda de Burgos.<sup>225</sup> Los restos del León del Riff fueron trasladados a la Iglesia de Santo António de Estoril en una “atmosfera de tristeza infinita”. “O heroico conquistador de Alhucemas teve a acompanhá-lo, de olhos humedecidos e rostos trastornados, aqueles que na vida o admiraram, desde os mais ilustres espanhóis que se encontram emigrados no nosso País, até os seus mais modestos compatriotas, todos com a mesma sinceridade e devoção”, escribía *O Século*.<sup>226</sup> Durante el velatorio, la iglesia estuvo siempre “(...) repleta de espanhóis refugiados em Portugal”.<sup>227</sup> Ante el féretro, permaneció toda la noche una guardia de jóvenes falangistas (con camisa azul y portando puñal) y estudiantes portugueses en turnos de una hora. El párroco que ofició el sepelio fue António José Moita mientras que el médico privado de Sanjurjo, ferviente seguidor suyo y salazarista convicto, Alberto Madureira,<sup>228</sup> preparó el desfile funerario. Una

---

<sup>225</sup> Véase Pena, Alberto, *O Que Parece É. Salazar, Franco e a Propaganda contra a Espanha Democrática*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2009.

<sup>226</sup> *O Século*, n.º 19524, 23/07/1936, p. 2.

<sup>227</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25310, 22/07/1936, p. 1.

<sup>228</sup> Alberto Madureira decidió organizar, en agosto de 1936, una columna sanitaria para prestar sus servicios al ejército franquista. Por carta se dirigió a Salazar solicitando su apoyo, que le ofrece el suministro de material sanitario del ejército portugués. (AHM, 1.ª división, caja n.º 63, documento n.º 1. Carta de Alberto Madureira a Oliveira Salazar, 23/08/1936). A través de la prensa portuguesa, Alberto Madureira se dirige a todas las personas que en Portugal organizaron cuestaciones a favor de los sublevados para pedirles todos los productos sanitarios de que dispongan para planificar su campaña (*Diário de Notícias*, n.º 25342, 23/08/1936, p. 5). Muchos médicos portugueses se pusieron a sus órdenes. La *Cruz Verde* lusa (servicio de salud anexo a los bomberos voluntarios de Ajuda) se adhirió a su causa y el *Diário de Notícias* dice que todos los días recibía informaciones sobre la adhesión de nuevos médicos y personal sanitario a la columna de Madureira. El 2 de octubre de 1936, Madureira y su contingente médico se dirigieron hacia Ávila (*Diário de Notícias*, n.º 25382, 02/10/1936, p. 5). Su columna fue bautizada con el nombre de “Coluna de Saúde de Portugal” (*O Século*, n.º 19551, 19/08/1936, p. 1). En Ávila crea un Hospital de Sangre para operaciones de urgencia (con material sanitario de Portugal), a donde eran conducidos los soldados heridos en el frente de Guadarrama. “Com sacrifício da sua clínica e até da sua segurança pessoal” ayudó en la “vitória de uma causa que ninguém pode ser indiferente”, decía *A Voz* (n.º 3468, 17/10/1936, p. 2). En octubre de 1937, el general Franco concedió a Alberto Madureira la Cruz del Mérito Militar. (*O Século*, n.º 19962, 12/10/1937, p. 2). Al finalizar la guerra, como recompensa por los servicios prestados, fue ascendido a la categoría de teniente coronel del ejército español. Y, de regreso a Portugal, fundó y dirigió la Liga

larga fila de coches portaba decenas de coronas de flores enviadas por diversas instituciones españolas y portuguesas, particulares y personas ilustres como el rey Alfonso XIII. Entre los presentes destacaba una numerosa representación de la intelectualidad, la policía y el ejército portugués: Hipólito Raposo, José Pequito Rebelo, José Quirino da Fonseca, general Boaventura Ferraz, brigada Peixoto e Cunha, João Azevedo Coutinho, coronel Jorge de Barcelos Júnior, comandante Vicente Lopes, mayor José Mouzinho de Albuquerque, capitanes Agostinho Lourenço, Silva e Costa, Hipólito do Pessoa de Amorim, Afonso Costa, Jorge Maria Bonet, Álvaro Reis Torgal y António de Vasconcelos. El *Rádio Club Português*, que jugó un papel decisivo a favor del bando franquista durante la Guerra Civil española se hizo representar por Luis Aranda. El féretro fue cubierto por sendas banderas española y portuguesa y, rodeando el coche que lo transportó hasta el Cementerio dos Anjos, caminaba un grupo de falangistas y milicianos italianos encabezados por el Conde di Carrobbio, líder del Fascio en Lisboa.<sup>229</sup>

Al llegar al camposanto se establecieron varios turnos para portar el muerto hasta la tumba. Los primeros en cargar la caja mortuoria fueron los representantes de la prensa portuguesa y española y, el segundo, estaba formado por personas íntimas de la familia. Ante la sepultura, después de pronunciar sus últimas palabras el padre

---

dos Combatentes Anti-Comunistas da Guerra de Espanha, "Legionários da Morte", cuyo secretario general era Humberto de Lima Alves. Durante la Segunda Guerra mundial estuvo en Alemania al servicio de Hitler, que también lo condecoró por sus trabajos médicos. Su personalidad revela aspectos muy interesantes que valdría la pena investigar. Véase *Enciclopedia Luso-Brasileira de cultura*, vol. xv, Lisboa, p. 864. Pero hubo más casos de destacados médicos portugueses en la guerra: Nunes Pimenta, por ejemplo, era el jefe de los servicios sanitarios de los requetés en Cáceres (*O Século*, n.º 19747, 09/03/1937, p. 5). El caso más famoso entre los médicos que trabajaron en España durante la guerra fue el del cirujano canadiense Norman Bethune, que organizó en las Brigadas Internacionales varios bancos de sangre. Al cumplirse el 60.º aniversario del inicio del conflicto, se formó un comité de homenaje en Madrid para rescatar su memoria. (*El País*, 31/07/1996, p. 48).

<sup>229</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25310, 22/07/1936, p. 1.

António José Moita, el falangista Antonio Font, y los marqueses de Cavalcanti y de Quintanar, dirigieron unas palabras a los allí presentes para recordar las virtudes del general Sanjurjo.<sup>230</sup> Como un fatal presagio para su esposa, un día antes de su muerte, el León del Riff recogió en la lisboeta estación del Rossio a la viúda de Calvo Sotelo, a quien consoló y trasladó al Hotel Americano en loor de multitudes.<sup>231</sup>

La viúda de Sanjurjo también fue protagonista de un acto de homenaje celebrado el 12 de septiembre de 1937 en el Hotel Miramar de Estoril. La ceremonia consistió en la entrega, a título póstumo, de la medalla militar de Sufrimiento por la Patria, mérito creado por el caudillo español. A ella asistieron el líder de la Comunión Tradicionalista, Manuel Fal Conde, los marqueses de Miraflor, de Farena y Baldadano, los duques de Maura y otras personalidades, algunas pertenecientes al cuerpo diplomático de varios países. En memoria del general, Fal Conde recordó sus gestas “gloriosas” y su sangre carlista, reivindicada hasta la hora de su muerte: “(...) quando o general Sanjurjo tomou lugar no avião em que morreu se santificou e, fazendo o sinal da Cruz de Borgonha por todos nós adoptado nesta guerra da Reconquista, lhe veio a morte, abençoando a Espanha. (...) O general não morreru, deixou aos “requetés” seu filhinho Pepe, já nas nossas hostes e que nos parece um digno continuador das virtudes do pai. (...)”<sup>232</sup>

El jovencísimo hijo del ilustre general fue utilizado, unas semanas después, para dar la noticia de su ingreso en los requetés,

---

<sup>230</sup> *O Século*, n.º 19524, 23707/1936, p. 2

<sup>231</sup> Henriqueta Calvo Sotelo fue recibida por varios centenares de emigrados españoles, que la acompañaron hasta el hotel para transmitirle el pésame. Entre los que dejaron mensajes de consternación, se encontraban las siguientes personalidades: los marqueses de Altamira, de Armendáriz, de Villafuerte, de Campoverde, de Pobla de Claramunt, de la Vega, de Pillares, y de Vila Marta; los condes de Rojas, del Fresno, de la Fuente, de Castillo, de Tajo y de Peromoro; los señores Alfredo Sena Calceran, Enrique Blanco Refojo del Moral, Alfredo Murguía, etc. (*O Século*, n.º 19520, 19/07/1936, pp. 1 y 2).

<sup>232</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2299, 13/09/1937, p. 1; *A Voz*, n.º 3790, 12/09/1937, p. 1.

apareciendo en la prensa lusa uniformado y saludando, dispuesto a “(...) seguir a carreira brilhantissima do seu pai.”<sup>233</sup> En marzo de 1938, Pilar Primo de Rivera, hermana de José Antonio, fue también aclamada por la aristocracia de la colonia española en Estoril, esta vez en el Hotel Palace. La Falange Española ofreció un banquete en su honor antes de que ésta partiera hacia el Congreso nazi de Nuremberg. Al almuerzo fueron invitados, además de los representantes rebeldes en Lisboa, varios miembros ilustres de la colonia alemana, como Julius Claussen, delegado del Partido Nazi en Portugal, su delegada femenina, Maria Berner, el embajador germano, el barón Von Hoyningen-Huene, su agregado de prensa, Wilhelm Werner, y el director del Gremio Luso-Alemão, Johannes Roth.<sup>234</sup>

## 2.5. La beneficencia española, al servicio del franquismo

La delegación de la Cruz Roja Española en Portugal también estuvo del lado de los sublevados y participó activamente en sus campañas de donativos en colaboración con la comisión de señoras españolas. La marquesa del Prado Ameno, como portavoz de la institución humanitaria, se dirigió desde el Hotel Universo, el 7 de agosto de 1936, a la opinión pública lusa para pedir “(...) com a maior urgencia, um donativo material ou metálico, pequeno ou grande, para aliviar a todos os feridos que sofrem nos hospitais e campos de batalha.”<sup>235</sup> En el Hotel Aviz, verdadero centro de conspiración de los agentes rebeldes en Lisboa,<sup>236</sup> la comisión de señoras de la alta

---

<sup>233</sup> *Alma Nacional*, n.º 5, II série, octubre de 1937, p. 14.

<sup>234</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25911, 28/03/1938, p. 5.

<sup>235</sup> *O Século*, n.º 19539, 07/08/1936, p. 5.

<sup>236</sup> Vidarte, Juan-Simeón, *Todos fuimos culpables. Testimonio de un socialista español*, Barcelona-Buenos Aires-México, Ediciones Grijalbo, 1978, p. 583; Fox, Ralph, *Portugal 1936, op. cit.* p. 34.

sociedad española promovió un desfile de modelos de verano a beneficio de la Cruz Roja, que contó con la posterior actuación de los artistas portugueses Amelia Rey Colaço, Tomás Colaço y Corina Freire junto a la cantante española Carmencita Aubert.<sup>237</sup> El 17 de julio de 1937 la Cruz Roja organizó una corrida de toros en Campo Pequeño a beneficio de los soldados facciosos. Torearon Juan Belmonte padre, el “Niño de la Palma” y Pascual Márquez. Para el primero significó la despedida oficial del mundo del toreo. En la arena estuvieron también un grupo de forçados y banderilleros portugueses. Se lidiaron seis toros donados por las ganaderías españolas Clairac, Pérez de la Concha, Gamero Civico, Muruve Terrones y Conquilla, y cuatro portugueses de Patricio Irmão.<sup>238</sup> La dirección de la plaza de toros de Lisboa cedió gratuitamente sus instalaciones para la ocasión.<sup>239</sup> La organización benéfica contó también con la ayuda de varias decenas de mujeres españolas y portuguesas que trabajaron de forma altruista en el Palácio de Palhava confeccionando diversas prendas para los hospitales y los reclutas “nacionalistas”.<sup>240</sup> El primer convoy enviado por la Cruz Roja Española desde Portugal salió el 7 de abril de 1937. Estaba formado por varias camionetas con medicamentos diversos, alimentos y ropas, y se destinó a las poblaciones cercanas a Madrid.<sup>241</sup>

La Sociedad Española de Beneficencia participó en las cuestaciones populares de los rebeldes franquistas, pero su actividad estaba prácticamente concentrada en ayudar humanitariamente a los pobres, ancianos y huérfanos de la colonia española.<sup>242</sup> En abril de 1938,

<sup>237</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2209, 15/06/1937, p. 3.

<sup>238</sup> *O Século*, n.º 19877, 17/07/1937, p. 3.

<sup>239</sup> *Idem*, n.º 19822, 24/05/1937, p. 5.

<sup>240</sup> *Idem*, n.º 19832, 03/06/1937, p. 6.

<sup>241</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25564, 08/04/1937, p. 4.

<sup>242</sup> En el mes de octubre de 1938, la Beneficencia Española repartió 3489 comidas, realizó 17 visitas domiciliarias a indigentes y 17 consultas médicas, distribuyó 23 pren-

acogía 12 huérfanas y otras tantas ancianas y repartía 200 raciones de comida diarias.<sup>243</sup> Se impartían clases a los desamparados y se oficiaba misa para los españoles en una capilla que servía también de centro de reunión semanal para los “flechas” de la Falange Española.<sup>244</sup> En mayo de 1938, el ministerio de Asuntos Exteriores franquista le concedió una subvención anual de 60.000 escudos para poder continuar con su obra benéfica.<sup>245</sup> La Sociedad estaba gestionada por una Junta de Señoras, esposas de los funcionarios del Consulado, y algunas religiosas que (con una subvención oficial) mantenían un dispensario en el que prestaba asistencia médica gratuita dos veces por semana el facultativo Carlos Godoy.<sup>246</sup> En noviembre de 1938, la Juventud de Galicia y la Asociación Galaica de Socorros Mutuos propusieron la creación de un organismo que aglutinara a todos los españoles residentes en Lisboa y que tuviera una “Policlínica y Casa de Salud” para atender las necesidades sanitarias de la colonia.<sup>247</sup>

La falta de asistencia y la miseria de algunos españoles, según las asociaciones gallegas, producían “desnacionalización” y disminuía la “grandeza de nuestro Imperio”. Para combatir esta mala imagen de la España del general Franco en Portugal y fomentar la unidad y el control de todos los miembros de la colonia, se proponían crear el Hogar Español, que pretendía suplir las deficiencias de la Sociedad Española de Beneficencia y mejorar la “labor patriótica” del

---

das de abrigo y suministró medicamentos por valor de 650 escudos. (AMAE, R-1058, expediente n.º 6. Oficio n.º 73 del Cónsul General de España al embajador rebelde en Lisboa, 22/11/1938).

<sup>243</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Oficio n.º 100 de Contabilidad de la embajada rebelde en Lisboa al ministro de Estado de Burgos, 11/04/1938.

<sup>244</sup> *Ibidem.*

<sup>245</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Oficio n.º 137 del Subsecretario de Asuntos Exteriores al representante rebelde en Lisboa, 21/05/1938.

<sup>246</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 7. Oficio n.º 208 del Cónsul General de España en Lisboa al Ministro de Asuntos Exteriores, 30/11/1938.

<sup>247</sup> *Ibidem.*

Consulado General.<sup>248</sup> Esto no agradó a la Beneficencia Española, que tampoco tenía demasiadas simpatías por el Auxilio Social. Para fortalecer su posición, intentó obstaculizar el trabajo de la FET y de las JONS e hizo propaganda destinada a captar “señoras de diplomáticos”.<sup>249</sup>

Sin embargo, las divergencias y celos entre las diferentes organizaciones de la comunidad española, no fue un obstáculo para organizar conjuntamente una campaña de captación de donantes para regalarle al general Franco la Gran Cruz de Isabel la Católica, realizada en un comercio lisboeta. En total se recaudaron 5443 escudos, aportados en su mayoría por el Centro Español (2047), la *embajada negra* (822), la Juventud de Galicia (413) y la Sociedad Española de Beneficencia (230), aunque hubo donativos de varias decenas de particulares de la colonia que entregaron su contribución al margen de estas instituciones.<sup>250</sup> Este éxito le sirvió a Nicolás Franco para reconocer el esfuerzo de la colonia por la causa franquista y afirmar el orgullo de la sociedad española.<sup>251</sup>

A pesar de las afirmaciones patrióticas de Nicolás Franco, que pretendían transmitir públicamente la idea de un apoyo unánime de la colonia a Franco, en realidad dentro de la comunidad española sólo una minoría de españoles, algunos de ellos aristócratas, eran los que organizaban la mayor parte de las actividades de apoyo al franquismo, muchas de ellas con la colaboración de instituciones lusas. Una de las organizaciones portuguesas que demostró estar más sensibilizada con la tragedia española fue la asociación católica

---

<sup>248</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 7. Carta firmada por los presidente de la Juventud de Galicia, Antonio Conde Fresco, y el presidente de la Asociación Galaica de Socorros Mutuos, José Rodríguez Márquez, 20/11/1938.

<sup>249</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6. “Notas sobre la colonia española en Lisboa”, 08/09/1938.

<sup>250</sup> AMAE, R-6643, expediente n.º 33. Lista completa de donantes elaborada por la Representación de la Junta de Defensa en Lisboa, 20/09/1938.

<sup>251</sup> AMAE, R-6643, expediente n.º 6. Carta de Nicolás Franco al ministro de Asuntos Exteriores, s.d. (1938).

Núcleo Pro Amore-Pro Pace, dirigida por Alberto de Velasco y Mera. Sus integrantes, en su mayoría mujeres, pertenecían también a la alta burguesía portuguesa y española<sup>252</sup> y sus acciones benéficas se destinaban a los huérfanos de los combatientes rebeldes. A la puerta de las iglesias, vendían álbumes artísticos, realizados en algunos casos por solidarios intelectuales salazaristas.<sup>253</sup> Una de las campañas más exitosas de esta organización, puesta en marcha a finales de septiembre de 1936, fue la edición de postales con retratos de líderes del Estado Novo.<sup>254</sup> Una edición de 15.000 postales autografadas por el cardenal patriarca António Cerejeira y Oliveira Salazar e ilustradas por una pintura de Veloso Salgado, se enviaron al exterior; 5000 de ellas en edición de lujo, fueron destinadas a Brasil y a Sevilla. En la capital andaluza, el general Queipo de Llano se encargó de distribuir las por las poblaciones conquistadas.<sup>255</sup>

El Nucleo Pro Amore-Pro Pace también editó algunos libros de arte para el mismo fin. Según *O Século*, “(...) com o produto dessa benemérita cruzada, que obtive o melhor acolhimento entre as almas caridosas, são adquiridos casacos de malha, mantas, brinquedos,

---

<sup>252</sup> Entre las señoras que formaban parte del Núcleo Pro Amore-Pro Pace tenemos a las siguientes: Condessa de Guadiana D. Eugenia Ribeiro Ferreira, D. Laura de Abreu reis Ferreira, D. Mabel Oram Soares, D. Maria Antónia de Melo Portugal, D. Maria Eugenia Mera Pinto de Magalhães Martinha; D. Maria de Forjaz Trigueiros, D. Isabel de Suarez Somonte, D. Maria Lane Borges de Sousa, marquesas de Armendáriz, de Cadaval, de Esquivel y de Isla Hermosa; D. Rita Sommer Viveiros Pereira, vizcondesa de Asseca (D. Antónia), Ángela Duran de Mendonça de Morais, D. Ana Virginia Formigal de Morais, D. Elisa Antunes dos Santos de Vasconcelos, D. Maria Inácia Lopes Cardoso de Iart, D. Carolina Cunha, D. Octavia Guedes Cau da Costa, condessa de Rilvas, D. Maria de Carvalho Potier de Carvalho Monteiro, D. Adelaide de Morais Barbosa Serodio (Sabrosa), D. Maria de Lourde de Sá Teixeira Ferraz, D. Maria Lina de Veloso Salgado, D. Maria Tereza de Salena Garção, D. Sara de Morgernstern Moreira, D. Tereza Wan-Zeller de Castro Pereira, D. Amelia Freitas de Guimarães Carvalho Maia, D. Celeste Ferreira do Amaral Tavares de Carvalho, condessa de Castanheira, viscondessa de Monserrate, D. Maria Andrade Santos y D. Zulcides de Anjos Teixeira (*O Século*, n.º 19576, 13/09/1936, p. 6).

<sup>253</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25368, 19/09/1936, p. 5; Idem, n.º 25376, 26/09/1936, p. 4.

<sup>254</sup> *O Século*, n.º 19592, 29/09/1936, p. 4.

<sup>255</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25387, 08/10/1936, p. 4.

produtos alimenticios, livros e ilustrações que se destinam a amenizar as trágicas e dolorosas circunstâncias em que se encontram as infelizes crianças cujos pais morreram por uma Espanha nova, limpa da semente marxista. (...)”.<sup>256</sup> Junto a esta institución católica, trabajó con los franquistas de la colonia española la asociación Pro Sanidade Espanhola, fundada por el artista Jorge Colaço<sup>257</sup>, cuya misión fundamental era la recaudación de dinero para enviar medicamentos a los hospitales del bando rebelde. Colaço, que se mostró siempre muy próximo de la nobleza española en Portugal, subastó algunas de sus obras a beneficio del humanitario organismo.<sup>258</sup> Admirador y amigo del general Sanjurjo, Colaço propuso varias veces hacer un homenaje en memoria del oficial español. Junto a otros intelectuales portugueses, el pintor luso creía que el militar golpista había sido injustamente olvidado.<sup>259</sup> El 4 de abril de 1939, su demanda fue recogida por el *Diário de Notícias*, que apoyó la idea:

“(…) Temos a certeza de que seria grato á Espanha: a colónia espanhola de Lisboa, tão querida ao nosso coração e a todos os portugueses que souberam venerar e estimar essa figura nobilíssima de fidalgo e de militar espanhol, vê-lo recordado, para sempre, na terra que se acolheu quando abandonou o seu país, e de onde procurou alcançá-lo numa hora de entusiasmo, para o conduzir, com Franco e seus companheiros, á vitória e paz agora alcançadas. Uma simples memória, um pequeno monumento, uma pedra, um sinal, posto com solemnidade, ou no local em que perdeu a vida ou no Estoril, onde a sua figura gentilíssima

---

<sup>256</sup> *O Século*, n.º 19576, 13/09/1936, p. 6.

<sup>257</sup> Sobre la colaboración de Jorge Colaço en las campañas franquistas en la prensa portuguesa, véase Pena, Alberto, *Salazar, a Imprensa e a Guerra Civil de Espanha*, Coimbra, MinervaCoimbra, pp. 169-172.

<sup>258</sup> *O Século*, n.º 19832, 03/06/1937, p. 6.

<sup>259</sup> *Diário de Notícias*, n.º 26277, 05/04/1939, pp. 1 y 5.

era tão familiar aos habitantes e frequentadores dessa estância, bastariam para o exaltar e para sempre o lembrar com profundo respeito e comoção. (...)”<sup>260</sup>

La muerte de Sanjurjo fue, para Colaço, uno de los golpes más duros de la guerra. El intelectual portugués había planeado con el capitán Jorge Botelho Moniz<sup>261</sup> realizar un acto en recuerdo del general en el lugar de su muerte, en la Quinta da Marinha, en Cascais, poco después de la tragedia. Pero ambos aplazaron su intención por otras actividades de ayuda a los rebeldes más urgentes. El *Diário de Notícias* apoyó la propuesta del artista, que la entendía como una manera de unir lazos entre España y Portugal, según *O Século*: “(...) A sua realização não seria apenas um lenitivo carinhoso de que tanto precisam as feridas morais que a guerra civil lhe deixou, como significaria, sobretudo, um traço de união entre dois povos irmãos, que se devem compreender no que o sentimento tem de mais puro, de mais sensível e mais duradouro: a saudade (...)”.<sup>262</sup>

---

<sup>260</sup> *Idem*, n.º 26276, 04/04/1939, p. 1.

<sup>261</sup> Jorge Botelho Moniz, director y propietario del *Rádio Club Português*, jugó un papel extraordinario en apoyo del movimiento militar insurgente español. Desde su emisora organizó campañas de propaganda contra el gobierno de la II República, alistó cientos de voluntarios portugueses, fue el Jefe de la Assistência aos Legionários Portugueses da Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha durante la Guerra Civil, ideó y coordinó varios covoyes de ayuda a Franco y ejerció como locutor al micrófono del *RCP* en contra del gobierno legal de España.

<sup>262</sup> *Diário de Notícias*, n.º 26277, 05/04/1939, p. 5.



### CAPÍTULO 3

## INTELECTUALES, DIPLOMÁTICOS Y FALANGISTAS ESPAÑOLES EN PORTUGAL

### 3.1. La propaganda de W. Fernández Flórez y otros intelectuales franquistas

Las actividades del núcleo faccioso de la colonia no se concentraban únicamente en pedir donativos por medio de sus fiestas, cuestaciones, misas u otras celebraciones. Su acción recaudadora iba acompañada de una propaganda realizada en español desde la propia prensa portuguesa. Algunos periódicos lusos, brindaron sus páginas para que los rebeldes más ilustres y decididos publicasen artículos o concediesen entrevistas de propaganda franquista. El Marqués de Quintanar, Carmen Fernández de Lara, Julio Camba, Wencesalao Fernández Flórez, Eugenio Montes, Manuel Falcón, Álvaro de las Casas, Lasso de la Vega, Francisco Cervantes, entre otros, emplearon su pluma para dar una cobertura periodística al Alzamiento en el país vecino.<sup>263</sup> Las ideas

---

<sup>263</sup> No se ha publicado ningún estudio monográfico sobre la propaganda realizada por los intelectuales españoles en Portugal. Sin embargo, como se verá, desempeñaron una relevante función divulgadora del franquismo en este país. Sobre los intelectuales durante la Guerra Civil española véase: Trapiello, Andrés, *Las armas y las letras. Literatura y guerra civil (1936-1939)*, Barcelona, Planeta-Espejo de España, 1994 y 2010. Es un ensayo ilustrado sobre la posición de algunos escritores españoles durante el conflicto. Tiene un tratamiento literario, pero se hacen aportaciones muy interesantes, con una breve biografía de los protagonistas al final del libro. Para hacerse una idea de la producción literaria española durante la guerra y bajo el franquismo, véase: Fernández

políticas y sociales de la Falange, la concepción franquista de la restauración nacional o la visión monstruosa sobre las teorías marxistas y el gobierno leal son temas recurrentes en la propaganda de estos intelectuales.

*A Voz* fue uno de los diarios que más artículos publicó de los intelectuales franquistas, aunque muchas otras cabeceras aceptaron publicar en español testimonios, crónicas o columnas de los rebeldes. El *Diário de Notícias*, el *Diário da Manhã*, el *Comércio do Porto* o las revistas *Ocidente*, *Alma Nacional* y *Aviz* incluyeron propaganda en español. *A Voz* publicó muchos artículos del Marqués de Quintanar, quien en una entrevista concedida al *Diário de Lisboa* el 22 de agosto de 1936, vaticinaba un inmediato fin de la guerra.<sup>264</sup> Sus predicciones no se cumplieron, pero siguió difundiendo sus ideas sobre el conflicto en *A Voz*, donde publicó una serie de artículos entre septiembre y noviembre de 1936 sobre las consecuencias de la guerra para Europa,<sup>265</sup> sobre la necesidad de resucitar la vieja alianza peninsular,<sup>266</sup> sobre las virtudes del tradicionalismo español,<sup>267</sup> o sobre el desarrollo del enfrentamiento bélico,<sup>268</sup> algunos de ellos leídos en los micrófonos del *Rádio Club Português*. En *A Voz* encontró también su espacio propagandístico el escritor español Manuel Falcón, que, como ya se ha mencionado, que trabajaba para el Secretariado de Propaganda Nacional, en colaboración permanente con los representantes rebeldes en Lisboa. Durante la guerra estuvo al

---

Santander, Carlos, *Bibliografía de la novela de la Guerra Civil y el franquismo*, A Coruña, Edicións do Castro, 1996.

<sup>264</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 4945, 22/08/1936, p. 5.

<sup>265</sup> *A Voz*, n.º 3439, 17/09/1936, p. 1; n.º 3440, 18/09/1936, p. 1; y n.º 3441, 19/09/1936, pp. 1 y 2.

<sup>266</sup> *Idem*, n.º 3442, 20/09/1936, pp. 1 y 2. El Marqués de Quintanar, que defendía una (nada agradable para el Estado Novo) posición iberista, publicó 25 años después de la guerra el libro *Diálogo Peninsular* (Madrid, Ediciones Cultura Hispánica, 1964), en el que expone su particular visión sobre la alianza luso-española.

<sup>267</sup> *Idem*, n.º 3455, 03/10/1936, pp. 1 y 2.

<sup>268</sup> *Idem*, n.º 3505, 23/11/1936, p. 1.

servicio de Nicolás Franco, que le encargaba la publicación de artículos favorables al Alzamiento militar. Según el agente del gobierno de Burgos Álvaro Seminario, Manuel Falcón era el “cronista de asuntos españoles” de *A Voz*.<sup>269</sup> En este periódico, demostró tener una cierta debilidad por la propaganda poética, firmando hasta seis poemas,<sup>270</sup> de escasa calidad literaria pero de gran trasfondo ideológico, que plasmaban sus sentimientos franquistas. Los triunfos del ejército rebelde, sus éxitos sociales, y la gloria de la patria española son sus vulgares motivos de inspiración como podemos ver en el siguiente poema, publicado días después del golpe militar, titulado “Arriba España!”:

Ejército glorioso de noble pueblo hispano  
que, indómito y altivo, llevaste por doquier  
la savia fecundante del árbol fuerte y sano  
del alma de la Ibeira, su genio y su poder;  
titán de anchas espaldas que soportaste el peso  
de dos mundos cual atlas de fuerza excepcional,  
que llevas en tu pecho con oro y sangre impreso  
el nombre de tu Patria de brillo universal;  
acude, corre, vuela, despliega tus pendones;  
sacude tus melenas indómito león;  
traspón montes y llanos, destruye los jalones  
que estorben tus avances; sé rayo y sé aquilón  
y libra de las garras del oso amenazante

---

<sup>269</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 444 de la embajada de España al Ministerio de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos, 01/11/1938.

<sup>270</sup> *A Voz*, n.º 3389, 29/07/1936, p. 1, titulado “Arriba Espanha”; n.º 3414, 23/08/1936, p. 3, titulado “Sangre y oro”; n.º 3575, 05/02/1937, p. 1, titulado “Ofrenda”; n.º 3734, 18/07/1937, p. 1, titulado “Sursum, Hispania!”; n.º 4093, 18/07/1938, p. 1, titulado “Sursum...”; y n.º 4346, 03/04/1939, p. 1, titulado “Hoy monologaba un soldado español”, publicado junto a otro poema titulado “Hoy monologaba Azaña”, de Joaquín Álvarez Quintero, extraído del *ABC* de Sevilla.

a España que es tu Madre, tu dueña, que es tu amor;  
Reduce la impotencia, con un gesto arrogante  
a su enemigo innoble, sé fuerte vencedor.  
renueva tus laureles, catados por los vates  
en sus canoras liras, entona tu canción  
preludio de batallas, de lucha, de combates  
y la victoria sea condigno colofón.  
Añade a tus blasones más una nueva hazaña  
que adorne tus cuarteles, tu límpido historial  
y, al grito de fé lleno, viril de “Arriba España”  
un nuevo fasto escribe de su historia inmortal.<sup>271</sup>

En otro artículo, titulado “A Verdade na Mentira”, Manuel Falcón describe a los combatientes republicanos como “fariseus anatemizados pelo Salvador”, en referencia a los infieles que se cubrieron inútilmente de mentiras ante Dios para alcanzar el perdón.<sup>272</sup> Publicó también en *A Voz*, en diciembre de 1938, una entrevista con el Jefe de los Archivos, Biblioteca y Propiedad Intelectual del gobierno rebelde, Lasso de la Vega, quien se encontraba en Portugal para asistir al doctorado Honoris Causa de Eugenio D’Ors por la Universidad de Coimbra. Javier Lasso de la Vega comenta los proyectos que tenía entonces su Departamento dentro del Ministerio de Educación Nacional. Durante la entrevista, el intelectual franquista, como Jefe de las Lecturas para los Combatientes, solicita que la *embajada negra*, se ocupe de hacer una campaña de recogida de libros en portugués para enviar a los combatientes portugueses en el frente de batalla.<sup>273</sup>

Por su parte, el *Diário de Notícias* y el *Diário da Manhã* publicaron las colaboraciones de otro de los intelectuales franquistas más

---

<sup>271</sup> *A Voz*, n.º 3389, 29/07/1936, p. 1.

<sup>272</sup> *Idem*, n.º 3825, 18/10/1937, p. 3.

<sup>273</sup> *Idem*, n.º 4250, 24/12/1938, pp. 1 y 2.

prestigiosos y activos en la cobertura propagandística del franquismo en Portugal, Wenceslao Fernández Flórez. El escritor gallego llegó a Lisboa el 24 de mayo de 1938 para hacer una campaña a favor de Franco. Los lectores del órgano de la União Nacional ya conocían sus opiniones sobre la guerra porque aquel periódico reprodujo algunos de los artículos publicados por éste en el *ABC* de Sevilla, cabecera en la que trabajaba desde 1937, después de conseguir salir clandestinamente de Madrid.<sup>274</sup> Cuando llegó a la estación lisboeta del Rosio fue recibido oficialmente por Jorge Faria, presidente del Sindicato Nacional dos Jornalistas y Guilherme Pereira de Carvalho, representante del Secretariado de Propaganda Nacional. Era considerado por la prensa lusa como uno de los más insignes intelectuales españoles supervivientes del “genocidio” del gobierno republicano. Su estancia en Portugal tuvo una enorme repercusión mediática, como correspondía a un ilustre invitado del SPN que iba a pronunciar dos conferencias sobre la “Revolución Nacionalista”.<sup>275</sup> Las charlas de Fernández Flórez fueron retransmitidas en directo por la *Emissora Nacional*. La primera alocución del autor español, titulada “O Terror Vermelho”, se realizó el 8 de junio en la sede del Secretariado de Propaganda Nacional y en ella estuvieron presentes numerosos periodistas y escritores portugueses. Fue un gran éxito para el SPN y los representantes del Gobierno de Burgos en Lisboa. No todas las personas pudieron entrar en la sala. Por lo que los organizadores decidieron instalar altavoces en otras dependencias del edificio. La presentación del intelectual español corrió a cargo del director del SPN, António Ferro, que recuerda la campaña de propaganda internacional realizada por los intelectuales portugueses para impedir el fusilamiento de los escritores españoles en territorio leal. Ferro subraya, además, el “error” cometido por él en septiembre de 1936,

---

<sup>274</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2331, 16/10/1937, p. 3.

<sup>275</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2540, 25/05/1938, p. 3.

cuando, en medio de la vorágine imparable de aquella campaña, desde el organismo que él dirigía se daba por muerto a Fernández Flórez. Armando Boaventura, desde el *Diário de Notícias*, certificara su muerte publicando una entrevista póstuma con el escritor, en la que demostraba su admiración por Franco y Salazar.<sup>276</sup> Teniendo en cuenta el sistemático asesinato de intelectuales en el bando leal a Madrid (sic), apuntaba Ferro, la “resurrección” del escritor franquista fue todo un milagro:

“(…) Flores acabou por conseguir da Espanha vermelha, salvar-se, mas não fácilmente, não como quem parte, com a sua bagagem feita, a horas certas. Salvou-se, para bem de nós todos, para nossa alegria, mas como aqueles raros condenados á morte que conseguem libertar-se, quando a noite desce, dum monte de cadáveres que se forma após os fuzilamentos em massa. Conseguiu salvar-se mas deixando nesse monte de cadáveres intelectuais como Ramiro de Maeztu, Manuel Bueno, Salazar Alonso, Muñoz Seca e tantos outros, testemunha implacável, justiceira, salvou-se para nos vir contar o que os seus olhos viram, o que a sua alma sofreu! (...) Depois da sua conferência todos concluirão que, para a inteligência de Fernandez Flores, homem de bem e escritor de bem, os chamados direitos do homem deixaram de existir, porque os voi (sic) em plena actividade, transmutados em autênticos direitos da fera! (...) Lembrou em seguida António Ferro que o conferenciante nasceu na Galiza, provincia de Espanha, mas amiga intima de Portugal, da nossa paisagem, dos nossos costumes, da nossa lingua, circunstancia essa que nos torna Wenceslau Flores particularmente simpático.”<sup>277</sup>

---

<sup>276</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25353, 03/09/1936, p. 1.

<sup>277</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2560, 09/06/1938, p. 4.

La segunda diatriba de Fernández Flórez se realizó el 16 de junio en la Sociedade de Geografia. Esta vez habló de “A Mulher na Revolução Espanhola”, conferencia publicada íntegramente por el *Diário da Manhã* y la revista *Ocidente*,<sup>278</sup> en la que el popular escritor elogia las sobresalientes cualidades de la mujer falangista frente a las “salvajes” costumbres de las mujeres marxistas. La primera, según él, es una buena madre y tierna con su marido, mientras la segunda, cuyos modelos representaban Dolores Ibárruri (*La Pasionaria*) o Margarita Nelken, es un auténtico monstruo que ha perdido los valores más “puros” de su sexo.<sup>279</sup> La gira del escritor, autor de obras de gran relevancia en la historia de la literatura española, como *El bosque animado*, continuó en Porto. Allí fue recibido el 21 de junio entre aplausos de diplomáticos e intelectuales lusos en el Salão Nobre do Centro Comercial, durante una sesión presidida por el presidente de la Câmara Municipal, Mendes Correia, junto a los escritores Alberto Pinheiro Torres y Augusto Pires de Lima.<sup>280</sup>

La campaña propagandística de Fernández Flórez tuvo también una vertiente periodística y editorial. Durante el verano de 1938, escribió para el *Diário de Notícias* una serie de 15 crónicas sobre sus peripecias personales para huir del infierno madrileño y salvar su vida después de iniciada la guerra civil, gracias justamente a la ayuda prestada por el embajador portugués, Riba Tâmega, en la capital española. Su trabajo periodístico fue recogido en el libro de propaganda editado ese mismo año por la Empresa Nacional de Publicidade, propietaria del *Diário de Notícias*, titulado *O Terror Vermelho*.<sup>281</sup>

---

<sup>278</sup> *Ocidente*, vol. I, n.º 3, julio de 1938, pp. 419-430; vol. II, n.º 4, agosto de 1938, pp. 79-81.

<sup>279</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2508, 17/06/1938, p. 5.

<sup>280</sup> *Idem*, n.º 2573, 22/06/1938, p. 8.

<sup>281</sup> Fernández Flórez, Wenceslao, *O Terror Vermelho*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1938, 233 pp. Cuando finalizó la guerra, Fernández Flórez escribió su novela inspirada en su cautiverio en Madrid, titulada *Una isla en el mar rojo*, Madrid, Ediciones Españolas, 1939.

La portada de este opúsculo aparece ilustrada en color con un cuadro de una asustadora calavera tocada con una gorra roja y adornada en su parte frontal con la estrella roja del bolchevismo. El libro fue traducido a varias lenguas y difundido internacionalmente al mismo tiempo que la edición portuguesa.<sup>282</sup> En el prólogo, Fernández Flórez expresa su deseo de convencer a los lectores de evitar el “contagio” del comunismo ruso, que se extendió rápidamente en el territorio español tras alcanzar el gobierno los burgueses que simpatizaban con las ideas marxistas (sic): “(...) As ideias eram russas, os processos eram russos; russos eram os homens chegados para dirigir até as matanças; russas as armas, russas as conservas que, ao princípio, deram ao povo, russos os nomes que se invocavam, as denominações das brigadas, os originais dos grandes retratos que presidiam aos comícios e às deliberações. (...)”<sup>283</sup> Esta *invasión roja*, según el autor, fue estimulada por “falsos” intelectuales y periodistas “de meia tege-la” que se enriquecieron haciendo propaganda a favor de los marxistas. Y añade que aquellos pseudo-intelectuales huyeron arrepentidos de su incendiaria provocación que sumió a España en la hoguera del horror.<sup>284</sup> El autor, además, se muestra orgulloso de los resultados de la propaganda por él realizada en Portugal, al comprobar sus efectos cuando dos muchachos portugueses le agradecieron personalmente, en una de sus conferencias, sus artículos periodísticos porque éstos “(...) tinham estrangulado nos seus espíritos uma tendencia de simpatia, de aproximação para o comunismo (...)”<sup>285</sup>

Además de Wenceslao Fernández Flórez, el escritor fascista español Mauricio Karl, publicó en Portugal otras dos obras tituladas

---

<sup>282</sup> *Idem*, (s.p.), (pp. 2 y 3).

<sup>283</sup> *Idem*, (s.p.) (p. 12).

<sup>284</sup> *Idem*, (s.p.) (p. 11).

<sup>285</sup> *Idem*, (s.p.) (p. 18).

*A Espanha sob o domínio comunista y Assassinos*.<sup>286</sup> También hubo otros intelectuales españoles que hicieron propaganda franquista con la aquiescencia del Estado Novo, aunque con un protagonismo menor. Eugenio Montes, nombrado director del Instituto Español de Lisboa por los representantes franquistas, pronunció una conferencia sobre las causas de la guerra en el Teatro Trindade de Lisboa el 14 de mayo de 1937, al tiempo que publicaba un artículo en el *Diário da Manhã* titulado “De Dostoievski a Estaline”.<sup>287</sup> Su presentación en el Teatro Trindade fue realizada por Manuel Múrias, simpatizante de la causa facciosa y director de la revista portuguesa *Ocidente*.<sup>288</sup> En Porto, fueron el escritor Julio Camba y el profesor de la Universidad de Santiago de Compostela Álvaro de las Casas los que asumieron el papel de propagadores de la “verdad” franquista. De las Casas, que se estableció en aquella ciudad en septiembre de 1936 tras una estancia en Alemania e Italia, mantenía una estrecha relación con el *Comércio do Porto*, que se mostró durante la guerra interesado en publicar asuntos relacionados con la colonia española en aquella ciudad y, en concreto, sobre todo lo relacionado con Galicia y el galleguismo. Precisamente, sobre la política del franquismo en relación al nacionalismo gallego, se suscitaron críticas hacia la represión rebelde en aquella comunidad. Álvaro de las Casas ofrece su testimonio personal al *Comércio do Porto* el 7 de septiembre de 1936, que publica una entrevista con el intelectual galaico sobre este asunto. El antetítulo de la entrevista era “A Galiza na revolução espanhola” y el título: “O depoimento dum galeguista: Pela Civilização e pela Espanha contra a demência tartárica!”.<sup>289</sup> El escritor gallego es erigido

---

<sup>286</sup> *O Século*, n.º 19556, 24/08/1936, p. 5. Sin embargo, no se ha encontrado ninguna referencia bibliográfica de estas obras ni en las bibliotecas portuguesas ni en las españolas.

<sup>287</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2177, 14/05/1937, pp. 3 y 7.

<sup>288</sup> *O Século*, n.º 19813, 15/05/1937, p. 6.

<sup>289</sup> *Comércio do Porto*, n.º 233, 07/09/1936, p. 2.

como portavoz del nacionalismo gallego para manifestar la posición de este movimiento ante el conflicto. El *Comércio do Porto* insiste en no confundir a los nacionalistas gallegos, defensores de la unidad de España, con el separatismo vasco y catalán, dejando claro que “(...) a Galiza formou, desde os primeiros momentos, um bloco sólido e homogéneo ao lado do exército espanhol, mas nem por isso deixava de ser curioso averiguar da maneira como algumas figuras representativas da inteligência galega entendem a solidariedade dada pela unanimidade da população do Noroeste hispânico ao movimento de reconstrução espanhola, desencadeado pelo Exército do país vizinho (...)”<sup>290</sup>

Así, Galicia, que fue conquistada por los sublevados en pocas semanas, era representada como una región que apoyaba incondicionalmente al ejército franquista. En la entrevista, Álvaro de las Casas considera que las tropas de Franco estaban “(...) salvando as mais puras essências de “europeidad” e todos os valores morais que deram á Espanha um pôsto de primeira ordem no diálogo das mais antigas, nobres e gloriosas civilizações (...)”<sup>291</sup> Sin embargo, el intelectual gallego cae en la contradicción de reconocer las especificidades de Galicia como “individualidade” histórica y, al tiempo, afirmar que la región galaica necesitaba un “robustecimento” de su personalidad hispánica. “(...) Neste instante, a minha terra de novo com perfeita unanimidade, com ardor insuperável, com a fé dun verdadeiro misticismo, tôda ela unida num apertado feixe, está em armas pela salvação e pela restauração da Espanha, pelo prestígio da Europa (...)”<sup>292</sup> El testimonio de Álvaro de las Casas le sirve al *Comércio do Porto* para concluir con rotundidad del siguiente modo: “Nenhum equivoco é mais possível. O galeguismo

---

<sup>290</sup> *Ibidem.*

<sup>291</sup> *Ibidem.*

<sup>292</sup> *Ibidem.*

declarou-se pela Civilização, pela Espanha e pelo Exército nacionalista. Proclamou-o abertamente, um dos mais nobres e lúcidos espíritos da terra galega.”

Pero el nacionalismo gallego no se declaró nunca del lado de la “Revolução Espanhola” y dos de los intelectuales y políticos más representativos de la causa galleguista, Alfonso Rodríguez Castelao y Ramón Suárez Picallo, diputados del Partido Galeguista en las Cortes de la II República, se enfrentaron a esa propaganda y al Estado Novo portugués acusando a Salazar de ser el verdugo de la cultura y la identidad del pueblo gallego. Ambos parlamentarios editaron en Madrid, en abril de 1937, un folleto impreso por la Delegação em Espanha da Frente Popular Portuguesa y publicado en la prensa leal al gobierno de Madrid que se titulaba: *Carta a Oliveira Salazar, ditador de Portugal*.<sup>293</sup> La misiva pública ponía el dedo en la llaga de una traición. Según Castelao y Suárez Picallo, Oliveira Salazar estaba cavando la tumba del galleguismo: “(...) Sabe V. que o triunfo do feixismo em Hespanha supón a volta de Catalunya, Euzkadi e Galicia á tiranía centralista – tiranía que Portugal non soportou –. ¿Cré V., señor dictador, que Portugal pode diñamente axudar aos militares hespañoles no afán de abolir as autonomías? (...)”, se señala en el escrito.<sup>294</sup> Salazar es acusado también como cómplice del asesinato de cientos de gallegos. Los diputados nacionalistas, empleando una singular dureza con el dictador luso, le atribuyen la responsabilidad del cierre de las fronteras con Galicia para impedir el refugio en Portugal de los demócratas que huían de la represión fascista. Y lo hizo, según el folleto, a pesar de los lazos históricos que unían a la comunidad galaica con Portugal:

---

<sup>293</sup> Castelao, Alfonso Rodríguez, y Suárez Picallo, Ramón, *Carta a Oliveira Salazar, ditador de Portugal*, Madrid, Editado por la Delegación del Frente Popular Portugués en Madrid, 1937. El folleto fue publicado en el periódico nacionalista *Galiza Nova* y el el diario *El Sol* de Madrid.

<sup>294</sup> *Idem*, p. 6.

(...) Galiza e Portugal forman, étnicamente un mesmo pobo. Fórono no abrente da Hestoria e camiñaron xuntos moito tempo, a falar e cantar no mesmo idioma. Xuntos erguemos un dos mais belidos momentos do mundo: a gran poesía lírica dos cancioneiros galaico-portugueses. Xuntos creamos unha cultura e un xeito de vida. E o río Miño era o noso pai. Sabe V. que aínda dispois da malfadada separación Galiza e Portugal queríanse como dous namorados. (...) Debe saber V. que o noso amor a Portugal valeunos a xenreira dos “nacionalistas hespañoles” e que foi xustamente ese amor o delito mais grave que se nos imputa. ¿Cré V., señor Oliveira Salazar, que os galeguistas estábamos infectados dalgunha enfermidade perigosa para o pobo português? Pois V. tratounos como apestados, metendo galeguistas en cadeas inmundas ou entregándoos aos asesíños de “Falange Española”. Sabe V. que os intelectuales portugueses e galegos comezaban a formar unha comunidade cultural que sería outro expoñente da nosa estirpe atlántica. Chamabámonos irmáns, e Rosalía de Castro era o “corpo santo da Saudade”. Um poeta, amigo de V., quixo engaiolar a Galiza com este chamamento: “Deixa Castela e ven a nós!”. Sabe V. que os galeguistas fechábamos os ouvidos a todo chamamento ilícito; pero queríamos ser fieles aos legados da tradición e cada vez sentíamonos máis empurrados cara Portugal (...) Pois ben, señor Oliveira Salazar: V. matou as nosas ilusións. ¿Cré V. que se pode axudar descaradamente aos imperialistas hespañoles? (...)”<sup>295</sup>

En la carta se acusa también al Presidente do Consello del Estado Novo de poner en peligro la propia independencia de su país después de tantos sacrificios para mantener en pie la frontera con Castilla. Los diputados argumentaban que la única garantía para la integridad territorial de Portugal era una España de las autonomías:

---

<sup>295</sup> *Idem*, pp. 6 y 7.

“(…) Non cabe dúbida de que foi Portugal quen rompeu a unidade hispánica. E fixo ben. Agora, señor profesor de Dereito: Sabe V. que o “motivo patriótico” que invocan os militares hespañoles, para xustificaren o seu crime, foi provocado pola xenerosidade constitucional, pois, según eles, a concesión das autonomías pon en perigo a “sagrada unidad de la patria” cando, en verdade sirve para fortificala. Sabe V. que os militares facciosos defenden, soementes, un sistema - o sistema unitario e centralista - que causou a perda do noso imperio colonial e a deseintegración peninsular. Sabe V. que eses militares desprezan olímpicamente a Portugal, sen coñecelo, e gardan nos seus adentros, un anxeio irreprimible de reconquistalo; entrementras que os pobos autónomos da República hespañola serían sempre unha garantía da independencia de Portugal. (...)”<sup>296</sup>

El texto de los diputados es prologado por el Frente Popular Portuguêz, que traza el ilustre perfil biográfico de los autores y se solidariza con la causa de los representantes del nacionalismo gallego, señalando que el pueblo portugués es víctima del mismo horror: “(...) Aos dois nobres signatários desta carta não temos a dizer senão que o povo Portugués, revoltado até a nausea, anseia pela hora de resgatar a sua Patria do crime monstruoso e sem par com que o Ditador a infamou”, concluye el prefacio.<sup>297</sup> El texto fue introducido clandestinamente en el territorio luso, probablemente por medio del correo enviado desde Francia. Circunstancia que puso al acecho a la policía portuguesa, que prohibió su difusión en el país.<sup>298</sup> Mientras tanto, un grupo de refugiados gallegos en Portugal le envía otra carta a

---

<sup>296</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>297</sup> *Idem*, p. 3.

<sup>298</sup> AMI-GM/ANTT, Série: Processos, M 488, caixa n.º 42. Comando Geral da Polícia de Segurança Pública, Secretaria dos Serviços de Segurança. Orden de servicio n.º 61, dada en Lisboa el 02/06/1937.

Oliveira Salazar, esta vez con carácter particular, solicitando de forma respetuosa que ponga fin a la persecución de los gallegos que entraron en Portugal huyendo del fascismo:

“(…) Nosotros, humildes gentes de Galicia - víctimas siempre, ahora como antes, con izquierdas y con derechas del caciquismo gallego - somos ajenos a las causas diplomáticas que motivaron el rompimiento de relaciones entre ambos países hermanos. (...) Porque es inhumano, que a nosotros, respetuosos con la política de Portugal, que buscamos la protección de sus leyes, se nos obligue a llevar una vida absolutamente indigna. Es inhumano que se nos persiga a tiros en los pueblos y montes (tenemos testimonios). Es inhumano, Excelentísimo señor, que cuando somos detenidos se nos entregue a los nacionalistas españoles (...). No pretendemos en modo alguno burlar las leyes de Portugal, ni tampoco forzar su hostilidad. Si su Excelencia juzga que somos agentes peligrosos de propaganda política, razón por la cual no podemos residir en esta nación hermana, autorícenos el embarque libremente para otros países, o reclúyanos en un campo de concentración, con gastos de sostenimiento por nuestra cuenta. Si no podemos vivir en Portugal, déjenos su excelencia libertad para abandonarlo. Es cuanto respetuosamente le pedimos (...)”.<sup>299</sup>

Sin embargo, el *Comério do Porto*, dirigido por Seara Cardoso, que publicaba habitualmente una columna de Mota Lopes titulada “Crónica da Galiza”, en la que se trataban aspectos de la guerra en la comunidad gallega, nunca se refirió a la presencia de refugiados gallegos en el territorio portugués, perseguidos por el franquismo

---

<sup>299</sup> AOS/ANTT, CO/NE-9I, carpeta 1, 7.<sup>a</sup> subdivisión, hojas nº 18-19. Carta enviada por un grupo de refugiados gallegos a Oliveira Salazar, 19/09/1937.

y la policía salazarista.<sup>300</sup> La propaganda de Álvaro de las Casas,

---

<sup>300</sup> Galicia fue la primera región vecina con Portugal en quedar bajo control de los insurrectos. Esta circunstancia provocó una avalancha de refugiados gallegos hacia territorio portugués. Los ciudadanos gallegos que consiguieron cruzar la frontera atravesando el Miño o la sierra de Castro Laboreiro encontraron en Portugal un ambiente solidario en las aldeas portuguesas del norte, pero las autoridades locales eran hostiles. Los refugiados fueron perseguidos por los montes y, los que eran capturados, eran entregados a las autoridades franquistas españolas, que en ocasiones los fusilaban sin juicio previo. Varios centenares de huídos sobrevivieron clandestinamente practicando el contrabando durante la guerra civil española, mientras esperaban a tener la oportunidad de llegar hasta algún puerto portugués para embarcar con destino a América. Esta situación se repitió con los españoles de otras regiones fronterizas, como ya han contado Iva Delgado (*op. cit.*, pp. 93-98) y César Oliveira (*op. cit.*, pp. 155-171). En el centro y el sur de Portugal se improvisaron varios campos de concentración, donde estuvieron reclusos varios millares de refugiados en condiciones infrahumanas. Véase el trabajo de Jorge Fernandes Alves, *O Barroso e a Guerra Civil de Espanha* (Montealegre, Cadernos Culturais, Câmara Municipal, 1987), que trata el aspecto propagandístico del asunto. Este autor analizó (pp. 9-29) los periódicos de la región fronteriza de O Barroso *O Jornal de Chaves* y el semanario *Era Nova*. El primero, de tendencia republicana, sufrió la detención de su director y fue censurado hasta el punto de omitir cualquier noticia sobre el conflicto. El *Era Nova* era el órgano local de la Legião Portuguesa en Chaves, cuyo director era Luís Borges Júnior, presidente de la Câmara Municipal de Chaves, capitán de la Legião Portuguesa e inspector delegado de la PVDE. Las páginas del *Era Nova* se rellenaban con informaciones publicadas en el *Diário da Manhã*, haciendo una campaña de captación de nuevos afiliados para la Legião Portuguesa, la Mocidade Portuguesa y la União Nacional, con la publicación de las listas de nuevos inscritos. El *Era Nova* fue un baluarte del franquismo en la zona del Barroso. Entre otras iniciativas, asumió la coordinación de la comisión recaudadora de donativos para la cuarta caravana de ayuda al ejército franquista organizada por el *Rádio Club Português*. Además, era utilizado por el Estado Novo para amenazar con detenciones a los lugareños si protegían a los huídos españoles. Sobre las aventuras de los refugiados españoles en tierras portuguesas, véase el artículo de F. E. Rodrigues, “Os barranquinhos e a memória da Guerra Civil. “Os fugitivos eram entregues aos soldados do Franco, que os matavam””, in revista *História*, año XVIII (nova série), nº 20, Lisboa, mayo 1996, pp. 40-51, realizado con los testimonios orales de habitantes de la región de Barrancos. Véase también: Rezola, María Inácia, “O Estado Novo e o apoio á causa franquista”, in *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Câmara Municipal, 1996, pp.47-50, así como el acervo de documentación diplomática del que fue embajador del gobierno de la II República en Lisboa entre mayo y octubre de 1936, Claudio Sánchez Albornoz, in Martín, José Luis (compilador), *Claudio Sánchez Albornoz. Embajador de España en Portugal (mayo-octubre 1936)* (Ávila, Fundación Sánchez Albornoz, 1995), y Cabeza Sánchez-Albornoz, Sonsoles, *Semblanza histórico-política de Claudio Sánchez Albornoz* (Madrid, Fundación Universitaria Española, Diputación Provincial de León, 1992, pp. 259-260). Véase también: Noya Gil, Juan, *Fuxidos: Memorias de un republicano gallego perseguido por el franquismo* (Caracas, Casuz, 1976, editado también con el título *Fuxidos. Memoria dun republicano galego perseguido polo franquismo*, Santiago de Compostela, Xerais, 1996). Y, entre otros, pueden consultarse los siguientes: Fernández, Carlos, *El Alzamiento de 1936 en Galicia. Datos para una historia de la guerra civil* (A Coruña, Edición do Castro, 4ª edición revisada y aumentada, 1987, pp.

directa y efectiva, no tuvo nunca en cuenta estas circunstancias. El 18 de septiembre participó como representante de los militares rebeldes en el multitudinario acto anti-comunista de Porto y, el 12 de octubre de 1936, fue el invitado de honor en una de las variadas sesiones de propaganda organizadas por la União Nacional, participando junto al coronel Namorado de Aguiar, comandante de la Polícia de Segurança Pública y de la Legião Portuguesa, Vasco Mourão, presidente de la comisión política de la União Nacional, y Vieira de Castro, presidente de la Junta de Freguesia.<sup>301</sup> Ese mismo mes, volvió a tener la oportunidad de lanzar desde el *Comércio do Porto* una “vibrante exortação” a los nacionalistas portugueses, a los que comunica la llegada del “grande dia de Europa” contra la ideología materialista y el islamismo:

“(…) Como em tempos passados contra o perigo islâmico, que ameaçava arrasar os fertilíssimos campos dos velhos impérios, os povos que, hoje, têm consciência de si e renegam nefandas claudicações servís, juntam-se, outra vez, para salvar os eternos valores

---

246-363), y el libro de Luis Lamela García *“Foucellas”. El riguroso relato de una lucha antifranquista (1936-1952)* (Sada-A Coruña, Edicións do Castro, 4ª edición, 1993). Sobre la lucha antifranquista del galleguismo y la represión fascista en Galicia véanse: Máiz, Bernardo, *Galicia na IIª República e baixo o franquismo* (Vigo, Xerais Universitaria, 1988); Moutinho, Viale, “Atila na Galiza”, in *Diário de Notícias*, 25/07/1996, pp. 20-21; *Idem*, “A inevitável cumplicidade”, in *Diário de Notícias*, 05/08/1996, p. 22; *Idem*, “Uma bandeira no bolso do colete”, in *Diário de Notícias*, 07/08/1996, p. 16. Sobre Portugal y el galleguismo antes de la Guerra Civil, véase Núñez Seixas, Xosé M., “Portugal e o Galeguismo até 1936. Algumas Considerações Históricas” (in revista *Penélope*, n.º 11, Lisboa, 1993, pp. 67-81). Sobre la prensa galleguista y el nacionalismo gallego durante la II República: Ledo Andión, Margarita, *Prensa e galeguismo. Da prensa galega do XIX ao primeiro periódico galego nacionalista* (Sada-A Coruña, Edicións do Castro, 1982); Pérez País, M. del Carmen, *La prensa gallega durante la II República* (Madrid, Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense, 1984, tesis doctoral inédita); Beramendi, Justo G., *El nacionalismo gallego en el primer tercio del siglo xx* (Madrid, Facultad de Geografía e Historia, Universidad Complutense, 1987, tesis doctoral inédita), y Castro, Xavier, *O galeguismo na encrucillada republicana* (Ourense, Diputación Provincial, 1985, 2 vols).

<sup>301</sup> *O Comércio do Porto*, n.º 259, 03/10/1936, p. 1.

*morais, reverdecer os sempre viçosos loiros das nossas histórias gloriosas e reafirmar a soberana hegemonia do espírito. Espanha é, outra vez, trincheira e clarim da Europa. (...) Estamos em luta titânica entre as duas mais opostas concepções do mundo. A um internacionalismo utópico e absurdo opomos o perfil nitido das nossas nacionalidades, ao nomadismo judaico e depauperado opomos a mais firme posse do solo pátrio, ao ateísmo brutal o princípio religioso, ao conceito materialista da vida a nossa sêde inesgotável de infinito, à luta de classes criminoso e esgotante a mais firme cõesão no Estado, por que todos, ricos e pobres, patrões e trabalhadores, somos parte essencial de tum todo indivisível, somos carne e potência de um corpo e alma únicos; em suma: somos, conjuntamente História e Futuro. (...)*<sup>302</sup>

Álvaro de las Casas también colaboraba con el diario portuense en la realización de entrevistas y reportajes. El 7 de octubre de 1936, “apadrinó” la entrevista realizada al abogado y publicitario gallego José Ignacio Ramos, en calidad de co-fundador de las Juntas de Ofensiva Nacional Sindicalista.<sup>303</sup> Ramos es descrito como un superviviente del “inferno madrileño” y su sueño era ser unos de los primeros falangistas en entrar en la capital española.<sup>304</sup>

Julio Camba fue otro de los intelectuales propuestos por De las Casas para dirigirse al pueblo portugués desde la tribuna informativa del *Comércio do Porto*, que sirvió para demostrar que “(...) tudo quanto há de categorizado na vida espanhola está ao lado do exército contra a invasão comunista (...)”.<sup>305</sup> Camba habló de la posición

---

<sup>302</sup> *Ibidem.*

<sup>303</sup> *Idem*, n.º 262, 07/10/1936, p. 1.

<sup>304</sup> *Idem*, n.º 279, 24/10/1936, p. 1.

<sup>305</sup> *Idem*, n.º 262, 07/10/1936, p. 1. Antetítulo: “Como pensa a intelectualidade espanhola”. Título: “D. Julio Camba, o ilustre escritor fez importantes declarações a “O Comércio do Porto””.

adoptada por los intelectuales españoles ante el golpe militar. Mientras el gobierno de Madrid fomenta el morticinio de escritores, artistas y científicos, apunta Camba, al lado de los rebeldes están personajes como: Unamuno, Eugénio Montes, Pio Baroja, Luca de Tena, José María Pemán, García Lorca, Bergamín, Sánchez Mazas, Salaverría, Pujol, Otero Pedrayo o Giménez Caballero (sic). El autor de *Aventuras de una peseta* renegó del manifiesto firmado por un grupo de intelectuales en apoyo al gobierno de Madrid, en el que estampó su firma, decía, bajo amenazas. Su postura era radicalmente clara y fascista: “(...) Ao lado do exército, até onde seja necessário. Como homem sou anti-comunista e, como espanhol, desejo uma limpeza que faça desaparecer, de vez, tôda êssa turba de patifes que, por infelicidade, nos tinha caído em cima; é preciso fazer uma nosa Espanha. Chegou a hora.”<sup>306</sup>

El escritor José María Pemán fue otro de los intelectuales de referencia para el Estado Novo en la España franquista. Alcanzó tanta relevancia y popularidad como el admirado Fernández Flórez. El intelectual falangista profirió varias alocuciones desde el micrófono del *Rádio Club Português*. Su residencia en Portugal no fue permanente durante la guerra, sólo estuvo en varias ocasiones, pero siempre en misión propagandística. En Lisboa, su presencia tuvo una significativa resonancia periodística. El primer viaje de José María Pemán a Portugal fue a finales de agosto de 1936, cuando éste asiste, junto a otros intelectuales y políticos españoles como José Fariña, Francisco Sánchez Cossio, José Antonio Pérez, Gerardo Pizarro, Juan Manuel de Ávila y Fernando Gil, al gran mitin anti-comunista de la plaza de toros de Campo Pequeno, el 28 de agosto de 1936, en el que el capitán Jorge Botelho Moniz propuso la creación de la Legião Portuguesa. *O Século* lo entrevista presentándolo como “(...) uma das mais brilhantes figuras da Espanha intelectual contemporânea (...)”.

---

<sup>306</sup> *Ibidem*.

En la entrevista expresa su admiración por este diario, al que agradece su especial atención dedicada a los acontecimientos españoles a través de una nota dirigida a todos los lectores de la cabecera: “Uma saudação para “O Século”, ao qual transmito nestas horas a gratidão de todos os bons espanhóis. A minha visita é rápida porque Espanha me requiere. Mas quando, muito breve, depois de conquistada a vitoria total do movimento nacionalista e militar, voltarei para dizer a todos os irmãos de Portugal: Obrigado pelo vosso alento nesta cruzada que Espanha empreendeu para salvar o Espirito da Civilização.”<sup>307</sup>

Pemán volvió a Lisboa un mes después para arengar desde la *trinchera* radiofónica de Botelho Moniz como huésped “de honra” del *RCP*.<sup>308</sup> Y, en mayo de 1937, ya como ministro de Cultura del Gobierno de Burgos y por orden expresa del general Franco,<sup>309</sup> participó en los Jogos Floraes Luso-Espanhães organizados por *A Voz* con el fin de recaudar dinero para los “hospitales” del territorio conquistado por los insurgentes. Pemán “entroncado na melhor eloquência espanhola de todos os tempos”, según el libro conmemorativo de los juegos,<sup>310</sup> recuerda en su discurso inaugural la misión histórica que les correspondía jugar al nacionalismo portugués y español para luchar juntos frente a la violencia “satánica” de los comunistas. En medio de una alocución realizada con una retórica maniquea que pretende legitimar la cruzada de Franco, afirma que España necesita a Portugal para contar la mundo la “verdad” sobre

---

<sup>307</sup> *O Século*, n.º 19561, 29/08/1936, p. 6. “José Maria Pemán fala ao “Século” sôbre o momento político da sua Pátria”, se titulaba la entrevista.

<sup>308</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2922, 14/06/1939, pp. 1 y 8.

<sup>309</sup> AOS/ANTT, CO/NE-9D, Pasta 2, 2.ª subdivisión, hoja n.º 187. Telegrama n.º 38 del cónsul portugués en Salamanca, Vasco da Cunha, al Ministério de Negócios Estrangeiros, 30/04/1937.

<sup>310</sup> *Jogos Florais Luso-espanhoes no Estilo do Século XIV Realizados em Lisboa no dia 24 de Maio de 1937 a beneficio dos hospitaes da Espanha Nacionalista*, Lisboa, 1937, s.p.

la guerra; y Portugal debe estar con España para impedir que los “soviets” se instalen en la Península. Así narraba su intervención *A Voz* el 25 de mayo de 1937:

“(…) Quando subiu ao palco o cortejo, gentil, viu atrás del os mortos da sua pátria caídos para a defesa do Ocidente, para que não pereçam a poesia, a beleza e o amor. Portugal voltou a encontra-se numa cruzada comum. Ele vem ali para devolver versos de Camões e Gil Vicente e Sá de Miranda, para agradecer a sua estatuaría de Manuel Pereira e a pintura de Claudio Coelho, para reavivar a memoria da Rainha Maria e D. Isabel, e daquela Imperatriz D. Isabel, que Tiziano immortalizou. Vem agradecer a visita dos estudantes e o alento moral do Rádio Clube Português. O orador é simultaneamente poeta, historiador e filósofo. As três qualidades somam-se no seu verbo torrencial. (...) Portugal e a Espanha vão cumprir mais uma vez a missão histórica de dar ao mundo o que êle pede. Porque Portugal e Espanha combateram sempre as batalhas do mundo e não as suas. (...) Diz que na guerra da Espanha há algo mais que uma luta de interesses. Ele viu em povos saqueados intactos talheres de prata. E sabe que numa aldeia se queimaram os santos e á mesma fogueira se atiraram notas encontradas nas caixas das esmolas. Se não era o interesse material que aticava a destruição, ela só se pode atribuir a um espirito satânico. Não há ninguém indiferente ou neutro, ninguém é laico nesta luta dramática: ou se é herói de Cristo ou herói de Satán. Refere-se as tentativas de mediação. Sim Senhor. Mas hão-de reunir-se no Alcacer e em Irum os mediadores. E hão-se pôr na assembleia cadeiras para que se sentem Calvo Sotelo e Pradera. Apela para a cooperação das senhoras na cruzada salvadora. E diz que nada há tão poderoso como a corrente dum rio ou uma senhora que vai pela igreja acima apostada em colocar a sua cadeira mesmo sob o pulpito. Num rasgo de eloquencia refere-se

a Portugal. Ele precisa de Espanha, para que o Soviete não se estabeleça na Península mas a Espanha precisa dele porque ele pode dizer ao mundo a palavra da justiça e verdade de que a Espanha carece. E termina dizendo que é necessario que Portugal viva um pouco para Espanha visto que a Espanha está morrendo para que Portugal viva. (...)”<sup>311</sup>

Pemán fue uno de los principales faros de la cultura franquista para la prensa portuguesa, que veía en él al portavoz literario de los fascistas españoles, al hombre culto y prestigioso que representaba a las letras de la España de Franco. Salvando las distancias, era el António Ferro español. Su presencia junto a Nicolás Franco en actos de tanta importancia simbólica como el homenaje a los “viriatos” realizado en el Teatro São Luiz de Lisboa a iniciativa de la *embajada negra*, el 13 de junio de 1939, certifica el interés del gobierno de Burgos en apostar por una “alianza espiritual” con Portugal, con el que ya había firmado, dos meses antes, el Tratado de Amistad y No Agresión. Pemán se comportaba, así, como el emisario intelectual del general Franco. Para el Estado Novo, los efectos de su propaganda franquista no tuvieron tanta importancia como la simbología de su misión diplomática y política en Portugal, con un reconocimiento oficial implícito del nacionalismo portugués y la dictadura salazarista. Sin embargo, aún apelando a un sentimiento iberista, como ministro de Cultura español reconoció la marca diferencial que reivindicaba el tradicionalismo luso frente a los sueños iberistas del falangismo para evitar malentendidos.

Otra intelectual al servicio de la causa franquista en Portugal fue Carmen Fernández Lara, directora de los semanarios falangistas de Madrid *Aspiraciones* y *Realidad*, órganos del partido Renovación Española. Esta periodista, firme defensora del tradicionalismo contra

---

<sup>311</sup> *A Voz*, n.º 3681, 25/05/1937, pp. 1 y 6.

la “descristianização” y “desnacionalização”, según ella, puesta en marcha por el gobierno de la II República, fundó la asociación Aspiraciones. Este organismo, que editaba el semanario homónimo,<sup>312</sup> propuso que las mujeres llevaran en el pecho, bien visible, un crucifijo. Dio numerosas conferencias sobre el catolicismo y protegió a los “perseguidos” por el Estado. Su periódico acabó por ser suspendido por sus ofensivas crónicas monárquicas y ella resultó encarcelada por hacer apología del pronunciamiento del general Sanjurjo de 1932.<sup>313</sup> Debido a estas circunstancias, Fernández Lara era vista por la prensa portuguesa como una heroína que sufrió todo tipo de vejaciones, perseguida por el gobierno de Madrid y el Frente Popular.<sup>314</sup> Después de estallar la guerra, según la entrevista que publica el *Diário de Lisboa*, fue instigada en varias ocasiones por la “Checa del Rayo Norte” hasta que se exilió en la embajada argentina.<sup>315</sup> La periodista fascista llega a Lisboa a bordo del navío argentino “25 de mayo” el 14 de septiembre de 1936.<sup>316</sup> Y el 4 de octubre comienza a publicar, simultáneamente, en los periódicos *Diário de Notícias* y *A Voz*, una serie de crónicas periodísticas, antetituladas “Recordações trágicas de Espanha”, sobre sus experiencias en Madrid durante los días previos y posteriores al estallido del golpe militar en España.<sup>317</sup>

---

<sup>312</sup> Sobre el semanario *Aspiraciones* (1932-1935) y su directora Carmen Fernández de Lara, véase: Bussy Genevois, Danièle, “Expresión y Represión: el caso de *Aspiraciones* (1932-1935)”, in Lara, Manuel Tuñón (director), *Comunicación, Cultura y Política durante la II República y la Guerra Civil* (Bilbao, Servicio Editorial de la Universidad del País Vasco, vol. xx, 1990, pp. 234-244).

<sup>313</sup> *A Voz*, n.º 3489, 07/11/1936, p. 1, y *Diário de Notícias*, n.º 25383, 03/11/1936, p. 1.

<sup>314</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25383, 03/10/1936, p. 1; *Diário de Lisboa*, n.º 4969, 16/09/1936, p. 4.

<sup>315</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 4969, 16/09/1936, p. 4.

<sup>316</sup> *Ibidem*.

<sup>317</sup> La primera de sus crónicas en el *Diário de Notícias* se titulaba “Noites de Madrid” (n.º 25384, 04/10/1936, p. 5). Y las siguientes se titulaban del siguiente modo: “Aqueles días de Madrid...” (n.º 25.397, 18/10/1936, p. 5); “Sob o terror marxista” (n.º 25.409, 30/10/1936, p. 4), y “A fugir dos vermelhos” (n.º 25.429, 19/11/1936, p. 5). En *A Voz*

### 3.2. La diplomacia franquista en territorio portugués

La Representación de la Junta de Burgos en Lisboa jugó un papel trascendental en la Guerra Civil española. Probablemente, fue el principal instrumento diplomático de los rebeldes en el exterior. Su misión fue crucial para gestionar la compra de armamentos en Portugal y otros países europeos, para reclutar voluntarios rebeldes para sus filas y para transformar el territorio luso en el gran altavoz de la propaganda franquista hacia el mundo. Desde que los sublevados se apoderaron del edificio de la embajada española en Lisboa, a partir del 23 de octubre de 1936, tras la ruptura de las relaciones diplomáticas entre el gobierno de Oliveira Salazar y Madrid, el comité franquista pudo desarrollar su trabajo en estrecha colaboración de las instituciones del Estado Novo. La legación diplomática pasó a convertirse en la *embajada negra*, tal y como era conocida por la prensa republicana española, francesa e inglesa. Desde ella, los insurgentes controlaron los consulados existentes en otras ciudades portuguesas: Porto, Faro, Valença do Minho, Elvas y Vila Real de Santo António.

La *embajada negra* reclutó ciudadanos portugueses que se alistaban en la Legión Extranjera, las milicias de la Falange Española y los requetés. Contando con la aquiescencia de las autoridades portuguesas, se crearon varios banderines de enganche a lo largo de la frontera con Portugal, hasta donde se trasladaban en camionetas a los voluntarios que los agentes franquistas captaban. Para organizar el alistamiento, la geografía portuguesa fue dividida en dos zonas. Una controlada por Manuel Foronda y Carlos Valencia en la parte sur del país, y por Manuel Morlán en la parte norte.<sup>318</sup> En la propia sede

---

la primera crónica se titulaba “Sob a garra das feras. Como os bandidos procederam contra as pessoas de bem” (n.º 3490, 08/11/1936, pp. 1 y 2), etc.

<sup>318</sup> Oliveira, César, *Salazar...*, *op. cit.*, p. 247.

del Consulado español funcionaba un centro de reclutamiento en el que trabajaban colaboradores portugueses que percibían una cuantía determinada por cada hombre alistado.<sup>319</sup> El 3 de diciembre de 1936 un telegrama secreto del Cuartel General del Generalísimo pide al Marqués de Contadero que se intensifique el reclutamiento de voluntarios por medio del pago de agentes que cobrarían por cada nuevo soldado alistado: “Conviene que, poniéndose de acuerdo con nuestros amigos y nombrando agentes secretos pagándoles una cantidad por legionario inscrito, intensifiquen recluta legión para nueva bandera. Stop. Aceptamos maleantes, pero no queremos comunistas. Stop. Si hay gente con instrucción militar será preferida. Stop. Clases y oficiales que quieran enrolarse por la campaña se les reconocerá su grado. Stop. Amoedo debe conocer gestión pero debe encargarse de ella Contadero.”<sup>320</sup> Diez días más tarde, para que no faltara liquidez en los pagos de la *embajada negra*, el empresario Juan March envió 730.000 dólares.<sup>321</sup>

No fue difícil para la Representación de la Junta de Franco en Lisboa intentar convencer a los voluntarios lusos para que participaran en la cruzada contra el “comunismo” español. Además de contar con la ayuda del aparato de propaganda del Estado Novo, no tuvo que emplear parte de sus recursos en combatir la propaganda de Madrid, como ocurrió en otros países. El presupuesto mensual de la *embajada negra* para “gastos de la sección de servicios especiales de guerra” ascendía, en 1938, a 28.704 escudos, desglosados en partidas destinadas a personal, material diverso, gastos de transporte y servicio de información. Esta última partida

---

<sup>319</sup> *Idem*, p. 248.

<sup>320</sup> AMAE, R-1111, expediente n.º 5, telegrama sin n.º del Secretario General del Cuartel General del Generalísimo al Marqués de Contadero, 03/12/1936.

<sup>321</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 8, telegrama n.º 333. Del Cuartel General del Generalísimo a la Representación de la Junta en Lisboa, 13/12/1936.

alcanzaba los 3000 escudos.<sup>322</sup> Obviamente, estas cantidades son relativas, ya que las cifras de gasto de los agentes franquistas, mucho más elevadas, procedían de otros departamentos del gobierno de Burgos, que adjudicaba subvenciones dependiendo de las necesidades, o también de los cuantiosos donativos. En vista de la importancia de esta cobertura propagandística y financiera para los insurgentes, no es de extrañar, por tanto, que los anarquistas portugueses que atentaron el 20 de enero de 1937 contra varias de las instituciones del Estado Novo en apoyo de sus correligionarios españoles, escogieran la sede diplomática rebelde como uno de sus objetivos terroristas.<sup>323</sup> Los anarquistas colocaron dos bombas. Una en el vestíbulo y otra en el primer piso. La explosión produjo cuantiosos daños materiales en el Palácio Mayer, especialmente en la oficina de la Cámara Oficial de Comercio y en los despachos del Consulado.<sup>324</sup> Tras el atentado, acudieron a la sede de la *embajada negra* decenas de españoles a cuya cabeza se encontraba José María Gil Robles con el ministro del Interior portugués y el Gobernador Civil de Lisboa, que inspeccionaron todo, evaluaron los destrozos y decidieron cerrar temporalmente el edificio al público. Entre la comunidad española se realizaron decenas de detenciones.<sup>325</sup>

La Representación de la Junta en Lisboa estaba integrada por diversos elementos aristocráticos de la colonia española, por miembros de la Falange Española y ex funcionarios de la embajada de Madrid. Mariano Amoedo Galarmendi, asumió la presidencia del comité arropado por ilustres personajes como Gil Robles, el Marqués

---

<sup>322</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. "Presupuesto mensual de los gastos de la sección de servicios especiales de guerra adscrita a la embajada en Lisboa", s.d. (1938).

<sup>323</sup> Rodrigues, Edgar, *A resistência anarco-sindicalista à ditadura. Portugal (1922-1939)*, Lisboa, Editora Sementeira, 1987, pp. 75-76.

<sup>324</sup> *O Século*, n.º 19.702, 21/01/1937, p. 6.

<sup>325</sup> *Ibidem*.

de Quintanar, el Conde de Peña Castillo, el Marqués de Contadero y Gabriel Maura Gamazo.<sup>326</sup> Pero la Representación sufrió algunos cambios a lo largo de la guerra. En abril de 1938, estaba encabezada por el Marqués de Miraflores y la composición oficial era la siguiente: primer secretario, José de Erice; segundos secretarios, Marqués de Villaurrutia y Carlos Cañal y Gómez de Imaz; cónsul general, Francisco de Ranero y Rivas, cónsul adjunto, Manuel Becerra Herraiz; vice-cónsul, José M. Saro, y secretario, Luis Sangareau.<sup>327</sup> Junto a ellos, ejercían múltiples funciones el propio Mariano Amodeo, José M. Sato Posada, Alonso Álvarez de Toledo, Marcial Rodríguez Cebal, y Álvaro Seminario y Martínez. Al frente del consulado de Porto se encontraba José Súnier Erice y O'Shea y, en Valença do Minho, Valetín Via Ventallo. *O Século* estaba convencido de que todos y cada uno de ellos tenía encomendada una misión histórica y que, en el futuro, serían recompensados con el agradecimiento de todos los españoles: “(...) Quando se fizer a história da guerra contra o comunismo ver-se-á que estes homens cumpriram com o seu dever de espanhóis patriotas e dignos (...)”.<sup>328</sup>

Para combatir la propaganda franquista en Portugal, el Gabinete Político y Diplomático del Ministerio de Estado de Madrid nunca barajó la posibilidad de difundir sus ideas por cualquier medio que no fueran las emisiones radiofónicas desde el territorio nacional. En abril de 1937, el servicio de información del gobierno leal se reorganizó para contrarrestar en diversos países del mundo la difusión de la benévola imagen del general Franco. “(...) Estos servicios de información (...) resultan en estos momentos imprescindibles para nuestra República; no solamente como organismos de información que pueden suministrar en todo momento informaciones utilísimas para la

---

<sup>326</sup> Oliveira, César, *Salazar..., op. cit.* pp. 183-184.

<sup>327</sup> *O Seculo*, n.º 20151, 24/04/1938, p. 9.

<sup>328</sup> *Ibidem*.

acertada gestión de nuestros asuntos diplomáticos, sino, lo que en estos momentos es de primordial importancia, para contrarrestar y deshacer las maquinaciones de los enemigos de nuestra causa patria en el extranjero (...)", se exponía en un informe oficial.<sup>329</sup>

Sin embargo, Portugal no entraba en el plan. Se destinaron 3.350.000 francos franceses para llevar a cabo misiones de espionaje y financiar campañas de propaganda, cuya distribución se presupuestó de la siguiente manera: un millón para hacer propaganda en Francia, 500.000 en Checoslovaquia, 300.000 en América de Sur, 250.000 en Suiza, 200.000 en Inglaterra, Estados Unidos y las Antillas, 100.000 en Polonia, Bélgica, Holanda y Turquía, 240.000 en los Balcanes (distribuidos entre Bulgaria, Grecia, Rumania y Yugoslavia) y 60.000 en Egipto.<sup>330</sup> Esta ofensiva republicana fue la reacción a un notable incremento de la propaganda pro-franquista, que las autoridades facciosas habían planeado justo dos meses antes, como se pone de manifiesto en otro informe elaborado, en este caso, por la Delegación Nacional de Prensa y Propaganda del gobierno de Burgos.<sup>331</sup> De cualquier modo, Portugal era una plaza perdida para Madrid. Aunque, en abril de 1938, se detectó en Lisboa la presencia de un supuesto espía inglés, Nicholas Richardson, al servicio del gobierno republicano español. Según una carta confidencial de la embajada portuguesa en Londres, Richardson fue contratado en la capital británica por el agente de Madrid José Ignacio Aldama para hacer propaganda revolucionaria en Portugal.<sup>332</sup> Fuera fundada o no aquella sospecha, en el fondo no era más que una simple y vulgar

---

<sup>329</sup> AMAE, R-96, carpeta 1. Informe del Gabinete Político del Ministerio de Estado de abril de 1937.

<sup>330</sup> *Ibidem.*

<sup>331</sup> AGA, Cultura, Legajo 320. Presupuesto de la Delegación Nacional de Prensa y Propaganda correspondiente e informe adjunto de febrero de 1937.

<sup>332</sup> AHD/MNE, 3.º P, A 1, M 667, Processo n.º 21'3/1938. Oficio confidencial n.º 163 de Armindo Monteiro al Presidente do Conselho, 14/04/1938.

anécdota sin consecuencias en medio de la persistente campaña propagandística de la *embajada negra*.

Durante la investigación, en los archivos portugueses y españoles sólo se ha encontrado una publicación dirigida específicamente a la colonia española del país vecino entre julio de 1936 y abril de 1939. En el catálogo de cabeceras de la FET y de las JONS en el extranjero elaborada por la Delegación Nacional del Servicio Exterior a principios de 1939, no figura ningún periódico realizado en Portugal.<sup>333</sup> Ni tampoco consta ninguno entre la lista de publicaciones afines al Movimiento financiadas por los diplomáticos franquistas en diversos países del mundo.<sup>334</sup> No obstante, sí existió una edición especial semanal del falangista *El Pueblo Gallego* para los residentes españoles en Lisboa, aunque su primer número es de la última semana de julio de 1938. Esta sequía editorial es lógica si tenemos en cuenta que los intelectuales franquistas contaban con la inestimable colaboración de los medios de comunicación portugueses para difundir sus artículos y, además, la proximidad con España permitía enviar con relativa facilidad la prensa realizada por el bando faccioso al otro lado de la frontera. El grupo de la colonia española que trabajaba en Portugal al servicio de Burgos tampoco tenía la necesidad

---

<sup>333</sup> AGA, Presidencia, caja n.º 73. “Relación de periódicos de F.E.T. y de las J.O.N.S. en el exterior”, s.d. (febrero de 1939). En la lista figuran: *Arriba*, dirigido por Luis Rigau Boris, en Perú; *El Nacionalista*, dirigido por Mariano Álvarez Melgar, en San José de Costa Rica; *Yugo*, dirigido por Francisco Ferrer Gutiérrez, en Manila; *Avance*, dirigido por Alberto Durán en San Juan de Puerto Rico; *Arriba España*, de Rafael Piñeiro, en La Habana; *Arriba España*, de José Luis Aranguren, en Bolivia; *Amanecer*, de Francisco Rivero del Valle, en Ciudad Trujillo (República Dominicana); *Guión*, de Nicanor San José, en San Salvador; *Amanecer*, de Herminio Rodríguez Quijano, en Guatemala; *Arriba España*, de José Luis Rubio, en Panamá; *Cara al Sol*, de Tomás Ballesteros, en Puerto Rico; *España*, de H. Martínez Carrilo, en Panamá; *La Nación*, dirigido por Antonio Hernández Aldao, en São Paulo; *Nueva España*, dirigido por Jaime Nebot, en Guayaquil (Ecuador), y *Jerarquía*, dirigido por Luis Roldán Moreno, en Santa Fé de Bogotá. Véase también la relación de periódicos de Federico de Urrutia en *La Falange Exterior*, Santander, 1938.

<sup>334</sup> AGA, Presidencia, caja n.º 73. “Publicaciones semi-oficiales y adictas a nuestro movimiento”. Entre ellas están *La Voz de España* y el *Boletín de Información Española*, en Santiago de Chile; *Cara al Sol*, *Época*, *Nueva España* y *Spain*, en Nueva York; y *La Reforma* y *El Deber*, en Paraguay.

de hacer un esfuerzo editorial para crear publicaciones propias con las que captar adeptos entre los españoles residentes. Los diarios portugueses se ocupaban intensamente de ese cometido, resultando incluso más creíbles, por su supuesta neutralidad en un conflicto extranjero, que un órgano español que defendiese los intereses políticos de una de las facciones enfrentadas. Eran un soporte ideal para divulgar todo tipo de propaganda gráfica o escrita elaborada por los agentes rebeldes. Asimismo, no se debe olvidar que el Estado Novo tampoco fue demasiado partidario de favorecer la difusión de periódicos extranjeros en el país y menos los que, como los editados por la Falange Española, podían dar lugar a malentendidos diplomáticos o reacciones populares por la publicación de artículos de carácter imperialista que afectasen al territorio luso.

En Portugal circularon durante los años de la guerra algunos de los periódicos del bando franquista. Según un informe sin fecha (probablemente de 1939), elaborado por el agente franquista Manuel Falcón, las publicaciones más conocidas en Portugal, en 1937, eran el *ABC* y el *Diario de Falange Española y de las JONS*, de Sevilla, y los periódicos gallegos *Faro de Vigo* y *El Pueblo Gallego*. Su difusión, sin embargo, tan sólo se limitaba a varios centenares de suscriptores y algunos ejemplares de venta pública.<sup>335</sup> El propio Falcón crearía una agencia encargada del servicio de distribución y venta de periódicos nacional-sindicalistas españoles llamada *HAZ*, que, “(...) con mediano éxito por falta de propaganda y quizás deficiente distribución y un tanto por incuria de los españoles aquí residentes (...)”,<sup>336</sup> fomentó la divulgación de *El Pueblo Gallego*, y de otros órganos falangistas como *Unidad*, *Hierro* y *Arriba España*. Pero también se leían las revistas franquistas *Vértice*, realizada por la Delegación Nacional de Prensa y

---

<sup>335</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6643. “Servicio de Prensa de la Embajada de España en Portugal”, informe elaborado por Manuel Falcón, s.d. (1939).

<sup>336</sup> *Ibidem*.

Propaganda, y *Jerarquía*. Para aumentar la venta de los periódicos españoles en Portugal, Manuel Falcón proponía crear un Servicio de Prensa de la Embajada de España.<sup>337</sup> Esta entidad propuesta por el agente franquista, que además trabajaba para el Secretariado de Propaganda Nacional (SPN),<sup>338</sup> podría funcionar también, según su propio punto de vista, como bisagra de intercambio propagandístico entre España y Portugal; y se ocuparía de editar en territorio portugués literatura falangista y folletos con los discursos más relevantes del general Franco y sus declaraciones realizadas en entrevistas a la prensa. Según el agente franquista, el Servicio de Prensa podría servir para organizar conferencias sobre la “Nueva España” en el Centro da Imprensa Estrangeira, en la sede del SPN o en la Casa de España.<sup>339</sup>

Para Manuel Falcón, este gabinete resultaría extremadamente útil para establecer relaciones con la prensa portuguesa y hacer un seguimiento exhaustivo de la publicación de artículos referentes a España y responder a “noticias inexactas” o “campañas injustas”.<sup>340</sup> Esta actividad, iba acompañada de la publicación de noticias sobre la “transformación de España”, aumentaría aún más la eficacia de las campañas de propaganda. Por lo tanto, concluía en su propuesta el agente rebelde: “(...) Este contacto diario y muy íntimo entre los grandes diarios de parte de la Embajada traería como consecuencia un más estrecho lazo en la opinión pública entre España y Portugal, deshaciendo equívocos y no dando lugar a que la susceptibilidad excesiva del portugués pusiera trabas a la acción diplomática de la Embajada en los asuntos en los que tengan que debatir intereses de

---

<sup>337</sup> *Ibidem*.

<sup>338</sup> Sobre el funcionamiento del SPN y el control de los medios de comunicación en el Estado Novo, léase el artículo del autor: “Tudo Pela Nação, Nada contra a Nação. Salazar, la censura y la creación del Secretariado de Propaganda Nacional”, *Hispania, Revista Española de Historia*, n.º 240, vol. LXXII, pp. 183-210.

<sup>339</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6643. “Servicio de Prensa de la Embajada de España en Portugal”, informe elaborado por Manuel Falcón, s.d. (1939).

<sup>340</sup> *Ibidem*.

los dos pueblos (...).<sup>341</sup> El informador franquista sugería también la creación de un intercambio de propaganda oficial entre la Delegación Nacional de Prensa y Propaganda y la embajada para unificar criterios en el envío de notas a la prensa, desmentidos o aclaraciones. Y, para evitar las quejas de las autoridades portuguesas sobre la falta de propaganda favorable al Estado Novo en los periódicos españoles, el agente rebelde se mostraba partidario de incrementar el número de informaciones dedicadas a Portugal.<sup>342</sup> El Servicio de Prensa de la Embajada de España propuesto por Falcón, de todas formas, nunca se llegó a crear, entre otras cosas, porque sus objetivos no resultaban urgentes ni prioritarios, ni tampoco iba a realizar nada que la *embajada negra* no hubiese puesto en marcha ya durante la guerra. En realidad, lo que pretendía Manuel Falcón con su propuesta era abandonar su trabajo en el SPN. Su solitaria tarea en la sede del Secretariado,<sup>343</sup> al margen del hervidero propagandístico de la *embajada negra*, lo llevaron a solicitar repetidas veces el nombramiento como agregado de prensa de la diplomacia rebelde. Petición que fue rechazada por Nicolás Franco, que estimaba su trabajo mucho más efectivo si era realizado desde el propio aparato propagandístico del gobierno portugués.<sup>344</sup>

Dentro del entramado de propaganda de la Representación de la Junta en Portugal durante la Guerra Civil podemos distinguir varias etapas. En un primer período, hasta diciembre de 1936, el comité rebelde estaba más preocupado con el resultado inmediato de los

---

<sup>341</sup> *Ibidem.*

<sup>342</sup> *Ibidem.*

<sup>343</sup> Manuel Falcón ocupaba en el Secretariado de Propaganda Nacional el puesto de “auxiliar de 1.ª clase”, junto a Francisco Xavier de Avillez Lobo de Almeida Melo de Castro. AOS/ANTT, CO/PC-19, Pasta 8, 12.ª subdivisión, hoja n.º 317. “Quadro do pessoal auxiliar do Secretariado de Propaganda Nacional e respectiva lista de antiguidades, referida a 31 de Dezembro de 1936”.

<sup>344</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6645. Carta de Manuel Falcón a Nicolás Franco, 07/12/1939.

combates. Por lo tanto, como es natural, en los primeros meses del conflicto la *embajada negra* intentó mantener una propaganda radiofónica continua y un tanto improvisada dirigida a la población española, así como reclutar voluntarios y recaudar fondos para comprar armas, crear hospitales de campaña, etc. En una segunda etapa, a partir de mediados de 1937, a medida que la guerra se alarga, la improvisación inicial da paso a una planificación estratégica. Se imponen unas directrices propagandísticas en las que priman las relaciones constantes con la prensa y el gobierno portugués, se realizan campañas definidas y se otorga mayor protagonismo a organizaciones como la Falange Española, que hasta entonces había pasado totalmente inadvertida. Cuando Nicolás Franco toma las riendas de la *embajada negra*, en mayo de 1938, se extrema la vigilancia sobre la prensa lusa y se estrechan las relaciones con los medios de comunicación, intentando concentrar el interés informativo de la opinión pública en las victorias insurgentes y en el conocimiento del proyecto político del general Franco.

La excepcional alianza entre la dirección del *Rádio Club Português* y el Movimiento Nacional franquista, aliados inseparables que emprendieron una tenaz campaña radiofónica contra Madrid fue crucial para crear un sentimiento de legitimación pública en la cruzada anti-comunista contra el gobierno de la II República. La *Emissora Nacional* y *Rádio Renascença*, entre otras radios portuguesas, no fueron ajenas a esta alianza y decidieron también colaborar con los agentes franquistas en Portugal, con los que urdieron campañas de propaganda. También hubo una importante cooperación entre las productoras cinematográficas portuguesas y el Estado Novo y la incipiente industria de cine franquista, que fraguó en un extraordinario intercambio entre la compañía Cifesa y Lisboa Film.<sup>345</sup> La Representación

---

<sup>345</sup> Léase el libro del autor, ya citado: *O Que Parece É. Salazar, Franco e a Propaganda Contra a Espanha Democrática* (2009).

de la Junta subvencionaba el montaje de los documentales y compraba material fílmico para el gobierno de Burgos en Portugal. El contacto directo de la *embajada negra* con la prensa lusa fue siempre cordial e incluso servicial. Desde el principio de la guerra, una de las acciones que pusieron en marcha los representantes rebeldes en Portugal fue el envío de comunicados a los periódicos. El líder de la CEDA, José María Gil Robles, fue uno de los promotores de la *fabricación* de noticias favorables a los facciosos. El 21 de agosto, por ejemplo, Gil Robles envió al director del *Diário da Manhã* una información sobre la “descarada” intervención de Francia en la guerra en apoyo del gobierno de la II República. Según el comunicado, la aviación francesa bombardeaba indiscriminadamente el patrimonio nacional español y a la población civil:

“Tengo la honra de poner en conocimiento de V.E. siguiendo instrucciones del Gobierno Nacional de Burgos los hechos siguientes: En el frente de Navalperal las tropas españolas han sido bombardeadas por un grupo de quince aviones de los cuales varios llevaban ostensiblemente la bandera francesa. Las poblaciones españolas de Tolosa y Oyarzun, en las provincias Vascongadas, han sido igualmente bombardeadas por aviones procedentes de Francia, regresando luego a sus bases. (...) Por todo ello el citado Gobierno protesta ante las naciones de tales hechos y recurre a los sentimientos nobles y caballerosos de los gobiernos extranjeros con el fin de que examinen tan flagrantes violaciones del derecho internacional señalando el desacuerdo entre las mismas y la afirmación de neutralidad ante la lucha que en España sostienen los elementos nacionales contra las milicias comunistas armadas por el gobierno de Madrid. (...) Mientras el ejército nacional observa las leyes de guerra, evitando bombardeos de poblaciones abiertas, sacrificios inútiles de vidas y haciendas de ciudadanos extranjeros se encuentren totalmente garantizadas – lo

que atestiguan los numerosos corresponsales de prensa que han visitado nuestra España –, las fuerzas comunistas armadas por el Gobierno de Madrid han atacado ciudades indefensas, matando mujeres y niños, han bombardeado la Alhambra y los monumentos de mayor valor de España; han fusilado, vejado y maltratado en sus vidas y haberes numerosos ciudadanos extranjeros y han cometido tales atrocidades que son vergüenza de la civilización y de la cultura. (...)”<sup>346</sup>

Los comunicados remitidos por la Representación de la Junta eran publicados por los periódicos portugueses con un carácter tan novedoso como el de las exclusivas, sin que sus informaciones fuesen contrastadas. En muchos casos se trataba de puras invenciones, pero la prensa del Estado Novo era cómplice de esta propaganda. A veces, las *noticias* enviadas por la *embajada negra* se publicaban en lugares destacados en las portadas de los periódicos e incluso llegaban a aparecer en recuadros dentro de la primera página, impresas en letra negrita para llamar aún más la atención de los lectores. Un ejemplo de ello ocurrió el 24 de diciembre de 1936 en el *Diário da Manhã*, cuando los rebeldes franquistas, atribuyéndose la legitimidad para representar a España en el extranjero, acusan a la prensa europea de poner en marcha una campaña de propaganda contra el bando insurgente. El comunicado publicado decía lo siguiente:

“Ante a campanha cheia de insidias, mentiras e fantásticas notícias totalmente inexactas empreendida por certo sector da imprensa estrangeira que não oculta a sua viva simpatia por Moscovo e seus adeptos deixando entrever claramente o seu degosto por

---

<sup>346</sup> AOS/ANTT, CO/NE-9I, Carpeta 2, 5.ª subdivisión. Comunicado de prensa firmado por el “representante de la Junta de Defensa Nacional de Burgos en Lisboa” (Gil Robles), 21/08/1936.

ter aborinado um amplo plano de espionagem com que julgavam poder impedir futuras vitórias já começadas neste momento pela brilhante ofensiva desencadeada pelas tropas do Generalissimo no dia de ontem e que constitue a desautorização mais formal de quantas mentiras tem sido divulgadas, esta Embaixada de Espanha declara serem absolutamente falsas e desprovidas de qualquer fundamento as notícias postas a circular, ficando reduzidos os efeitos a um grave caso de espionagem e exportação fraudulenta de capitais levado a efeito por um funcionario que protegido pelas imunidades diplomáticas concedidas ao país de cuja representação formava parte em Espanha, efectuou tão manifesta violação, feito que as agências jornalísticas do mencionado sector da imprensa tiveram especial empenho em dar extraordinaria publicidade com o malévolo fim de desvirtuar feitos, procurando outros fins tendenciosos, visto quererem ganhar na imprensa as vitórias que irremissivelmente perdem nos campos de batalha.”<sup>347</sup>

### 3.3. Franco, Salazar y la prensa del Estado Novo

La estrategia de propaganda franquista en Portugal se basaba en la clásica táctica del bombardeo constante de informes, noticias, dosieres, etc. Se trataba de proporcionar el suficiente arsenal propagandístico para que la prensa publicase de forma sistemática noticias favorables.<sup>348</sup> A veces, los comunicados rebeldes se remitían directamente al Ministério de Negócios Estrangeiros, con el ruego

---

<sup>347</sup> *Diário da Manhã* n.º 2750, 24/12/1938, p. 1.

<sup>348</sup> Sobre el papel de la prensa portuguesa durante los primeros años del Estado Novo y su colaboración con las campañas de propaganda del franquismo en Portugal puede verse: Pena, Alberto, *Salazar, a Imprensa e a Guerra Civil de Espanha*, op. cit.

de “dar la mayor publicidad y difusión posibles”.<sup>349</sup> Otras, la documentación propagandística incluso iba dirigida personalmente al mismísimo Salazar.<sup>350</sup> El gobierno portugués se ocupaba de publicarlo a través de los medios de comunicación que consideraba oportunos. Muchos de los artículos enviados a la prensa o al gobierno luso procedían del Servicio Nacional de Prensa o del Ministerio de Asuntos Exteriores de Burgos, que marcaban algunas de las pautas de la propaganda que se debía realizar en Portugal. El 25 de agosto de 1938, por ejemplo, las instrucciones al embajador franquista eran las siguientes:

“Para su debida información y a fin de que basándose en estos datos pueda difundir la reseña de desmanes y actos de barbarie cometidos por el ejército rojo, paso a sus manos copia de los relatos sobre criminales fechorías y asesinatos llevados a cabo por el ejército rojo en la población de Castellón durante el tiempo que dominaron en esta zona. De orden del señor Ministro de Asuntos Exteriores, al hacerlo así, cúpleme encargarle que haga llegar estos informes, tanto a los Centros oficiales, en cuanto le sea posible, como a la prensa adicta, señalando la escrupulosidad con que se ha procedido a recoger estos particulares.”<sup>351</sup>

Además del permanente *leit-motiv* de la destrucción comunista, los artículos trataban sobre asuntos como la preparación de la revolución

---

<sup>349</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Oficio n.º 154 de la Representación de la Junta de Burgos al Ministerio de Negócios Estrangeiros, 20/11/1938.

<sup>350</sup> AOS/CO/NE-9I, Carpeta 1, 10.ª subdivisión, hoja n.º 42. Carta del Marqués de Quintanar a Salazar, 09/09/1936. El representante rebelde ruega al presidente portugués que después de ser utilizada, la documentación le sea devuelta por intermedio de António Ferro.

<sup>351</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Oficio n.º 257 del Subsecretario del Ministerio de Asuntos Exteriores al embajador franquista en Lisboa, 25/08/1938.

en Portugal reflejada en las memorias de Azaña,<sup>352</sup> sobre el asesinato de Calvo Sotelo a manos de las autoridades de Madrid,<sup>353</sup> sobre la venta en el extranjero de objetos de arte “robados” por los leales,<sup>354</sup> o sobre el fusilamiento de José Antonio Primo de Rivera.<sup>355</sup> Alguno incluso iba firmado por el general Alfredo Kindelán, que daba datos sobre la invencible escuadrilla aérea de los sublevados: “(...) ¿Sabéis por qué en los partes oficiales no se dan aviones que pierde nuestra aviación? Por temor a no ser creídos, dada la desproporción que entre las pérdidas rojas y las nuestras existe. Si la relación entre unas y otras fuera de 1 a 3, o aún de 1 a 4, seríamos creídos, pero si la veracidad nos obliga a decir que los 61 aviones enemigos derribados por nuestra caza tiene como contrapartida un solo Fiat nuestro perdido, no lo vais a creer, por inverosímil, aunque lo refrende la seriedad de una firma responsable (...)”, escribía el militar rebelde.<sup>356</sup> En el caso de las memorias de Azaña, los representantes de los insurgentes se mostraron satisfechos con la repercusión periodística del comunicado, en el que se destacaba las intenciones del político español de apoyar una reacción revolucionaria en Portugal. El 8 de noviembre de 1937, uno de los agentes del comité rebelde explicaba por carta confidencial al delegado de Prensa y Propaganda, Manuel Arias Paz, que el gobierno portugués mostró incluso interés en utilizar la información para hacer propaganda en el Comité de Londres, encargado de velar por la no intervención extranjera en el conflicto español:

---

<sup>352</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 1548 de la Delegación del Estado para Prensa y Propaganda de Salamanca a Mariano Amoedo, 27/10/1937.

<sup>353</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Comunicación general n.º 111 del Jefe del Servicio Nacional de Prensa de Burgos al embajador rebelde, 16/11/1938.

<sup>354</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Oficio n.º 154 de la Representación de la Junta al Ministério dos Negócios Estrangeiros, 20/11/1938.

<sup>355</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6637. Oficio n.º 963 del Jefe del Servicio Nacional de Prensa de Burgos al embajador de Franco, 15/11/1938.

<sup>356</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640, oficio de entrada en la embajada de España en Lisboa n.º 676. Enviado por el Servicio Nacional de Prensa-Sección de Información.

“(…) “O Século” publica “in extenso” cuanto me enviaba V. sobre la intervención de Azaña en la preparación de la revolución portuguesa: adjunto le envío el recorte correspondiente, habiendo tenido que vencer la resistencia de aquel periódico que decía ya se conocía el caso por los periódicos españoles. Como habrá V. visto el Gobierno portugués - como le indicaba en mi telegrama - tiene gran interés en poseer copias fotográficas del original que tratan del caso y me indica que desea mostrarlas en Londres como plena justificación de la actitud portuguesa, llegando incluso a apuntar la posibilidad de que de ello pueda deducirse una mayor rapidez en nuestro reconocimiento oficial. Por consiguiente le ruego mayor urgencia en la remisión. (...)”<sup>357</sup>

En octubre de 1936, se remitió a los periódicos portugueses la edición portuguesa del *Avance del informe oficial de los asesinatos, violaciones incendios y demás depredaciones y violencias cometidas en algunos pueblos del mediodía de España por las bordas marxistas al servicio del llamado gobierno de Madrid*, que para el *Diário de Notícias* demostraba

“(…) as sinuosas desvirtuações de Del Vayo (Julio Álvarez del Vayo, ministro de Estado de España) e as equívocas alegações de Ossorio y Gallardo, em Genebra, sobre a legitimidade de uma situação política que incita ao cometimento de tais crimes. (...) A larga campanha de mentiras que propositadamente foi aberta para tentar encobrir os crimes que a Junta de Burgos acaba de revelar e documentar opoe-se agora o desmentido inegável da realidade (...)”.<sup>358</sup>

---

<sup>357</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6631. Carta confidencial de un anónimo agente franquista a Manuel Arias Paz, 08/11/1937.

<sup>358</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25.384, 04/10/1936, p. 1.

El suministro de fotos a instituciones corporativas<sup>359</sup> o publicaciones fue una de las técnicas de difusión de la propaganda rebelde en Portugal, cuya acción no quedaba restringida a Lisboa. La *embajada negra* proporcionó abundante material fotográfico al Secretariado de Propaganda Nacional y a los periódicos portugueses como prueba irrefutable de los crímenes marxistas. En Porto, el agente faccioso Marcial Rodríguez Cebral, coordinó el suministro de imágenes sobre las monstruosidades cometidas por las milicias del gobierno de Madrid. Rodríguez Cebral contó con la incondicional colaboración del periódico *Jornal de Notícias* y, en menor medida, con el *Comércio do Porto*. El *Jornal de Notícias* fue un firme paladín del salazarismo y participó activamente en la cruzada antibolchevique. Su distribución alcanzó a los habitantes de la región gallega, donde llegó a registrar una cierta popularidad.<sup>360</sup> El principal artífice de la propaganda realizada por el *Jornal de Notícias* fue su redactor jefe, António Pinto Machado, que era el autor de las viñetas sobre la Guerra Civil publicadas por el *Comércio do Porto* bajo el seudónimo de Gil Vaz. El 6 de febrero de 1937, Pinto Machado hace un nuevo pedido de fotografías a Rodríguez Cebral para continuar con la campaña y éste solicita al Secretario de Relaciones Exteriores más material para continuar con su campaña:

---

<sup>359</sup> Entre las instituciones portuguesas que pidieron material de propaganda a la Representación de la Junta de Defensa Nacional de Burgos en Lisboa están la Legação Portuguesa (AGA, Exteriores, caja n.º 6640), el Instituto de Estudos Históricos Dr. António de Vasconcelos de la Universidad de Coimbra, que presidía el profesor Dr. Torquato Brochado Soares (AGA, Exteriores, caja n.º 6641), la União dos Inválidos de Guerra (*idem*), la Liga dos Combatentes Anti-comunistas da Guerra de Espanha – “Legionários da Morte”, etc.

<sup>360</sup> Sousa, Fernando de, *Jornal de Notícias. A memória de um século (1888-1988)*, Porto, Jornal de Notícias, 1988, p. 223. Entre sus colaboradores durante la Guerra Civil española, estaban João Ameal, Olávio Correia Leite d’Eça Leal, Henrique Galvão, entre otros.

“(…) El periodista portugués (...) Dr. *Pinto Machado* (subrayado en el original), que viene realizando desde el principio de la guerra una alta labor de información, crítica y reportaje, llena de entusiasmo y elevado desinterés sobre la Causa Nacional, me visita en el día de hoy participándome que carece de fotografías para seguir ilustrando los artículos que viene publicando en su importante diario y ruega por mediación de este Consulado se gestione de la Delegación de Prensa y Propaganda o del organismo adecuado, que se le envíen colecciones de fotografías, especialmente todas aquellas que puedan servir para la intensa campaña nacionalista que viene desarrollando, tales como escenas de atrocidades cometidas por los rojos en aquellos frentes o pueblos que han estado sometidos a sus devastaciones (...)”<sup>361</sup>

El control de los medios de comunicación fue una constante en la política de la Representación de la Junta, que estuvo muy pendiente de las desviaciones periodísticas perjudiciales para la imagen exterior del franquismo. Una atención especial requirieron las noticias procedentes de las agencias francesas o inglesas, que muchas veces eran toleradas por el filtro de la censura portuguesa, pero no por los exigentes servicios de propaganda franquistas. Como muestra, el 14 de febrero de 1938, el Marqués de Miraflores comunicaba al ministro de Asuntos Exteriores la publicación en la prensa lusa de un telegrama de la agencia Havas, enviado desde Zaragoza, de “carácter tendencioso”, “(...) pues aprovecha la oportunidad del bombardeo de Huesca para indicar que dicha población está casi totalmente cercada y trata al mismo tiempo de hacer ver que los rojos atacan únicamente las posiciones y no a la población civil (...)”.<sup>362</sup>

---

<sup>361</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 7, oficio n.º 3. Del cónsul en Porto, Marcial Rodríguez Cebal, al Secretario de Relaciones Exteriores, 06/02/1937.

<sup>362</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6, oficio n.º 32. Del Marqués de Miraflores al ministro de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos, 14/02/1938.

La Representación de la Junta de Burgos era la encargada de expedir los salvoconductos obligatorios para los periodistas portugueses o de otros países que pretendían entrar en territorio franquista, siguiendo, a veces, instrucciones del Jefe del Gabinete Diplomático, José Sangróniz.<sup>363</sup> Tarea que asumiría la Falange Española a partir de 1938.<sup>364</sup> Los periódicos se veían sujetos a demoras o desestimaciones en la concesión de pasaportes para sus periodistas.<sup>365</sup> Todo dependía de la “idoneidad” de los informadores y de la actitud de la propia publicación hacia el bando rebelde. La *embajada negra* elaboró, entre octubre y noviembre de 1938, una ficha de cada uno de los periódicos diarios más importantes, especificando su línea editorial, su orientación propagandística respecto a la Guerra Civil española, los corresponsales en el conflicto, así como los miembros del equipo de redacción, la tirada, las agencias de información que utilizaba, su situación económica y otros datos, que remitió al Ministerio de Asuntos Exteriores de Burgos para orientar la política informativa de la embajada. *O Século*, por ejemplo, era considerado por los diplomáticos franquistas un periódico dócil con el Estado Novo y particularmente entusiasta con la figura de Oliveira Salazar. Desde el inicio del Movimiento Nacional fascista, según Nicolás Franco, *O Século* “(...) estuvo al lado del Caudillo, y ha cooperado, con generosidad e inteligencia, a difundir entre los portugueses el ideario de la España Nacionalista”, y su director, João Pereira da Rosa, era visto como un “amigo”.<sup>366</sup> Similar opinión tenían de la

---

<sup>363</sup> AMAE, R-1111, expediente n.º 5, telegrama n.º 213. Del Jefe del Gabinete Diplomático del gobierno de Burgos a Mariano Amoedo, 24/10/1936.

<sup>364</sup> AMAE, R-1111, expediente n.º 6, telegrama n.º 35. Del jefe de la Falange Española en Lisboa al Delegado de Prensa y Propaganda, 05/01/1938.

<sup>365</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Carta de Abel Moutinho, secretario geral de la Empresa Nacional de Publicidade, al embajador de España, 28/12/1938. Se reitera la solicitud del salvoconducto para el fotógrafo Firmino Marques y el periodista José Augusto dos Santos.

<sup>366</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 472 de Nicolás Franco al ministro de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos, 22/11/1938.

prensa portuguesa en general, a la que consideraban totalmente fiel a su jefe Salazar. De los periódicos más importantes, como el *Diário de Notícias*, *A Voz*, *Novidades*, conocían perfectamente qué intereses defendían. Así como al *Diário de Notícias* lo veían como el “órgano periodístico” de la industria harinera,<sup>367</sup> el *Novidades* fue catalogado como el boletín oficioso del episcopado portugués<sup>368</sup> y *A Voz* como el defensor del partido monárquico<sup>369</sup>.

La Representación de la Junta mantenía un estrecho contacto con algunos periodistas portugueses, de los que obtuvo importantes favores propagandísticos. Armando Boaventura fue uno de ellos, como ya hemos visto en el capítulo sobre los corresponsales. En noviembre de 1937, el ex redactor jefe del *Diário de Notícias* y ex jefe de prensa del Ministério dos Negócios Estrangeiros ofreció sus servicios a la *embajada negra* para publicar un libro, firmado por él o con seudónimo, en el que contaría la historia “(...) de toda esa intervención de los “rojos” en la política interna portuguesa, así como de la posición de decidido respeto que el Gobierno Nacional y todos cuantos dependemos del Generalísimo tenemos a todo lo que Portugal representa (...)”, según contaba el agente rebelde que negoció su propuesta.<sup>370</sup> El mismo agente que negoció con Boaventura la operación aconsejó a Arias Paz aceptar la proposición de aquél teniendo en cuenta la influencia del periodista luso en los círculos oficiales del gobierno de Salazar. Y porque, además, era necesario mitigar la campaña de propaganda, fomentada por los

---

<sup>367</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 417 de Nicolás Franco al ministro de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos, 21/10/1938.

<sup>368</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 443 de Álvaro Seminario al ministro de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos, 01/11/1938. Y también AMAE, R-4002, expediente n.º 1. Oficio n.º 443 de Álvaro Seminario al ministro de Asuntos Exteriores franquista, 01/11/1938.

<sup>369</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 444 de Álvaro Seminario al ministro de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos, 01/11/1938.

<sup>370</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6631. Carta confidencial de un anónimo agente franquista a Manuel Arias Paz, 08/11/1937.

servicios de espionaje ingleses, que atribuía ambiciones imperialistas al general Franco sobre el territorio portugués:

“(…) Creo deber apoyar ante V. esa proposición con todo entusiasmo: primeramente comenzaríamos a deshacer el recelo marcado que en este País existe, entre algunos elementos por determinadas y ridículas, si que también absurdas pretensiones (sic), que se nos han atribuido por elementos indudablemente rojos y en cuyos manejos altas Autoridades de este País creen ver la mano del Intelligence Service inglés: absurdos esos (sic) que hasta, recientemente, merecieron una muy adecuada nota de esa Delegación que nosotros hicimos publicar en toda esta prensa. Y por otra parte sería esta forma (aunque nos costara un desembolso) de ganarnos persona del relieve periodístico del Sr. Boaventura, muy unida al Gobierno de Salazar – y especialmente al Sr. Monteiro de quien es creación – y que por desgracia no siempre, aún siendo sinceramente nacionalista, ha adoptado posición hispanófila. (...)”<sup>371</sup>

Se cree que el proyecto no llegó a fructificar en esta ocasión, aunque Boaventura ya había demostrado su espíritu de colaboración con la Representación de la Junta publicando, en febrero de 1937, su libelo titulado *Madrid-Moscovo. Da Ditadura à República e à Guerra Civil de Espanha*, donde el periodista deja bien claras las pretensiones del gobierno de la II República de convertir Portugal en otro “paraíso marxista”. El ex jefe de redacción del *Diário de Notícias*, que vivió en España la victoria electoral del Frente Popular el 16 de febrero de 1936, cuenta en su libro que fue amenazado por denunciar entonces el “perigo de carácter revolucionário, internacionalista,” que pendía sobre la Península. Armando Boaventura

---

<sup>371</sup> *Ibidem.*

explica con detenimiento, pero sin rigor periodístico, la acción conspiradora de los emigrados políticos portugueses en Madrid desde la proclamación de la II República, que intentaron conseguir el apoyo de Azaña y otros políticos españoles para derrumbar la dictadura salazarista por las armas. Los exiliados portugueses, entre los que se encontraban figuras destacadas del republicanismo portugués como Bernardino Machado, Afonso Costa, Moura Pinto, Jaime Cortezão o Cunha Leal, negociaron con el industrial vasco Echevarrieta, con Manuel Azaña y con Indalecio Prieto la financiación de compra de armamento.<sup>372</sup> Pero la victoria del bloque conservador en las elecciones de noviembre de 1933 frustraron el plan, que dejó al descubierto la confabulación poniendo a los anteriores gobernantes en entredicho ante la opinión pública y en una apretada situación parlamentaria.

La situación exacerbó la propaganda nacionalista del Estado Novo y la prensa portuguesa explotó periódicamente el *affaire* llevando a cabo una dura campaña contra Azaña, Indalecio Prieto y Marcelino Domingo, en los que veía un claro peligro para la independencia de Portugal.<sup>373</sup> Boaventura se detiene a explicar en su libro los detalles de “o escandaloso tráfico de material de guerra destinado a uma revolução” en Portugal,<sup>374</sup> refiriéndose a la existencia de una campaña de prensa de Azaña contra Salazar, así como de la creación de la asociación Comité de Amigos de Portugal, fundado en mayo de 1936, cuyo principal objetivo visibilizar a las víctimas del fascismo luso.<sup>375</sup> El propagandista portugués, que publicó también reportajes y crónicas en *A Voz* y *O Século* sobre la guerra, hace un

---

<sup>372</sup> Oliveira, César, *Portugal e a II República de Espanha (1936-1939)*, op. cit.

<sup>373</sup> *Idem*, *Salazar... op. cit.*, pp. 71-86. Y también Delgado, Iva, *Portugal...op. cit.*, pp. 18-29.

<sup>374</sup> Boaventura, Armando, *Madrid-Moscovo. Da Ditadura á República e á Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937, p. 55.

<sup>375</sup> *Idem*, pp. 72-73.

relato pormenorizado de la transformación de España en un satélite comunista de la U.R.S.S. de la mano del “monstruoso” Largo Caba­llero, presidente del gobierno español (1936-1937) y dirigente del Partido Socialista.<sup>376</sup> A partir de la publicación del libro, Boaventura se ganó la total confianza de Nicolás Franco, que le concedió todo tipo de facilidades para trabajar en el territorio rebelde, desde donde inició una campaña de propaganda en 1938 para despertar el interés de la sociedad portuguesa en el conflicto, entonces distraída por los acontecimientos de Centroeuropa. Para ello, el embajador sedicioso en Lisboa pidió a su hermano, el general Franco, su colaboración para se le otorgara un trato de favor al informador luso:

Querido Paco: Don Armando Boaventura, periodista portugués que hace en “A Voz” gran campaña por nuestra causa desea verte en el frente y acompañarte en alguna visita a fin de promover en la prensa portuguesa con crónicas, fotografías y noticias, un alzamiento de interés por nuestra causa muy disminuido por la duración de la campaña y por la falta de interés de público ante acontecimientos europeos de trascendencia. Entiendo que esto es necesario, ya que la prensa no suele cuidar de las cosas que no son verdad y una acción en este sentido, traería de nuevo a primer plano nuestra campaña. Por ello te ruego (...) permitas este reportaje que será muy conveniente a nuestros intereses. (...)”<sup>377</sup>

Al finalizar la guerra, Boaventura obtuvo una condecoración franquista por los servicios prestados,<sup>378</sup> aunque su colaboración propagandística con los fascistas españoles continuó más allá del

---

<sup>376</sup> *Idem*, p. 174.

<sup>377</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Carta de Nicolás Franco al general Francisco Franco, 20/10/1938.

<sup>378</sup> AMAE, R-4002, expediente n.º 1. Oficio n.º 215 de Nicolás Franco al ministro de Asuntos Exteriores de Franco, 23/08/1939.

enfrentamiento fratricida.<sup>379</sup> Otros periodistas, como Manuel Leitão Pereira Caldeira o Alberto de Oliveira, fueron peones fundamentales de la propaganda franquista en Portugal desde el *Diário da Manhã*, periódico del que Nicolás Franco tenía las mejores consideraciones “(...) por su atinada y entusiasta campaña en favor de nuestra Causa, en cuya defensa ha puesto siempre cariños de hermandad e inteligentes esfuerzos que son agradecidos por la España nacionalista en todo cuanto valen.”<sup>380</sup> El primero fue uno de los redactores que más afanosamente se dedicó a escribir sobre la guerra en el órgano de la União Nacional, aunque sin firmar sus trabajos. Su “intensa propaganda” a favor de la “Causa Nacional” también le valieron los parabienes de las autoridades franquistas en sus viajes a España.<sup>381</sup> Alberto de Oliveira, por su parte, propuso al embajador franquista la realización de un número especial para celebrar la entrada de las tropas insurgentes en la capital española. Una “feliz idea” para el diplomático, que respaldó el proyecto.<sup>382</sup>

La interesada amistad de Nicolás Franco con los periodistas portugueses no fue, sin embargo, motivada por situaciones coyunturales, sino que formaba parte de una estrategia de acercamiento a la prensa lusa para influir claramente en sus contenidos informativos, impuestos, en muchos casos, por el propio Estado Novo. *O Século* contribuye a forjar una imagen lusófila del hermano del Generalísimo, destacando en su perfil biográfico su amor por Portugal, “(...) cuyas

---

<sup>379</sup> Véase, por ejemplo, el *Diário de Notícias*, 22/08/1939. Título del artículo: “A reconstrução sobre os escombros da guerra. Madrid e o regresso á vida oficial”, in AMAE, R-4002, expediente n.º 1.

<sup>380</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6643. Carta de Nicolás Franco a Alberto de Oliveira, 18/03/1939.

<sup>381</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6641. Carta de Nicolás Franco al Jefe del Servicio Nacional de Prensa y Propaganda, 29/07/1939.

<sup>382</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6643. Carta de Nicolás Franco a Alberto de Oliveira, 18/03/1939.

instituições, cuja arte, e cuja literatura admira (...).<sup>383</sup> Así lo demuestran las declaraciones realizadas por Nicolás Franco en el primer acto público tras su llegada a Lisboa como Agente Especial del gobierno de Burgos el 6 de mayo de 1938, en un encuentro con los representantes de las principales organizaciones de la colonia española.<sup>384</sup> Sus primeras palabras las empleó en agradecer la ayuda de la prensa: “A imprensa portuguesa soube compreender, desde a primeira hora, o momento nacional espanhol, e quando nós ainda não tínhamos jornais os vossos prestaram-nos grande auxílio. O vosso belo País teve também, na frente de batalha, cronistas que foram dos melhores e mais leais de entre todos os estrangeiros.”<sup>385</sup> Tres días después, el representante rebelde fue recibido en audiencia por Oliveira Salazar en la sede del Ministério dos Negócios Estrangeiros, con quien mantuvo un largo encuentro.<sup>386</sup> El 13 de mayo, Nicolás Franco se entrevista con los miembros del Centro de Imprensa Estrangeira, a cuyo frente estaba Manuel Falcón, para agradecerles las “campanhas jornalísticas” que sirvieron para contrarrestar la propaganda del gobierno republicano español.<sup>387</sup> Con los corresponsales extranjeros volverá a reunirse el 7 de febrero de 1939, pero esta vez invitado por ellos a una cena para celebrar la anunciada victoria de los fascistas. En la sobremesa pronunciaron discursos el periodista brasileiro Carlos Cilia y el francés Marcel Dany. Este último, como director del Centro de Imprensa Estrangeira, pidió un brindis por el general Franco y la “nueva” España. El embajador faccioso agradeció la deferencia haciendo un relato sobre el “movimiento nacionalista” y la “incansable” tarea *restauradora* de la Falange Española.<sup>388</sup>

---

<sup>383</sup> *O Século*, n.º 20075, 06/02/1938, p. 10.

<sup>384</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2528, 08/05/1938, p. 1.

<sup>385</sup> *Ibidem*.

<sup>386</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2531, 11/05/1938, p. 1.

<sup>387</sup> *A Voz*, n.º 4027, 13/05/1938, p. 1.

<sup>388</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2799, 08/02/1939, p. 7.

Los contactos de la *embajada negra* con los medios de comunicación portugueses fueron numerosos y diversos. Mientras algunos periódicos pedían documentación sobre la “cruzada” rebelde, otros enviaban su felicitación por los triunfos frente a los leales,<sup>389</sup> o se permitían incluso la licencia de expresar el deseo de que el general portugués Raúl Esteves, que fue Jefe de la *Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha*, fuera invitado oficialmente a asistir al desfile de la victoria, en Madrid, el 15 de mayo de 1939.<sup>390</sup> Acabada la guerra, el director y propietario de la *Revista Portuguesa*, Visconde do Porto da Cruz, admirador del Caudillo español, pidió a Nicolás Franco información para ingresar en la Legión Extranjera.<sup>391</sup>

### 3.4. La *embajada negra* como plataforma internacional

La *embajada negra* funcionó también como base para la distribución de la propaganda hacia los países americanos y como centro receptor de diversos donativos. Abundante correspondencia con la diplomacia rebelde o simpatizantes franquistas en Iberoamérica y Estados Unidos avalan esta afirmación. El UNE-Centro Social Español en México, controlado por la Falange Española, así como el representante faccioso en aquél país centroamericano, Augusto Ibáñez, mantuvieron contactos regulares con el comité franquista en Lisboa.<sup>392</sup>

---

<sup>389</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6643, oficio n.º 61. Del Redactor Jefe de *A Batalha*, José Duarte Costa, a Nicolás Franco, 29/03/1939. El la carta se solicita también al embajador rebelde “(...) algumas palavras para serem publicadas no proximo número do referido jornal (...) como homenagem das classes trabalhadoras aos salvadores da Civilização (...)”.

<sup>390</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6641. Carta del director de la *Gazeta dos Caminhos de Ferro*, Carlos d’Ornellas, al embajador de España en Portugal, 02/05/1939.

<sup>391</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6641. Carta del Visconde do Porto da Cruz a Nicolás Franco, 23/06/1939.

<sup>392</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Carta de Augusto Ibáñez, de la Representación en México, a Nicolás Franco, 03/08/1938. Y también: AGA, Exteriores, caja n.º 6639.

Algunos emigrantes españoles conocían perfectamente que la Representación facciosa en la capital portuguesa funcionaba como centro de divulgación de la propaganda de los insurrectos. Simpatizantes del fascismo español como el comerciante español emigrado en México Ángel Fernández Moreno, que poseía una “biblioteca franquista” y era un profundo admirador de Franco, se dirigieron a ella para solicitar periódicos, folletos, fotografías, libros o carteles para ayudar a difundir el “Movimiento Nacional”:

“(…) Por todos los medios que he tenido a mi alcance con amigos y demás, siempre tengo en mi despacho libros y periódicos y revistas, principalmente con noticias o fotografías del Generalísimo FRANCISCO FRANCO, pero es el caso que muchos de estos periódicos que tenía del Generalísimo las han estado llevando mis amigos y simpatizadores y no tengo ya nada (...). Entre los libros que tenía en mi biblioteca FRANQUISTA tenía el libro FRANCO – EL ALCÁZAR DE TOLEDO, los cuales ya no se pueden conseguir aquí por haberse agotado todas las ediciones y quizá por haberlas prohibido el Gobierno Mexicano a sus editores. Yo le suplico a usted de la manera más atenta se sirva enviarme por correo (...) los libros que pudiera tener y que hablen de la guerra española FRANQUISTA, pues me han estado pidiendo con insistencia amigos míos del interior de la República, revistas, libros, etc. creyendo que yo tengo (...). Ya que tengo nuevamente la oportunidad de dirigirme a usted, le ruego muy especialmente no olvidarse de enviarme fotos del Generalísimo FRANCO, pues me asedian aquí todos, pidiéndome fotografías y no puedo complacerlos (...).”(las letras mayúsculas aparecen en el original)<sup>393</sup>

---

Carta del Presidente del “UNE”-Centro Social Español de México, al Marqués de Miraflores, 28/07/1938.

<sup>393</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Carta de F. Fernández Moreno a Mariano Amoedo, 03/08/1938.

Juan A. Trallero, comisionista en Colombia, se puso desde el primer día del “glorioso alzamiento” al lado del ejército rebelde. Desde los micrófonos de la radio local de Cartagena hizo propaganda para convencer a los colombianos del genocidio “rojo” que estaba llevando a cabo el gobierno de Madrid (sic).<sup>394</sup> Trallero, que recogía taquígráficamente los partes oficiales y las crónicas militares de Tebib Arumi y Justo Sevillano emitidas por Radio Tenerife, informó por carta a Nicolás Franco que la emisora rebelde en Caracas debía cambiar su longitud de onda para evitar que sus emisiones fuesen ahogadas por los radioaficionados. La *embajada negra* también se mantuvo en contacto con su agente en Nueva York, Juan F. Cárdenas,<sup>395</sup> y envió una colección de fotografías al editor de *The Boston Herald* sobre los “crímenes marxistas”, entre las que se encontraban imágenes captadas por los reporteros portugueses.<sup>396</sup> Mantuvo igualmente correspondencia con las agencias de prensa franquistas en París y Londres, la Agence d’Informations Franco-Espagnoles<sup>397</sup> y el Spanish Press services, Ltd.<sup>398</sup> Incluso la biblioteca del congreso norteamericano, la Library of Congress Division of Documents de Washington, solicitó al embajador franquista en Lisboa bibliografía en español o portugués sobre la “Revolución Nacionalista”.<sup>399</sup> Por su parte, el es-

---

<sup>394</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Carta de Juan A. Trallero a Nicolás Franco, 22/09/1938.

<sup>395</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Carta de Juan F. Cárdenas a Nicolás Franco, 06/09/1938. Sobre la propaganda franquista en Norteamérica, véase el artículo de Marta Rey García “La creación de la imagen de Franco y su nuevo Estado en Norteamérica: “Spain””, in *Anuario del Departamento de Historia de la Universidad Complutense*, n.º 5, Editorial Complutense, Madrid, 1993, pp. 57-69.

<sup>396</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Carta a Robert Choate, editor de *The Boston Herald*, 30/09/1938.

<sup>397</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Se pueden encontrar varias cartas sobre el intercambio de propaganda entre ambas instituciones durante 1938.

<sup>398</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. También aquí se encuentra correspondencia entre la *embajada negra* y la agencia franquista en Londres.

<sup>399</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Carta de James B. Childs, Jefe de la División de Documentos de la Library of Congress, al embajador de Franco en Lisboa, 31/08/1938. La biblioteca estadounidense poseía hasta esa fecha los siguientes informes enviados

critor inglés G. E. Mappin, autor de un libro de propaganda fascista cuya edición portuguesa (titulada *Futilidades velbas ou ideias novas?*) vendió varios centenares de ejemplares, negoció con Nicolás Franco la posibilidad de hacer una edición española. En su particular cruzada, Mappin envió el libro a 40 jefes de Estado y ministros de asuntos exteriores de diversos países.<sup>400</sup> En Portugal, la Representación fomentó especialmente la publicación de bibliografía franquista, para lo que contó con la inestimable colaboración de la Parceria António Maria Pereira,<sup>401</sup> que editó numerosos libros sobre la guerra.<sup>402</sup> Esta editorial elaboró para los representantes franquistas, en octubre de 1938, un catálogo con todas las ediciones en español de libros de propaganda franquista que se vendían en Portugal. En total, se contabilizaron 157 obras de diversos autores, cuyos precios oscilaban entre 1\$00, que era lo que costaba el libro de José María de Yangüas y Messía *Beligerancia, no intervención y reconocimiento*, y los 30\$00 de *Málaga bajo el dominio rojo*, de Gómez Bajuelo. Fueron tantas las demandas de propaganda hechas a la *embajada negra* que, todavía un año después de finalizada la guerra, era incapaz de atender todos los pedidos.<sup>403</sup>

---

por la propaganda del bando sublevado: *Junta de Defensa Nacional de Burgos. Avance del informe oficial sobre los asesinatos, violaciones, etc...*, julio-agosto de 1936; *Estado español. Tercer avance del informe oficial sobre los asesinatos...*, otoño 1936; *Estado español. Cuarto avance del informe oficial sobre los asesinatos...*, febrero de 1937; *Estado español. Quinto avance del informe oficial sobre los asesinatos...*, invierno de 1937.

<sup>400</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Carta del Generalísimo Franco a Nicolás Franco, 02/08/1938.

<sup>401</sup> La Parceria Antonio Maria Pereira era una editorial de tradición familiar con sede en la céntrica Rua Augusta de Lisboa que era subsidiada por el Estado Novo. Su dueño, el salazarista António Maria Pereira, era un popular editor que conseguía alcanzar grandes tiradas en sus ediciones. En junio de 1939, fue nombrado presidente del Grémio Nacional dos Editores e Livreiros. Cf.: *Enciclopedia Luso-Brasileira de Cultura*, vol. XXI, Lisboa, p. 123.

<sup>402</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Carta de la *embajada negra* al director del Spanish Press Services, Ltd., 02/11/1938.

<sup>403</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6647. Oficio s/n.º de Nicolás Franco al ministro de Asuntos Exteriores, 19/08/1940. Debido a la importancia del momento internacional, Nicolás Franco se mostraba preocupado ante su gobierno por la falta de material de

El amplio frente de propaganda montado por los rebeldes desde su plataforma en Lisboa, les permitió recibir un importante caudal de donativos de diferentes procedencias. Las recaudaciones eran divididas en varias partes y enviados a España a la atención de los oficiales insurgentes o portugueses que participaban en la guerra. Pero la lista de todos los donantes y sus respectivas cantidades se remitía directamente a la Sección de Donativos, dependiente de la secretaría del general Franco.<sup>404</sup> Por orden de la Cuartel General, desde el 4 de mayo de 1938, todos los envíos en efectivo (cheques, giros postales, billetes, etc.) se dirigían personalmente al Caudillo.<sup>405</sup> En julio de 1938, los fondos fueron destinados al general Varela, en Teruel, y al capitán Botelho Moniz, en Zaragoza.<sup>406</sup> Para hacerse una idea de las cantidades manejadas por los agentes fascistas en Portugal, se relacionan a continuación los donativos en metálico ingresados por todos los conceptos en la caja de la *embajada negra* en marzo de 1938 según consta en uno de sus documentos oficiales:

“Donativos recaudados caja Consulado.....	2.130\$60
Ingresado por D. Juana Felices, c/ Arsenal La Carraca ...	15.000\$00
Donativo Manuel B. Vivas, Lda .....	767\$00
Donativo Carmen Conde de Turnes, c/ Auxilio Social ....	100\$00

---

propaganda: “(...) Ello es de lamentar, no solo por la especial importancia que reviste en los momentos actuales la propaganda nacionalista española en este país, sino también porque precisamente Portugal dispone de un centro bien orientado y dirigido, que profusamente informa sobre cuantas materias pueden interesar a nacionales y extranjeros y surte con abundancia y regularidad a las misiones diplomáticas portuguesas de su material de propaganda (...)”.

<sup>404</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Oficio n.º 58 del Subsecretario de del Cuartel General del Generalísimo, Eugenio Espinosa de los Monteros, al Ministerio de Asuntos Exteriores rebelde, 22/11/1938.

<sup>405</sup> *Ibidem*.

<sup>406</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Oficio n.º 325 de la Representación de la Junta en Lisboa a las autoridades aduaneras, 15/07/1938. En el documento se solicita a los agentes aduaneros que permitan el paso de un camión, conducido por Julio Palacios, con 8 cajas para los oficiales mencionados.

Ingreso Sr. Cavero c/ S <sup>a</sup> División .....	15.300\$00
Donativo anónimo Auxilio Social.....	3\$00
Donativo Sr. Agapito Serra Fernández.....	1.000\$00
Donativo Adolfo Fernández Nogueira .....	200\$00
Donativo Sr. Lozano.....	1.000\$00
Ingreso Bettencourt Brothers, seguro camiones.....	2.386\$00
Donativos a Auxilio Social, remitidos cónsul Porto.....	4.000\$00
Ingreso cheque transporte camiones Ayuntamiento Madrid.....	33.000\$00
Donativo a Auxilio Social, Porto .....	4000\$00
Donativo Srs. Raquel Sánchez y Vigil Escalera .....	2310\$00
Ingreso Sr. (ilegible), c/ Frentes y Hospitales.....	159.067\$00
Ingreso Bettencourt Brothers c/ seguro camiones .....	17.718\$80
Donativo misioneros [ilegibles].....	220\$00
TOTAL INGRESOS ESCUDOS.....	207.102\$90

DÓLARES:

Abono Banco de España para completar los camiones Ayuntamiento de Madrid .....	71.380,00
Donativo remitido de Méjico .....	369,90 <sup>407</sup>

Como se puede comprobar, aún siendo cifras de 1938, cuando el interés por la guerra había decaído sensiblemente, los ingresos por donativos son notables. Sin duda, las intensas campañas de propaganda activaron la solidaridad popular con el ejército de Franco. Sin embargo, cuando la guerra ya estaba en sus últimos días, en marzo de 1939, el gobierno de Burgos modificó la estrategia de su propaganda con respecto a este asunto. Aceptar donativos podía ser inter-

---

<sup>407</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. “Relación de donativos e ingresos por todas clases entregados en esta caja durante el mes de marzo de 1938”, elaborada por el cajero de la Representación, Andrés Covarrubias.

pretado como síntoma de debilidad de la *nueva* España. Por lo tanto, las autoridades rebeldes aconsejan a sus representantes no hacer una propaganda indiscriminada para conseguir fondos:

“(...) Cuando signifique envío de víveres, ropas, medicamentos, etc. no puede estimarse como afrentoso para nosotros y en cambio puede servir para aliviar desgracias y aligerar las cargas de beneficencia que forzosamente pesan sobre el Estado español. Por todo ello, sin que en ningún caso la iniciativa nazca de esa Representación, el Gobierno Nacional mirará con agrado cuantas colectas se lleven a cabo a los fines antes señalados, siendo preferible que estos llamamientos, su propaganda y la ejecución de estos planes humanitarios se efectuen por nacionales del país simpatizantes de nuestra Causa que con mayor libertad pueden actuar y cuya labor, sin duda, puede ser de mayor rendimiento. (...)”<sup>408</sup>

Para dar un carácter más oficial e incrementar la eficacia de las cuestaciones públicas, los miembros de la *embajada negra* se prodigaron en respaldar con su presencia las colectas populares que se hacían en las ceremonias propagandísticas organizadas por las instituciones oficiales de la colonia. Se organizaron recepciones públicas en la sede diplomática los días señalados (aniversario del golpe militar, muerte de Calvo Sotelo y el general Sanjurjo, Día de la Raza...), así como también se estimulaba la convocatoria de manifestaciones para celebrar los triunfos del ejército franquista, en los que los diplomáticos rebeldes participaban activamente. Especialmente apoteósicas fueron las concentraciones de contingentes de la colonia

---

<sup>408</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 79 del Subsecretario del Ministerio de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos al embajador en Lisboa, 18/03/1939.

ante el edificio de la embajada de España en Lisboa y el consulado de Porto al acabar la guerra.

En Porto, el Consulado organizó, el 28 de marzo de 1939, una recepción oficial a las autoridades locales a la que le siguió una multitudinaria manifestación que desembocó en la sede de la legación española, donde se vitoreó “(...) con entusiasmo inimaginable a España y a nuestro Caudillo (...)”, según el cónsul José Súnier Erice.<sup>409</sup> Como complemento a esta celebración, el 2 de abril, la Legião Portuguesa convocó a la colonia española y todos los portuenses a una misa de campaña, tras la cual se realizó un desfile ante el consulado, que ese mismo día enviaba a Madrid 90.000 escudos en donativos.<sup>410</sup> Para concluir, hubo un almuerzo en el Palácio de Cristal en honor a la mujer española, por sus sacrificios durante la guerra, que aprovechó José Súnier Erice para expresar, en una alocución pública, el “(...) agradecimiento eterno que España debe a la mujer portuguesa por su gallarda actitud ante nuestro Movimiento (...)”.<sup>411</sup> En Lisboa se repitió la escena frente a la sede principal de la diplomacia española, a cuyo balcón salieron Nicolás Franco y sus ayudantes a saludar a los manifestantes de brazo extendido. “¡O comunismo encontrou o seu túmulo em Madrid” gritó exaltado el embajador rebelde a los congregados. Éstos respondieron con interminables aclamaciones a Franco y Salazar.<sup>412</sup> Al día siguiente, *O Século* resumió la febril alegría popular con este titular: “A manifestação pela tomada de Madrid (...) realizada em Lisboa reuniu muitas dezenas de

---

<sup>409</sup> R-1058, expediente n.º 7. Oficio n.º 54 de José de Erice al ministro de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos, 28/03/1939.

<sup>410</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 7. Oficio n.º 59 de José Erice al ministro de Asuntos Exteriores, 03/04/1939.

<sup>411</sup> *Ibidem*. Sobre el papel de la mujer portuguesa durante el Estado Novo véase el artículo de Maria Belo, Ana Paula Alão y Iolanda Neves Cabral, “O Estado Novo e as mulheres”, in *O Estado Novo. Das origens ao fim da autarcia (1926-1959)*, Lisboa, Fragmentos, 1987, pp. 263-279.

<sup>412</sup> *O Século*, n.º 20483, 29/03/1939, p. 10.

milhar de pessoas e assumiu proporções apoteóticas raras vezes igualadas, sendo entusiasticamente vitoriados Espanha, Portugal e os nomes dos generais Carmona, Franco e dr. Oliveira Salazar".<sup>413</sup> El periódico lisboeta publicó una extendida descripción de varias páginas sobre todos los actos realizados por las provincias portuguesas, así como un saludo oficial de Nicolás Franco al "heroico" pueblo portugués,<sup>414</sup> su gobierno y al Jefe de Estado, mientras en la entrada de la embajada centenares de personas firmaban en el libro de felicitaciones al Generalísimo.<sup>415</sup>

### 3.5. Las actividades de los falangistas españoles

La Falange Española funcionó casi como un ente autónomo, aunque dependiente del gobierno de Burgos. Su propaganda nacional y exterior seguía unas directrices establecidas por el Cuartel General del Generalísimo, pero su organización era independiente. En abril de 1937, como resultado de la fusión entre la Delegación de Prensa de la Junta Nacional Carlista de Guerra y de la Jefatura Nacional de Prensa y Propaganda de la Falange, Luis Antonio Bolín creó la Delegación de Prensa y Propaganda de FET y de las JONS, dirigida durante unos meses por el sacerdote Fermín Yzurdiaga y, luego, por Serrano Súñer. Junto a esta nueva organización funcionó una Delegación Nacional del Servicio Exterior, que se ocupó de la propaganda en el extranjero a través del Departamento de Intercambio y Propaganda Exterior, productor y supervisor absoluto de todo el material propagandístico destinado a numerosos países de Europa y América. Dentro de la política de control total de la comunicación

---

<sup>413</sup> *Ibidem.*

<sup>414</sup> *Idem*, p. 7.

<sup>415</sup> *Idem*, p. 1.

social en el bando franquista, el 22 de abril de 1938 se promulgó una nueva Ley de Prensa obra de Serrano Súñer, que estaría vigente hasta la Ley Fraga de 1966, por la que se autoriza al Estado la intervención en la administración y la política informativa de las empresas periodísticas.<sup>416</sup>

Dentro de la estructura propagandística de la Falange, se integraron otras organizaciones femeninas filiales como el Auxilio de Invierno, que luego pasaría a llamarse Auxilio Social, encabezado por Mercedes Sanz Bachiller, cuya función se restringía a la asistencia social, el adoctrinamiento infantil y la educación familiar. La Sección Femenina de Falange, que absorbería a Las Margaritas de la Comunión Tradicionalista, participó también en tareas de apoyo moral a los combatientes en otras instituciones como el Hogar del Herido, el Hogar de Reposo del Soldado o el Servicio de Lectura para el Soldado. Este último, coordinado por la Iglesia Católica y la Falange, era el encargado de proporcionar libros de lectura al ejército.<sup>417</sup>

Pero quizás la entidad falangista que más interesa estudiar aquí es la Falange Exterior, que poseía una compleja red de colaboradores por todo el mundo, especialmente en Iberoamérica, que fundaron o dirigieron publicaciones desde las que se hizo propaganda franquista. Cada delegación de la Falange Exterior contaba con una sección de prensa y propaganda que tenía como funciones, según las bases orgánicas de la organización: difundir las publicaciones nacional-sindicalistas para extender la formación doctrinaria del “Movimiento”; organizar actos y veladas “de estilo falangista”; divulgar a través de los medios de comunicación extranjeros el “credo” de la “cruzada”; fundar “con pureza perfecta de doctrina” periódicos que mitifiquen la figura del *Ausente* (José Antonio Primo de Rivera, fundador de la

---

<sup>416</sup> Pizarroso Quintero, Alejandro, *Historia de la Propaganda*, Madrid, Eudema Universidad, 1990, p. 362.

<sup>417</sup> *Ibidem*.

Falange) y del Caudillo; coordinar exposiciones fotográficas sobre el “Revolución Nacional” y mantener relaciones de propaganda con organismos locales y con las oficinas de propaganda franquistas.<sup>418</sup> El Ministerio de Asuntos Exteriores rebelde obligaba a las delegaciones de la Falange Española en cualquier país a colaborar con los representantes diplomáticos facciosos, “(...) a quienes incumbe informar leal y fielmente al Ministro cuando algún Jefe político, si existiese, se condujera improcedentemente o se desviase del espíritu que inspira el Movimiento, o bien si su conducta fuera discordante o carente de reciprocidad en las colaboraciones que se le prestaren (...)”.<sup>419</sup> Para hacerse una idea de la producción de propaganda de la Delegación Nacional del Servicio Exterior, entre diciembre de 1938 y noviembre de 1939, se editaron más de 100.000 ejemplares de publicaciones para las secciones falangistas en el extranjero, así como 26.250 folletos diversos, 8500 hojas sueltas, 1600 fotografías, 3800 carteles y retratos y 3300 artículos.<sup>420</sup> En Portugal, la Falange Española Tradicionalista y de las JONS no fue una organización operativa hasta 1938.

Al comienzo de la Guerra Civil, el número de militantes en la milicia fascista no debían pasar de varias decenas en Portugal. La primera aparición pública de falangistas uniformados con un cierto eco mediático se produjo durante el entierro del general Sanjurjo, el 21 de julio de 1936. Es posible, como señala César Oliveira, que la expulsión del país del líder nacional-sindicalista portugués, Rolão Preto, dificultara la colaboración de las autoridades portuguesas con la Falange y ésta se viera abocada a una marginación política como,

---

<sup>418</sup> AGA, Presidencia, caja n.º 73. “Capítulo: Delegaciones Exteriores de Prensa y Propaganda”, s.d. Extraído de las bases orgánicas de la Falange Española.

<sup>419</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Carta del ministro de Asuntos Exteriores de Franco al representante faccioso en Lisboa, 29/06/1938.

<sup>420</sup> AGA, Presidencia, caja n.º 73. “Propaganda puesta en circulación por la Delegación Nacional del Servicio Exterior durante los últimos 3 meses”, 22/02/1939.

de hecho, así ocurrió.<sup>421</sup> El Estado Novo no permitió la aprobación de los estatutos de la Falange Española en Portugal hasta 1940, lo que frenó notablemente la acción propagandística de la organización. Hasta entonces, los falangistas de la colonia española tropezaron con numerosos impedimentos de las autoridades lusas para actuar libremente en las ciudades portuguesas, como era su deseo.<sup>422</sup>

En abril de 1938, uno de los representantes de la embajada franquista en Lisboa confirma que la única manifestación pública permitida a la milicia española era la reunión semanal que los “flechas” (los jóvenes falangistas) mantenían en la sede de la Sociedad Española de Beneficencia.<sup>423</sup> No obstante lo cual, no les impidió crear una estructura organizativa que estaba dividida en tres grandes zonas (Norte, Centro y Sur del país), cuyos epicentros locales estaban en Porto, Lisboa y Portimão.<sup>424</sup> Según datos fragmentarios recogidos en diversos documentos y artículos de prensa, al mando de la Jefatura de la FET-JONS en el país vecino estaba Manuel Lloret y Bou, que era también delegado de prensa y propaganda. La secretaría la ocupaba Antonio Ibot León, a la sazón director del Instituto Español en Lisboa. El jefe local en la capital portuguesa era Enrique Durán y, en Porto, Ramón Bayllina, presidente de la Casa de España en aquella ciudad, mientras Francisco da Silva era el delegado de propaganda. El médico oficial de la Falange en el país vecino fue Roberto Ferré Gomis, que, en 1939, se convirtió en el delegado en Portugal de Intercambio y Propaganda de la FET-JONS.<sup>425</sup>

---

<sup>421</sup> Oliveira, César, *Salazar...*, *op. cit.*, p. 187.

<sup>422</sup> *Idem*, p. 189.

<sup>423</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Oficio n.º 100 de la *embajada negra* en Lisboa al Ministro de Estado de Burgos, 11/04/1938.

<sup>424</sup> *Ibidem*.

<sup>425</sup> *O Século*, n.º 20581, 16/06/1939, p. 1; n.º 20151, 24/04/1938, p. 9; y n.º 20075, 06/02/1938, p. 13.

La colaboración entre la Representación de la Junta y la Falange Española en Portugal fue difícil. Hubo varios roces que obligaron a intervenir al gobierno de Burgos. Los miembros de la FET-JONS se sentían discriminados por los diplomáticos rebeldes, que asumían todo el protagonismo y no apoyaban la expansión de la organización en tierras lusas. Un falangista anónimo envió, en septiembre de 1938, al Servicio de Información y Policía Militar del gobierno de Burgos, un informe criticando la actitud distante del Consulado y la embajada. En el citado documento se decía que tan sólo había un secretario de la embajada afiliado en la Falange y, el resto del personal, “(...) no tenía el menor interés por ella (...)”.<sup>426</sup> Además, los funcionarios sublevados, según el escrito, aportaban paupérrimas cantidades en las jornadas del Plato Único y adinerados miembros de la colonia como Nicolás de Goyri y O’Neill, Agregado Diplomático Honorario, eludían este deber a pesar de reiteradas peticiones de ayuda. “(...) En este estado de cosas se desenvuelve la Falange de Lisboa, falta del calor de la Colonia y falta del calor oficial (...)”.<sup>427</sup> El Consulado, interpelado por Nicolás Franco después de llegar a Lisboa, atribuyó la vida gris de la Falange Española en Portugal a su propia incompetencia y negó rotundamente la falta de colaboración económica de los funcionarios con la causa: “(...) Pues bien, ¿podrían decir los dirigentes de Falange de Lisboa qué iniciativa suya tropezó en el Consulado con esa falta de simpatía y calor? De lo contrario, en cambio, este Consulado General puede ofrecer algo más que vagas y reticentes manifestaciones. (...) En el orden personal resultaría ahora inmodesto y hasta impertinente inventariar los auxilios materiales que los funcionarios del Consulado y sus esposas aportaron a la Causa, ya que a toda conciencia honrada de patriota repugna pregonar esfuerzos y

---

<sup>426</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6. “Notas sobre la colonia española de Lisboa”, 08/09/1938.

<sup>427</sup> *Ibidem*.

sacrificios, siempre mezquinos al lado de tantos mártires como calladamente dan y han dado su vida por España (...).<sup>428</sup>

Uno de los problemas que enfrentaron a la Jefatura de la Falange en Lisboa con los representantes franquistas fue la habilitación de una sede para la organización en el mismo edificio del Consulado. Desde noviembre de 1936 hasta marzo de 1937, la oficina de la FET-JONS funcionaba en el despacho particular de Manuel Lloret y Bou.<sup>429</sup> Luego pasó al Palácio Mayer, en la Rua do Salitre nº 3, sede del Consulado, de la embajada y de la Cámara Oficial de Comercio. Pero el cuarto habilitado para los falangistas no era demasiado agradable para sus miembros: “(...) Se dio a Falange un pasillo de entrada de una puerta de servicio de dos metros de ancho, por cinco o seis de largo, con el pavimento levantado, las paredes empapeladas con jirones de papel caídos, el techo roto y goteando agua de un lavabo del piso de encima, desperfectos que hubo que cubrir con carteles (...)”.<sup>430</sup> Sin embargo, en el edificio existían lugares menos apartados, más amplios y limpios que estaban vacíos. El Subsecretario de Asuntos Exteriores intervino a favor de Falange y, en mayo de 1938, pudo disponer de un local acondicionado para desarrollar sus actividades.<sup>431</sup> El problema de la sede tensó bastante las relaciones, pero las desavenencias eran algo habitual desde que la Falange Española empezó a adquirir, en 1937, una cierta popularidad en la sociedad portuguesa.<sup>432</sup> Probablemente, estos encontronazos entre los elementos de

---

<sup>428</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6. Oficio n.º 73 del Cónsul General de España al embajador rebelde en Lisboa, 22/11/1938.

<sup>429</sup> *Ibidem.*

<sup>430</sup> *Ibidem.*

<sup>431</sup> AMAE, R-1039, expediente n.º 37. Carta de la Delegación Nacional del Servicio Exterior al Subsecretario del Ministerio de Asuntos Exteriores, 13/04/1938. Y también el oficio n.º 142 de Mariano Amoedo al ministro de Asuntos Exteriores, 04/05/1938.

<sup>432</sup> En marzo de 1937, por ejemplo, hubo una polémica relacionada con el envío de donativos de las Falanges de Suramérica a la delegación de la organización en Lisboa. Por lo visto, la Representación obstaculizó las gestiones para recoger los donativos. Véase AMAE, R-1039, expediente n.º 37. Oficio n.º 324 de Felipe Ximénez de Sandoval,

la milicia española y los colaboradores de la *embajada negra* expresaban el temor de éstos a perder influencia en favor de la Falange, que era una institución completamente jerarquizada y exclusivista con una propaganda agresiva que ni era del gusto de Oliveira Salazar ni tampoco de los diplomáticos franquistas.

El partido fundado por José Antonio Primo de Rivera tuvo enormes dificultades para desarrollar su programa de acción en Portugal. Hasta 1938, las actividades propagandísticas de la Falange Española quedaron, prácticamente, subordinadas a la política de la Representación de Burgos, que le cedió algunas tareas como la concesión de pasaportes a periodistas que querían desplazarse a España<sup>433</sup> o la difusión de las publicaciones nacional-sindicalistas. El Secretario General de Relaciones Exteriores, Joaquín Rodríguez de Gortázar, expresó en enero de 1938, su preocupación por la escasez de medios de la delegación de la FET-JONS en Portugal para hacer propaganda del Movimiento franquista:

“(...) Apesar (sic) de todo hacemos lo que podemos y tenemos un corresponsal en Lisboa y otro en Porto y remitimos regularmente a algunas personas y entidades nuestra Prensa. El deseo mío sería el de ir personalmente a Portugal y aprovechando las relaciones y corresponsales que tenemos hacer algo eficaz. Lo único que me falta por todo ello son los medios económicos que se requieren. (...)”<sup>434</sup>

---

jefe del Servicio Exterior de la Falange Española, al Secretario General de Relaciones Exteriores, 08/04/1937; y carta de José Erice al Secretario General de Relaciones Exteriores, 15/04/1937.

<sup>433</sup> AMAE, R-1111, expediente n.º 6, telegrama n.º 35. De la Falange Española en Lisboa al delegado de Prensa y Propaganda, 05/01/1938. A través de este telegrama se comunica a las autoridades franquistas que se ha concedido el pasaporte al periodista del *Diário de Notícias* José Augusto.

<sup>434</sup> AGA, Presidencia, caja n.º 72. Carta del Secretario General de Relaciones Exteriores a Juan Beneyto, miembro de la Sección Extranjera de la Agencia Dux.

Rodríguez de Gortázar intentó mejorar el servicio de distribución de las publicaciones falangistas nombrando a agentes responsables de la divulgación de las cabeceras: “Para unificar y desarrollar la distribución de toda nuestra prensa nacional-sindicalista en Portugal creo es necesario que cada uno de nuestros periódicos cuente con un representante único. La prensa española tiene venta y difusión no solo entre los españoles de las colonias de las distintas ciudades, sino también entre los portugueses. (...)”.<sup>435</sup> En coordinación con la Jefatura de la Falange en Lisboa, propuso a algunos de los afiliados de la organización, como Benito Piñeiro Vázquez,<sup>436</sup> para aumentar la promoción de publicaciones fascistas como *Jerarquía*, *Arriba España*, *Acción Española*, *Revista Negra de Falange*. Uno de los periódicos falangistas más promocionados y leídos durante la Guerra Civil en el país vecino fue el *Diario de la Falange Española*, editado en Sevilla, del que se publicaron anuncios en portugués en los diarios lusos para fomentar su lectura.<sup>437</sup> Su éxito estaba relacionado con la contratación de la Agencia Argos, que se ocupó de darla a conocer entre la colonia española y el público nacional.<sup>438</sup>

*El Pueblo Gallego* de Vigo, “primer diario de la Falange gallega”,<sup>439</sup> fue el periódico que realizó un mayor esfuerzo propagandístico en Portugal. Desde julio de 1938, publicó semanalmente una “edición especial para los españoles residentes”, de una sola página, titulada *Portugal*, cuyo precio por suscripción trimestral era de 25 escudos. Sin embargo, este periódico no estaba vinculado directamente con la delegación de la Falange en Lisboa e incluso motivó algunas críticas de

---

<sup>435</sup> AGA, Presidencia, caja n.º 73. Carta de Joaquín Rodríguez de Gortázar al administrador de Falange Española en Pamplona, 13/12/1938.

<sup>436</sup> *Ibidem*.

<sup>437</sup> *O Século*, n.º 19954, 03/10/1937, p. 5; y n.º 19971, 21/10/1937, p. 5.

<sup>438</sup> AGA, Presidencia, caja n.º 73. Carta del gerente del *Diario de Falange Española Tradicionalista de las JONS*, al Secretario General de Relaciones Exteriores, 17/12/1938.

<sup>439</sup> Este era el lema promocional del periódico, que se presentaba ante sus potenciales lectores como un periódico nacional-sindicalista.

ésta por publicar artículos del “masón” de la Cámara Oficial de Comercio L. Forcada.<sup>440</sup> Su corresponsal en Lisboa era Antonio Conde Fresco, que contaba con numerosos colaboradores para la edición especial: Óscar de Pedregal, Carlos Vaquero Peruch, Francisco de Cossio, Juan Español, entre otros. Sus páginas reunían columnas de opinión que versaban sobre la unidad de las necesidades materiales y morales de la colonia, sobre la obra patriótica del Estado Novo, sobre las actividades de otros colectivos extranjeros o sobre el mito de la Hispanidad. Desde sus editoriales apelaba a la misión propagadora de la verdad “nacionalista” que les correspondía asumir a los españoles emigrantes:

“(…) El dilema que a cada español residente en el territorio nacional se le presenta - o con Franco o contra Franco, o España o Moscú - es exactamente el mismo que ha de plantearse todo español que resida en el extranjero: mantener neutralidad ante la gran guerra de España es renunciar a todo derecho de hispanidad, desentenderse de la patria en el momento más crítico de su historia, perder la categoría excelsa de español. Las colonias españolas en el extranjero han de ser constantemente propagadoras de los ideales del Movimiento Nacional, servidoras firmes de sus consignas en política exterior, sostén fecundo de nuestro espíritu en su expansión universal. Servir a España. En cada colonia española el lema que preside todos los cuarteles de España: “Todo por la Patria”.<sup>441</sup>

El mensaje machacón de *Portugal* era el de la creación de una conciencia imperial para servir mejor a los intereses de España, que

---

<sup>440</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6. “Notas sobre la colonia española en Lisboa”, 08/09/1938.

<sup>441</sup> *Portugal. Edición especial para los españoles residentes (El Pueblo Gallego)*, n.º 5, 27/08/1938, “La propaganda del Movimiento”.

necesitaba de todos para salir adelante. El llamamiento a la unidad es la clave para impulsar la “gran fuerza renovadora” de la Patria, prometiendo un mayor compromiso del Estado con los emigrantes, con un espíritu de colaboración permanente en defensa de sus intereses: “(...) El Estado contribuirá eficazmente a esa colaboración, englobando a los españoles expatriados en una milicia activa y entusiasta, que al mismo tiempo que propagan en el mundo la gran causa de España, vincula fuertemente al español con su Patria. Escuelas españolas, servicios de “Auxilio Social”, viajes de visita a la Patria, voto en los grandes plebiscitos nacionales, servicio de protección al trabajador en el extranjero, etc. son aspectos de la política que España ha de realizar (...)”,<sup>442</sup> Carlos Vaquero Peruch involucraba también a los trabajadores portugueses, a los que se dirige para pedirles que se sumen a la obra de reconstrucción de la *nueva* España viajando al país vecino para comprobar el progreso alcanzado por el franquismo:

“(...) Todavía trabajadores portugueses no han visitado tierras redimidas de la Nueva España. Aún no llegó la verdad de nuestra guerra a la mina o al campo, a la fábrica o al taller, en donde muchos miles de proletarios de Portugal debían saber las causas de esta guerra y ver cómo fue destruida y está siendo construída la España amiga y hermana de Portugal. Por eso queremos hacer el ruego de poner en práctica esta idea, modesta pero bien intencionada; ruego que dirigimos a las dignas organizaciones comerciales, industriales, mineras y agrícolas de Portugal, convencidos de que las excursiones de trabajadores a las zonas de guerra de la España Nacional, serán arma potente

---

<sup>442</sup> *Idem*, “Colonias españolas”.

de la Verdad Nacional-sindicalista y argumento poderoso contra la mentira soviética.”<sup>443</sup>

Por otra parte, la bibliografía falangista en español a la venta en Portugal era abundante, con más de un centenar de títulos distribuidos a finales de los años treinta, entre ellas dos ediciones en portugués de folletos de la FET-JONS.<sup>444</sup> Uno de ellos fue distribuido gratuitamente en Vila Nova de Gaia en julio de 1937. Bajo el título *Nacional-Sindicalismo*, contenía los 27 puntos del programa político de la Falange, una reseña sobre las realizaciones conseguidas por el “Movimiento Nacional” y una información sobre el decreto de fusión de la F.E.T. y las J.O.N.S., así como una explicación de por qué la organización escogió la camisa azul para su uniforme.<sup>445</sup> La otra publicación, *Mensagem das bandeiras vitoriosas à juventude guerreira de Espanha*, fue impresa por la editorial Meio Dia de Porto en octubre de 1937 y se trata de un discurso de Fermín Yzurdia-ga, pronunciado por el sacerdote falangista en Zaragoza en el mes de julio. El folleto está ilustrado con una foto del “Chefe Militar da revolução salvadora de Espanha”<sup>446</sup> y otra de José Antonio Primo de Rivera.<sup>447</sup> Su portada está adornada, además, la bandera española y

---

<sup>443</sup> *Idem*, n.º 11, “Via Crucis de Mundo”, de Carlos Vaquero Peruch.

<sup>444</sup> Entre los títulos de contenido fascista, estaban los siguientes: Urrutia: *Poemas de la Falange eterna*; Sancho y Pemartin: *Hacia la Historia de la Falange*; Azpiazu: *El Estado Corporativo*; Ledesma Ramos: *Discurso a las Juventudes de España*; Yangüas: *Tres discursos de José António*; Salaverria: *El Muchacho español*; Ramiro de Maeztu: *Defensa de la Hispanidad*; Ruiz Alonso: *Corporativismo*; Arauz de Robles: *Plan de obra Nacional Corporativa*; Cardenal Gomá: *La España Heroica*; Pemán: *Cartas a un escéptico en formas de gobierno*; Francisco Cossío: *Guerra de Salvación*; Sotelo del Pozo: *España inmortal (comedia dramática)*; María de la Peña Bertrand de Lis: *Unidad de España*; y Gustavo Barco, *Forjadores de Nueva España*. Extraído de la lista citada más atrás, elaborada por la Parceria António Maria Pereira (AGA, Exteriores, caja n.º 6639. “Livros espanhóis sobre a guerra”).

<sup>445</sup> *O Século*, n.º 19872, 14707/1937, p. 5.

<sup>446</sup> *Mensagem das bandeiras vitoriosas à juventude guerreira de Espanha*, Porto, Editorial Meio Dia, 1937, p. 25.

<sup>447</sup> *Idem*, p. 9.

su contraportada reproduce el símbolo de la Falange. En la órbita de la propaganda falangista se sitúa también el libro traducido al portugués del párroco Francisco García Alonso *Os meus dois meses de prisão em Málaga*, que cuenta la experiencia carcelaria del autor detenido por los “marxistas”. García Alonso pone de manifiesto en su panfleto el “rancor vermelho” contra el catolicismo y la Patria española.<sup>448</sup>

La propaganda de la milicia española ocupaba importantes espacios en la prensa portuguesa y sus figuras más conocidas eran objeto de reportajes o menciones especiales en las informaciones sobre la guerra. El 30 de septiembre de 1936, los lectores de *O Século* eran informados sobre el inmenso poder de convocatoria de la Falange: “Em cinco anos, o combativo organismo político conseguiu reunir nas suas fileiras dois milhões de jovens, que se propoem lutar ao lado do Exército para a salvação da Espanha.”<sup>449</sup> En el suplemento especial ya citado que el mismo periódico dedica el 24 de abril de 1938 a la colonia española en Portugal, la Falange aparece como el eje vertebrador del núcleo de los españoles que residen en el país. Es la organización *verdadera*, la corriente política y social que pretende sacar adelante a España. Al movimiento falangista pertenecen los “bons espanhóis”, tanto hombres como mujeres, que quieren construir la “Nova Espanha”.<sup>450</sup>

Con una foto central de Manuel Lloret, *O Século* publica cuáles son los fines principales de la Falange en Lisboa: hacer miembros de la organización a todos los nacionales residentes en la capital lusa; establecer con ellos una “comunicação espiritual” inspirada en los principios de Tradición, Patria, Familia y Religión; “(...) realizar o

---

<sup>448</sup> García Alonso, Francisco, *Os meus dois meses de prisão em Málaga*, Porto, Edições do A.I., Porto, 1938.

<sup>449</sup> *O Século*, n.º 19562, 30/09/1936, p. 6.

<sup>450</sup> *O Século*, n.º 20151, 24/04/1938, p. 9.

desejo do Caudilho: ‘que en nenhum lar espanhol falte o pão nem o lume’”; que los jóvenes reciban una formación patriótica; que los emigrados adquieran conciencia de la necesidad de su sacrificio económico para colaborar con la reconstrucción de la Patria; que las mujeres participen en la construcción de España prestando un servicio social, familiar y de educación cristiana, y “que êstes espanhóis, colaboradores e produtores no trabalho e na riqueza nacional, como patrões ou como operários, sejam dignos hóspedes do país irmão, do País irmão de cuja ordem, paz, disciplina, patriotismo e prosperidade económica disfrutam, e saibam sentir, como bons espanhóis, o amor e a dedicação a que Portugal tem direito.”<sup>451</sup> *O Século* informa además que la milicia española creó, en enero de 1938, la primera Centuria de Flechas da Colonia Espanhola, formada por 100 muchachos encargados de promover la educación patriótica, moral, religiosa y premilitar entre los jóvenes del núcleo español.<sup>452</sup>

Junto a la Centuria juvenil, la FET-JONS fundó también una Sección Femenina, cuya delegada era Remedios Roldós, y contaba con un “grande número de afiliadas”. Dentro del contexto ideológico del “Movimiento Nacional”, su objetivo era cooperar en la confección de ropas, abrir suscripciones públicas y desarrollar otras tareas caritativas, tal y como ocurría con sus filiales femeninas en España.<sup>453</sup> Toda esta información proviene de la prensa lusa, que ofrece otros detalles interesantes de la doctrina falangista a través de artículos como el de Eugenio Alfonso López Herrero, que en *A Voz* hace un alegato en defensa de la milicia fascista sentenciando que “(..) no se necesita mucho esfuerzo para comprender que la guerra civil española era inevitable y (...) necesaria. No la queríamos porque es trágica; la repudiábamos porque levantó el odio, pero la aceptamos porque

---

<sup>451</sup> *Ibidem.*

<sup>452</sup> *Ibidem.*

<sup>453</sup> *Ibidem.*

representa el saneamiento de España (...).<sup>454</sup> La prensa lusa se hace eco también del llamamiento de la Falange Española de Ourense en octubre de 1936, que apela a todos los ourensanos residentes en Portugal para que envíen fondos para el hospital de sangre instalado en la provincia:

“A la colonia orensana y española en general: Hermanos orensanos, gallegos y españoles en general, la victoria es nuestra!! Vencemos al monstruo, pero éste ha desgarrado mucha carne joven. Para sanar estos desgarrones, hemos inaugurado hace días un magnífico Hospital de Sangre de Falange Española de Orense. En él estamos cuidando los gloriosos heridos caídos en el campo del honor, por nosotros, por España y por la civilización occidental. Pero nos hace falta para su sostenimiento mucho dinero, productos químicos y farmacéuticos, principalmente, algodón, gasas y placas radiográficas. Un pequeño esfuerzo de vuestra parte y nuestros heridos tendrán todo lo necesario. Orensanos, gallegos, españoles, aportad cada uno algo para el nuevo Hospital, Dios, España y Falange os lo agradecerán. Los donativos se reciben en la Rua do Ouro, 251 y Café Tavares, Rua do Mundo 35-37. !!Arriba España!! !!Viva Portugal!!”<sup>455</sup>

La cobertura informativa concedida por los periódicos lusos a las actividades de la Falange Española, nos permite conocer también aspectos como el paso por Lisboa de un grupo de falangistas hacia el Congreso nazi de Nuremberg, donde esperaban aprender estrategias de cultura y propaganda.<sup>456</sup> Según el *Diário de Lisboa*, por ironías del destino, antes de partir para Alemania los fascistas españoles se

---

<sup>454</sup> *A Voz*, n.º 3734, 18/07/1937, p. 1.

<sup>455</sup> *A Voz*, n.º 3462, 11/10/1936, p. 3; *O Século*, n.º 19562, 10/10/1936, p. 2.

<sup>456</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5643, 06/08/1938, p. 4.

alojaron en el Hotel “Franco” y, posteriormente, se embarcaron en el buque “Madrid”. El grupo estaba compuesto por una decena de hombres y otras tantas mujeres que compartieron varias jornadas en Lisboa con sus “colegas” de la Legião Portuguesa. A Lisboa viajaron también, en marzo de 1937, 16 “margaritas” sevillanas acompañadas del director del periódico *La Unión*, Antonio Gil Bueno, con la intención de saludar a su jefe, el tradicionalista José Manuel Fal Conde y agradecer a *O Século* “(...) a sua perseverante acção em defesa do nacionalismo espanhol”.<sup>457</sup> Las “margaritas”, además, fueron invitadas a una fiesta organizada por la dirección de la revista *Alma Nacional* en el Casino de Estoril y recibidas por el Jefe de Estado portugués y su esposa, que mantuvieron con ellas un “encantador convivio” en el que participaron el comandante Sequeira Braga, el coronel Modesto Barreto, el capitán Silva Costa, el teniente Carvalho Nunes, Duarte Costa y el cineasta Aníbal Contreiras, director del documental de propaganda franquista *A Caminho de Madrid* (1936).<sup>458</sup> Las fotografías de estos encuentros con tan ilustres personajes fueron publicadas a toda página en la revista nacionalista *Alma Nacional*, dirigida por Duarte Costa.<sup>459</sup>

Los falangistas y la doctrina falangista están presentes casi diariamente en los medios de comunicación portugueses a partir de mediados de 1937. La mitificación de José Antonio Primo de Rivera o de Calvo Sotelo, como inspiradores del “Movimiento Nacional” impulsado por la FET-JONS y su Caudillo, añade una fuerte carga propagandística a la publicación de sus retratos, adornados muchas veces con montajes artísticos como el que realiza *Alma Nacional* en febrero de 1937, en el que se puede ver a ambos mártires del fascismo español bajo un frontón de estilo griego presidido por el haz de

---

<sup>457</sup> *O Século*, n.º 19757, 19/03/1937, p. 6.

<sup>458</sup> *Alma Nacional*, n.º 3, série II, abril 1937, p. 16.

<sup>459</sup> *Ibidem*.

flechas y el yugo, sobre el que puede leerse el lema franquista “Arriba Espanha”. Entre los dos retratos, además, emerge una figura femenina con el pecho descubierto y el brazo levantando apuntando al cielo como representación del simbólico cuadro revolucionario de Eugène Delacroix “La libertad guiando al pueblo”.<sup>460</sup>

### 3.6. Los Amigos Portugueses de la Falange Española

La propaganda falangista influyó en el comportamiento ideológico de muchos portugueses. El 15 de octubre de 1936, el cónsul portugués en Badajoz informa al ministro de Negócios Estrangeiros de la llegada de varios portugueses a aquella ciudad para alistarse en la Falange Española.<sup>461</sup> Algunos intelectuales portugueses, como el caso de Ruy Corrêa Leite o Armando Boaventura, fueron claramente influenciados por la doctrina falangista y publicaron libros o artículos en los que se identificaban con el fascismo español. A finales de noviembre de 1936, se creó incluso una asociación llamada Amigos Portugueses de la Falange Española y de las JONS (APFE y de las JONS). Uno de los promotores fue el intelectual y militar portugués Henrique Quirino da Fonseca,<sup>462</sup> que se reunió con la Junta Nacional

---

<sup>460</sup> *Alma Nacional*, n.º 1, serie II, febrero 1937, p. 25.

<sup>461</sup> AHD/MNE, 3.º P, A 13, M 129, Processo n.º 33'2. Oficio n.º 90/36-A del Cónsul de Portugal en Badajoz al Ministro dos Negócios Estrangeiros, 15/10/1936.

<sup>462</sup> Henrique Quirino da Fonseca fue oficial de la marina y un erudito investigador con importantes condecoraciones militares, entre ellas la de Grande Oficial de las Órdenes de Aviz y Santiago y Caballero de la Orden de Cristo; también poseía la Medalla de Oro al Comportamiento Ejemplar. Comandó numerosos barcos de guerra portugueses y publicó diversas obras relacionadas con la Historia de la Armada y de literatura de viajes, entre ellas: *Viagens maravilhosas, Ceu e Mar, A obra colonial de Afonso de Albuquerque, Pilotos de Navegação Portuguesa nos séculos XV, XVI e XVII, Arquitectura naval no tempo de Fernão de Magalbaes*. Fue vocal de la comisión de Ingeniería de la Câmara Municipal de Lisboa, socio de la Academia Nacional de Historia, de la Associação dos Arqueólogos Portugueses, de la Sociedade de Geografia y de otras instituciones científicas y literarias. Cf.: *Grande Enciclopedia Brasileira e Portuguesa*, vol. xi, Editorial Enciclopédia Limitada, Lisboa-Rio de Janeiro, 1942, p. 561.

de Mando de la FET-JONS en Lisboa el 26 de noviembre de 1936 para fijar las bases de la institución. La integraban “altas individualidades” portuguesas y miembros de la colonia española. Su sede en Lisboa estaba situada en el primer piso de la Rua dos Franqueiros, 62, y se sabe que su delegación en Leiria la lideraba por Carlos Infante de la Cerda.<sup>463</sup> Quirino da Fonseca, que fue entrevistado por *A Voz*, explicó a la opinión pública lusa el por qué de la fundación de los APFE y de las JONS y sus objetivos: “(...)

“(...) A Falange Espanhola, que tem nas varias frentes cem mil homens em armas, tem tido as suas fileiras dizimadas, não pelo fogo do inimigo mais pelo frio... pelo frio... Como se não bastasse o sacrificio voluntario daqueles homens que oferecem a vida em defesa da Patria e da Civilização, veio agora o inverno, com os seus rigores, fazer das suas. É uma dôr de alma. Não podiamos permanecer impassiveis perante o desconforto daqueles que também lutam pelo sossego e segurança dos nossos lares. Este caso é a perspectiva das desgraças que Madrid vai revelar, visto ser de todas as cidades espanholas a que agregara maior numero de falangistas, fizeram nascer este movimento de verdadeira caridade cristã. (...). Em quanto durar a guerra civil, procurará angariar dinheiro e géneros para as viúvas, orfãos e feridos da Falange. Mas a sua missão não fica por aqui. Alem da actividade de socorro, a nossa intenção é procurar o intercambio intelectual e estreitar os laços de amizade entre portugueses e espanhóis por meio de conferencias, visitas de estudo, excursões, etc. (...)”.<sup>464</sup>

---

<sup>463</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6637. Carta de Carlos Infante de la Cerda al embajador franquista en Lisboa, 01/07/1938. El contenido del documento trata sobre la campaña de donativos de esta organización.

<sup>464</sup> *A Voz*, n.º 3537, 27/11/1936, pp. 1 y 8.

La APFE y de las JONS nació como un organismo de intercambio cultural e intelectual entre fascistas españoles y portugueses. Pero las atribuciones fijadas en los estatutos de esta asociación eran diversas. Además de favorecer el intercambio intelectual como objetivo prioritario, se ocupaba de facilitar la estancia de falangistas en Portugal y el viaje de los miembros del grupo a España, conseguir donativos para los heridos, viúdas y huérfanos de los combatientes de la Falange, difundir una buena imagen del Estado Novo entre los españoles y respetar la soberanía de ambos Estados peninsulares.<sup>465</sup> Los Amigos Portugueses de la Falange llevaron a cabo varias campañas de donativos en colaboración con la *embajada negra* y la *Emissora Nacional*.<sup>466</sup> Sin embargo, la censura prohibió la publicación de cualquier noticia referente a la creación de esta institución, probablemente por los temores a que adquiriera un protagonismo excesivo e inconveniente.<sup>467</sup>

En sintonía con los fines de la asociación de Quirino da Fonseca, el coro local de la localidad norteña de Leça do Bailo, en el distrito de Porto, creó y editó la pieza titulada Falange Heróica, que pretendía ser el himno de la juventud católica obrera en defensa de la Patria portuguesa y sus principios religiosos al estilo de su homóloga española.<sup>468</sup> El capitán Humberto Delgado llegaría a publicar en *O Século*, el 30 de enero de 1938, un artículo titulado “A Falange e a Legião são as representantes do sentido político das realidades nacionais”, en el que afirma que ambas milicias “(...) são idénticas nas suas atitudes espirituais, criadoras duma sociedade nova, tendente á paz entre os homens num terno ideal de amor. Honra pois aos nossos hóspedes

---

<sup>465</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5040, 27/11/1936, p. 3.; *O Século*, n.º 19651, 28/11/19336, p. 5.

<sup>466</sup> *O Século*, n.º 19707, 26/01/1937, p. 4; idem, n.º 19651, 28/11/1936, p. 5.

<sup>467</sup> *Boletim da Censura*, n.º 137, 23/11/1936. AMI-GM/ANTT, M 508, C 66.

<sup>468</sup> *Falange Heróica. (J.O.C.). Coro Falado (adaptação)*, JOCM-JOCF, Leça do Bailo-Porto, Casa Nun'Álvares, 1938.

de honra, aos nossos ideais e de acção combativa, destes falangistas de verdade, que consequentemente representam uma doutrina clara, sincera, não egoísta (...).<sup>469</sup> Acompañando a este sentimiento identificación colectiva con el falangismo, aparecieron en los diarios lusos numerosos anuncios de comerciantes que vendían las insignias de la “Revolução Espanhola” con el siguiente texto: “Arriba España. Lindos broches, alfinetes, botoeiras de filigrana de prata e esmalte, com as côres da bandeira nacionalista e dístico “Arriba España”, por preços ao alcance de todas as bolsas, só vende barato o sem rival Mergulhão, Rua de S. Paulo, 162.”<sup>470</sup> El coronel João Nepomuceno Namorado de Aguiar, comandante general de la Legião Portuguesa, denominaba públicamente a la milicia portuguesa como “nossa Falange”.<sup>471</sup>

La ayuda de la APFE fue importante para dar a conocer la Falange Española, aunque la FET-JONS intentó promover sus propias acciones propagandísticas en Portugal. El teatro fue una de ellas. La compañía teatral de la organización proyectó realizar, en octubre de 1938, una gira por Portugal que encontró obstáculos de tipo administrativo por parte de las autoridades lusas, que no eran receptivos al influjo social de la milicia española. Cada representación teatral estaría introducida por un líder del movimiento falangista.<sup>472</sup> El gobierno de Salazar planteó problemas relacionados con la falta de condiciones de seguridad de algunos de los locales donde la Falange pretendía llevar a cabo su espectáculo.<sup>473</sup> Pero si esta iniciativa fracasó, hubo otras que tuvieron más éxito. Concretamente, las realizadas por la sección asistencial de la Falange, el Auxilio

---

<sup>469</sup> *O Século*, n.º 20069, 30/01/1938, p. 1.

<sup>470</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25424, 14/11/1936, p. 5.

<sup>471</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2004, 15/11/1936, p. 1.

<sup>472</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Carta del Jefe del Servicio Nacional de Propaganda al embajador de Burgos en Portugal, 25/05/1938.

<sup>473</sup> AHD/MNE, 3.º P, A 1, M 724, Processo n.º 33'1, o ficio n.º 58. Del Ministro de Negócios Estrangeiros al embajador de Portugal en San Sebastián, 23/11/1938.

Social, que tuvo un notable protagonismo en Portugal durante la guerra. Esta institución estaba liderada por la esposa de Manuel Lloret y Bou (jefe de la Falange en Portugal), Clara Ruiz de Lloret. Su propaganda estaba orientada exclusivamente a la captación de ayudas materiales y económicas para el ejército faccioso.

El Auxilio Social organizaba periódicamente jornadas denominadas “Día del Plato Único” en las Casas de España de Lisboa y Porto, que consistían en pagar el menú convencional entero (dos platos) y degustar, en cambio, un sólo plato de comida, a beneficio del ejército rebelde. A las jornadas lisboetas, que solían realizarse todos los viernes, acudían los falangistas de la colonia, así como los representantes franquistas, autoridades e intelectuales portugueses, directivos de *Rádio Club Português*, miembros de la Legião Portuguesa y de varios organismos corporativos del Estado Novo. Antes o después de iniciar el almuerzo o la cena una orquesta entonaba el himno de la Falange y de España, y, al final, alguna figura destacada de los asistentes dirigía unas palabras en una sala adornada con el retrato del general Franco y las banderas de los países fascistas.<sup>474</sup>

En mayo de 1937 el Auxilio Social, entonces conocida como Auxilio de Invierno, organizó un combate de boxeo en favor de los huérfanos “nacionalistas”. La velada pugilística tenía como reclamo la presencia de Paulino Uscudum, un boxeador español que abandonó la zona republicana para alistarse en las milicias fascistas.<sup>475</sup> Pero este no fue el único acontecimiento benéfico. Principalmente, durante 1938 y el primer trimestre de 1939, el Auxilio Social fue pródigo en organizar “actos patrióticos” con el mismo fin de recaudar donativos, ahora para las “poblaciones liberadas”. En enero de 1939, poco antes de que Barcelona fuese conquistada, coordinó el envío de un convoy de camiones cargados de víveres para la Ciudad Condal. Para ello,

---

<sup>474</sup> *O Século*, n.º 20483, 19/03/1939, p. 12; *idem*, n.º 20430, 03/02/1939, p. 6.

<sup>475</sup> *Idem*, n.º 19821, 23/05/1937, p. 6.

dirigió una circular a todos los miembros de la colonia española para que no se olvidaran de aportar su ayuda en la Rua do Salitre, n.º 1:

“Españoles residentes en Portugal: La victoriosa ofensiva que en Cataluña están realizando los Ejércitos Nacionales a las órdenes del invicto Caudillo y Generalísimo Franco, constituyen la más clara y emocionante seguridad de la inmediata liberación total de nuestra Patria. (...) La Delegación en Portugal de “AUXILIO SOCIAL”, con voluntad de servicio para España, organiza una expedición de camiones que desde Lisboa lleve a Barcelona, en cooperación con “AUXILIO SOCIAL” de España, alimentos de todas clases, conservas, legumbres, etc., etc., inmediatamente que la antes mencionada capital sea incorporada a la Gran España que con su sangre generosa están creando tantos y tantos hermanos nuestros. Tú, español residente en este hidalgo y hermano Portugal en donde tranquilo y sin zozobra trabajas y vives, estás obligado en conciencia a contribuir con tu donativo en especie o en metálico para esta patriótica tarea de hermandad Nacional. Son momentos de supremos sacrificios de los que ningún buen español está libre; porque los que dan su sangre y su vida para hacer una ESPAÑA de la que tú, español de Portugal podrás enorgullecerte mañana, no escamotean su esfuerzo ni su sacrificio, ni su heroísmo ante el hierro y el fuego enemigos. Tú, español residente en Portugal, tienes el estrecho deber de tener en cuenta que lo que ESPAÑA te pide es muchísimo menos que lo que un millón de hombres está dando por la PATRIA (...)” (mayúsculas en el original).<sup>476</sup>

Cuando ya estaba firmada la paz, la institución social falangista hizo una nueva celebración en favor de los territorios españoles “li-

---

<sup>476</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6643. Circular enviada por la delegada de Auxilio Social en Portugal al todos los españoles residentes, enero de 1939.

berados” en el Palacio de Exposiciones del Parque Eduardo VII, que fue llamada “Festa da Vitória de Franco”, donde estuvieron presentes los aristócratas de la colonia española y la sociedad lusa. Por su parte, la Representación de la Junta en Lisboa instituyó con carácter obligatorio, durante varios meses, los “sellos benéficos” del Auxilio Social, que eran una especie de tasa que debían pagar todos los españoles residentes, que forzosamente tenían que renovar los certificados de nacionalidad en el Consulado. En la cancillería facciosa se invitaba también al público a depositar su limosna en una “caja peitoria” del organismo asistencial.<sup>477</sup>

Para concluir, se puede afirmar que las campañas de propaganda realizadas por los agentes franquistas, fundamentalmente en Lisboa y Porto, tuvieron como fin principal recaudar fondos para su ejército. No obstante, hay dos fases diferenciadas. En primer lugar, las campañas franquistas se centraron en el alistamiento de voluntarios de ambas nacionalidades y la identificación del público portugués con el golpe militar español. Luego, cuando la guerra se alarga, la propaganda franquista intenta mantener la atención hacia los sufrimientos del pueblo español para recaudar fondos, al tiempo que se lanzan mensajes de unidad en la colonia, coincidiendo con el decreto de unificación de todos los partidos políticos dentro de la Falange Española Tradicionalista y de la Juntas de Ofensiva Nacional-Sindicalista, en abril de 1937. Esta propaganda contó con la colaboración del Estado Novo para difundir una imagen benévola del franquismo. No obstante, el gobierno de Salazar obstaculizó algunas acciones políticas de la Falange Española por los temores que inspiraba su ideología y las ambiciones imperialistas de su propaganda.

---

<sup>477</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 6, oficio n.º 73. Del Cónsul de Burgos en Lisboa al embajador en Portugal, 22/11/1938.



**CAPÍTULO 4**  
**EL INTERCAMBIO IDEOLÓGICO**  
**ENTRE EL FRANQUISMO Y EL SALAZARISMO**

**4.1. La prensa portuguesa “invade” España**

Tanto en Portugal como en España, resulta muy difícil estimar con exactitud el volumen de ventas de los grandes periódicos en los años treinta, ya que no existían mecanismos de control oficial de las tiradas con una fiabilidad mínima.<sup>478</sup> Esta circunstancia complica la tarea de los investigadores para conocer el nivel de influencia social de cada empresa periodística. De todas formas, se ha podido comprobar el extraordinario interés generado por el conflicto español en el público portugués, así como la repercusión de la vigorosa propaganda del salazarismo sobre este tema y que la difusión de la prensa lusa aumentó sensiblemente en las primeras semanas de la guerra debido al interés de la sociedad portuguesa y de la colonia española en Portugal. A través de múltiples evidencias, se sabe que las tiradas de los periódicos portugueses se incrementaron notablemente en las primeras semanas de la lucha fratricida.<sup>479</sup> *A Voz* confirmó el 5 de agosto de 1936 que “(..) mal chegam de Lisboa, os

---

<sup>478</sup> Sáiz, M. Dolores, *Historia del Periodismo en España. Volumen 3: El siglo xx: 1898-1936*, Madrid, Alianza-Textos Universidad, 1996, p. 29.

<sup>479</sup> *Diário da Manhã*, n.º 1886, 19/07/1936, p. 2, 2.ª edición.

jornais são procurados pressurosamente, lidos com avidez, esgotando-se todos os exemplares, embora aumentadas as suas remessas (...)”.<sup>480</sup> Según los informes elaborados por el que fue embajador franquista en Lisboa a partir de mayo de 1938 y hermano del Caudillo español, Nicolás Franco, y su encargado de Negocios, Álvaro Seminario, el *Diário de Notícias* tenía una tirada diaria de 120.000 ejemplares,<sup>481</sup> *O Século* alcanzaba los 100.000 ejemplares,<sup>482</sup> *A Voz*, alrededor de 25.000<sup>483</sup> y *Novidades* 20.000.<sup>484</sup> De ser ciertas estas cifras, las tiradas de los periódicos diarios portugueses de la época superaban a las actuales, que muy rara vez sobrepasan los 70.000 ejemplares.<sup>485</sup> *A Voz* decía que este fenómeno era inseparable de los sucesos de España:

“Desde que em Espanha rebentou o movimento militar para restituir a paz e a ordem ao pais visinho, o aumento da venda dos jornais de Lisboa tem constituido um motivo forte para os comentarios que a grande maioria do público, a propósito dos seus artigos e da sua vasta informação sobre os graves acontecimentos da nação católica de ontem e infeliz de hoje. Efectivamente, a imprensa lisbonense tem sabido cumprir o seu dever, com manifesto aplauso de todos os portugueses de boa vontade, para os quais não podiam passar em claro os crimes hediondos cometidos com o assentimento de Giral – essa figura

---

<sup>480</sup> *A Voz*, n.º 3396, 05/08/1936, p. 6.

<sup>481</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 417 del embajador franquista en Lisboa al ministro de Asuntos Exteriores de Burgos, 15/10/1938.

<sup>482</sup> *Idem*. Oficio n.º 472 del embajador franquista en Lisboa al ministro de Asuntos Exteriores de Burgos, 15/11/1936.

<sup>483</sup> *Idem*. Oficio n.º 444 del encargado de Negocios de Franco en Portugal al ministro de Asuntos Exteriores de Burgos, 01/11/1938.

<sup>484</sup> *Idem*. Oficio n.º 443 del encargado de Negocios de Franco en Portugal al ministro de Asuntos Exteriores de Burgos, 01/11/1938.

<sup>485</sup> Pena Rodríguez, Alberto, y Rocha, Nuno, “Historia do Jornalismo Português”, in Pizarroso Quintero, Alejandro (coord.), *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, 1996, pp. 351-406.

sinistra, cujo nome tem enchido de repulsa todas as nações civilizadas do mundo (...)”<sup>486</sup>

Muchos diarios realizaron una segunda y tercera edición durante las primeras semanas de la guerra. Estas amplias tiradas se explicarían porque millares de ejemplares de las publicaciones eran enviadas al territorio en poder de los franquistas, tanto a las zonas fronterizas como a las capitales de provincia no limítrofes como Ávila, Valladolid o A Coruña. Según el enviado especial del *Diário de Lisboa* Artur Portela, los periódicos portugueses eran “ávidamente procurados” en Salamanca poco después de caer bajo mando franquista.<sup>487</sup> Este dato es confirmado por el también corresponsal del *Diário de Lisboa* Norberto Lopes, quien el 20 de julio de 1936 escribe: “(...) Nas estações ferroviárias formam-se grupos de lêem ávidamente os jornais portugueses, pois os espanhóis limitam-se a publicar notas oficiosas fornecidas pelo Governo e pelas autoridades militares de Madrid”.<sup>488</sup> Según Lopes, los españoles leían con avidez la prensa lusa, que eran distribuidos en los pueblos fronterizos el mismo día de su edición.<sup>489</sup> Durante el conflicto, algunos periódicos portugueses, principalmente el *Diário da Manhã*, *O Século* y el *Diário de Notícias*, por no citar publicaciones de carácter nacionalista como *Alma Nacional* (cuya difusión era más limitada), fueron ampliamente distribuidos en España, especialmente en territorio gallego. Por tanto, la prensa portuguesa no realizó únicamente una “cobertura externa” de la campaña militar fascista, como argumenta

---

<sup>486</sup> *A Voz*, n.º 3396, 05/08/1936, p. 6.

<sup>487</sup> Portela, Artur, *Nas Trincheiras de Espanha*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937, p. 14.

<sup>488</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 4911, 20/07/1936, p. 3, 3.ª edición. Y también: n.º 4926, 04/08/1936, p. 1.

<sup>489</sup> *Idem*, n.º 4926, 04/08/1936, p. 1.

César Oliveira,<sup>490</sup> sino que su influencia se extendió al territorio nacional español, “interviniendo” en España a favor de los rebeldes contra el gobierno legal de la II República.

En Galicia, principalmente en la provincia de Pontevedra, la popularidad de las cabeceras portuguesas fue sobresaliente. El *Comércio do Porto* señalaba el 23 de octubre de 1936 que los periódicos lusos tenían en la región gallega “larga venda e benévola aceitação que traduz honrosa preferênciã a todos os jornais estrangeiros (...)”.<sup>491</sup> *O Século* llegó a incluir en sus páginas publicidad de pequeños comerciantes de las cuatro provincias gallegas, a cuyas capitales dedicó algunos reportajes especiales, en 1937 y 1938, sobre los logros sociales conseguidos por la Falange Española.<sup>492</sup> El *Diário da Manhã* tuvo también una popularidad importante en España durante la guerra. Solía anunciar algunos de sus puntos de venta en la zona dominada por los insurgentes. Los más importantes eran: en el nº 11 de la Plaza Mayor de Valladolid, en la plaza Santa Teresa de Ávila, en la librería Pablos de Salamanca y en el nº 12 de la calle Alcaide de Vigo.<sup>493</sup> El mayor volumen de ventas del órgano de la União Nacional se situaba en Vigo, que en 1939 registró unos beneficios de 39.669 escudos; mientras en Salamanca sumaba 3148 escudos; 1125 en Valladolid, y 1646 escudos en Ávila. Entre los anunciantes pontevedreses que insertaron algunos módulos publicitarios en la prensa portuguesa se encuentra la popular fábrica conservera de Bueu Hermanos Massó, así como numerosos pequeños comerciantes de la provincia, como la Fábrica Galega de Jabones, Almacenes Pazos, Droguería Lino, etc. Todos ellos incluían los lemas “¡Viva Franco!” y “¡Arriba España!” La prensa portuguesa publicaba también suplementos especiales para

---

<sup>490</sup> Oliveira, César, *Salazar...*, op. cit., p. 212.

<sup>491</sup> *O Comércio do Porto*, n.º 278, 23/10/1936, p. 2.

<sup>492</sup> *O Século*, n.º 20.120, 24/03/1938, p. 9.

<sup>493</sup> Los nombres de sus vendedores eran: Laurentino de la Justicia, en Valladolid; Senén Pérez, en Ávila; José Pablos Galán, en Salamanca; y Lus Terroso, en Vigo.

distribuir en Galicia, cuyos contenidos se centraban, esencialmente, en elogiar los logros sociales alcanzados por las autoridades franquistas y los núcleos locales de la Falange Española.

El gobierno de Burgos autorizó expresamente, el 20 de octubre de 1936, la libre distribución de la prensa portuguesa, alemana e italiana en los territorios conquistados.<sup>494</sup> Para un lector español, la lengua de Camões era mucho más comprensible que cualquier otra. De ahí su éxito, principalmente en aquellos lugares donde la producción periodística era limitada. Indudablemente, la lectura de la prensa lusa tenía una credibilidad añadida, teniendo en cuenta que se trataba de medios de comunicación de un país, en teoría ajeno al conflicto, que sin embargo abogaba por la victoria de uno de los bandos. En los meses finales de la guerra y ya en tiempo de paz, el nivel de influencia de la prensa portuguesa en algunas zonas españolas era tal que el gobierno de Burgos comenzó a poner impedimentos a la entrada de los periódicos portugueses en España. *O Século* y el *Diário da Manhã*, que tanta propaganda habían hecho a favor de la causa rebelde, sufrieron algunas aprehensiones de los cheques remitidos por los vendedores a Portugal y de varios millares de ejemplares sin que recibieran ninguna explicación oficial convincente.<sup>495</sup> Por este motivo, el director de *O Século*, João Pereira da Rosa, pidió explicaciones al embajador franquista en Lisboa, Nicolás Franco, a quien el 8 de enero de 1940 comunica que si el gobierno de Franco continuaba con la misma política se vería obligado a cambiar la línea editorial de su diario respecto a España:

---

<sup>494</sup> AMAE, R-592, Gabinete Diplomático de Prensa y Propaganda. Informe de la Oficina de Prensa del Cuartel General de Burgos a la Secretaría de Relaciones Exteriores, 20/01/1936.

<sup>495</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6644. Carta del gerente de la Sociedade Nacional de Tipografía (propietaria de *O Século*), Federico Miguel Pavão, a Nicolás Franco, 03/01/1939.

“(…) A-pesar-de terminada a guerra no vosso País, verifica-se da parte da censura de Vigo um tal rigor para o nosso jornal que resolvemos dirigir-mo-nos àquela entidade nos termos constantes da copia. A-pesar da nossa franqueza nada de concreto averiguamos que nos pudesse orientar de futuro, evitando-nos prejuizos e recusados, motivo por que recorremos a V. Exa. As últimas apreensões, totalizando 5200 exemplares tiveram origem no noticiario referente ao tratado de comercio e ao naufrágio dos pescadores nas costas portuguesas. Conhece V. Exa. bem o interesse que pomos em tudo que se refere a Espanha e se destaque damos ao seu noticiario é pela muita consideração que o vosso país nos merece e pela preferencia com que o vosso povo nosso leitor nos distingue. Não desejaríamos, pois, alterar a conduta até agora seguida sem primeiro ouvirmos V. Exa., motivo por que aguardaremos as vossas noticias (...).”<sup>496</sup>

La prensa portuguesa, por tanto, fue intervencionista en la Guerra Civil española. Su propaganda franquista se difundió en el propio territorio español desde los primeros días de los combates. Sus informaciones acompañaron siempre el rumbo de la política salazarista, arrojando las decisiones oficiales del gobierno y protegiéndole de las campañas externas. Precisamente, los primeros embates de la prensa nacional portuguesa contra otras cabeceras europeas que criticaron su actitud respecto a la guerra fratricida, acontecieron durante las semanas precedentes y subsiguientes a la demorada adhesión de Portugal al Acuerdo de No Intervención, el 21 de agosto de 1936, tras ser admitidas sus reservas al pacto (propuesto por Francia e Inglaterra) suscrito por las principales potencias europeas

---

<sup>496</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6647. Carta del director de *O Século* a Nicolás Franco, 08/01/1940.

para evitar una conflagración internacional.<sup>497</sup> La carta de adhesión portuguesa significaba, tal y como explicaría a posteriori el Secretariado de Propaganda Nacional, que el gobierno luso “(...) no se compromete a ignorar las realidades. Por eso se reserva el derecho de mantener relaciones con las autoridades que, de hecho, ejerzan la administración en el país vecino, e inclusive reconocer un nuevo gobierno o el estado de beligerancia (...)”<sup>498</sup> Lo que significaba arrogarse el derecho de prestar auxilio material o propagandístico al bando golpista. Los órganos salazaristas ensalzaron el contenido de la nota oficial emitida por el Ministério de Negócios Estrangeiros para comunicar al país la adhesión portuguesa, destacando de ella, precisamente, sus reservas a la neutralidad.<sup>499</sup> “(...) Na verdade, seria exigir o impossivel do povo português, querer que êle se fechase em apertada neutralidade silenciosa perante o espectáculo degradante das criminosas atrocidades cometidas (...) com premeditada sanha pelos comunistas (...)” argumentaba el *Diário da Manhã* el 30 de agosto de 1936.<sup>500</sup> Dos días antes, *O Século* decía que el comportamiento del gobierno portugués respondía a su intención de servir a la “causa da Humanidade”.<sup>501</sup>

#### 4.2. Las relaciones entre la Legião Portuguesa y la Falange Española

El gobierno franquista, para corresponder con el apoyo mostrado por el Estado Novo y para promocionar la *nueva* España en Portugal,

---

<sup>497</sup> *Portugal ante la Guerra Civil de España. Documentos y notas*, Lisboa, Ediciones del SPN, s. d. (1939), pp. 15-19.

<sup>498</sup> *Idem*, p. 18.

<sup>499</sup> Cf: Oliveira, Luis Soares, *Guerra Civil de Espanha: intervenção e não intervenção*, Lisboa, Prefácio, 2008.

<sup>500</sup> *Diário da Manhã*, n.º 1928, 30/08/1936, p. 1.

<sup>501</sup> *O Século*, n.º 19.560, 28/08/1936, p. 1.

organizó a partir de 1937 encuentros entre las milicias de ambos regímenes, visitas de periodistas, políticos o intelectuales portugueses al territorio conquistado por sus tropas, así como otras acciones de carácter propagandístico que pretendían mostrar el respeto y gratitud de Franco hacia la dictadura portuguesa. Así, se promocionaba el Estado Novo como modelo de orden, paz y progreso al que la *nueva* España aspiraba. Pero también era una forma de mostrar el poder del Estado franquista a través de sus logros militares, con una propaganda implícita que podía contribuir a aproximar a sectores de la ultraderecha portuguesa al movimiento falangista español.

Las autoridades franquistas, por medio de la FET-JONS, invitaron en varias ocasiones a delegaciones de la Legião Portuguesa y alumnos de sus escuelas militares a visitar España y conocer sus avances militares, económicos y sociales. Los viajes, que estaban subvencionados por el ejército faccioso, estaban perfectamente organizados de acuerdo con un programa cuidadosamente pensado para sorprender y halagar a los visitantes. En noviembre de 1937 se produjeron dos visitas simultáneas de sendas delegaciones de la Legião Portuguesa a tierras españolas, quizás las más importantes de todas las que realizó la milicia portuguesa a España. Una a Salamanca y otra a Vigo. La primera estaba formada por una “comisión de jefes” de la organización paramilitar lusa, cuyo itinerario incluyó una visita a la sede de la *Gaceta Regional* de Salamanca, varios frentes de combate y algunas de las poblaciones de la “España Nacional”.<sup>502</sup> El Jefe de Intercambio y Propaganda Exterior de Franco, Joaquín Rodríguez de Gortázar, dio instrucciones a los medios de comunicación franquistas

---

<sup>502</sup> CCG/AGMA, A n.º 6, L n.º 327, carpeta n.º 57, documento n.º 6. Telegrama s/n de la Delegación Nacional del Servicio Exterior al estado Mayor de Burgos, 21/11/1937. Y también: AGA, Presidencia, caja n.º 73. Carta de Joaquín Rodríguez de Gortázar al director de la *Gaceta Regional* de Salamanca, 22/11/1937.

para que se hiciesen el eco debido de esta noticia.<sup>503</sup> Los propagandistas rebeldes, en el comunicado de prensa que da la bienvenida a los milicianos portugueses, destacan la importancia de mostrar el esfuerzo de los “nacionalistas” españoles para restaurar su país:

“(...) La Legión Portuguesa es una milicia fuerte y entusiasta creada por el Ilustre estadista Oliveira Salazar, actual Jefe del Gobierno Portugués y que de una manera tan gallarda, tan patriótica y tan brillante, ha sabido llevar los destinos de su país a las más altas cumbres de la prosperidad y de la gloria. Oliveira Salazar, una de las grandes figuras del Nacionalismo Mundial ha sabido imbuir en el alma de las Juventudes Portuguesas una idea integral de Patria, de Honor y de Justicia que ha cristalizado en esa admirable Legión Portuguesa tan afín en ideología a las milicias españolas. (...) Aun cuando en Portugal se han tenido y se tienen noticias exactas del curso triunfal que el CAUDILLO viene imprimiendo desde un principio a nuestra gloriosa cruzada, nos complace y nos alegra que vengan a ver por sus propios ojos esta vida de la España Nacional, en la guerra y en la paz de las ciudades, hombres que, como los Legionarios Portugueses, sabrán apreciar en su justa medida nuestro esfuerzo, porque ya, en el campo de las ideas, nos conocen y nos comprenden. Bien venidos sean los ilustres viajeros, a los que deseamos una muy grata estancia en nuestra España.” (mayúsculas en el original)<sup>504</sup>

La visita de la Legião Portuguesa a Vigo fue un gran acontecimiento público, probablemente uno de los momentos de máxima popularidad de Portugal en tierras españolas. Según cuentan los cronistas

---

<sup>503</sup> *Idem.* Comunicado de prensa anexo con el siguiente titular: “Hoy llega a Salamanca una comisión de Jefes de la Legión Portuguesa”.

<sup>504</sup> *Ibidem.*

lusos, nunca los portugueses y el Estado Novo habían soñado con alcanzar un reconocimiento popular tan profundo como el que demostró la población viguesa. En realidad, Vigo fue una fiesta luso-española durante varios días, con sus calles adornadas de banderas portuguesas y miles de milicianos de ambos países desfilando y confraternizando. La expectación general se debió a un partido de fútbol organizado por la Falange Española y que enfrentó a las selecciones de las dos naciones en el Estadio Municipal de Balaídos el 28 de noviembre. Pero el evento deportivo no fue más que una excusa para realizar toda una batería de actos propagandísticos que tuvieron una enorme repercusión en la prensa portuguesa, particularmente en *O Século*, que le dio una cobertura extraordinaria a la organización del encuentro varios días antes de la celebración. El día 21, *O Século* anunciaba en titulares: “Em Vigo vão organizar-se imponentes festas em honra de Portugal”.<sup>505</sup> Las agencias de viajes vieron rápidamente el negocio en el asunto y participaron de la promoción de la fiesta ofreciendo transporte a precios reducidos desde Lisboa y Porto. La agencia de turismo Europeia, por ejemplo, habilitó un tren especial entre la capital lusa y la Ciudad Olívica que podía incluir la entrada al estadio, alojamiento y manutención.<sup>506</sup> El 24 de noviembre *Radio Nacional de España* informaba que se esperaba la llegada de 10.000 portugueses y el desplazamiento de millares de familias del norte de España hasta el sur de Galicia.<sup>507</sup> El programa de actividades, aprobado directamente por el Cuartel General del Generalísimo, se concentró en el fin de semana del 27 al 29 del mes citado empezando por una recepción oficial multitudinaria a los

---

<sup>505</sup> *O Século*, n.º 20003, 21/11/1937, p. 8.

<sup>506</sup> *Ibidem*. En primera clase, el viaje costaba 350 escudos, y, en segunda, 290. La empresa de transporte Capristiano & Ferreira ofrecía una viaje de ida y vuelta por 120 escudos. Y también una “comissão especial de desportistas” contrató un tren rápido especial que costaba 160 escudos en segunda y 210 en primera (*O Século*, n.º 20004, 23/11/1937, p. 2).

<sup>507</sup> *O Século*, n.º 20005, 24/11/1937, p. 6.

invitados de honor: el general luso Schiappa de Azevedo, el cónsul de Portugal en Vigo, Archer Crespo, y el cónsul español en Porto, José de Erice.<sup>508</sup>

La jornada anterior al partido de fútbol, las calles de Vigo registraban un ambiente de simpatía con Salazar y los portugueses. En muchas ventanas colgaban banderas de Portugal, de la Falange y del ejército rebelde; los escaparates mostraban recordatorios y objetos típicos del país vecino, y las pensiones eran un auténtico ir y venir de visitantes del otro lado de la frontera que buscaban alojamiento.<sup>509</sup> Muchos no encontraron habitaciones libres. La delegación de la FET-JONS en Vigo, que movilizó a todos sus afiliados, instaló mesas informativas en la céntrica calle Príncipe para informar a los recién llegados.<sup>510</sup> Y en el Casino de la ciudad se abrió un “tómbola patriótica” promovida por el “comité pro-abastecimiento del ejército” y se sortearon varios cheques de 10.000 pesetas y un automóvil de lujo en honor de los portugueses.<sup>511</sup> El consejero nacional de la Falange, Jesús Suevos, no paraba de atender, exultante, a los periodistas extranjeros que acudieron a la cita festiva. Al enviado especial de *O Século* le transmitió un mensaje de confraternización imperialista para el pueblo portugués que decía lo siguiente: “Ao pisarem a nossa dôce terra conquistada, saudamos aos camaradas de Portugal amigo, com o braço erguido e gritos do Império, com a saudação e os gritos da nova Espanha, que são iguais aos do novo Portugal. Depois da grande noite da nossa decadência, em que juntos sofremos desprezo e vassalagem, levanta-se a nossa vontade de poderio”.<sup>512</sup>

---

<sup>508</sup> *Idem*, n.º 20003, 21/11/1937, p. 8.

<sup>509</sup> *Idem*, n.º 20008, 27/11/1937, p. 5.

<sup>510</sup> *Idem*, n.º 20009, 28/11/1937, p. 1.

<sup>511</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>512</sup> *Idem*, p. 1.

Mientras tanto, la Legião Portuguesa y su Brigada Naval<sup>513</sup> desfilaban (acompañadas por brigadas de la Falange y las bandas de música municipales de Valladolid y Vigo) por las principales avenidas viquesas entre aclamaciones de la multitud, cohetes pirotécnicos, petardos, etc.: “(...) Difícilmente o cortejo conseguiu romper a multidão, que, sem cessar, vitoriaba os portugueses. Ao passarem em frente da escadaria do Palácio da Justiça, os nossos compatriotas fizeram a contenencia e a banda de Falange tocou de novo os hinos dos dois países. Ao findar aquela multidão ergueu um grito “Salazar!” “Salazar!” “Salazar!” e o nome do restaurador da Pátria portuguesa foi repetido centenas de vezes (...)”, narra la prensa lusa.<sup>514</sup> Al día siguiente, antes del partido de fútbol, se organizó un apoteósico cortejo, en el que participaban dos columnas de la Brigada Naval, otros dos destacamentos de la Legião Portuguesa, una brigada de “flechas”, otra de “pelayos” y dos secciones juveniles de artillería y salud de la FET-JONS, que recorrieron las principales calles hasta desembocar en la Plaza de Camões. Lugar en el que tomó la palabra Jesús Suevos recordando una vez más los logros del dictador portugués Oliveira Salazar y las ansias imperialistas de ambos Estados:

“Agora chegou a hora dos portugueses e espanhóis voltarem a ser objecto do pensamento em todas as consciências mundiais. Camaradas: irmãos da santa união hispânica! Havemos, muito cedo, de ocupar os primeiros postos do mundo, vãos desde que os abandonámos. Salazar e Franco hão-de repôr-nos na posição que merecemos! Saudamos Camões, o vosso e nosso poeta e no seu monumento colocamos estas flôres, para lembrar que nascemos para mandar no mundo. Fomos os primeiros a implantar

---

<sup>513</sup> Rodrigues, Luis Nuno, *A Legião Portuguesa. A Milícia do Estado Novo (1936-1944)*, Lisboa, Editorial Estampa, 1996, pp. 78-79.

<sup>514</sup> *O Século*, n.º 20009, 28/11/1937, p. 6.

o cristianismo e voltaremos a fazê-lo. Houve quem quisesse que vivéssemos como inimigos, mas agora nos encontramos, pois a nossa amizade é indestrutível. Se algum dia Portugal quisesse o nosso sangue, estaremos prontos a dar-lho. (...) Que esta vossa permanencia não seja inutil. Ide dizer aos vossos compatriotas que a Espanha está de pé, em plena reconstrução. Dizei-lhes que temos o espirito de Santo Antonio no coração. Viva Portugal! Viva Espanha! Viva Oliveira Salazar! Viva o Caudilho!".<sup>515</sup>

También, la sección femenina de Falange desfiló ante el monumento y depositó varios ramos de flores en honor de Portugal. Para finalizar, las milicias continuaron su recorrido por la calle Príncipe, mientras se arrojaban pétalos de flores desde los balcones al paso de la comitiva, que se dirigió hacia el estadio de fútbol, con el aforo completo. El campo tampoco fue ajeno a la parafernalia fascista. En uno de los fondos se levantaba una pirámide con las banderas de las milicias junto al lema "España saluda a Portugal". Y, en la tribuna de honor, colgaban dos grandes retratos del general Franco y Salazar. El público agitaba banderas y pañuelos con los colores de Portugal mientras desfilaban los milicianos de ambos países. Los futbolistas españoles, inmersos en la moda del momento, vestían uniforme azul (el color de la Falange) con el escudo del partido fascista español.<sup>516</sup> Tras el encuentro, que ganaron por portugueses por dos goles a uno, el Jefe de Prensa y Propaganda de FET-JONS, Fermín Yzurdiaga, pronunció una conferencia en el Teatro García Barbón, que debió colocar un altavoz en la calle para que las personas que no pudieron entrar pudieran escuchar. Yzurdiaga hizo una disquisición sobre los fines de la organización a la que pertenecía,

---

<sup>515</sup> *O Século*, n.º 20010, 29/11/1937, p. 1.

<sup>516</sup> *Ibidem*.

resaltando especialmente su carácter genuinamente español, sus raíces religiosas y su vocación imperialista.<sup>517</sup>

En el Hotel Continental, las autoridades españolas ofrecieron una cena de homenaje a sus invitados. Al día siguiente, los miembros de la Legião Portuguesa visitaron la Base Naval de Marín.<sup>518</sup> Los periodistas que cubrieron las celebraciones, por su parte, tuvieron también su recompensa. En el Bar Saboia, los informadores portugueses, alemanes e italianos fueron invitados por las autoridades locales y la Asociación de la Prensa de Vigo. A los futbolistas se les premió con una mariscada (baile incluido) en la fábrica de cerveza Labarxa, ofrecida por la Federación Gallega de Fútbol, así como una visita por las sedes de las principales organizaciones corporativas de la ciudad.<sup>519</sup>

Esta “gloriosa” fiesta organizada por la Falange en Vigo fue correspondida en Lisboa dos meses después, entre los días 29 y 31 de enero de 1938. La Legião Portuguesa organizó otro encuentro de fútbol con un programa de actividades similar, al que invitó a una delegación de varios centenares de falangistas españoles. La Junta Central de la Legião Portuguesa puso en marcha los preparativos en colaboración con la delegación de la milicia española en Lisboa. Los actos incluían, además del partido de fútbol, una manifestación pública de homenaje a la Falange Española, una misa campal, un paseo turístico-propagandístico por Sintra, Cascais y Estoril, un desfile militar por la Avenida da Liberdade y un espectáculo teatral, entre otros,<sup>520</sup> a los que se sumaron miembros del Fascio y del Partido Nazi.

---

<sup>517</sup> *Idem*, p. 6.

<sup>518</sup> *Ibidem*.

<sup>519</sup> *Idem*, n.º 20011, 30/11/1937, p. 2.

<sup>520</sup> Para ser exactos, el programa estaba configurado de la siguiente manera. A las siete de la tarde del día 29 de enero, recepción oficial y saludos de bienvenida de las autoridades de Lisboa y la dirección de la Legião Portuguesa en la sede de la Acção Social, en la Travessa da Guarda-Mor, 25. A las nueve y media, “sesión de propaganda” en el Teatro do Gimnásio, donde usaron la palabra un representante de la Legião Portuguesa y Jesús Suevos, como jefe de la delegación. El día 30, a las nueve y media, misa campal en honor de la Falange en el jardín del Liceo Español y entrega de una bandera a la Cen-

La delegación falangista,<sup>521</sup> formada por varios centenares de afiliados procedentes de Vigo, Pontevedra, Sevilla, Badajoz y Cáceres, llegó a Lisboa en un día simbólico, el 29 de enero, fecha en la que se cumplía en octavo aniversario del fin de la dictadura de Primo de Rivera. Hecho que el *Diário da Manhã* destaca debidamente, elogiando en su editorial las virtudes del Marqués de Estela y mitificando a su hijo José Antonio, fundador de la Falange Española.<sup>522</sup>

Desde las fronteras de Valença do Minho y Elvas, los contingentes de falangistas invitados fueron acompañados por delegados de la Legião Portuguesa, que les prepararon un recibimiento en varias poblaciones portuguesas. El grupo que entró por el norte fue obsequiado con un “porto de honra” en Viana do Castelo y Porto. En esta segunda ciudad, la Legião y la Mocidade Portuguesa organizaron un banquete en el Palácio de Cristal, ornamentado para la ocasión con lámparas que lucían los colores de la bandera franquista y el símbolo de la milicia fascista española.<sup>523</sup> En Leiria, Alenquer y Vila Franca de Xira, la caravana de la Falange gallega fue recibida con aplausos

---

turia de los Flechas de Lisboa. A las diez y media, homenaje a los muertos de la Primera Guerra Mundial en la Avenida da Liberdade y desfile de ambas milicias. A las tres de la tarde, partido de fútbol. A las nueve, banquete ofrecido a los dirigentes de la Falange, y a las diez y media teatro de gala en el Eden. El lunes 31 paseo en coche hasta Cascais con recepción oficial en la Câmara de Sintra y banquete en el Palace Hotel de Estoril. A las cuatro, visita a las instalaciones del *Radio Club Português* y a las seis un “porto de honra” en la sede de la Brigada Naval. A las nueve, recepción en el Centro Español. Al día siguiente, despedida oficial. Cf.: *Diário da Manhã*, n.º 2433, 29/01/1937, p. 8.

<sup>521</sup> La Delegación de Falange estaba encabezada por el líder provincial de la organización, Jesús Suevos, que fue acompañado de la presidenta de la sección femenina, Bernarda Patiño, el comandante de la Base Militar de Marín, Pedro Fontela, los dirigentes de la Falange Exterior, Merry del Val y José del Castaño, y numerosos cargos de la milicia en Vigo: Gustavo Krukenberg, jefe de la Acción Política; Rivas Barreras, jefe de las milicias de Vigo; Marcelino Briz, jefe de Auxilio Social; José Touriño, médico de la Base Naval marinense, el delegado juvenil de Falange, Adolfo Mateo, etc. Cf.: *Diário da Manhã*, n.º 2429, 25/01/1938, p. 1.

<sup>522</sup> *Idem*, n.º 2433, 29/01/1938, p. 1, “29 de Janeiro”.

<sup>523</sup> Al almuerzo acudieron 400 invitados, entre los que se encontraban las autoridades locales, miembros destacados de la Legião y la Mocidade Portuguesa, el cónsul de España, entre otros. Al final del mismo, hablaron el presidente de la Câmara Municipal de Porto, Mendes Corrêa, el Marquês de Carvalho y Jesús Suevos.

de la población y milicianos lusos: “Á beira da estrada, aquí e além, formavam “lanças” da “Legião” e “castelos” da “Mocidade”, e em todas as freguesias, povos e aldeias viam-se grupos compactos de gente, que de braço erguido, saudavam a Espanha nacionalista, á que os falangistas correspondiam com repetidos e vibrantes “vivas” a Portugal, a Carmona e Salazar”.<sup>524</sup> Cuando llegaron a la capital portuguesa, la ciudad entera les esperaba en medio de un indescriptible delirio popular. Según la expresión del *Diário da Manhã*, el “entusiasmo possuira a cidade”.<sup>525</sup> En la Praça Camões se formaron varias centurias, entre las que destacaban la de la delegación falangista en Lisboa, presidida por Manuel Lloret, y la procedente de Badajoz, integrada por 99 cadetes, 10 médicos, 9 tambores, 7 cornetas y 3 instructores, liderada por el teniente Mariano Ramallo. Acto seguido, desfilaron por las calles de Lisboa en dirección a las oficinas de la Acción Social y Política de la Legião Portuguesa, seguidos por una “massa enorme” de gente, haciendo una parada de homenaje ante la sede del órgano de la União Nacional.<sup>526</sup> Allí, el general Casimiro Telles y el capitán Humberto Delgado, en presencia de algunas autoridades del Estado Novo, dieron la bienvenida a los falangistas, que, por boca de Jesús Suevos, expresaron públicamente su deuda con la “prova de amor” que Portugal demostró al Movimiento Nacional franquista. El líder fascista ofreció la ayuda incondicional de España al Estado portugués para combatir a sus posibles enemigos, desmintiendo la “masónica” propaganda que atribuía a los rebeldes ambiciones territoriales sobre la geografía lusa. Discurso que el *Diário da Manhã* comentó con detalle:

---

<sup>524</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2434, 30/01/1938, p. 1.

<sup>525</sup> *Ibidem.*

<sup>526</sup> *Ibidem.*

“(…) Não esqueçais, nunca, que se algum dia Portugal passasse por transe tão amargos como aqueles que a Espanha está passando, os falangistas estariam a vosso lado lutando com os portugueses como outrora lutamos juntos. Não importa, acrescentou, o que possam dizer a Maçonaria ou os Internacionalismos, quando vêm falar de imperialismos, Portugal e Espanha, independentes e amigos, querem ter no mundo a supremacia de outrora em que o mundo se dividia em dous imperios – o Império Português e o Império Espanhol. Falando sempre com grande eloquência e facilidade, disse, ainda, que as Falanges querem fazer chegar até junto do Presidente da Republica e do sr. Doutor Oliveira Salazar as saudações de toda a Espanha libertada, da nova Espanha. Terminou dizendo que desejava que até junto do coração de Salazar chegue o eco das vozes dos falangistas espanhóis que seguem o seu trabalho, aprendem com o seu exemplo, e que só por isso, quanto mais não fôsse, muito lhe devem. Terminou levantando “vivas” a Portugal e a Salazar que a assistência freneticamente e por largo tempo secundou, ouvindo-se constantemente vitórias Franco e Salazar, Espanha e Portugal. E a estrondosa ovação que então foi feita aos hóspedes da “Legião Portuguesa” atingiu nesse momento o seu maior esplendor. Eram centenas de vozes gritando Franco! Franco! Franco! Salazar! Salazar! Salazar! (...)”.<sup>527</sup>

Al día siguiente, por la mañana, en los jardines del Instituto Español se celebró una misa campal a la que acudieron los integrantes de la Representación de la Junta de Burgos en pleno, los delegados de la Junta Central de la Legião Portuguesa, de la Mocidade, un grupo de muchachos de las Juventudes Hitlerianas, y cientos de personas. La ceremonia fue oficiada por el capellán de la Falange Española en Lisboa, Agostinho Viana: “(…) O momento culminante

---

<sup>527</sup> *Idem*, p. 8.

foi o da elevação: o sacerdote levantou ao céu o calix e a hostia. Ao mesmo tempo a charanga da Brigada Naval executou a “Marcha Real”; todos os fieis ajoelharam, contritos, recolhidos, numa tocante afirmação da sua fé em Deus, dessa fé que lhes da coragem para combater e morrer. E enquanto toda a gente ajoelhava, ergueram-se ao alto todas as bandeiras, direitas e firmes, em direcção ao sol (...)”, registró el *Diário de Notícias*.<sup>528</sup> Al acabar el acto religioso, Antonio Ibot y Jesús Suevos tomaron la palabra para hablar de la “trágica grandeza presente” y de los “peitos valerosos das Falanges de Castela” que estaban derramando su sangre para expulsar a las hordas comunistas.<sup>529</sup> Luego, llegó el momento de depositar varias coronas de flores ante el monumento a los caídos portugueses en la Primera Guerra Mundial. En la Avenida da Liberdade, el 30 de enero, se concentraron numerosas tropas de la milicia portuguesa y personajes públicos como el subdirector del Secretariado de Propaganda Nacional, António Eça de Queiroz. Después una “improvisada” manifestación, según la prensa portuguesa, condujo el desfile de los milicianos portugueses y españoles ante la residencia oficial de Salazar. Una vez en la casa del Jefe del Estado Novo, la multitud aclamó sin cesar al dictador portugués hasta que éste salió al balcón. El *Diário da Manhã*, interesado en hacer ver a la opinión pública portuguesa que los falangistas admiraban profundamente a Salazar, subraya la actitud de uno de los milicianos españoles en medio de aquella “espontánea” manifestación:

“(…) O sr. Presidente do Conselho agradeceu sorrindo levemente. Um falangista destaca-se, aos ombros dos seus camaradas legionários, e sauda o sr. dr. Oliveira Salazar: “Viva Salazar!”, “Viva Portugal!” - disse num grito vibrante em que se podia bem

<sup>528</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25587, 31/01/1938, p. 1.

<sup>529</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2434, 30/01/1938, p. 1.

apreciar toda a grandeza da alma de Espanha. (...) Dezenas de lenços brancos agitam-se entusiasticamente. Um só grito se ouve, agora, ainda, sempre: “Salazar!”. Finalmente, decorridos minutos, o sr. Presidente do Conselho ergue a mão respondendo a uma “viva” a Portugal. Uma verdadeira trovoadá de aplausos e de “vivas” corôa o gesto do Chefe. E assim termina esta grandiosa manifestação popular e nacionalista - que espontaneamente e simbólicamente partiu da Avenida da Liberdade. (...)”<sup>530</sup>

La jornada se completó con un almuerzo en la sede de la Federação Nacional para a Alegria no Trabalho (FNAT)<sup>531</sup> y una obra de teatro estrenada en honor de los falangistas en la sala Eden. Para concluir la visita a Lisboa, la delegación de la FET-JONS, en su viaje por Sintra, Estoril y Cascais, pasó por las instalaciones del *Rádio Club Português* en Parede, donde los recibió el capitán Jorge Botelho Moniz, quien manifestó que la acción propagandística de su emisora había pasado a un segundo plano porque había sido perfectamente sustituida por la acción militar en los frentes de batalla. Al tiempo, dijo que sus “amigos” españoles estaban siendo “víctimas” de una campaña de malentendidos y sospechas debido a su propaganda imperialista. Información avalada por el propio Jesús Suevos, que energicamente confirmó que no existía ninguna incompatibilidad entre el nacionalismo portugués y el español, citando como precedente histórico la época de los descubrimientos.<sup>532</sup> Sus palabras reciben el respaldo de uno de los miembros de la Junta Central de la Legião

---

<sup>530</sup> *Ibidem.*

<sup>531</sup> Sobre esta organización, fundada a semejanza de su homóloga alemana en 1935 con el objetivo de llenar el tiempo libre de los trabajadores portugueses para “elevar” su formación intelectual y moral dentro del modelo de pensamiento salazarista puede verse el artículo de José Carlos Valente “A FNAT: das origens a 1941. Estado Novo e Alegria no Trabalho”, in revista *História*, año XVII (nova série), n.º 6, Lisboa, marzo de 1995, pp. 4-17.

<sup>532</sup> *Idem*, n.º 2436, 02/02/1938, p. 1.

Portuguesa, Humberto Delgado, quien publica en *O Século* un alegato en defensa del falangismo haciendo un llamamiento a los legionarios portugueses para honrar a los falangistas por encima de cualquier rencor:

“(...) Legionarios! Entre os que estão entre nós há muitos das “*Viejas Camisas Azules*”, essas velhas camissas azues que afrontavam na “calle” os tiros assassinos, essas velhas camissas azues que puderam ir mantendo o ambiente necessário ao milagre da Revolução, desencadeada pelo nobre Exército Espanhol e imediatamente apoiada pela Falange a que hoje prestamos honras! Legionarios! Vêde nessas velhas camisas azues, irmãs das nossas – tão irmãs que até na côr o são, pois o verde e azul sempre foram difíceis de distinguir á noite... – os lidimos delegados da Espanha nova, nossa amiga, dessa Espanha que hoje é a fusão das velhas e das novas camisas, numa integração homogénea de pensamentos, sentimentos e ideias! (...) Arriba Espanha!”<sup>533</sup>

El ejército franquista invitó también a territorio español a varios grupos de alumnos de escuelas militares portuguesas para que conocieran más de cerca el desarrollo de la guerra y pudiesen observar el progreso social en la retaguardia facciosa. Entre el 16 y el 23 de mayo de 1937, 15 oficiales y 5 soldados de la Escuela de Guerra de Lisboa visitaron el frente de Toledo y de Madrid. La ruta comenzó en Badajoz y Mérida y continuó en las míticas ruinas del Alcázar y la catedral de Toledo. Recorrieron el Alto del León, el Alcázar de Segovia, La Granja, Valladolid, Burgos y Victoria. La comitiva recibió un trato muy cordial y eran amablemente agasajados en cada lugar que visitaban. El propio general Franco ordenó por telegrama a sus subordinados cuál debía ser el trato que debían recibir los visitantes

---

<sup>533</sup> *O Século*, n.º 20069, 30/01/1938. p. 6.

portugueses: “Los oficiales encargados de esta misión deben estar bien enterados de los frentes y llevar cartografía a fin hacer exposición completa organización sectores, situación unidades, despliegue artillería, etc., respondiendo a cuantas preguntas hagan y silenciando las que una elemental discreción requiere y siempre produciendo la mejor impresión posible en profesorado y alumnos dicho Centro Docente Militar.”<sup>534</sup>

Un año después, fue invitado un grupo de 20 alumnos y profesores del curso de Estado Mayor de la Escuela Central de Oficiales de Caxias, cerca de Lisboa.<sup>535</sup> El ejército del sur publicó y difundió un programa de la visita donde se hicieron constar cada una de las actividades realizadas por los visitantes de la “nación hermana” entre el 16 y el 30 de mayo de 1938. La portada del folleto iba ilustrada con las banderas de Portugal y de la España franquista en medio de las cuales estaba estampado el escudo de las autoridades facciosas.<sup>536</sup> El general Queipo de Llano fue el encargado de supervisar personalmente el viaje de los estudiantes portugueses por orden de Franco, al que posteriormente rindió cuentas de las actividades desarrolladas por los visitantes portugueses.<sup>537</sup> Éstos tuvieron una estancia en el territorio sublevado mucho más variada que el anterior grupo, cargada de actos simbólicos. Su viaje por la Andalucía de Queipo comenzó el día 16 en Sevilla con

---

<sup>534</sup> CGG/AGMA, A n.º 6, L n.º 327, carpeta n.º 61. Telegrama cifrado del general Franco al general del 7.º Cuerpo de Ejército, 16/05/1937.

<sup>535</sup> La relación de participantes era la siguiente. Profesores: Coronel Álvaro Teles Ferreira de Passos, Teniente-coronel José Felipe de Barros Rodríguez, miembro de la Misión Militar en España, capitanes: José Viana Correia Guedes, Manuel Gomes de Araujo y João Carlos de Sá Nogueira. Alumnos: Capitão de Engenharia Antonio de Matos Maia y tenientes: José Vilas Boas Castelo Branco, João José Xavier Benazol, José Mário Apolinário Leal, António Moreira e Cruz, Adelino Alves Verissimo, António José Martins Leitão, Daniel Sarsfield Rodrigues, Carolino Eduardo Ferreira do Nascimento, Luiz Maria da Câmara Pina, Júlio Manuel Pereira, José Miranda de Morais, Augusto Manuel das Neves, y Francisco Pires Barata. Cf.: CGG/AGMA, A n.º 6, L n.º 327, carpeta n.º 60.

<sup>536</sup> *Idem*. Oficio n.º 13117 de Queipo de Llano al “Generalísimo de los Ejército Nacionales”, 10/06/1938. Anexo del Programa de la Visita.

<sup>537</sup> CGG/AGMA, A n.º 6, L n.º 327, carpeta n.º 60. Oficio n.º 13117 de Queipo de Llano al “Generalísimo de los Ejércitos Nacionales”, 10/06/1938.

una representación de teatro de la Falange Española. Pero luego no pararon de recorrer diversas localidades andaluzas (Málaga, Antequera, Motril, Archidona, La Roda, entre otras) en las que fueron recibidos como héroes por las autoridades locales. Fueron obsequiados con vino, fiambres y diversos artículos alimenticios en las empresas que visitaron. Asistieron a varias sesiones cinematográficas y a una corrida de toros a beneficio de los huérfanos de la Marina de Guerra en Cádiz, antes de la cual se entonó el himno portugués, escuchado por el público con el brazo en alto.<sup>538</sup> En el Consulado portugués de la capital andaluza se organizó un té de recepción para celebrar el décimo segundo aniversario de la proclamación de la dictadura portuguesa, el 28 de mayo. Antes de abandonar España, docentes y alumnos militares de Caxias depositaron una corona de flores en la Cruz de los Caídos de Sevilla y Queipo les ofreció un opíparo almuerzo en el Hotel Andalucía Palace, al que acudieron numerosos personajes públicos del bando insurgente.<sup>539</sup> El trato de las autoridades facciosas produjo las mejores impresiones en algunos mandos del ejército portugués, que proponían aprovechar la “corrente de simpatia” hacia Portugal para erradicar definitivamente las hostilidades entre los dos pueblos peninsulares.<sup>540</sup>

#### 4.3. La Universidad de Coimbra, con la España de Franco

Con respaldo oficial, los intelectuales franquistas y salazaristas mantuvieron diversos contactos en España y Portugal que sirvieron a Franco y Salazar para ver legitimadas y reconocidas en el exterior

---

<sup>538</sup> CGG/AGMA, A n.º 6, L n.º 327, carpeta n.º 60. Oficio n.º 13117 de Queipo de Llano al “Generalísimo de los Ejércitos Nacionales”, 10/06/1938. Anexo del Programa de la Visita.

<sup>539</sup> *Ibidem.*

<sup>540</sup> AHM, 1.ª división, 38.ª sección, caja n.º 60, documento n.º 4. Informe sobre “a missão do curso do Estado Maior”, elaborado por el teniente-coronel Jose Filipe de Barros Rodrigues, 13/06/1938.

sus doctrinas por parte de prestigiosas autoridades académicas. Se trataba de reuniones de carácter institucional o popular que gozaban de la aquiescencia del gobierno de Lisboa y Burgos. Juegos Florales, encuentros en foros tan relevantes como la Universidad de Coimbra o viajes de estudiantes universitarios o periodistas portugueses al territorio sublevado formaban parte de este intercambio intelectual que, como siempre, contaban con el pleno apoyo de la prensa lusa, que se hacía eco de todos estos eventos para regocijo de los propagandistas facciosos.

Cuando se produjo el golpe militar del 28 de mayo de 1926 en Portugal, la jerarquía académica conimbricense, a cuyo frente se encontraba el rector Almeida Ribeiro, apoyó al nuevo régimen.<sup>541</sup> Desde la instauración del Estado Novo portugués, las relaciones entre el gobierno dictatorial y la Universidad de Coimbra eran bastante fluidas. Además del dictador, muchos de los miembros de los sucesivos gabinetes de Salazar estudiaron o enseñaron en la prestigiosa universidad, como Fezas Vital o J. Caeiro da Mata. Coimbra era la “universidade dos lentes”, de los catedráticos, que el Estado Novo intentó convertir en fábrica de cerebros del régimen y coto de conservación de la cultura tradicional y los “verdaderos” valores de la “nueva” sociedad portuguesa. Era, según expresión de Pedro Teotónio Pereira en 1937, la encargada de “(...) reconduzir a consciência nacional aos caminhos perdidos da sua grandeza e da sua vocação secular (...)”.<sup>542</sup> Salazar pretendía crear un Estado moderno gobernado por elites académicas e inspirado en los valores de la cultura

---

<sup>541</sup> Torgal, Luis Reis, *O Estado Novo e a Universidade*, Coimbra, Minerva História, 1999.

<sup>542</sup> Pereira, Pedro Teotónio, *A batalha do futuro. Organização corporativa*, 2.<sup>a</sup> edición, Lisboa, Livraria Clássica Editora, 1937, p. 198.

católica y rural bajo control militar. Miguel de Unamuno lo llamó “fascismo de cátedra”.<sup>543</sup>

La más prestigiosa y antigua universidad portuguesa sufrió un proceso de reconversión al salazarismo que afectó a numerosas autoridades académicas reconocidas internacionalmente, pero que no contó con el apoyo incondicional de los universitarios, que desde la Associação Académica de Coimbra o desde otros foros clandestinos, atacaron al régimen publicando al inicio de la década de los treinta diversos periódicos, como los republicanos *Gente Nova*, *Voz do Povo*, *Mundo Novo*, los integralistas *Acção Nacional*, *Resurreição* o *Vanguarda*, e incontables folletos con críticas a algunos profesores por sus muestras de adhesión al Estado Novo.<sup>544</sup> La dictadura pretendía convertir a la Universidad de Coimbra en el frente intelectual de la dictadura, integrada dentro de la pirámide corporativa del Estado Novo. Las disidencias estudiantiles, sin embargo, provocaron que discípulos de Salazar como Pedro Teotónio Pereira escribiesen o pronunciasen conferencias en la propia institución universitaria contra esas actitudes “irresponsables” que boicoteaban la misión fundamental de la universidad de formar “homens novos”.<sup>545</sup> Así lo explicó el entonces ministro de Comercio e Industria luso el 27 de febrero de 1937 ante la comunidad universitaria y los representantes de los organismos corporativos de varios puntos del país en el Teatro Gil Vicente de Coimbra.<sup>546</sup> Pereira concebía los “homens novos” como

---

<sup>543</sup> Torgal, Luis Reis, “A Universidade a Ditadura e o Estado Novo (1926-1961). Notas de uma investigação colectiva”, in Vol. 5.º de las Actas del Congreso “História da Universidade” (en el 7º Centenario de su Fundación), 5 a 9 de marzo de 1990, Coimbra, 1991, pp.407-408.

<sup>544</sup> Torgal, Luis Reis, *A Universidade e o Estado Novo*, op. cit. Véase también del mismo autor: *Ideologia, Cultura e Mentalidade no Estado Novo. Ensaio sobre a Universidade de Coimbra*, op. cit., pp. 14-15, y “A Universidade e a Academia de Coimbra perante o Estado Novo (1926-1961)”, in *Revista de Historia*, Porto, Centro de História da Universidade do Porto, vol. x, 1990, pp. 207-216.

<sup>545</sup> Pereira, Pedro Teotónio, op. cit., p. 200.

<sup>546</sup> *O Século*, n.º 19. 738, 28/02/1937, pp. 1 y 6

intelectuales que debían seguir la senda brillante del Jefe, cuya “serenidade heróica”<sup>547</sup> se forjó en Coimbra: “A Salazar devemos, efectivamente, o espírito objectivo das soluções do Estado Novo, a sua harmonía a sua lógica, a sua continuidade, o melhor que nelas existe de concreto, de real e de eficiente. Foi enfim, o espírito de Salazar que nos habituou a trocar, sem esforço e sem desgosto, o acesório pelo essencial, o indefinido pelo finito (...)”.<sup>548</sup>

Así, pues, los encuentros entre los intelectuales franquistas y salazaristas en la Universidad de Coimbra se produjeron dentro de este contexto. En diciembre de 1937, durante las fiestas para la celebración del cuarto centenario del traslado de la institución académica, entonces en Lisboa, a la ciudad del Mondego, se puso de manifiesto ese espíritu de cooperación entre los intelectuales de ambos países ibéricos. El 30 de noviembre, *O Século* anunciaba que “todas as universidades da Espanha nacionalista” decidieron hacerse representar por una delegación de catedráticos, a las que se sumó el Instituto Español de Lisboa, que envió como representante a Antonio Ibot León.<sup>549</sup> Entre los participantes españoles estaban José M<sup>a</sup> Mota, rector de la Universidad de Sevilla, Antonio M<sup>a</sup> Ocete, rector de la Univeridad de Granada, y Felipe Gil Casares, rector de la Universidad de Santiago de Compostela.<sup>550</sup> El profesor de Medicina de la Universidad de Madrid, Leonardo de la Peña, y Felipe Gil Casares, fueron nombrados doctores Honoris Causa por Coimbra. En el acto de imposición del

---

<sup>547</sup> Pereira, Pedro Teotónio, *op. cit.*, p. 212.

<sup>548</sup> *Ibidem.*

<sup>549</sup> *O Século*, n.º 20011, 30/11/1937, p. 6.

<sup>550</sup> La lista completa era la siguiente: D. José Maria Mota, rector de la Universidad de Sevilla; Carlos García Oviedo y Camacho Baños, profesores de Sevilla; Sabino Álvarez Gendín, de la Universidad de Oviedo; José Ferrandi Torres, de la Universidad de Valladolid; Felipe Gil Casares, rector de la Universidad de Santiago; Luis Bermejo Vida y Paulino Saviron Cavarantes, de la Universidad de Zazagoza; Antono Maria Ocete, rector de la Universidad de Granada; Manuel García Blanco, por la Universidad de Salamanca; Leonardo de la Peña, de la Universidad de Madrid, Rafael Luna Mogueras y duque de Maura. Cf.: *O Século*, n.º 20016, 06/12/1937, p. 2.

rango, el 8 de diciembre, ambos profesores, vestidos con el uniforme falangista, fueron vivamente homenajeados por el público, que aclamó el régimen franquista.<sup>551</sup>

Esta aproximación de la universidad portuguesa a la mentalidad franquista tuvo dos momentos simbólicamente muy relevantes en 1938. El primero se trata del homenaje realizado por la Academia Española en territorio franquista, en el propio campus universitario conimbricense, al poeta y director de la Facultad de Letras, Eugénio de Castro, el 11 de mayo de 1938.<sup>552</sup> La Academia de España se hizo representar por algunas de las principales autoridades de la cultura franquista: el presidente de la Academia de Historia, el duque de Maura, el Jefe de los Servicios de Bibliotecas y Archivos, Javier Laso de la Vega, un mimebro del Servicio Nacional de Prensa, Juan Hernández Sampelayo, el prestigioso intelectual catalán Eugenio D'Ors, y el marqués de Villaurrutia. El acto estuvo sometido a todos los ritos protocolarios de la Universidad de Coimbra y congregó a centenares de personas que no quisieron perderse el desfile de todas las autoridades académicas antes de entrar en la clásica Sala dos Capelos, donde se celebró el homenaje en el que los intelectuales españoles hicieron entrega de una simbólica palma a Eugénio de Castro.<sup>553</sup> La sesión fue presidida por el rector y presidente de la comisión de la União Nacional en el distrito João Duarte de Oliveira,<sup>554</sup> que antes de iniciar la ceremonia dirigió unas palabras a los presentes expresando la admiración y el apoyo de la universidad lusa al “nacionalismo” español,<sup>555</sup> que estaba luchando contra una “vaga

---

<sup>551</sup> *Idem*, n.º 20019, 09/12/1937, p. 2.

<sup>552</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2533, 13/05/1938, p. 4; *idem*, n.º 2534, 14/05/1938, p. 8.

<sup>553</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5557, 12/05/1938, p. 5.

<sup>554</sup> Torgal, Luis Reis, “A Universidade, a Ditadura e o Estado Novo (1926-1961). Notas de uma investigação colectiva”, art. cit., p. 407.

<sup>555</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2534, 14/05/1938, p. 8.

honda de grosseiro materialismo”.<sup>556</sup> Con el brazo extendido para saludar al público antes de su discurso, Eugenio D’Ors trató de explicar en qué consistía ese nacionalismo: “Na realidade”, dijo, “nós não somos nacionalistas, não defendemos os direitos particulares dum povo, mas sim a causa inteira da cultura, a qual tem por base a comunidade universal, em que asentam igualmente a beleza grêga e o direito romano, as curvas do manuelino do pórtico do Convento do Cristo ou do fundo oceano da pintura de Nuno Gonçalves (...)”.<sup>557</sup> Las palabras de D’Ors fueron aclamadas ampliado por otros oradores que le sucedieron, como el homenajeadó Eugénio de Castro, que volvió a insistir en el mismo argumento:

“A vinda a Coimbra de tão luzida embaixada intelectual, que em qualquer ocasião seria honrosissima para mim, para esta Universidade e para Portugal, mais honrosa se torna ainda pela circunstancia de se realizar no momento em que, ao cabo de dois anos de tremenda carnificina, a Espanha heroica, a Espanha nacionalista vê finalmente aparecer e pairar sôbre o fragor dos ultimos combates, o vulto fulgurante da vitoria, que há-de reintegrá-la na dupla grandeza que lhe compete, pela altiva consciencia do seu passado e pela inabalável fé com que olha para o futuro. A vinda a Coimbra de tão ilustres hóspedes, nesta hora decisiva para eles, para a sua grande pátria e para a civilização ameaçada pela truculencia diabólica do bolchevismo, a sua vinda a Coimbra para festejar um simples poeta, constitue uma afirmação de idealismo heroico, pois mostra como os vôos do espirito, mais perto dos astros do que das paixões humanas, passam incólumes sôbre o troar dos canhões e o sibilar das metralhadoras. Comparando a minha obra literaria com a generosa exaltação de que ela está sendo

---

<sup>556</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5557, 12/05/1938, p. 5.

<sup>557</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2534, 14/05/1938, p. 8.

objecto, julgo em consciência que o exagêro dos favores que me prestam se explica pela circunstancia de serem prestados a um português. Se assim é, como creio, sem deminuição do apreço em que tenho os louros recebidos, pelo muito que eles pessoalmente representam para mim, sinceramente me congratulo por ter sido eu o pretexto desta nova afirmação da fraterna amizade dos dois gloriosos povos da península. Agradeço comovidamente todas as demonstrações de estima que acabo de receber e termino, clamando do fundo do coração: Arriba Espanha!. Viva Portugal!.”<sup>558</sup>

El segundo momento significativo del proceso de legitimación académica del fascismo español ocurrió el 11 de diciembre de 1938, cuando la Univesidad de Coimbra vuelve a conceder el doctorado Honoris Causa a otro de los representantes de la cultura fascista en España.<sup>559</sup> En este caso se trataba de Eugenio D’Ors, que tuvo como padrino al hermano del general Franco y su embajador Lisboa, Nicolás Franco, al que acompañaron durante la ceremonia otros diplomáticos de la *embajada negra*, algunos de ellos vestidos con el traje falangista.<sup>560</sup> El intelectual español recibió las insignias doctorales y el anillo de la mano de Duarte de Oliveira tras escuchar las palabras de presentación de su padrino, que alabó la labor de la Universidad de Coimbra, por su “(...) pública demonstração do seu propósito de contribuir para a aliança espiritual dos dois Estados peninsulares; mostra assim que não esquece as suas obrigações ao serviço da Nação (...)”.<sup>561</sup> El homenaje tuvo como colofón la inauguración de la Sala Española de la Facultad de Letras.<sup>562</sup> Eugenio D’Ors recibió también, en mayo de 1937, el reconocimiento público

---

<sup>558</sup> *Ibidem.*

<sup>559</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2744, 12/12/1938, p. 1.

<sup>560</sup> *Ibidem.*

<sup>561</sup> *Ibidem.*

<sup>562</sup> *Ibidem.*

del rector de la Universidad de Lisboa, J. Caeiro da Matta (que actuó como representante de Portugal ante la Sociedad de Naciones durante los debates sobre la política de no-intervención en la guerra española), quien lo invitó a realizar varias conferencias en la capital portuguesa.<sup>563</sup>

Los reconocimientos a la España franquista culminaron en octubre de 1949 con el Doctorado Honoris Causa al propio general Franco. Entonces la coyuntura política era otra. Pero como analizó António Pedro Vicente,<sup>564</sup> la Guerra Civil todavía era un recuerdo vivo, y tanto Franco como la prensa portuguesa así lo quisieron subrayar en sus discursos en Portugal al aludir a la participación portuguesa en el conflicto.<sup>565</sup> En 1949, la dictadura española, como durante la guerra, necesitaba el reconocimiento internacional para continuar legitimándose ante el pueblo español. Aislado internacionalmente, volvió a encontrar en el país hermano un nuevo punto de apoyo para seguir alimentando su propaganda y buscar una aproximación a Inglaterra y Estados Unidos. El gesto, según Vicente, fue muy beneficioso para el general Franco, que durante su gobierno sólo abandonó España para viajar a Coimbra.<sup>566</sup>

La oposición de algunos sectores estudiantiles y docentes de la Universidad de Coimbra a la nueva coyuntura política,<sup>567</sup> obligó al gobierno de Salazar a adoptar medidas especiales de carácter represivo contra la Associação Académica de Coimbra (AAC) durante la

---

<sup>563</sup> Caeiro da Matta, J., *Ao serviço de Portugal*, vol. II, Lisboa, Imprensa Portugal-Brasil, 1944, pp. 115-122.

<sup>564</sup> Vicente, António Pedro, "Franco en Portugal. O seu doutoramento *Honoris Causa* na Universidade de Coimbra – 1949", in *Revista de História das Ideias*, vol. 16, Coimbra, Faculdade de Letras, 1994, pp. 19-71.

<sup>565</sup> *Idem*, pp. 25-26.

<sup>566</sup> *Idem*, pp. 57-58.

<sup>567</sup> Gregório, Nídia, "Subversão e repressão na Universidade no início do Estado Novo – dois casos exemplares", in Torgal, Luis Reis (coord.), *Ideologia, Cultura e Mentalidade. Ensaios da Universidade de Coimbra*, op. cit. pp. 23-76.

guerra española. El ministro de Educação Nacional intervino en el proceso electoral para elegir a los nuevos representantes de esta relevante organización universitaria en noviembre de 1936 al percibir una posible derrota de los estudiantes fieles a sus consignas.<sup>568</sup> Para frenar la irreverencia de la institución académica, Carneiro Pacheco suspendió las elecciones y nombró a dedo una nueva dirección general formada por “(...) estudantes que sejam dotados de espírito de cooperação e deem garantias de realizarem uma acção exclusivamente educativa e de assistência”.<sup>569</sup> Esta medida fue aplaudida por *A Voz* porque “(...) veio a inutilizar mais uma tentativa *reviralhista* dentro da universidade de Coimbra”.<sup>570</sup> La nueva directiva de la histórica Associação Académica quedó finalmente integrada por “(...) um grupo de rapazes briosos e patriotas”, “dirigentes bem portugueses orientados por principios nacionalistas”, como quería el gobierno salazarista.<sup>571</sup> Lo mismo ocurrió en la Universidad de Lisboa. Allí el ministro obligó a modificar los órganos directivos de la Associação Académica da Faculdade de Direito, que según *A Voz*, era un feudo “jacobinista, grosseiro e obstinado”<sup>572</sup> del periódico opositor *O Diabo*, mientras éste respondía calificando la operación de “indecencia inmoral”.<sup>573</sup>

Gracias a esta “limpieza” de los elementos subversivos en las instituciones universitarias, los franquistas pudieron colaborar abiertamente con la AAC. En octubre de 1938, una delegación de

---

<sup>568</sup> *A Voz*, n.º 3491, 08/11/1936, p. 6.

<sup>569</sup> *Ibidem*.

<sup>570</sup> *Ibidem*.

<sup>571</sup> *A Voz*, n.º 3492, 10/11/1936, p. 1. La dirección general de la Associação Académica de Coimbra quedó formada por los siguientes miembros después de la intervención de la dictadura. Presidente: Pedro Miller Guerra; vice-presidente: José Guilherme de Mello e Castro, vogais: Joaquim Morais Almeida, Alexandre Pessoa Vaz, Ruy Cunha, Joaquim Duarte de Oliveira y José Brito Barbosa.

<sup>572</sup> *A Voz*, n.º 3492, 10/11/1936, p. 2.

<sup>573</sup> *Idem*, n.º 3512, 30/11/1936, p. 1.

10 estudiantes de esta organización, fueron invitados por el falangista Sindicato Español Universitario (SEU) para celebrar en la Universidad de Oviedo la “liberación” de la capital de Asturias por el “Glorioso Ejército Español del Generalísimo Franco”.<sup>574</sup> Al volver de Oviedo, la AAC expresó a Nicolás Franco el agradecimiento por el “carinhoso convite” de su gobierno, que les dejó un dulce recuerdo sobre el significado del Alzamiento fascista español: “(...) Dos nosos colegas espanhóes todos trouxemos o coração repleto das melhores recordações e uma certeza consoladora a encher-nos a alma, a da próxima e definitiva victoria dos heroicos exércitos de Franco e com eles o triunfo da civilização cristã que para nós, estudantes portugueses, é igualmente sagrada e insubstituível (...)”.<sup>575</sup>

Los estudiantes salazaristas de Coimbra fueron también protagonistas de las otras dos caravanas de ayuda humanitaria organizadas junto con las otras universidades portuguesas, la de Lisboa y la de Porto, cuya popularidad, tanto en el territorio sublevado como en Portugal, fue enorme. El director del *Rádio Club Português*, Jorge Botelho Moniz, fue el coordinador y patrocinador de esta versión universitaria de los convoyes humanitarios,<sup>576</sup> que tuvieron como destino Sevilla, en un recorrido entre folclórico y festivo que atravesó varios pueblos andaluces que saludaron festivamente el paso de los representantes de la alta cultura portuguesa. Sin implicar directamente al gobierno de Salazar, los *combóios* resultaban ser uno de los más efectivos instrumentos de propaganda del Estado Novo en España, mientras para el gobierno de Burgos su carácter de ayuda popular exterior era también clave para persuadir a la población

---

<sup>574</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Oficio n.º 595 del embajador rebelde en Lisboa al Rector de la Universidad de Coimbra, 10/10/1938.

<sup>575</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Carta de José Freire Neves de la dirección general de la Associação Académica de Coimbra al embajador rebelde en Lisboa, 12/10/1938.

<sup>576</sup> *A Voz*, n.º 3560, 20/07/1937, p. 6; idem, n.º 3575, 05/02/1937, p. 1; idem, n.º 3581, 12/02/1937, p. 6.

bajo su control de su condición de víctimas frente a Madrid y del reconocimiento de la sociedad lusa, al margen de alianzas militares o tramas políticas.

El ejército rebelde, que apadrinaba y celebraba la llegada estas caravanas populares como auténticas victorias en los campos de batalla, era la mejor manera de legitimarse ante los españoles, que, en una situación de desamparo y miseria, las recibían como si fueran sus salvadores. Las caravanas de estudiantes vinieron a dar continuidad, durante 1937, a los cuatro *combóios* que ya había organizado el RCP entre octubre y diciembre de 1936. El primero, que partió el 5 de febrero, fue una demostración más de la solidaridad portuguesa y de la eficacia de la propaganda franquista en Portugal. En este convoy participaron un total de 515 personas, la mayoría estudiantes universitarios y de enseñanzas medias que viajaron en los 105 camiones cargados de víveres o en automóviles particulares.<sup>577</sup> Entre el medio millar de personas integrantes de la misión había una nutrida representación de la Universidad de Coimbra, que desplazó a Sevilla a su famoso Orfeón Académico.<sup>578</sup> Los donativos fueron recogidos por todo el país por comisiones de estudiantes que seguían las instrucciones de una comisión central establecida en Lisboa, que era asesorada y apoyada por los agentes franquistas de la colonia española.<sup>579</sup> Los diarios portugueses, una vez más, publicaron todo tipo de apelos, mensajes e instrucciones a la población portuguesa para

---

<sup>577</sup> *A Voz*, n.º 3581, 12/02/1937, pp. 1 y 6.

<sup>578</sup> *O Século*, n.º 19716, 05/02/1937, p. 5.

<sup>579</sup> Los estudiantes que formaban la Comisión Central eran: Manuel de Serra Alves, Álvaro Vieira de Monte Pegado, José António de Campos Henriques, Armando Stichini Vilela y José Pinto de Moraes Soares. Cf.: *O Século*, n.º 19717, 06/02/1937, p. 4. Las entidades o personas que se ocupaban de almacenar los donativos en víveres, a los que la prensa portuguesa recomendaba hacer envíos eran los siguientes: el Consulado español en Lisboa, la sede de la Federação Nacional para a Alegria no Trabalho, en la Rua Vitor Cordon, 1. En Oporto, José Leitão, en la Quinta do Campo Alegre. En Aveiro, Francisco do Vale Querubim Guimarães. En Elvas, José Nunes da Silva Júnior, y, en Covilhã, Fernando Carneiro. Cf.: *A Voz*, n.º 3546, 06/01/1937, pp. 1 y 6.

que se solidarizase con la misión humanitaria de los estudiantes lusos, además de las oportunas noticias y reportajes sobre un evento que centró la atención informativa del país. El día de la partida, *A Voz* ocupa toda su primera página con retratos de los generales Queipo de Llano y Franco, un editorial del director y un mensaje de los estudiantes portugueses a los españoles, que subraya el sentimiento de fraternidad que simbolizaba el *combóio-automóvel*, fundamentado sobre la hermandad de las dos patrias, de las creencias religiosas y de la “vanguardia mental”:

“(...) Estudantes nacionalistas espanhóis: Estamos certos que a verdadeira Espanha trinunfará da sucursal ibérica do dictador da URSS. Convosco invocamos os heróis que nos fizeram grandes como povos irmãos. Convosco invocamos S. Tiago nesta nova correira aos mouros. Convosco desejamos sentir a alegria forte da vitoria!

Vão umas dezenas de estudantes portugueses significar-vos a amizade e a solidariedade que nos prende a vós. São poucos mas vai com ele o coração da gente moça de Portugal!, que está ao vosso lado, e sente como vós os altos ideais da cristandade ameaçada. De braços estendidos os saudamos, de braços estendidos saudaremos o clarim da guerra se preciso fôr também; - vai nesta saudação uma revolta de alegria e de esperança. Cremos na vitoria da Latinidade sobre a barbarie pelas raças secularmente escravas. Viva Portugal! Arriba España!”<sup>580</sup>

Los estudiantes portugueses elaboraron también un mensaje que entregaron a las autoridades sevillanas para hacerlo llegar al Generalísimo. Una vez más, reafirman su condición profundamente

---

<sup>580</sup> *A Voz*, n° 3575, 05/02/1937, p. 1.

nacionalista y de adhesión al movimiento “liberador” de España, como salvador de la civilización cristiana y redentor de la patria:

“Excelencia:

Os estudantes de Portugal saudam em vós a Espanha redimida e redentora. Redimida já decisivamete pelo Calvario dos seus mártires, pela gloria dos seus heróis, pela vida dos seus mortos! Redentora – porque as asas da vitória, que se abrem sobre a vossa bandeira de fogo e sangue, de luz e sangue são, ao mesmo tempo, as asas abençoadas da própria civilização cristã. Saudam em vós a Espanha redimida e redentora – a Espanha da nova Ordem social, dos cidadãos soldados, dos sindicatos, das corporações, da hierarquia – do Chefe!

Nesta hora definitiva para os Nacionalismos, afundam-se e levantam-se cada vez mais as fronteiras terrenas, que delimitam a soberania dos Povos. Assim queremos as nossas – mas queremos também para a vossa Patria gloriosa – fiel servidora de Deus – as vitórias, as prosperidades, a riqueza, a ordem, o progresso – aquilo que sois e que cada vez mais sereis – uma grande Patria – a Espanha de ontem e de amanhã – a Espanha de hoje, que é já a Espanha de sempre.”<sup>581</sup>

La caravana fue recibida en loor de multitudes en tierras andaluzas. En Rosales de la Frontera, el *combóio* fue objeto de una recepción oficial por las autoridades insurgentes. Allí esperaba el rector de la Universidad de Sevilla, el miembro de la Delegación de Prensa y Propaganda de FET-JONS, Mariano de la Mota, una comisión del Sindicato de Español Universitario, junto a una delegación de requetés y otra de la sección femenina de la Falange. El convoy atravesó las poblaciones de Arouce, Cortellana, Jaluco, Saraloca, Aracena,

---

<sup>581</sup> *A Voz*, n.º 3581, 12/02/1937, p. 1.

Camas, entre otras, en las que se cubrieron sus calles de flores y se formaron pasillos con falangistas y militares que presetanban armas al paso de los estudiantes. En algunos de estos pueblos, se hicieron breves paradas en las que autoridades locales y universitarios lusos intercambiaron saludos oficiales.<sup>582</sup> Ya en Sevilla, el apretado programa de actividades de los participantes de la caravana estuvo cargado del simbolismo propagandístico del viaje. Durante dos días, los estudiantes lusos se sumergieron en la “cruzada” franquista para transmitir al pueblo español su deseo de ver una España resurgida y en orden como la que estaba construyendo el general Franco. Su estancia en la capital andaluza comenzó por una misa en la iglesia de la universidad para honrar a la virgen de la Macarena, cuyo altar había sido incendiado por los “marxistas”. Queipo de Llano, el alcalde de la ciudad, el gobernador civil, el arzobispo de Sevilla y el cónsul portugués se reunieron con la numerosa delegación portuguesa. En la plaza del ayuntamiento se organizó en su honor un desfile de “flechas” y “pelayos” en medio de una aglomeración de gente que aplaudió la prensencia portuguesa.<sup>583</sup> Acontecimiento que *O Século* describió como “(...) de inenarrável grandeza em que vibraram juntas as almas portuguesa e espanhola.”<sup>584</sup> Visitaron los hospitales militares, fueron invitados a un espectáculo teatral y una cena de gala con Queipo de Llano y varios de ellos participaron en un programa radiofónico en *Radio Sevilla*. Además, el Orfeón Académico de Coimbra dio un concierto en el Coliseo (ante los altos mandos facciosos y centenares de heridos de guerra), que abrió con los himnos de la Falange Española, el de Portugal y un discurso en español de su director, Raposo Marques, que recalcó el apoyo de su universidad a los “nacionalistas”. Los integrantes de la caravana se desplazaron

---

<sup>582</sup> *O Século*, n.º 19718, 07/02/1937, p. 6.

<sup>583</sup> *Idem*, n.º 19719, 08/02/1937, p. 6.

<sup>584</sup> *Ibidem*.

también a Jerez de la Frontera, donde se organizó un desfile militar y asistieron a una corrida de toros conmemorativa.<sup>585</sup> Cuando el parte oficial de guerra anunció la conquista de Málaga, los estudiantines portugueses fueron invitados a las celebraciones populares por este nuevo triunfo bélico, lo que fue motivo de orgullo para algunos diarios portugueses.<sup>586</sup>

El segundo *combóio-automóvel* partió de Lisboa el 29 de marzo de 1937 con un total de 50 camiones y 303 participantes.<sup>587</sup> El recorrido hasta Sevilla se realizó en las mismas condiciones que el anterior y las cuestaciones populares previas también contaron con el apoyo propagandístico de la prensa lusa. Los editoriales de *A Voz* volvieron a dejar patente todo su empeño en hacer de las caravanas una causa propia: “(...) Que cada um cumpra o seu dever! Quem não quizer auxiliar aos nacionalistas por amor a Espanha, que ao menos o faça por amor a Portugal! Dum e outro dá exemplo a juventude portuguesa, levando a Espanha mais um combóio-automóvel, que mais que um auxilio material traduz o apoio moral que não pode negar a quem em terras de Espanha defende também Portugal! (...)”.<sup>588</sup> El día 30 de marzo el periódico dirigido por Fernando de Souza publica en portada un interminable titular de saludo al general Queipo de Llano y los sevillanos:

---

<sup>585</sup> *Idem*, n.º 19721, 11/0271937, p. 8.

<sup>586</sup> *Idem*, n.º 19720, 09/0271937, p. 6.

<sup>587</sup> *A Voz*, n.º 3628, 01/04/1937, p. 1. En esta ocasión la comisión central de la caravana estaba formada por los siguientes estudiantes: Antonio Gonçalves Lourenço, de la Escola Superior Colonial, Antonio Damaso da Silva, de la Faculdade de Ciencias, Jose Manuel Salema, del I. S. de C. E. e Financeiras, Mario Alegria, del I. S. de Agronomia, Alvaro Martins de Jesus, de la Escola Lusitania, António Gonçalves Pinto, Instituto Industrial, Fernando Mascarenhas Ferreira, de la Escola Lusitania, Gilberto Galvão de Carvalho, del Insituto Industrial, Frederico Quadros, Arnaldo Quadros y Mateus de Sousa, de la Faculdade de Medicina. Cf.: *idem*, n.º 3626, 30/03/1937, p. 1.

<sup>588</sup> *Idem*, n.º 3624, 27/03/1937, p. 6.

“Á formosa e culta cidade, grande na história, que ao aroma capituloso das suas abundantes flôres junta o perfume ardente da sua fé religiosa; Ao berço dos grandes genios da Arte: Velasquez e Murillo; Á arrojada iniciadora na Península da gloriosa reacção contra a tirania sangrenta do marxismo com o prestigioso General Queipo de Llano á frente; Á encantadora Sevilha, a nossa saudação fraternal em comunhão de sentimentos com a entusiastica mocidade académica portuguesa e os nossos votos de rápida e completa vitória, por Deus e pela Pátria. A VOZ”.<sup>589</sup>

#### 4.4. Los Juegos Florales Luso-Españoles

Los *Jogos Florais Luso-Espanhães* se realizaron el Teatro São Luiz de Lisboa el 24 de mayo de 1937 para recaudar fondos destinados a los hospitales del ejército rebelde.<sup>590</sup> En su organización participó el periódico *A Voz*, que fue el promotor y principal propagandista del acontecimiento, dentro de su intensa campaña a favor de la España franquista. Se trató de un encuentro intelectual en el que participó activamente la aristocracia española y portuguesa y algunos de los intelectuales franquistas y salazaristas que más promocionaban la política de intercambio ideológico del fascismo ibérico. La comisión organizadora estaba formada por Ana de Lancastre Laboreiro Pedrilha, Mecia Mouzinho de Alburquerque y Madalena Trigueiros de Martel Patricio.<sup>591</sup> Su afán recaudador les llevó a poner hasta cuatro teléfonos informativos y de reservas a disposición del público, así como varios puntos de venta en Lisboa.<sup>592</sup> La comisión

---

<sup>589</sup> *Idem*, n.º 3626, 30/03/1937, p. 1.

<sup>590</sup> *A Voz*, n.º 3681, 25/05/1937, pp. 1 y 6.

<sup>591</sup> *Idem*, n.º 3609, 12/05/1937, p. 1.

<sup>592</sup> *O Século*, n.º 19789, 20/04/1937, p. 2; *A Voz*, n.º 3649, 22/04/1937, p. 1. Los precios de los billetes eran los siguientes, según nos cuenta *A Voz*: “Camarotes de 1.ª e

de honra la formaban los directores de de los periódicos *Diário de Notícias*, *Jornal do Comércio*, *O Século*, *Diário da Manhã*, *Diário de Lisboa* y *Novidades*, junto a los escritores portugueses Antero de Figueiredo y Eugénio de Castro, el presidente de la Academia de Belas Artes, José de Figueiredo, el presidente de la Academia de Ciências, Júlio Dantas, los pintores Jorge Colaço, Carlos Reis y Ricardo Bensaúde, el arquitecto Raúl Lino, el general Farinha Beirão, Ortigão Ramos y un representante del *Rádio Club Português*.<sup>593</sup>

El jurado que elegiría a los premiados entre los participantes en los juegos estaba formado por el director de *A Voz*, Fernando de Souza, Alberto Bramão, Afonso Lopes Vieira, el marqués de Quintanar y el duque de Maura.<sup>594</sup> Los Jogos Florais siguieron un ritual del siglo XIV. Se formaron simbólicamente dos cortejos, uno español y otro portugués,<sup>595</sup> cada uno de ellos con una reina y encabezado por la figura de un “mantendor” o representante que ejercía de portavoz; el portugués debía hacer apología de España y el español al contrario. Ambas cortes estaban formadas por personas de noble linaje y sus “mantedores” eran dos intelectuales de referencia de cada uno de los países. En el caso español fue el ministro de Cultura franquista, José M<sup>a</sup> Pemán, y en el portugués el escritor Alberto Pinheiro

---

frizas, 250\$00; Camarotes de 2.<sup>a</sup> ordem: 150\$00; Balcão 1.<sup>a</sup> ordem 1.<sup>a</sup> fila, 60\$00; Plateia até a fila L, 50\$00; Plateia da fila L para trás, 40\$00; Balcão 2.<sup>a</sup> ordem, 30\$00; Peões em baixo, 15\$00; Geral, 10\$00”.

<sup>593</sup> *Idem*, n.º 3671, 15/05/1937, p. 1.

<sup>594</sup> *Idem*, n.º 3609, 12/05/1937, p. 1.

<sup>595</sup> La corte española tenía como reina a la hija de los condes de la Sierra, sobrina también del conde de S. Luiz, que fue embajador de España en Portugal, La reina portuguesa era la descendiente del rey D. João VI Maria do Carmo Cabral da Câmara. Sus damas eran: D. Maria Domingas da Sousa Coutinho (Borba), D. Filomena de Bragança Correia de Sa (Assecá), D. Dina Perestrelo de Vasconcelos Cabral, D. Maria Amelia Burnay Morales de los Rios Frois, D. Maria José de Melo Breyner Pinto da Cunha, D. Laura Pinto Basto Constancio, D. Maria Margarida de Alte Guedes da Fonseca e sua irma D. Maria José, D. Maria Tereza de Melo Lapa (Vila Nova de Ourem), D. Ana Maria de Lancastre Pedrilha, entre otras. Cf.: *ibidem*.

Torres.<sup>596</sup> Los premios, consistentes en flores de oro y de plata, fueron donados por las marquesas de Vega de Anzo y la de Monte Real, la duquesa de Palmela, las condesas de Ficalho, de Sabugosa, dos Arcos, de Murça, de Avillez, de Vila Flor, entre otras.

Los Juegos Florales comenzaron con la entrada en el Teatro de São Luiz de ambos cortejos nacionales mientras la orquesta de la Guardia Nacional Republicana tocaba los himnos de la Falange Española, el de los requetés y A Portuguesa con la asistencia en pie. Luego el presidente del jurado, Fernando de Souza, dirigió unas palabras al público para recordar el origen y las vicisitudes de las cuestaciones nacionales a favor de los franquistas. Tras él comienza su alocución Alberto Pinheiro Torres, que ensalza las maravillas patrimoniales de España para hacer más trágica aún su triste destrucción por la artillería republicana, al mismo tiempo que explica los motivos por los cuales el gobierno de su país no se mostraba neutral durante el conflicto:

“(…) Como poderíamos conservarn-os neutrais? Como é que uma inteligencia esclarecida e uma consciencia bem formada poderiam ficar neutrais nun conflito em que se jogam os destinos do mundo, da civilização cristã, enfrenta o anti-comunismo, que é anti-natural, anti-humano e anti-cristão, dignificando um regresso á barbaria? Nunca houve maior atentado contra a personalidade e dignidade humanas. Quem pode admitir que perdure um regime que significa a monstruosa abolição de todas as regras de

---

<sup>596</sup> Alberto Pinheiro Torres era abogado, escritor, periodista y diputado. Era licenciado en Filosofía y Derecho con brillante expediente. Ejerció diversos cargos políticos en el distrito de Oporto y publicó variadas obras literarias. Se exilió en Madrid y París después del advenimiento de la república en Portugal. Durante el gobierno de Sidónio Pais y el Estado Novo volvió a ocupar cargos importantes, entre ellos el de director de la Cadeia Civil do Porto. Sus profundas convicciones católicas lo llevaron a dirigir el semanario católico *A Ordem*. Cf.: *Grande Enciclopedia Portuguesa e Brasileira*, vol. XXI, p. 760.

sociedade humana e que, como diz Cambó, suprime a propria vida na sua origem eterna. Neutralidade? Como ficar neutral entre a virtude e o crime, entre o bem e o mal, entre Deus e as potencias satânicas do êrro? A França, durante a Grande Guerra, não se cansou de protestar contra o que dizia serem os atentados alemaes, como o bombardeio da Catedral de Reims, o incendio da Biblioteca de Lovaina. E agora pretende a neutralidade das outras nações para os que incendiaram a preciosissima biblioteca de Granada e destruíram voluntariamente todo o patrimonio de arte da Catalunha, causando o maior desastre de todos os tempos! Como permanecer indiferente ao duelo entre a cultura occidental, latina, e a barbaria? Ser neutral na peleja entre Roma e Moscovo é trair á causa da civilização, do espirito, a causa sagrada de Deus, e da Patria, e eu quero morrer na graça de Deus e de Portugal. (...) Portugal e Espanha, em aliança, prenuncio venturoso do fecundissimo concerto entre as gentes hispanicas da Europa e da America, tambem não poderam servir a um Senhor que morra: é no fundo a causa de Deus porque se batem e morrem. Deveu-se para sempre á civilização de Cristo, que o espirito peninsular tem sêde de absoluto, e soube primeiro que ningum imprimir uma directriz mundial e á sua concepção de vida (...).<sup>597</sup>

José M<sup>a</sup> Pemán se refiere en su discurso a la “plaga marxista” peninsular. Insiste en la sólida unión que une a los dos países ibéricos frente al “enemigo ruso”.<sup>598</sup> La ideología política de ambos portavoces estaba plasmada en las creaciones literarias que se presentaron a los Juegos Florales. Todos los premiados presentaron trabajos relacionados con la Guerra Civil, el nacionalismo salazarista o el

---

<sup>597</sup> *A Voz*, n.º 3681, 25/05/1937, p. 6.

<sup>598</sup> *Ibidem*.

movimiento falangista.<sup>599</sup> Las obras premiadas fueron publicadas en la prensa portuguesa o editadas en forma de folleto.<sup>600</sup> La organización editó también un libro conmemorativo que recogió el conjunto de los trabajos presentados, así como diversos datos de la organización, los perfiles biográficos de los “mantenedores” y varias fotografías de los protagonistas y la ceremonia, que se tituló *Jogos Floraes Luso-Espanhães no Estilo do Século XIV Realizados em Lisboa no dia 24 de Maio de 1937 a beneficio dos hospitães da Espanha Nacionalista*, vendido al precio de 15 escudos.<sup>601</sup> Los premios estuvieron expuestos al público en los escaparates de la editora Parceria António Maria Pereira y los Establecimientos Martins durante varias semanas antes

---

<sup>599</sup> Los trabajos premiados fueron los siguientes. Obras portuguesas: con Rosa de Oro, “Voz de Deus”, poesía religiosa de Ramiro Guedes de Campos. Con Rosas de Plata: “Herói desconhecido”, cuento de Maria de Figueiredo; “Parabola das três irmãs”, poesía filosófica de Jaime de Sampaio; “Lacrimae Rerum”, soneto anónimo; “Gesta transmontana das guerras de D. João I”, episodio histórico del Conde de São Payo; “Maio florido”, poesía descriptiva de Faustino dos Reis Sousa; “Nunca é sempre”, quadra de Laura Chaves; “Ventos de Espanha”, cuento de Antonio Montês; “Vilancete”, poesía de Albero Cardoso dos Santos; “Portugal bendito”, poesía heroico-lírica de Beatriz Arnut; “A Cova dos lobos”, cuento nacionalista del Conde de Alvelos; “Comparaçã”, poesía nacionalista de Ruy Correia Leite, y “Retornelo”, poesía vasca de Antonio Pereira. Menciones honoríficas: “O teu lenço branco” soneto de Carlos Cilia; “Porquê?”, soneto de Alberto Cardoso dos Santos; “O marxista”, poesía vasca de Fernando Monteiro S. de S. Rosa; “A maior beleza”, soneto de José F. Cesar Junior; “A Cruz”, quadra de D. Maria Francisca de Avilez da Fonseca Acciaoioli; “Carta de um nacionalista”, poesía vasca de D. Maria de Figueiredo; “D. Rodrigo”, poesía vasca de Antonio Benjamin de Lima; “A visão de El-Rei”, episodio histórico de Luiz Chaves; “Cadetes de Toledo”, poesía heroica de Alberto de Cardoso dos Santos; “Vistor mortis”, soneto de Serafim Pereira da Silva Lopo; “Milagre da Fé”, prasa religiosa de D. Alda Ferreira Mendes; “Toledo” poesía heroica de Antonio de Oliveira, Filho; “Mentiras...”, quadra de José F. Cesar Junior; “Canção de amor...”, poesía lírica de José Guerreirp de Moura. Obras literarias españolas premiadas: con Rosa de oro, “A mi patria”, poesía heroica del reverendo Optaciano de la Vega del Río, que se presentó con el seudónimo “En España comienza a amanecer”. Rosa de Plata: “La Falange femenina española”, narrativa de Víctor M. Sola. Mención honorífica: “Tríptico teologal”, poesía religiosa de Adela de Medina. Cf.: *Ibidem*.

<sup>600</sup> *A Voz*, n.º 3698, 11/06/1937. *Bazar das Letras, das Ciencias e das Artes. Suplemento Literario de A Voz*, n.º 16, año II, pp. 2 y 3.

<sup>601</sup> *Jogos Floraes Luso-Espanhães no Estilo do Século XIV Realizados em Lisboa no dia 24 de Maio de 1937 a beneficio dos hospitaes da Espanha Nacionalista*, Lisboa, Tipografia Americana, 1937.

de la celebración.<sup>602</sup> Durante el acto se vendieron rosas, así como programas y diplomas de los Jogos Florais ilustrados con dibujos de Carlos Reis y Jorge Colaço a favor de la campaña de *A Voz*. La jornada recaudatoria alcanzó un beneficio total de 32000 escudos.<sup>603</sup>

#### 4.5. Turismo y propaganda de guerra

A partir de 1938, el gobierno de Burgos abrió su territorio a las visitas turísticas de extranjeros para que pudiesen comprobar las “destrucciones” del “ejército rojo” y contribuyesen con sus divisas a la reconstrucción nacional del Estado franquista. El Jefe del Servicio Nacional de Turismo (integrado en el Ministerio de Interior), Luis Antonio Bolín, configuró dos rutas guiadas que fueron intensamente promocionadas en Portugal a través de la Representación de la Junta de Burgos. Luis Bolín coordinó con Nicolás Franco la propaganda de las denominadas “Ruta de Guerra del Norte” y la “Ruta de Guerra de Andalucía” para intentar atraer al mayor número de turistas portugueses posible.<sup>604</sup> Se imprimieron folletos diversos que se distribuyeron por las agencias lusas y se ofrecieron facilidades burocráticas para conseguir la entrada en la España en poder de los sublevados. Se suprimió la obligatoriedad del pasaporte para atravesar la frontera y sólo se requería un visado validado por la policía portuguesa.<sup>605</sup> La estrategia incluía la utilización de periodistas portugueses para difundir la existencia de esta oferta turística del gobierno del general Franco.

---

<sup>602</sup> *A Voz*, n.º 3682, 26/05/1937, p. 1.

<sup>603</sup> *Idem*, n.º 3683, 27/05/1937, p. 1.

<sup>604</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Oficio n.º 4184 de Luis Antonio Bolín, del Servicio Nacional de Turismo, al embajador rebelde en Lisboa, 14/09/1938.

<sup>605</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Oficio n.º 261 del Subsecretario del Ministerio de Asuntos Exteriores al embajador rebelde en Lisboa, 30/08/1938.

La Ruta de Guerra del Norte fue inaugurada el 12 de julio de 1938 por una caravana de agentes turísticos y periodistas lusos invitados por las autoridades rebeldes para recorrer, desde Vigo hasta Santander, las principales poblaciones que las tropas franquistas conquistaron durante la guerra en la parte más meridional del país: Santiago de Compostela, Lugo, Oviedo, Gijón... El viaje duró 9 días y, durante el mismo, los informadores enviaron crónicas a sus respectivos periódicos describiendo las excelencias del territorio controlado por los insurgentes. Los participantes de la ruta inaugural fueron: Jorge Faria, como representante del Sindicato Nacional dos Jornalistas, Apri-gio Mafra, del *Diário de Notícias*, Gustavo de Matos Sequeira, de *O Século*, el intrépido cronista del *Diário de Lisboa* Artur Portela y su fotógrafo Deniz Salgado, Mário Martins y Costa Júnior, del *Diário da Manhã*, Eduardo dos Santos, del *Comércio do Porto*, el padre Avelino Gonçalves, de la *Rádio Renascença*, el marqués de Lavradio, del Automóvel Club de Portugal, Santos Silva de la agencia Wagons-Lits, Roberto Bueneja Tato, de Turismo Portugal Ltda., así como representantes de varios organismos corporativos portugueses.<sup>606</sup> Los informadores lusos fueron tratados con extraordinaria amabilidad, especialmente en lo que se refiere a las invitaciones gastronómicas. Desde Vigo, Artur Portela describe para su periódico el trato suntuoso que reciben de las autoridades locales:

“(...) Se a Espanha fôsse só isto, diríamos que a guerra, que dura há dois anos, era, apenas, um pesadelo da imaginação. O *comedouro*, luxuoso, sortido, animado, parece a “sala” dum palace sumptuoso. Em Talavera passou-se fome; aqui morre-se de abundancia. Abre-se um Marquês de Riscal, elegante e aristocratico,

---

<sup>606</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2601, 20/07/1938, p. 8. El *Primeiro de Janeiro* envió a un periodista que firmaba sus crónicas desde España con las iniciales “L.D.”. Cf.: *Primeiro de Janeiro*, n.º 190, 14/07/1938, p. 1.

de perfume silvestre, e se não fosse entrar na sala, um oficial de regulares, com uma perna decepada por um estilhaço de granada, no ataque a Tresp, a guerra, senhores, não teria existido. A alma espanhola é feita destes contrastes. Sofre, de-certo, mas tem o orgulho de se reprimir - talvez para que não se lamentem ou não a chorem.”<sup>607</sup>

A la excursión se sumaron también algunos oficiales del ejército portugués, miembros de la União Nacional y de la Legião Portuguesa.<sup>608</sup> Además de los excepcionales reportajes propagandísticos realizados por los reporteros a lo largo de la Ruta del Norte, el periodista del *Comércio do Porto*, Eduardo dos Santos, popularmente conocido como “Edurisa”, publicó un libro sobre el recorrido turístico titulado *A rota de guerra do norte de Espanha*, en el que construye un relato adaptado a la retórica franquista.<sup>609</sup>

La ruta andaluza comenzó el primero de diciembre. Su itinerario era el siguiente: Algeciras, Málaga, Granada, Córdoba, Sevilla (tres días), Jerez de la Frontera, Cádiz, y otra vez Algeciras, con excursiones eventuales al Marruecos español (Ceuta, Tetuán y Xauen), Roda y el monasterio de La Rábida para visitar la carabela Santa María, como símbolo de la colonización española. El recorrido se efectuó en autocares, con guías-intérpretes del Servicio Nacional de Turismo y se establecieron precios reducidos en los transportes nacionales para los turistas y enlaces con los ferrocarriles franceses y portugueses.<sup>610</sup>

---

<sup>607</sup> *Diário de Lisboa*, n.º 5619, 13/07/1938, p. 4.

<sup>608</sup> Santos, Eduardo dos, *A rota de guerra do norte de Espanha*, Porto, Livraria Civilização, 1938.

<sup>609</sup> *Ibidem*.

<sup>610</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6639. Informe del Servicio Nacional de Turismo del 12/09/1939.

#### 4.6. Otras formas de intercambio ideológico

Sería muy extenso el relato de los innumerables eventos que las autoridades franquistas y salazaristas organizaron como medio de intercambio ideológico para avalar internacionalmente sus respectivos sistemas políticos. En este apartado se mencionarán únicamente aspectos relacionados con la propaganda fascista ibérica, prestando especial atención a aquellos elementos que tuvieron más repercusión periodística. La prensa afín al autoritarismo ibérico publicó decenas de reportajes y artículos de opinión que hablaban de la excelente relación entre en Estado Novo y la *nueva* España de Franco. Los elogios recíprocos, muchas veces orquestados, contribuyeron a la legitimación mutua ante ambas sociedades peninsulares.

El 14 de noviembre de 1936, el *Diário da Manhã* informa que son muchos los periódicos de la zona facciosa que le dedican artículos de opinión a Portugal, “(...) com palavras de admiração e de entusiástico louvor (...)”.<sup>611</sup> Según esta cabecera muchas de las informaciones y fondos que constataban aquel repentino lusitanismo de la prensa española estaban firmados por los “(...) mais notáveis jornalistas e homens de letras do país vizinho”<sup>612</sup>. Versión que se vio confirmada también por *O Século* y muchos otros periódicos que recogieron los elogios de la prensa franquista hacia el Estado Novo.

El diario lisboeta *O Século*, dirigido por Pereira da Rosa, se hizo eco de la serie de artículos que el *Faro de Vigo* publicó en octubre de 1936 sobre Portugal, bajo el antetítulo: “Cordialidade hispano-lusitana”.<sup>613</sup> Este espíritu de amistad ya había quedado patente el 20 de agosto de 1936. El *Faro de Vigo* publicó entonces un editorial que elogia “o cavalheirismo e a nobreza” del gobierno portugués y le

---

<sup>611</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2003, 14/11/1936, p. 1.

<sup>612</sup> *Ibidem*.

<sup>613</sup> *O Século*, n.º 19705, 24/10/1936, p. 7.

augura un futuro de grandes conquistas después de que su director mantuviese un cordial encuentro con su homólogo de *O Século* dos semanas antes.<sup>614</sup>

El embajador de Portugal en España, Pedro Teotónio Pereira, planeó con las autoridades sublevadas la publicación de artículos favorables a Portugal en los periódicos franquistas, al igual que ocurría, conniventemente, entre la *embajada negra* y Salazar, que accedía a la difusión de sus “noticias” en los medios de comunicación lusos. En diciembre de 1938, P. T. Pereira comunica al Presidente do Conselho la publicación en la revista *Vértice* de una columna dedicada a la política externa del Estado Novo bajo su supervisión.<sup>615</sup> El artículo fue redactado por un periodista al servicio del Ministério dos Negócios Estrangeiros que escribió el texto “(...) como se olhase de cá (Espanha) para Portugal”, señala el diplomático portugués. La columna pasa revista los grandes logros del salazarismo y recuerda la ayuda providencial prestada por Salazar durante la guerra, resaltando “(...) a inolvidável atmosfera de confiança e de optimismo lançada pelos seus postos emissores (...)”.<sup>616</sup>

Además de la colaboración mutua en las campañas de prensa, hay muchos hechos que ilustran suficientemente hasta dónde llegó la “amistad” propagandística de los dos regímenes. En noviembre de 1937, por ejemplo, se producen varios actos significativos en Sevilla. El día 9 la Asociación de la Prensa realizó una corrida de toros de beneficencia en homenaje al Estado Novo con la asistencia de más de 15.000 personas que portaban banderas de Portugal. Al espectáculo acudieron Jorge Botelho Moniz, el gobernador militar de Lisboa,

---

<sup>614</sup> *Idem*, n.º 19554, 22/08/1936, p. 5.

<sup>615</sup> Carta de P.T. Pereira a Oliveira Salazar, 10/12/1938: Comissão do Livro Negro sobre o Regime Fascista, *Correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Oliveira Salazar (1931-1939)*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, 1987, documentos 63, 63a y 63b, pp. 121-131.

<sup>616</sup> *Idem*, p. 123.

Domingos de Oliveira, y el capitán Silva e Costa.<sup>617</sup> Dos días después se inauguró en Toledo el Instituto Oficial Portugués, Italiano y Alemán para la enseñanza de la lengua y cultura de los tres países fascistas.<sup>618</sup> Y el día 20 del mismo mes el ayuntamiento sevillano volvió a dejar constancia de su lusofilia aprobando la adjudicación de 386.000 pesetas para la apertura de una avenida dedicada a Portugal.<sup>619</sup> Iniciativa que fue imitada por otras ciudades, como Alicante,<sup>620</sup> A Coruña,<sup>621</sup> Xinzo de Limia,<sup>622</sup> Zamora<sup>623</sup> o Tuy,<sup>624</sup> en las que se inauguraron calles en honor de Salazar.<sup>625</sup> El alcalde de Valencia invitó a un barco de la Armada portuguesa y una banda de música a participar en las Ferias de Julio. Durante 1937, se realizaron encuentros como la visita de los diputados de la Asamblea portuguesa Luiz Supico, Nobre Guedes, mayor Cortés Lobão y Madeira Pinto a la capital andaluza, muy difundida por *El Correo de Andalucía* y *Falange Española*.<sup>626</sup> En mayo de ese año se celebró en la Facultad de Medicina de Zaragoza una sesión de reconocimiento a la medicina portuguesa

---

<sup>617</sup> *O Século*, n.º 19990, 09/11/1937, p. 6; *Diário de Lisboa*, n.º 5380, 10/11/1937, p. 4. Este segundo periódico envió a cubrir la noticia a su periodista Rogério Pérez. Los beneficios del acto ascendieron a 100.000 pesetas.

<sup>618</sup> *Idem*, n.º 19992, 11/11/1937, p. 7.

<sup>619</sup> *Idem*, n.º 20001, 21/11/1937, p. 2.

<sup>620</sup> AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 129, Processo n.º 33,2, oficio n.º 149 del Ministério de Negócios Estrangeiros a Pedro Teotónio Pereira, 25/08/1939.

<sup>621</sup> AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 129, Processo 33,2, nota verbal n.º 37 de la embajada de España en Lisboa al Ministério de Negócios Estrangeiros de Portugal, 24/03/1940.

<sup>622</sup> AOS/ANNT, CO/NE-9I, carpeta 2, 4.ª subdivisión, hojas 35 y 36, telegramas n.º 1506 y 1510 enviados por el Jefe de la Falange en Xinzo de Limia a Oliveira Salazar, 17/08/1936.

<sup>623</sup> *Idem*, 7.ª subdivisión, hoja n.º 39. Oficio n.º 913 del Ayuntamiento de Zamora a Oliveira Salazar, 31/08/1936.

<sup>624</sup> AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 129, Processo n.º 7/38, oficio n.º 401 del cónsul de Portugal en Tuy, Eduardo da Silva Ribeiro, al ministro dos Negócios Estrangeiros, 29/09/1938.

<sup>625</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2589, 08/07/1938, p. 5; *Diário de Notícias*, n.º 26079, 13/09/1938, p. 1.

<sup>626</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2075, 28/01/1937, p. 1.

por su ayuda durante la guerra.<sup>627</sup> El acto fue presidido por el profesor Royo Villanova, presidente de la Academia de Medicina de la ciudad aragonesa, junto al embajador de Portugal, el presidente de la Diputación y cónsul portugués en la Ciudad, Miguel Allué Salavador, y el alcalde, Miguel López de Gera.<sup>628</sup> En los pueblos fronterizos gallegos se sucedieron diversas celebraciones y encuentros luso-españoles a lo largo de toda la guerra. El Cónsul de Portugal en Ourense, José de Faria Machado, coordinó muchas de estas fiestas populares con las autoridades falangistas destinadas a elevar el prestigio de la dictadura portuguesa.<sup>629</sup>

Tras la firma del Tratado de Amistad y No Agresión firmado por los dos gobiernos ibéricos el 17 de marzo de 1939, los actos de homenaje e intercambio propagandístico se extendieron aún más. El ministro de la Gobernación de Franco, Serrano Súñer, puso en marcha un ciclo de conferencias en las principales ciudades españolas para informar de las ventajas del pacto, en el que participaron diplomáticos portugueses. El ciclo se abrió el 4 de abril en San Sebastián con la presencia de Pedro Teotónio Pereira, en un salón completamente adornado con banderas portuguesas y los retratos de ambos dictadores.<sup>630</sup> Serrano Súñer, en coordinación con el embajador luso, patrocinó la publicación de un número especial dedicado a Portugal en la revista *Domingo*, con una tirada extraordinaria. El sumario de la publicación fue previamente aprobado por el gobierno portugués, que autorizó los temas de los reportajes y sus autores. El proyecto de la edición incluía reportajes sobre el general Carmona, Salazar, la amistad luso-española, el Estado corporativo portugués, el ejército,

---

<sup>627</sup> *O Século*, n.º 19826, 28/05/1937, p. 2.

<sup>628</sup> *Idem*, n.º 19834, 05/06/1937, pp. 5 y 6.

<sup>629</sup> AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 129, Processo 43/39, oficio n.º 693 del Cónsul de Portugal en Ourense al ministro de Negócios Estrangeiros, 05/05/1939.

<sup>630</sup> AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 129, processo 26/39, oficio n.º 149 de Pedro teotónio Pereira a Salazar, 18/04/1939.

la Marina, el imperio colonial luso, la Hacienda, la literatura contemporánea, la prensa, el turismo, el pensamiento y el arte portugués. En carta al embajador portugués, el ministro de la Gobernación explica el plan después de conversar con el director de *Domingo*, en diciembre de 1938:

“(…) El Director de *Domingo* me dice que para el artículo sobre el General Carmona se le ha ofrecido el periodista portugués Sr. Boaventura. La figura del Dr. Salazar podría tratarla el Sr. Pabón, a quien V. E. conoce, entusiasta del hombre de Estado portugués. El Imperio Portugués estaría confiado al Dr. Ibáñez Martín, geógrafo e historiador, catedrático de Madrid. La Hacienda Portuguesa se encargaría al Dr. Sebastián, jefe de estudios del Banco de España. La Literatura Contemporánea Portuguesa al Marqués de Quintanar. Portugal, país de turismo, al periodista Francisco de Cossio. El Pensamiento Portugués a Don Eugenio Montes. El Arte Portugués al Marqués de Lozoya.”<sup>631</sup>

Por su parte, el SPN coordinó con P. T. Pereira la publicación de un número especial en la revista falangista ilustrada *Fotos*.<sup>632</sup> En junio de 1939, y dentro de la misma estrategia de orquestación, las publicaciones de los agentes rebeldes en el exterior difundieron reportajes sobre la participación de Portugal en la guerra en varios países. En Gran Bretaña, por ejemplo, la revista *Spain*, editada por el “Spanish Press Services”, publicó dos extensas crónicas en sendos números<sup>633</sup> sobre la intervención portuguesa, en la que se pone de manifiesto la clarividencia de Salazar en su apoyo al bando victorioso:

---

<sup>631</sup> AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 80, processo 35/2, carta de Serrano Suárez a Pedro Teotónio Pereira, 30/12/1938.

<sup>632</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6645, carta de la dirección de la revista *Fotos* a Nicolás Franco, 31/10/1939.

<sup>633</sup> *Spain*, n.º 90, 22/06/1939, pp. 240 y 256; idem, n.º 91, 29/06/1939, pp. 254 y 256.

“From de very first moment, Portuguese sentiment and understanding were on the side of Nationalist Spain. Portugal was the first to condemn inexorably the excesses of the Red militiamen and to denounce before the conscience of the world the horrors perpetrated by the Anarchist and Comunist bands. Her words were inspired by the Christian organisation and by her respect for human law. Her conscience also reacted to the danger to Western civilisation that would come from a triumph of the subversive social ideias in neighbouring Spain. These words form a summary of the purpose of the Portuguese Government in publishing the documents. The new portuguese State, under the direction of the robust political thought of Oliveira Salazar, takes pride in having defined her attitude, from the very beginning (...)”<sup>634</sup>

En otra dimensión propagandística, pero fruto de la política de intercambio franco-salazarista, el Ministerio de Negócios Estrangeiros invitó oficialmente al periodista franquista Francisco de Cossío a cubrir informativamente el viaje del Jefe de Estado portugués, el general Óscar Carmona, a las colonias africanas de Angola y São Tomé e Príncipe en el verano de 1938, dentro de una campaña de autoafirmación imperialista frente al expansionismo alemán. El viaje representó un renacer de la conciencia imperial del Estado Novo, que tenía serias sospechas de que Francia e Inglaterra estaban dispuestas a satisfacer las reivindicaciones territoriales de Hitler a

---

<sup>634</sup> *Idem*, n.º 90, 22/06/1939, p. 240. Los artículos de *Spain* fueron criticados por otro periódico vinculado a los leales y editado por Charles Duff, *Voice of Spain*, que publicó un extenso artículo sobre la silenciosa pero efectiva intervención portuguesa. Cf.: n.º 12, 24/06/1939, pp. 1, 46 y 47. Para conocer más detalles de la propaganda franquista en el exterior cf.: Rey, Marta, “*Stars of Spain*”. *Estados Unidos y la Guerra Civil española*, Ediciós do Castro, A Coruña, 1997; *idem*, “La creación de la imagen de Franco y su nuevo Estado en Norteamérica: “Spain””, in *Anuario del departamento de Historia*, n.º 5, Madrid, Editorial Complutense, 1993, pp. 57-69; y también, entre otros: Sapag, Pablo, *La propaganda falangista en Chile durante la Guerra Civil española (1936-1939)*, Madrid, Editorial Complutense, 1996 (tesis doctoral inédita).

costa de Portugal.<sup>635</sup> Las crónicas de Cossío fueron recogidas por la prensa española y portuguesa y publicadas en un volumen titulado *África. Impresiones del viaje presidencial*.<sup>636</sup> El libro recibió la crítica favorable del *Diário da Manhã* a través del Fernando de Pamplona, que le agradece públicamente su colaboración literaria en pro del engrandecimiento del imperio portugués: “(...) Como “Usted”, Paco (assim lhe chamávamos nós, lembra-se?), soube ver, compreender e contar tão bem! Tão bem ou melhor do que um português - e com a vantagem de o não ser, para ter foros de insuspeito e poder dar-nos assim o mais fulgurante dos testemunhos. Por tudo isso, Paco, obrigado.”<sup>637</sup> Por su parte, la Archicofradía del Glorioso Apóstol Satiango pensó en organizar una peregrinación oficial para crear lazos de amistad con Portugal y, al mismo tiempo, aprovechar para mostrar cuán tranquila y ordenada era la vida en la Galicia bajo el mando del gobierno de Burgos. En carta dirigida a Nicolás Franco el 2 de junio de 1938, el presidente de este organismo, Ramón Faibeiro, explicada de este modo sus intenciones:

“(...) Esta Archicofradia acordó hacer propaganda y gestiones para ver si antes de que termine la prórroga de este Año Santo, podemos conseguir traer a ésta una peregrinación oficial de Portugal dándole carácter internacional y además sirva para vincular aún más la corriente de amistad y simpatía que reina entre estas dos naciones, y además sirva para que en el mundo entero

---

<sup>635</sup> Nogueira, Franco, *Salazar. As Crises e os Homens (1936-1945)*, Lisboa, Ática Editora, 1971, vol. 2, pp. 416-419. La prensa portuguesa hizo una intensa cobertura del viaje de Carmona. *O Século* publicó un cuidadoso y extenso suplemento dedicado al acontecimiento el 21 de agosto (n.º 20277, 21/08/1938, p. 11 y ss.).

<sup>636</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6640. Oficio n.º 1481 del Chefe do Gabinete do Ministro de Negócios Estrangeiros al secretario de la embajada rebelde en Lisboa, 03/12/1938; AGA, Exteriores, caja n.º 6643. Carta de Nicolás Franco a Francisco de Cossío, 28/01/1939.

<sup>637</sup> *Diário da Manhã*, n.º 2776, 15/01/1939, p. 5.

se vea que, en nuestra zona liberada, se vive en la mayor tranquilidad. Y podría aprovecharse esta circunstancia para celebrar alguna fiesta Hispano-Portuguesa en esta ciudad para testimoniar, una vez más, nuestra simpatía hacia Portugal por su incondicional adhesión a nuestro Glorioso movimiento nacional (...).<sup>638</sup>

El gobierno franquista favoreció la edición de obras sobre la dictadura lusa. Entre los libros más destacados, se podría citar la obra escrita por Salazar, con prólogo de Gil Robles, *El Pensamiento de La Revolución Nacional* (1938),<sup>639</sup> *El Estado Nuevo Portugués* (1938), del catedrático Félix Correa,<sup>640</sup> *Perfil de Salazar. Elementos para la historia de su vida y de su tiempo* (1940), de la autoría de Luiz Teixeira y prologado por Wenceslao Fernández Flórez,<sup>641</sup> o *Oliveira Salazar y el Nuevo Portugal* (1937), de León de Poncins.<sup>642</sup>

Concluída la guerra, el gobierno sublevado reconoció el trabajo desempeñado por algunos destacados propagandistas portugueses para difundir la causa franquista en Portugal. Muchos de ellos recibieron condecoraciones y recompensas por su "(...) destacada actuación españolista y de entusiasta adhesión (...) a la cruzada insurgente.<sup>643</sup> Los candidatos a estos premios fueron propuestos por los diplomáticos facciosos, después de evaluar cada una de las contribuciones

---

<sup>638</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6638. Carta del presidente de la Achicofradía del Glorioso Apóstol Santiago, Ramón Fabeiro, a Nicolás Franco, 06/06/1938.

<sup>639</sup> Salazar, António de Oliveira, *El Pensamiento de la Revolución Nacional*, Buenos Aires, Editorial Poblet, 1938.

<sup>640</sup> Correa, Félix, *El Estado Nuevo Portugués*, Zaragoza, Herald, 1938.

<sup>641</sup> Teixeira, Luiz, *Perfil de Salazar. Elementos para la historia de su vida y de su tiempo*, Cádiz-Madrid, Establecimientos Cerón-Librería Cervantes, 1940. Edición portuguesa: edición del autor, 1939. Este libro fue distinguido por el SPN con el Premio Ramalho Ortigão.

<sup>642</sup> Poncins, León de, *Oliveira Salazar y el Nuevo Portugal*, San Sebastián, Librería Internacional, 1937. Sobre la crítica del libro, cf.: *Diário da Manhã*, n.º 2202, 08/10/1937, p. 3.

<sup>643</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6644. Carta del Cónsul español en Porto al embajador de España en Lisboa, 19/10/1939.

prestadas por los más dinámicos colaboradores. Así, el cónsul rebelde en Porto, José Sùñer Erice, propuso en un informe remitido al “nuevo” Estado español, al catedrático y presidente de la Câmara de la ciudad, António Mendes Corrêa, por haber concedido varias subvenciones a la revista española *Fotos* y demostrar una “ (...) personalidad hispanófila de larga tradición establecida en numerosos artículos, conferencias y libros (...)”.<sup>644</sup> Según Sùñer Erice, Mendes Corrêa “(...) presidió la primera manifestación de España celebrada en esta ciudad, pronunciando un elocuentísimo discurso de homenaje a nuestra Patria (...), ha intervenido en numerosos comités, etc. en favor de nuestros heridos (...)”.<sup>645</sup> Junto a este intelectual, fueron propuestos el gobernador civil, Joaquín Trigo de Negreiros, el periodista del *Comércio do Porto* Eduardo dos Santos, el jefe regional de la Legião Portuguesa, Cipriano Martins, el juez Joaquim Trigo de Negreiros, el ex presidente del Gremio de Conservas, Luiz Azevedo Coutinho, el Jefe Militar del Distrito, Mário Borges, el Director de la Polícia de Segurança do Estado en el norte de Portugal, João Nepomuceno Namorado, el rector de la Universidad de Porto, José Pereira Salgado, el diputado Jorge Ferreira, y el director de la PVDE en el distrito, Manuel Magro Romão, entre otros.<sup>646</sup> Por su parte el gobierno portugués también distinguió a aquellos oficiales insurgentes que colaboraron con la Missão Militar Portuguesa de Observação em Espanha.<sup>647</sup> La prensa española, por su parte, se convierte en un fenomenal escape-rate sobre la dictadura portuguesa, a la que se le concede una extraordinaria atención informativa, sobre todo a través de artículos que

---

<sup>644</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6647. Carta del Cónsul en Oporto al Conde de Montefuerte, 11/08/1940.

<sup>645</sup> *Idem*.

<sup>646</sup> AGA, Exteriores, caja n.º 6644. Carta del Cónsul español en Oporto al embajador de España en Lisboa, 19/10/1939.

<sup>647</sup> AOS/ANTT, CO/NE-2B, carpeta n.º 18. Lista de los oficiales franquistas que colaboraron con la MMPOE, especificando en cada caso el grado de colaboración, 20/01/1939.

recuerdan la inquebrantable amistad entre los vencedores de la Guerra Civil y el Estado Novo.<sup>648</sup>

Sin embargo, el gobierno portugués desconfió siempre de las intenciones del fascismo español, que le dio suficientes pruebas, a través de numerosas columnas de opinión publicadas en los periódicos franquistas, de sus veleidades imperialistas sobre Portugal.<sup>649</sup> Ante estos arrebatos de propaganda expansionista de la Falange Española, los medios de comunicación portugueses contrataron reivindicando, en diversos artículos periodísticos, la pertenencia a Portugal de la ciudad fronteriza de Olivenza.<sup>650</sup> Salazar, además,

---

<sup>648</sup> AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 129, processo 1/39, oficio n.º 255 de Pedro Teotónio Pereira al ministro de Negócios Estrangeiros, 27/05/1939.

<sup>649</sup> Una de las quejas más frecuentes del gobierno portugués en este tema era la publicación de mapas de la Península sin divisiones fronterizas. Cf.: AHD-MNE, 3.º P, A 13, M 129, oficio n.º 77 del cónsul de Portugal en Sevilla al ministro dos Negócios Estrangeiros, 21/09/1938; idem, 3.º P, A 1, M 724, processo 1/38, oficio n.º 56 del cónsul de Portugal en Badajoz al ministro de Negócios Estrangeiros, 03/05/1938; AGA, Exteriores, caja n.º 6648, oficio s/n de Nicolás Franco al ministro de Asuntos Exteriores, 16/04/1940. También: *Correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Oliveira Salazar (1931-1939)*, Lisboa, Presidência do Conselho de Ministros, vol. 1, 1987, documento n.º 58, p. 112 (informe de Pereira sobre un boletín de la Falange, 13/05/1938). También cf.: AOS/CO/NE-9I, Carpeta n.º 16. Estudio de João Perestelo remitido a Salazar en diciembre de 1937 titulado: "Em defesa de Portugal contra o Império Ibérico". En la prensa portuguesa cf.: *Diário de Notícias*, n.º 25441, 01/12/1936, pp. 1 y 2. Título artículo: "Portugal dos portugueses", de Hipólito Raposo. *Idem*, n.º 25448, 09/12/1936, p. 4. Editorial: "A interpretação do conceito de Império pela Falange Espanhola". *A Voz*, n.º 3637, 10/04/1937, pp. 1 y 6. Título fondo: "Portugal e Espanha". *Diário da Manhã*, n.º 2156, 22/04/1937, p. 3. Título artículo: "A bandeira de Castela", de Maria Adelaide Silva. *Idem*, n.º 2167, 04/05/1937, pp. 1 y 7. Título: "Dois imperialismos", de Augusto da Costa. *Idem*, n.º 2481, 20/03/1938, p. 1. Título: "As fronteiras não se discutem – defendem-se", de Augusto da Costa. *Idem*, n.º 2492, 21/03/1938, pp. 1 y 4. Título: "Portugal uno, grande e livre", de Augusto da Costa. *Idem*, n.º 2500, 08/04/1938, p. 1. Título: "Dois irmãos com casa separada na Península". *O Século*, n.º 20474, 20/03/1939, p. 2. Título editorial: "Bons vizinhos e bons amigos", entre otros. Sobre el imperialismo falangista en la prensa franquista durante la guerra cf.: González Calleja, Eduardo, y Limón Nevado, Fredes, *La Hispanidad como instrumento de combate. Raza e imperio en la prensa franquista durante la guerra civil española*, Madrid, CSIC, 1988.

<sup>650</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25349, 30/08/1936, p. 5. Título: "E Olivença?", de José Augusto. *Diário de Lisboa*, n.º 5046, 06/12/1936, p. 6. Título artículo: "A guerra de Espanha e a cidade de Olivença". *Idem*, n.º 5422, 23/12/1937, p. 12. Título: "(Velho tema) Em torno Olivença", de João Afonso Corte Real. *Diário da Manhã*, n.º 2159, 25/04/1937, pp. 3 y 7. Título: "Ferrajão de Olivença", entre otros muchos. En el Archivo del Ministerio de Asuntos Exteriores hemos encontrado, además, varios documentos de las autoridades

pidió a sus agentes en España, en mayo de 1938, las máximas cautelas en el intercambio cultural, ya que a través del mismo podía filtrarse el nocivo pensamiento iberista. La consigna del dictador era mantener buenas relaciones con España, pero siempre afirmando la independencia y la cultura portuguesa: “(...) É útil afirmarmos em Espanha como somos neste periodo de renascimento, mas considero prejudicial que êsse trabalho seja feito com a rutura da *couraça* (cursiva en el original) que o povo português foi a si próprio forjando pelos séculos fora e constitue elemento da sua defesa (...)”, afirmaba Salazar.<sup>651</sup>

Desde mediados de 1938, la prensa publicó abundantes informaciones y comentarios que teorizaban sobre el concepto de “amistad peninsular” entre el Estado Novo y el “nuevo” Estado español. La mayoría de estos textos hablaban de una fraternidad estimulada por la lucha común contra el “marxismo”, solicitando el respeto mutuo de las fronteras, del deber de aliarse contra enemigos comunes como el comunismo, etc.<sup>652</sup> Estos argumentos más diplomáticos fueron acompañados de declaraciones de los agentes españoles en Portugal, que intentaron limar asperezas expresando su más profundo agradecimiento al gobierno portugués por la ayuda prestada durante la

---

rebeldes que hacen referencia a este asunto con cierta preocupación, así como recortes de varios artículos de la prensa lusa, especialmente del *Jornal de Elvas* (año 12.º, n.º 588, 08/05/1938, pp. 1 y 6), que se defienden de la propaganda imperialista de la Falange Española reivindicando la propiedad portuguesa sobre Olivenza. Cf.: AMAE, R- 1058, expediente n.º 6 y R- 4001.

<sup>651</sup> AOS/ANTT, CO/PC-12D. Instrucciones de Oliveira Salazar al Secretariado de Propaganda Nacional, 25/05/1938.

<sup>652</sup> *Diário de Notícias*, n.º 25557, 01/04/1937, p. 1. Título: “Fraternidade nacional”, de João Ameal. Idem, n.º 25799, 01/12/1937, p. 1. Título: “Portugal e Espanha”, de Júlio Dantas. Idem, n.º 26357, 23/06/1939, p. 1. Título: “Portugal e Espanha no momento europeu”. *Diário da Manhã*, n.º 2836, 18/03/1939, p. 1. Título editorial: “Tratado de amizade e não-agressão entre Portugal e Espanha”. *A Voz*, n.º 4334, 21/03/1939, pp. 1 y 2. Título: “O Tratado Luso-espanhol e a mutua compreensão”, de J. Pais de Vilasboas. *O Século*, n.º 20474, 20/03/1939, p. 2. Título: “Bons vizinhos e bons amigos”. *República*, n.º 2969 (II serie), 19/03/1939, p. 1. Título: “O tratado luso-espanhol de amizade e não agressão”. Entre otros muchos textos. Véase también: AMAE, R- 4002.

guerra.<sup>653</sup> El sosiego de los órganos de propaganda salazaristas coincidió casualmente con un oficio enviado por Nicolás Franco al ministro de Asuntos Exteriores de Burgos el 26 de julio de 1938, en el que alerta a la jefatura franquista sobre el rumor que corre por Portugal de un futuro ataque a la independencia portuguesa cuando el bando franquista ganase la guerra.<sup>654</sup> El embajador del gobierno de Burgos atribuía esta propaganda a la anglofilia de algunos sectores de la prensa y el gobierno portugués. Razón por la cual Nicolás Franco propone conversar de forma “estrictamente confidencial” con Salazar para darle mayor seguridad a través de un reconocimiento expreso de la independencia e integridad territorial de Portugal.<sup>655</sup> Así surgió el Pacto de Amistad y No Agresión firmado en marzo de 1939 entre Franco y Salazar. A partir de entonces, España y Portugal sellaban oficialmente la alianza del fascismo ibérico, que ayudó a consolidar ambos regímenes en el contexto peninsular y que acabaría uniéndolos en un ente político común en el escenario internacional después de la rúbrica del Pacto Ibérico en 1942.<sup>656</sup>

---

<sup>653</sup> En el *Diário de Lisboa* véanse por ejemplo: n.º 5861, 18/03/1939, p. 1. Entrevista con Nicolás Franco. Cf.: *Idem*, n.º 5931, 28/05/1939, p. 5. Declaraciones de José M. Pemán. Cf.: *Idem*, n.º 5947, 13/06/1939, p. 5. Entrevista de José M. Pemán a su llegada a Lisboa.

<sup>654</sup> AMAE, R-1058, expediente n.º 8. Oficio n.º 266 de Nicolás Franco al ministro de Asuntos Exteriores del gobierno de Burgos, 26/07/1938.

<sup>655</sup> *Ibidem*.

<sup>656</sup> Véase: Rosas, Fernando, *O Salazarismo e a aliança luso-britânica*, Lisboa, Fragmentos, 1988; *idem*, “O Pacto Ibérico e a neutralização da Península na II Guerra Mundial”, in revista *História*, n.º 57, julio de 1983, pp. 2-17; Oliveira, César, *Salazar...*, *op. cit.*, pp. 345-366.

## CONCLUSIONES

Al inicio de los años treinta, la colonia española era la comunidad extranjera más numerosa en Portugal. La mayoría de los inmigrantes procedían de Galicia y trabajaban como obreros o pequeños comerciantes, distribuidos por varias zonas del país, aunque sobre todo estaban concentrados en las ciudades de Lisboa y Porto. A partir de la instauración de la II República española, en 1931, se instalaron en Portugal varios centenares de personas vinculadas a sectores conservadores, algunas defensoras de la monarquía y miembros de la aristocracia española que rechazaban el modelo republicano, que contaron con el respaldo y apoyo del Estado Novo. Algunos de ellos mantuvieron contactos con el régimen salazarista y muchos apoyarían el golpe de Estado en España contra el gobierno republicano.

Entre 1931 y 1936, las relaciones ibéricas pasaron por momentos difíciles. La desconfianza del salazarismo y las tensiones políticas con el gobierno republicano hicieron aflorar el viejo sentimiento de rechazo a lo que el nacionalismo portugués llamaba el *perigo espanhol*, entonces representado por los ideales iberistas y revolucionarios de algunos partidos políticos republicanos españoles. En los meses previos al estallido de la Guerra Civil, el gobierno de Madrid es visto por la propaganda salazarista como un satélite de Moscú. En este contexto de fractura y antagonismo peninsular, Salazar optó por apoyar la rebelión de los militares españoles. Así, Portugal se convirtió en una tranquila retaguardia para el fascismo

español. Los agentes al servicio del bando insurgente contra la II República, con la protección y ayuda del gobierno salazarista, se hicieron rápidamente con el control de la embajada y los consulados españoles en varias ciudades portuguesas, además de la dirección de todas las estructuras corporativas y asociativas de la colonia española con el fin de utilizarlas como plataformas de difusión de su ideología y propaganda.

La Asociación Galaica de Socorros Mutuos, la Juventud de Galicia, la Casa de España en Lisboa y Porto, la Beneficiencia Española, la Cámara de Comercio Española en Portugal, entre otros muchos organismos de la comunidad española en Portugal, se transformaron en centros de promoción del franquismo entre los residentes españoles. Además, la Falange Española y la prensa de la milicia franquista se ocuparon de distribuir la prensa afín al franquismo entre los inmigrantes, como el *Faro de Vigo* o *El Pueblo Gallego*. Este último, de hecho, editó ejemplares especiales dirigidos a la colonia gallega en Portugal con el fin de crear una imagen benevolente del general Franco y su *nueva* España. Las campañas de propaganda realizadas en tierras portuguesas por la diplomacia del gobierno de Burgos, dirigida por el hermano del general Franco, Nicolás, tenía dos objetivos fundamentales: por un lado, el alistamiento de voluntarios españoles y portugueses para combatir con el ejército *nacional* y, por otro, conseguir fondos para financiar la causa insurgente. Para ello, los agentes franquistas contaron con la permanente colaboración de los medios de comunicación portugueses, que les publicaban comunicados y mensajes de sus líderes para persuadir a la opinión pública portuguesa y a la colonia española sobre las causas y la marcha de la guerra. Nicolás Franco fue el auténtico promotor de la gran campaña de propaganda que se desarrolló en las principales poblaciones lusas, que incluían, además de la publicación de noticias y editoriales favorables al franquismo, fiestas populares de apoyo al ejército sublevado, numerosas cuestaciones públicas y la celebración

de diversas conferencias de intelectuales de reconocido prestigio, como los gallegos Wenceslao Fernández Flórez o Julio Camba.

El fervor propagandístico provocado por el respaldo general de los grandes medios de comunicación portugueses al golpe de Estado en España, hizo brotar una natural identificación ideológica y un fuerte sentimiento de amistad entre el franquismo y el salazarismo, que fructificó en una política de intercambio ideológico entre ambos regímenes durante los dos últimos años de la guerra. En este contexto, las autoridades fascistas españolas permitieron e incluso estimularon la distribución en varias zonas de España de prensa portuguesa, que llegó a insertar en sus páginas suplementos especiales dirigidos a los lectores españoles. En un marco de fraternidad ibérica que buscaba la legitimación mutua entre el salazarismo y el franquismo, se organizaron diversos eventos de masas para proyectar socialmente una imagen de unidad frente al *comunismo* español, como la celebración de dos partidos de fútbol entre las selecciones de Portugal y la España franquista en noviembre de 1937 y enero de 1938, en medio de un programa de actos que incluyeron varios desfiles militares de las milicias de ambos países o la publicidad de dos rutas turísticas de la guerra (destinadas fundamentalmente al público portugués) por tierras gallegas y andaluzas, siguiendo el avance de las tropas franquistas. Esta estrategia de legitimación del salazarismo y el franquismo se sirvió también del medio académico para otorgarle a las ideas del fascismo español y portugués un respaldo intelectual que avalara sus principios ideológicos y su proyecto político. La Universidad de Coimbra fue utilizada como escenario de varios actos institucionales de ceremonia académica pensados para proyectar una imagen benevolente, de autoridad y prestigio ante la sociedad portuguesa y española.

En definitiva, podemos concluir que la colaboración entre el franquismo y el salazarismo fue beneficioso para ambas partes, pues la alerta contra el peligro comunista español sirvió, sobre todo, para

persuadir y aplicar políticas más represivas y de control ideológico, tanto entre los miembros de la colonia española como en la sociedad portuguesa en general. Franco y Salazar ese convirtieron, de este modo, en los salvadores ibéricos frente al *terror rojo*.

## FUENTES DE LA INVESTIGACIÓN

### Centros de investigación españoles

Archivo General Militar de Ávila (Cuartel General del Generalísimo)  
Servicio Histórico Militar de Madrid  
Biblioteca Nacional de España  
Archivo General de la Administración  
Archivo Histórico del Ministerio de Asuntos Exteriores  
Archivo Histórico Nacional- Sección Guerra Civil

### Centros de investigación portugueses

Arquivos Nacionais Torre do Tombo: Arquivo Oliveira Salazar (AOS).  
Arquivo Histórico-Militar de Lisboa  
Hemeroteca Municipal de Lisboa  
Arquivo Histórico-Diplomático do Ministério dos Negócios Estrangeiros  
Biblioteca Nacional de Portugal  
Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra

### Publicaciones periódicas

— *Acção. Semanario português para portugueses*, Lisboa, 1936- 1937. Semanario  
— *Boletim da Legião Portuguesa*, Lisboa, 1938-1940. Quincenal  
— *Comércio do Porto*. Diario.  
— *Diário de Lisboa*, Lisboa, 1935-1940. Diario.  
— *Diário da Manhã*, Lisboa, 1935-1940. Diario.  
— *Diário de Notícias*, Lisboa, 1935-1940. Diario.  
— *Jornal de Notícias*, Porto, 1935-1940. Diario.  
— *República*, Lisboa, 1935-1940. Diario.  
— *(O) Século*, Lisboa, 1935-1940. Diario.  
— *(A) Voz*, Lisboa, 1935-1940. Diario

## BIBLIOGRAFÍA SELECCIONADA

### 1. ESTADO NOVO Y SALAZARISMO EN LOS AÑOS TREINTA

- ACCIAIUOLI, Margarida, *António Ferro. A Vertigem da Palavra: Retórica, Política e Propaganda no Estado Novo*, Lisboa, Bizâncio, 2013.
- AA.VV., *Do Estado Novo ao 25 de Abril*, Coimbra, Instituto de História e Teoria das Ideias, Faculdade de Letras, *Revista de História das Ideias*, vols. 16 y 17, 1994 y 1995.
- AA.VV., *O Estado Novo. Das Origens ao fim da Autarcia (1926-1959)*, 2 vols., Actas do Colóquio Internacional, Lisboa, Fragmentos, 1987.
- ADINOLFI, Goffredo, *Ai confini del fascismo. Propaganda e consenso nel Portogallo salazarista (1932-1944)*, Milano, Franco Angeli, 2007.
- BRANDÃO, Fernando de Castro, *Estado Novo. Uma cronologia*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- CAEIRO DA MATA, J., *Ao Serviço de Portugal*, Lisboa, 2 vols., Imprensa Portugal-Brasil, 1937 y 1944.
- CASTRO BRANDÃO, Fernando, *Estado Novo. Uma cronologia*, Lisboa, Livros Horizonte, 2008.
- COMISSÃO DO LIVRO NEGRO DO REGIME FASCISTA, *A Política de Informação no Regime Fascista*, Lisboa, PCM/CLNRF, 1988.
- *Correspondência de Pedro Teotónio Pereira para Oliveira Salazar, (1931-1939)*, 2 vols., Lisboa, PCM/CLNRF, 1987 e 1989.
- *Legislação repressiva e antidemocrática no regime fascista*, Lisboa, PCM/CLNRF, 1985.
- *Relatórios para Oliveira Salazar (1931-1939)*, Lisboa, PCM/CLNRF, 1981.
- COSTA, Alves, *Breve História do Cinema Português (1896-1962)*, Lisboa, Instituto de Cultura Portuguesa/SEIC/MEIC, 1978.
- DE LA TORRE GÓMEZ, Hipólito, *El Portugal de Salazar*, Madrid, Arco/Libros, 1997.
- SÁNCHEZ CERVELLÓ, Josep, *Portugal en el siglo xx*, Madrid, Akal, 1995.
- DE MENESES, Luís Filipe Ribeiro, *Salazar. Uma biografia política*, Lisboa, Edições Dom Quixote, 4.ª edición, 2012.
- DE Ó, Jorge Ramos, *Os Anos de Ferro. O dispositivo cultural durante a "Política do Espírito", 1933-1949*, Lisboa, Estampa, 1999.
- FARIA, Telmo, *Debaixo de Fogo! Salazar e as Forças Armadas (1935-1941)*, Lisboa, Edições Cosmos/Instituto de Defesa Militar, 2000.
- FARINHA, Luís, *O Revirálbo. Revoltas Republicanas contra a Ditadura e o Estado Novo (1926-1940)*, Lisboa, Estampa, 2010.
- FERNÁNDEZ CLEMENTE, Eloy, *Portugal en los años veinte: los orígenes del Estado Novo*, Valladolid, Universidad de Valladolid, 1996.
- FERRO, António, *Dez anos de política do espírito (1933-1943)*, Lisboa, Edições do SPN, 1943.

- *A política do espírito e os prémios literários do SPN*, Lisboa, Edições do SPN, 1935.
- *Salazar: o homem e a sua obra*, (con prefacio de Salazar), Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933. Edición en español: *Oliveira Salazar: el hombre y su obra* (Prólogo de Eugenio D'Ors), Madrid, Fax, 1935.
- *Salazar*, Lisboa, Edições do Templo, 1978.
- *Homens e multidões*, Lisboa, Livraria Bertrand, 1938.
- FRANCO, Graça, *A Censura à Imprensa (1820-1974)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1993.
- FRYER, Peter y McGOWAN PINHEIRO, Patricia, *El Portugal de Salazar*, Paris, Ruedo Ibérico, 1962.
- GARNIER, Cristina, *Férias com Salazar*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1952.
- GONÇALVES, Assis, *Relatórios para Oliveira Salazar (1931-1939)*, Lisboa, Presidência do Conselho, 1981.
- *Intimidades de Salazar. O homem e a sua época. (Memórias do seu secretário nos primeiros sete e difíceis nos da sua Vida Pública)*, Lisboa, Bertrand, 1972
- HENRIQUES, Raquel Pereira, *António Ferro (Estudo e Antologia)*, Lisboa, Alfa, Testemunhos Contemporâneos, 1990.
- JANEIRO, Helena Pinto, e SILVA, Isabel de Alarcão e, "A imagem de Salazar nos cartazes de propaganda política oficial (1933-1949)", *Vértice*, Lisboa, II série, n.º 13, abril 1989, pp. 63-69.
- LEAL, António Castro, *António Ferro. Espaço Político e Imaginário Social (1918-1932)*, Lisboa, Edições Cosmos, 1994.
- MACHADO, Bernardino, *Manifestos políticos (1927-1940)*, Lisboa, Palas Editores, 1978.
- MADEIRA, João, *Os Engenheiros de Almas. O Partido Comunista e os Intelectuais*, Lisboa, Estampa, 1996.
- (coord.), *Vitimas de Salazar. Estado Novo e Violência Política*, Lisboa, A Esfera dos Livros, 2007.
- MANTA, Afonso, *A Frente Popular Antifascista em Portugal – Documentos para a história do movimento operário português (1935-1937)*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1976.
- MARTINS, Moisés de Lemos, *O Olho de Deus no discurso salazarista*, Porto, Edições Afrontamento, 1990.
- MASSIS, Henri, *Chefes*, Paris, Plom, 1939.
- MATOS, Helena, *Salazar. A Construção do Mito (1928-1933)*, Lisboa, Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2010.
- *Salazar. A Propaganda (1934-1939)*, ambos publicados en Lisboa, Temas e Debates-Círculo de Leitores, 2010.
- MEDINA, João, *Salazar, Hitler e Franco*, Lisboa, Livros Horizonte, 2000.
- MELO, Daniel, *Salazarismo e Cultura Popular (1933-1958)*, Lisboa, ICS, 2001.
- MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, *Dez anos de Política Externa. A Nação Portuguesa e a Segunda Guerra mundial (1936-1947)*, Lisboa, Imprensa Nacional, vol. 3, 1964.

- MÓNICA, Maria Filomena, *Educação e Sociedade no Portugal de Salazar*, Lisboa, Presença, 1978.
- NOGUEIRA, Alberto Franco, *Salazar*, Coimbra, Atlântida, y Porto, Livraria Civilização, 6 vols., 1977-1985.
- OLIVEIRA, César, *Salazar e o seu tempo*, Lisboa, Editorial. O Jornal, 1991.
- PATRIARCA, Fátima, *A questão social no salazarismo, 1930-1947*, Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 2 vols., 1995.
- PAULO, Heloisa, *Estado Novo em Portugal e no Brasil. O SPN/SNI e o DIP*, Coimbra, Minerva História, 1994.
- *Aquí Também é Portugal. A Colónia Portuguesa do Brasil e o Salazarismo*, Coimbra, Quarteto, 2000.
- PENA RODRÍGUEZ, Alberto, “La propaganda de Salazar y la crisis de Munich”, in *Do Estado Novo ao 25 de Abril (Revista de História e Teoria das Ideias, n.º 17)*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1995, pp. 439-479.
- “História do Jornalismo Português”, in Pizarroso Quintero, Alejandro (coord.), *História da Imprensa*, Lisboa, Planeta Editora, 1996, pp. 351-368.
- PEREIRA, Bernardo Fluncher: *A Diplomacia de Salazar (1932-1949)*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2012.
- PIÇARRA, Maria do Carmo, *Salazar vai ao Cinema. O Jornal Português de Actualidades Filmadas*, Coimbra, MinervaCoimbra, Colecção Comunicação, 2006.
- *Azuis Ultramarinos: Propaganda Colonial e Censura no Cinema do Estado Novo*, Lisboa, Edições 70, 2015.
- PIMENTEL, Irene Flunser, *História das Organizações Femeninas do Estado Novo*, Lisboa, Círculo de Leitores, 2000 e Temas & Debates, 2001.
- PINTO, António Costa (ed.), *Corporatism and Fascism. The Corporatist Wave in Europe*, Londres, 2017.
- *O salazarismo e o fascismo europeu. Problemas de interpretação nas ciências sociais*, Lisboa, Editorial Estampa, 1992.
- *Os camisas azuis. Ideologia, Elites e Movimentos Fascistas em Portugal (1914-1945)*, Lisboa, Editorial Estampa, 1994.
- PINTO, Rui Pedro, *Prémios do Espírito. Um estudo sobre Prémios Literários do Secretariado de Propaganda Nacional do Estado Novo*, Lisboa, Imprensa de Ciências Sociais, 2008.
- RAIMUNDO, Orlando, *António Ferro. O Inventor do Salazarismo*. Lisboa: Dom Quixote, 2015.
- RIBEIRO, Maria da Conceição, *A Polícia Política no Estado Novo 1926-1945*, Lisboa, Editorial Estampa, 2000.
- RIBEIRO, Nelson, *A Emissora Nacional nos Primeiros Anos do Estado Novo (1933-1945)*, Lisboa, Quimera, 2005.
- RODRIGUES, Edgar, *A resistência anarco-sindicalista à ditadura. Portugal (1922-1939)*, Lisboa, Editora Sementeira, 1987.
- RODRIGUES, Luis Nuno, *A Legião Portuguesa. A Milícia do Estado Novo (1936-1944)*, Lisboa, Estampa, 1996.

- ROSAS, Fernando, *Salazar e o Poder*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2012.
- *O Estado Novo nos anos trinta. Elementos para o estudo da natureza económica e social do salazarismo (1928-1938)*, Lisboa, Estampa, 1996.
- *O salazarismo e a aliança luso-britânica. Estudos sobre política externa do Estado Novo nos anos 30 e 40*, Lisboa, Fragmentos, 1988.
- DE BRITO, J. M. Brandão, *Salazar e o salazarismo*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1989.
- DE BRITO, J. M. Brandão (dirs.), *Dicionário de História do Estado Novo*, Lisboa, Bertrand, 2 vols., 1996.
- SALAZAR, António de Oliveira, *Discursos e Notas Políticas*, vol. 1 – Coimbra, Coimbra Editora, 5.ª edição, 1961; vol. 2 – Coimbra Editora, 2.ª edição, 1946; vol 3 – Coimbra Editora, 2.ª edição, 1959.
- *Fim, Necessidade e Valor da Propaganda Política*, Lisboa, Edição da União Nacional, 1940.
- SANTANA, Emídio, *História de um atentado. O atentado a Salazar*, Lisboa, Publicações Forum, 1976.
- SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL (SPN), *A obra de Salazar na pasta das Finanças, 27 de Abril de 1928 a 28 de Agosto de 1940*, Lisboa, SPN, 1941.
- *O Estado Novo – Princípios e realizações*, Lisboa, SPN, s.d.
- *Decálogo do Estado Novo*, Lisboa, SPN, 1934.
- *A política do espírito e os prémios literários do SPN*, SPN, Lisboa, 1935.
- TELO, Antonio José, *Propaganda e guerra secreta em Portugal (1939-1945)*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, 1990.
- TENGARRINHA, José, *História da Imprensa Periódica Portuguesa*, Lisboa, Edições Caminho, 2.ª edição, 1989.
- TORGAL, Luis Reis, *Estado Novo, Estados Novos*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2.ª edição, 2009.
- *A Universidade e o Estado Novo*, Coimbra, Minerva História, 1999.
- (coord.), *Historia e Ideologia*, Coimbra, Minerva, 1989.
- (coord.), *O cinema sob o olhar de Salazar*, Lisboa, Círculo de Leitores e Temas & Debates, 3.ª edición, 2011.
- (coord.) *Ideologia, Cultura e Mentalidade no Estado Novo. Ensaios sobre a Universidade de Coimbra*, Coimbra, Faculdade de Letras, 1993.
- PAULO, Heloisa (coords.), *Estados autoritários e totalitários e suas representações*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2008.
- VALENTE, João Carlos, *Estado Novo e Alegria no Trabalho. Uma História Política da FNAT (1935-1958)*, Lisboa, Colibri-Inatel, 1999.

## 2. LAS RELACIONES IBÉRICAS (1933-1939)

- AA.VV., *1936-1939 Salazar, retaguarda de Franco*, vol. 4 de *Os anos de Salazar*, Lisboa, PlanetaDeAgostini, 2008.
- AA.VV., *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Câmara Municipal de Lisboa, 1996.
- ABREU, Maria Filomena, “A rádio portuguesa e a Guerra Civil de Espanha”, *História*, ano XVII (nova série), n.º 11/12, agosto/setembro de 1995, pp. 42-51.
- ALVES, Jorge Fernandes, *O Barroso e a Guerra Civil de Espanha*, Montalegre, Câmara Municipal, 1987.
- ALVES, Rui, “Quem foram os viriatos do Ar”, *História*, Lisboa, n.º 35, Setembro de 1981, pp. 2-14.
- ANTUNES, José Freire, *Os Espanhóis e Portugal*, Lisboa, Oficina do Livro, 2.ª edición, 2004.
- AUGUSTO, José, *Jornal de um correspondente de guerra em Espanha. Crónicas de Reportagem*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1936.
- BOAVENTURA, Armando, *Madrid-Moscovo. Da Ditadura à República e à Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937.
- BURGOS MADROÑERO, Manuel, “Crónicas portuguesas de la guerra civil, 1936. Los informes consulares de Andalucía y Extremadura”, in *Estudios Regionales*, Universidades de Granada, Córdoba, Sevilla, Cádiz, n.º 15/16, 1985-86, pp. 125-489
- “Vinte mil portugueses lutaram na Guerra civil de Espanha (1936-1939)”, in *Boletim do Arquivo Histórico Militar*, vol. 55, Lisboa, 1987, pp. 7-227.
- “As actividades da colonia espanhola em Portugal (1936-1939)”, in *Diário de Notícias*, 06/07/1986.
- “La Colonia Española en Portugal y la Guerra Civil (1936-1939)”, in *Historia 16*, año xv, n.º 172, agosto de 1990, pp. 12-22.
- CÉESAR, Oldemiro (periodista del *Diário de Notícias*), *A guerra, aquele monstro. Dois meses nas Asturias entre doidados galegos*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937.
- CORREIA, Félix (periodista del *Diário de Lisboa*), *Quem vem lá?. Gente de Paz, gente de guerra*, Lisboa, Edição do autor, 1940.
- DA CRUZ, Manuel Braga: «Pedro Teotónio Pereira, Embaixador Português em Espanha durante as Guerras», in *Estudos de Homenagem a Luís de Oliveira Ramos*. Oporto: Faculdade de Letras, 2004, pp. 429-440.
- DE LA TORRE GÓMEZ, Hipólito, *La relación peninsular en la antecámara de la Guerra Civil de Espanha (1931-1936)*, Mérida, Uned, s.f., (1988).
- *Del “peligro español” a la amistad peninsular: España-Portugal (1919-1930)*, Madrid, Uned, 1984. Traducido al portugués: *Do perigo espanhol à amizade peninsular, Espanha-Portugal (1919-1930)*, Lisboa, Estampa, 1985.
- *Antagonismo y fractura peninsular. España-Portugal (1910-1919)*, Madrid, Espasa Calpe, 1983.
- (coord.), *Portugal, España y Europa. Cien años de desafío (1890-1990) (III Jornadas de Estudios Luso-españolas, actas)*, Mérida, Uned, 1991.

- (coord.) *Portugal, Espanha y África en los últimos cien años*, Mérida, Uned, 1992.
- *Espanña y Portugal. Siglos IX-XX. Vivencias Históricas*, Madrid. Ed. Síntesis/Universidad de Oviedo, 1998.
- DELGADO, Iva, *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1980.
- ESTEVES, General Raúl, *Algumas observações sobre a guerra de Espanha*, Lisboa, Oficinas Gráficas, 1939.
- FARINHA, Luis, “O republicanismo e a Guerra Civil de Espanha: do reviralhismo á unidade antifascista”, *História*, ano xvii (nova série), n.º 20, mayo de 1996, pp. 16-29.
- FERNÁNDEZ FLÓREZ, Wenceslao, *O Terror Vermelho*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1938.
- FERRÃO, Carlos, “Uma fraude diplomática: O Pacto Ibérico ou Pacto Peninsular”, *História*, n.º 10, 1979, pp. 21-28.
- FERREIRA, José Medeiros, *Um século de problemas. As relações luso-espanholas da União Ibérica à Comunidade Europeia*, Lisboa, Horizonte, 1989.
- FERRO, António, *Prefácio da República Hespânica*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1933.
- FIRMO, Manuel, *Nas trevas da longa noite- Da Guerra de Espanha ao campo de Tarrafal*, Lisboa, Publicações Europa-América, 1978.
- FOX, Ralph, *Portugal now*, Lawrence & Wishart, London, 1937. Edición en español: *Portugal, 1936*, Madrid-Barcelona, Europa-América, s.d. (1937).
- GARCÍA GALINDO, Juan Antonio, GUTIÉRREZ LOZANO, Juan Francisco, SÁNCHEZ ALARCÓN, Inmaculada (coords.), *La Comunicación Social durante el Franquismo*, Málaga, CEDMA, 2002.
- GOMES, Varela, *Guerra de Espanha. Achegas ao redor da participação portuguesa*, Lisboa, Versus, 1987.
- “Portugal na Guerra Civil de Espanha contra o fascismo. O mistério de um silêncio”, *História*, 1.ª série, n.º 74, diciembre de 1984, pp. 16-25.
- GÓMEZ DE LAS HERAS, Soledad, “Portugal ante la guerra civil española”, *Espacio, Tiempo y Forma*, Madrid, Uned, 5.ª serie, 1992, pp. 273-291.
- JIMÉNEZ REDONDO, Juan Carlos: “El papel de Nicolás Franco en la conducción de la política española hacia Portugal”, *Historia Contemporánea*, n.º 15, 1996, pp. 179-191.
- JÚNIOR, José Maria da Costa, (periodista del *Diário da Manhã*), *A Espanha sob o terror vermelho*, Lisboa, Companhia Nacional Editora, 1937.
- LEITE, Ruy Corrêa, *Arriba, Espanha!*, Lisboa, Edição do autor, 1936.
- LOFF, Manuel, *Salazarismo e Franquismo na “Época de Hitler” (1936-1942)*, Porto, Campo das Letras, 1996.
- *O Nosso Século é Fascista: o Mundo Visto por Salazar e Franco (1936-1945)*, Porto, Campo das Letras, 2008.
- MAEZTU, Ramiro de, *Defensa de la Hispanidad*, Valladolid, Aldos, 1938.
- MARTÍN, José Luis, *Claudio Sánchez-Albornoz, embajador de España en Portugal (mayo-octubre 1936)*, Ávila, Fundación Sánchez-Albornoz, 1995.

- MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS, *Tratado de Amizade e Não Agressão entre Portugal e a Espanha*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1939.
- *Segundo protocolo adicional ao tratado de amizade e não agressão entre Portugal e a Espanha*, Imprensa Nacional, Lisboa, 1950.
- MORAIS, Capitão Alexandre de, *A Guerra Civil em Espanha. Crónicas militares*, Lisboa, Livraria Popular Francisco Franco, 1936.
- NEVES, Mário (periodista del *Diário de Lisboa*), *A chacina de Badajoz: relato de uma testemunha de um dos episódios mais trágicos da Guerra Civil de Espanha (Agosto-1936)*, Lisboa, O Jornal, 1986.
- NUNES, Leopoldo (periodista de *O Século*), *A Guerra em Espanha. (Dois meses de reportagem nas frentes de Andaluzia e da Estremadura)*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1936. Edición en español: *La Guerra en España. (Dos meses de reportaje en los frentes de Andalucía y Extremadura)*, Granada, Ediciones Imperio, Librería Prieto, 1937. Tercera edición del libro en español: 1938.
- *Madrid Trágica. Dos primeiros tiros à derrocada final*, Lisboa, Sociedade Nacional de Tipografia, 1937. Edición en español: *Madrid Trágico*, Cádiz, Establecimientos Cerón, 1938. También tuvo una tercera edición en 1938.
- *Um drama na legião. Novela de amor e de aventuras no Tércio*, Lisboa, Edição do autor, 1938.
- OLIVEIRA, César, *Portugal e a II República de Espanha (1931-1936)*, Lisboa, Perspectivas & Realidades, s.d. (1985).
- *Salazar e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Editorial O Jornal, 1.ª edição: Novembro de 1987, 2.ª edição: Fevereiro de 1988.
- *Cem Anos nas Relações Luso-Espanholas, Política e Economia*, Lisboa, Edições Cosmos, 1995.
- OLIVEIRA, José de Matta, Y SATÚRIO-PIRES, Eurico Sampayo, *Um dos factores da vitória nacionalista*, Lisboa, Imprensa Armada, 1939.
- OLIVEIRA, Luis, *Guerra Civil de Espanha: Intervenção e Não Intervenção*, Lisboa, Prefácio, 2008.
- OLIVEIRA, Maurício de, *A Tragédia espanhola no mar. Subsídios para a história da Armada de Espanha (Esquadras Nacionalista e Gubernamental)*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1936. Edición española: *Tragedia española en el mar. Aportaciones para la historia de la acción de la Armada española – Escuadra Nacional – en la Guerra Civil*, Sevilla, Establecimientos Cerón, 1936. Tuvo una segunda edición en 1937 y una tercera en 1939.
- *As duas Espanhas no mar*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1937.
- *Marinheiros de Espanha em guerra*, Lisboa, Parceria António Maria Pereira, 1937.
- *Águas de Espanha. Zona de Guerra*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1938. Edición española: *Aguas de España. Zona de Guerra*, Sevilla, Cerón, 1938.
- PAN, Ismael de, *Iberismo peninsular hispano-luso*, Porto, Separata do Douro Litoral, 1959.
- PENA RODRÍGUEZ, Alberto, *O Que Parece É. Salazar, Franco e a Propaganda Contra a Espanha Democrática*, Lisboa, Edições Tinta da China, 2009.

- *Salazar, a imprensa e a Guerra Civil de Espanha*, Coimbra, MinervaCoimbra, Coleção de Comunicação, 2007.
- (coord.), *Comunicación y Guerra en la Historia*, Santiago de Compostela, Tórculo, 2004.
- PAULO, Heloisa (coords.). *A Cultura do Poder. A Propaganda nos Estados Autoritários*, Coimbra, Imprensa da Universidade de Coimbra, 2016.
- “El libro como arma de propaganda. Salazarismo, literatura y Guerra Civil de España (1936-1939)”, in *O Livro e a Leitura*, Coimbra, Faculdade de Letras, *Revista de História das Ideias*, n.º 20, 1999, pp. 369-399.
- PÉREZ, Rogério (periodista del *Diário de Lisboa*), *Franco*, Lisboa, Parceria Antonio Maria Pereira, 1940.
- PORTELA, Artur (periodista del *Diário de Lisboa*), *Nas trincheiras de Espanha*, Lisboa, Parceria António M. Pereira, 1937. Edición en español: *En las trincheras de España*, Cádiz, Cerón, 1937.
- PRETO, Rolão, *Revolução espanhola. Aspectos. Homens. Ideias*, Lisboa, Livraria Bertrand, s. f. (1936).
- *Discursos em Vigo em 1937*, Edição do autor, s.d.
- PUGA, Capitão J. de Lemos, *Vissões da guerra. Crónicas da Guerra de Espanha (1938-1939)*, Viana do Castelo, Edição do autor, 1949.
- QUINTANAR, Marqués de (Fernando Gallego de Chaves Calleja), *Diálogo Peninsular*, Madrid, Ediciones Cultura Hispánica, 1964.
- REBELO, José Adriano Pequito, *Espanha e Portugal. Unidade e dualidade peninsular*, Lisboa, Edição do autor, Ottos Gráfica, 1939. Edición española: *Unidad y dualismo peninsular*, Segovia, Imp. El Adelantado, 1939.
- *Uma previsão dos acontecimentos de Espanha*, Lisboa, Edição do autor, 1937.
- *Anti-Marx (Confêrencias proferidas no Rádio-Club-Português em agosto de 1936)*, Lisboa, Edição do SPN, 1937.
- RODRIGUES, Urbano (periodista del *Diário de Notícias*), *Jornadas de uma côrte marroquina. Diário da Viagem de Sua Alteza Imperial o Califa de Tetuão pelo Riff e região oriental, precedido de uma entrevista com o emir e seguido de várias notas*, Lisboa, Empresa Nacional de Publicidade, 1937.
- ROSAS, Fernando (coord.), *Portugal e a Guerra Civil de Espanha*, Lisboa, Edições Colibri/Instituto de História Contemporânea da FCSH da Universidad e Nova, 1998.
- “O Pacto Ibérico e a neutralização da Península”, in *História*, n.º 57, julio de 1983, pp. 2-17.
- “A Guerra Civil de Espanha na Sociedade das Nações. Salazar, ministro dos Negócios Estrangeiros de Burgos”, in revista *História*, n.º 82, Lisboa, 1985, pp. 33-53.
- “A Guerra Civil de Espanha e a aliança luso-britânica”, in revista *História*, n.º 71, Lisboa, 1984, pp. 23-38.
- SALAZAR, António de Oliveira, *Portugal, a aliança inglesa e a Guerra Civil espanhola (discurso)*, Lisboa, Edição do SPN, 1937.
- SÁNCHEZ-ALBORNOZ, Claudio, *Anecdotario político*, Barcelona, Editorial Planeta, 1976.

- *Mi testamento histórico-político*, Barcelona, Editorial Planeta, 1975.
- SANTOS, Eduardo dos (“Edurisa”) (periodista del *Comércio do Porto*), *A Rota da guerra do norte de Espanha*, Porto, Livraria Civilização, 1938.
- SARDINHA, António, *A Aliança Peninsular – Antecedentes e Possibilidades*, Lisboa, Editorial Biblioteca do Pensamento Político, 4.<sup>a</sup> edição, 1974. Edición española: *La Alianza Peninsular*, Madrid, Imprenta Sáez Hermanos, 1930.
- SATÚRIO-PIRES, Eurico de Sampaio, *A gesta naval da Guerra de Espanha*, Lisboa, Imprensa da Armada, 1939.
- SOUSA, Fernando de, *Jornal de Notícias: A memória de um século (1888-1988)*, Porto, Jornal, 1988.
- SECRETARIADO DE PROPAGANDA NACIONAL, *Portugal ante la Guerra Civil de España. Documentos y notas*, Lisboa, Edición del SPN, s. f. (1939).
- VELOSO, Sepúlveda, *Páginas de um aviador na Guerra de Espanha*, Lisboa, Uliseia, 1971.
- VIEIRA, Tomé (periodista de *O Século*), *Espanha, prólogo da guerra futura*, Porto, Livraria Civilização, 1937.
- *Cinco meses em Espanha e cinco dias em Portugal*, Lisboa, Editorial Império, 1937.
- VICENTE, Ana, *Portugal visto pela Espanha. Correspondência diplomática, 1939-1960*, Lisboa, Assírio & Alvim, 1992.
- VICENTE, Pedro, “Franco em Portugal”, in *Do Estado Novo ao 25 de Abril*, Coimbra, Revista de História das Ideias, n.º 16, Faculdade de Letras, 1995, pp. 19-71.

# HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

DIREÇÃO: MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

«História Contemporânea» é, como todos sabem (sobretudo os historiadores), um conceito lato e ambíguo. É, sempre, no entanto, um «conceito que regressa» e que, por isso, se mantém firme no vocabulário historiográfico. Portanto, continuou-se a adotá-lo nesta Coleção de carácter geral sobre a história do século XX, e também, por um lado, do século XIX, sempre presente no espírito dos historiadores contemporaneístas, e mesmo, por outro lado, do século XXI, que começa a assomar no horizonte de uma História que se deseja cada vez menos como um passado sem vida e cada vez mais como um processo de interpretação que inclui a reflexão sobre a atualidade. Mas, esta visão não supõe uma conceção «presentista» e ideológica, porque se deseja sobretudo que a História seja uma Ciência, mesmo que se admita – como Le Goff – que ela o é, mas «não é uma ciência como as outras».

A Coleção «História Contemporânea» – que se juntará a outras séries de publicações do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra, editadas pela Imprensa da Universidade de Coimbra – integrará, pois, estudos de variadas temáticas, conceções, objetivos e desenvolvimentos, sobre os últimos séculos da História.

Desta forma, pretende-se situar a História num espaço de «intervenção» (no sentido em que a Ciência é *intervenção*), e numa luta que, de algum modo, prolonga a temática do colóquio do décimo aniversário do CEIS20, «Outros Combates pela História», cujo título se inspirou numa obra clássica de Lucien Fèbvre.





# HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA

